

ALESSANDRO M. TEPPA

A vida
DO VENERÁVEL
Antônio Maria Zaccaria



VIDA
do venerável

ANTONIO MARIA ZACCARIA

Fundador da Congregação dos
CLÉRIGOS REGULARES DE SÃO PAULO
ditos
Barnabitas

Escrita por

ALESSANDRO MARIA TEPPA
da mesma Congregação

MONCALIERI 1855
TIPOGRAFIA DEL REAL. COLLEGIO CARLO ALBERTO.

TEPPA Alessandro Maria, Vida do Venerável Antonio Maria Zaccaria, ..., Rio de Janeiro 2020. Tradução do original italiano Vita del Venerabile Antonio Maria Zaccaria, ..., Moncalieri, Real Collegio Carlo Alberto 1855.

VIDA E ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA

A todos que amam Santo Antônio Maria Zaccaria e querem vê-lo cada vez mais conhecido.

A Barnabitas, Angélicas, Leigos de São Paulo, Juventude zaccariana, Vocacionados e vocacionadas e ao Povo de Deus de todas as nossas comunidades.

Arte da capa

José Carlos da Silva Vieira

Pastoral dos coroinhas e PASCOM Loreto

Rio de Janeiro (RJ)

À Eminência Reverendíssima

Cardeal LUIGI LAMBRUSCHINI

Bispo de Porto, Santa Rufina e Civitavecchia
Secretário dos Breves Pontifícios,
Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos
e Bibliotecário da Santa Igreja

EMINÊNCIA

Se a Congregação dos Barnabitas, não obstante a dificuldade dos tempos um tanto funestos para a Santa Sé, teve, há quatro anos, o almejado consolo de ver autenticadas pelo Vigário de Cristo as heroicas virtudes do Venerável Antonio Maria Zaccaria, seu primeiro Fundador; esta, além da incomparável benignidade do reinante Pontífice Pio IX, deve estar grata especialmente a V. Emcia., que, nos ofícios de Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos e Relator da Causa, demonstrou, em seu agir em relação ao Venerável Servo de Deus, devoção impossível de ser superada. Era, portanto, meu dever, se V. Emcia. me consentisse, oferecer-lhe publicamente este meu escrito, no qual precisamente tentei recolher e trazer à luz, da melhor forma que pude, a vida e as virtudes heroicas de nosso Venerável Antonio Maria. E estou muito contente por tal dever, mercê da exímia bondade de V. Emcia., obtida a ventura, para mim tão desejável, de acrescentar valor a meu tênue trabalho, dedicando-o a um Cardeal tão ilustre, que viverá por longo tempo venerado não apenas em nossa Congregação, da qual é um esplêndido ornamento, mas em toda a Igreja, à qual, com conselhos sábios e ânimo forte, presta, há tanto tempo, tão marcantes serviços nos encargos mais difíceis

e importantes. Como algo que lhe é devido, queira V. Emcia. acolher, com sua costumeira benignidade, essa minha humilde oferta, dignando-se a apreciá-la em reconhecimento àquela profunda veneração, com que, beijando-lhe a sagrada púrpura, venho honrado apresentar.

De Vossa Eminência

Turim, 20 de fevereiro de 1855.

Humílimo, Devotíssimo, Obsequioso Servidor
ALESSANDRO M. TEPPA, Barnabita.



Luigi Lambruschini (6 de março de 1776 - 12 de maio de 1854) foi um cardeal italiano da Igreja Católica Romana em meados do século XIX. Ele era um membro dos Clérigos Regulares de São Paulo e serviu no corpo diplomático da Santa Sé. (Fonte: Wikipedia)

AO LEITOR

Dentre os homens mais conceituados por sua santidade, que floresceram na Itália, no início do século XVI, dedicando-se especialmente a fazer reviver a piedade e os bons costumes nos fiéis, há que se incluir o Venerável Antonio Maria Zaccaria, principal Fundador da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, ditos Barnabitas, cuja vida, por mim novamente descrita, lhe apresento, Leitor devoto. Ele pode ser efetivamente considerado, como já foi dito por alguns, o precursor de São Carlos Borromeu na reforma do clero e do povo de Milão e de outras três cidades da Lombardia. No breve curso de sua vida, que durou apenas trinta e seis anos e meio, adquiriu tamanha fama de santidade, que durou pelo espaço de quase um século. Enquanto não veio a proibição geral por decreto de Urbano VIII, foi comumente intitulado e venerado como Beato, embora por vários motivos, que assinalarei a seu tempo, tenha sido preciso retardar até o início do século atual a introdução da causa da beatificação perante a Santa Sé.

Sobre a vida e as virtudes deste Servo de Deus, já escreveram, com maior ou menor divulgação, muitos homens beneméritos da minha Congregação (além de alguns de fora dela). No entanto, não se tinha ainda uma história de sua vida que satisfizesse inteiramente o desejo comum, na medida em que os escritos até agora compostos (dos quais somente alguns foram publicados) deixavam sempre alguma coisa a acrescentar, ou mesmo a emendar, o que certamente não quer dizer que se deva atribuir alguma culpa a seus autores, mas unicamente ao fim a que se propunham, além da escassez de meios para que pudessem melhor esclarecer a verdade. Isto porque, como já observado pelo Pe. Gio. Antonio Gabuzio, em sua precisa e elegante história da Congregação, nossos antigos Padres, mais voltados para agir do que para descrever suas atividades, deixaram muito poucas memórias de seus tempos e, assim também, do Venerável Antonio Maria. Os primeiros que escreve-

ram intencionalmente sobre sua vida foram o Venerável Carlo Bascapè, o padre Agostino Tornielli e o supramencionado pe. Gabuzio. Estes três insignes homens, certamente, nos deram notícias bastante preciosas sobre a vida e as virtudes do Zaccaria, na medida em que não só pesquisaram diligentemente as antigas memórias da Congregação, mas também puderam aprender muitas coisas a respeito dele com quem o conheceu pessoalmente, especialmente do pe. Gio. Battista Soresina, que fora seu companheiro. Mas, não tinham por fim único nem principal escrever sobre a vida do Zaccaria, pretendendo sim recolher e ordenar a história dos primeiros tempos da Congregação (e em relação a isso o trabalho não foi pouco, pois já transcorreu quase um século de seu início); assim, embora falassem mais amplamente de Antonio Maria do que de qualquer outro, tiveram, de todo modo, de se limitar a dizer apenas o quanto bastava a seus propósitos e o que, então, podiam saber com mais certeza.

É verdade que, aos prestigiosos esforços destes três primeiros escritores, outros, pouco a pouco, foram acrescentando diversas particularidades, podendo recuperá-las a partir de novas pesquisas. Mas, com as últimas e mais diligentes investigações que acabariam por se multiplicar, quando promovida e tratada perante a Santa Sé a causa da beatificação do Servo de Deus, ficou claro que, escrevendo-se novamente sobre a vida do Zaccaria, poder-se-ia fazer uma obra mais completa e mais exata. Isto foi, em parte, feito pelo pe. Mariano Alpruni, único que escreveria sobre a vida do Servo de Deus após a instituição dos processos para sua beatificação. Embora a obra de Alpruni seja apreciável pela diligência que empregou ao se servir de tais processos, não é que tenha feito, e nem pretendeu fazer, uma obra completa a ponto de não restar mais nada de notável a ser acrescentado.

Portanto, procurei atender, da melhor maneira que pude, aquilo que era geralmente desejado por meus Confrades, seja por filial devoção ao principal Fundador de minha Congregação, seja para responder ao convite que me foi feito por quem, por antiga amizade e pela au-

toridade que ora tem sobre mim, pôde me dar a confiança de que eu, embora não muito eficiente, não faria uma obra inútil ou que fosse mal recebida. É certo que se, para isso, bastassem a diligência e o estudo, eu poderia trazer à luz o meu trabalho sem nenhum temor, pois não apenas me impus o dever de examinar atentamente todas as obras publicadas sobre a vida do Zaccaria, como também consultei vários manuscritos existentes no arquivo do Pe. Geral em Roma, e sobretudo estudei com proveito o quanto se encontra nas atas da causa de beatificação do Servo de Deus. Tendo recolhido todas as particularidades passíveis de conhecimento em torno da vida e das virtudes do Zaccaria, confio que pouco ou nada de importante faltará no meu escrito. Ao contrário, para que o Leitor possa conhecer melhor tudo que de alguma forma pertence ao Zaccaria, dispus-me a inserir, eventualmente, algumas digressões ou apêndices, conforme a matéria comportava. Especialmente, estendi-me a referir tudo que me pareceu mais importante nos poucos escritos que ficaram dele, para que, além dos úteis ensinamentos que trazem, possam servir para nos fazer melhor conhecer seu espírito. Nisso, minha obra certamente terá uma vantagem sobre as precedentes, seja pela maior quantidade dos escritos por mim reportados, seja ainda por tê-los sempre reportado não traduzidos (como outros o fizeram), mas conforme se encontram no original, corrigindo apenas a ortografia e, eventual mas raramente, tornando italiana alguma palavra latina ou lombarda, não inteligível por todos os leitores.

Quanto a bem discernir as coisas verdadeiras das falsas, as certas das incertas ou prováveis, onde reside a maior dificuldade de um historiador, não posso dizer nada além do fato de que me dediquei ao máximo àquele estudo, expondo fielmente a verdade, como a visualizei. Nas coisas principais e mais relevantes não temi errar, pois quanto a essas, todos os escritores estão plenamente de acordo, além de terem sido examinadas e discutidas com todo rigor na causa da beatificação. Em relação a determinadas particularidades de menor importância, para não cair em erro, utilizei o método que me pareceu o único que

deveria ser adotado. Inicialmente, parece-me dispensável dizer que em nenhum momento me atrevi a afirmar qualquer coisa sem ter o apoio de alguma autoridade: donde me absteve, por inútil (exceto na parte dos milagres), de prejudicar a leitura do livro com citações, que poucos leitores teriam meios, e menos ainda talento, para verificar. Como não me era lícito de nenhuma forma duvidar da sinceridade dos escritores que me precederam, embora em algumas particularidades possam ter se enganado e se encontrem discordâncias entre eles, não segui a autoridade de um só, quando alguma outra autoridade ou uma boa razão me sugerisse o contrário. Onde encontrei discrepâncias, contentei-me em simplesmente referir as várias afirmações, não vendo alguma razão para antepor uma a outra, ou conscienciosamente aduzi as razões pelas quais uma afirmação me pareceu preferível a outra, parecendo-me certa ou mais provável, salvo quando a evidência da verdade, ou a pouca importância da questão, tornasse supérflua a explicação de minha escolha. Desse modo, creio ter feito o que estava a meu alcance para apresentar uma narrativa não apenas completa, mas também exata, da vida do Venerável Antonio Maria Zaccaria.

Ao valor da matéria gostaria de poder adicionar também uma elocução prazerosa, para que, tornada mais agradável a leitura do livro, as virtudes do Servo de Deus tivessem mais imitadores. Mas, seria demasiado árduo conseguir a maneira perfeita de escrever, exigível nessa matéria, isto é, a linguagem pura, sem nenhum rebuscamento; o estilo simples, cândido e natural, com certa graça espontânea e com dignidade não afetada. De resto, ficarei satisfeito se tiver conseguido, de alguma forma, descrever de modo factível a vida e as virtudes heroicas do Venerável Antonio Maria Zaccaria, de modo a prestar-lhe homenagem para maior glória de Deus e de modo que a você, Leitor devoto, advenha algum proveito espiritual para santificação de sua alma, o que lhe desejo de coração.

LIVRO PRIMEIRO

Capítulo I

Nascimento de Antonio Maria; vida inocente e santa na infância

Muitos exemplos comprovam que filhos santos, em sua maioria, provêm de mães virtuosas e solícitas em bem educá-los na piedade cristã. E é razoável que assim seja, pois, embora Deus, ao distribuir seus dons aos homens, não esteja limitado por nenhuma necessidade, podendo, quando e como queira, demonstrar em qualquer um as riquezas de sua bondade, em geral, no entanto, não se afasta daquelas leis que ele mesmo estabeleceu, seja na ordem da natureza, seja no que se refere à graça. Como um terreno produz, naturalmente, frutos melhores e mais copiosos se for bem cultivado e com maior qualidade, da mesma forma a graça de Deus consegue produzir efeitos mais admiráveis na virtude à medida em que encontra ânimo mais disposto a acolhê-la e mais disciplinado para vivê-la. Ora, se há quem possa esperar de Deus bons filhos e por Ele próprio predispostos a receber bem seus dons, são certamente os pais que, com sua piedade e obras caridosas, trazem para sua família as bênçãos do céu. E, se há uma cultura útil para formar o ânimo dos filhos na virtude, nenhuma é mais frutuosa do que a que possam receber, nos primeiros anos de vida, de seus próprios pais e, mais especialmente, da mãe. Dado que ninguém mais do que a mãe é capaz de ter sobre o ânimo dos filhos aquela suave autoridade vinda do amor, ninguém melhor do que ela para neles divisar e extirpar a tempo os germes nascentes das paixões viciosas, infundindo-lhes, com palavras e exemplos contínuos, o amor à virtude. A veracidade de tal afirmação é claramente demonstrada pelos progressos na virtude que, sob os cuidados de sua mãe, alcançou, desde seus primeiros anos, o Venerável Servo de Deus Antonio Maria Zaccaria, cuja vida começo a descrever.

Os que escreveram sobre sua vida não estão muito de acordo na determinação do ano de seu nascimento, alguns, especialmente os mais antigos, situando-o em 1502 e outros em 1500. Mas, após as provas admitidas nos processos de beatificação do Servo de Deus, tornou-se

fora de dúvida que ele nasceu ao final de 1502, entre meados de outubro e dezembro. Nasceu em Cremona, vindo à luz com apenas sete meses, primeiro e único fruto dado pela insigne Dona Antonia Pescaroli a seu cônjuge Lázaro Zaccaria, ilustre cidadão cremonense, que, tendo tido o consolo daquele filho, pouco tempo depois lhe faltou, por morte prematura. Mas, tal perda foi amplamente suprida pelas mencionadas virtudes da mãe, que, viúva com apenas dezoito anos, não voltou a pensar em novas núpcias. Como se previsse os preciosos frutos de santidade que daria aquela tenra plantinha confiada a seus únicos cuidados, aplicou todo seu conhecimento em bem cultivá-la, oferecendo em si mesma um raro exemplo de uma verdadeira viúva cristã. Assim, como se estivesse morta para o mundo, dedicou-se a uma vida humilde e discreta, segundo a fórmula proposta pelo apóstolo São Paulo, se exercitando continuamente em orações, vigílias, jejuns e diversas obras de caridade para com o próximo, mas sobretudo ocupando-se de fazer crescer seu terno pequenino no santo temor de Deus e na prática das virtudes cristãs. Certamente, ela logo viu os efeitos corresponderem plenamente a seus desejos, pois o menininho não tardou a revelar claramente a bela índole de seu coração dócil, sincero, inclinado à piedade e à compaixão pelos miseráveis. Tais dotes, nele valorizados pelos benefícios introduzidos nele pela graça divina, da qual parecia singularmente informado, davam, desde então, um feliz presságio da santidade a que, mais tarde, chegaria.

Como geralmente acontece com as crianças, solícito em imitar tudo o que via a mãe fazer, além de não ter nenhuma má vontade em recitar, com ela, as habituais orações matutinas e noturnas, eventualmente punha-se, ele próprio, espontaneamente, a rezar ajoelhado perante uma imagem de Maria, recitando as orações que aprendera, a fim de tornar propícia a Rainha do Céu, de quem trazia o nome, ansiando afetuosamente por obter seu patrocínio. Avançando na idade, começou a querer, como a mãe, prolongar suas orações e ir além, jejuando e afligindo-se com outras penitências e mortificações, tanto que ela, não

querendo que o menino fizesse mais do que a idade permitia, com esforço, tentava refreá-lo. O maior prazer do menino era poder ir à igreja para assistir as sagradas funções, que, em seguida, voltando para casa, esforçava-se para bem representá-las. Como a palavra divina era por ele avidamente acolhida, já então acenando para o ministério apostólico, que, mais tarde, exercitaria, repetia para seus empregados as coisas que ouvira na igreja, não mais apenas como um passatempo infantil, mas seriamente e de coração, pois seu ânimo se comovia vivamente com as verdades de nossa santa religião, não lhe parecendo dever dar conta de nada além de amar e servir a Deus, para obter, com boas obras, a felicidade eterna do céu. Assim é que, embora criança na idade, como se lê sobre Tobias, não tinha nada de infantil em seu agir. Não pesava para a mãe, pedindo vários e delicados manjares, nem outros divertimentos inúteis, como costumam fazer as crianças. Ao contrário, fugia das delícias e se aborrecia com todas as superficialidades e vaidades mundanas. Gostava de se vestir sempre modestamente, assim desdenhando das preciosas vestes de seda que a mãe, conforme sua condição de nobreza, lhe dava para usar.

Mas, o que de mais admirável surgiu na infância de Antonio Maria foi a terna compaixão pelos miseráveis. Essa compaixão, na verdade, como precioso germe da natureza, com frequência, facilmente desperta no coração das crianças e seria começo de muitas obras virtuosas se fosse, a tempo, revigorada pelas palavras e exemplo dos pais. Mas, acontece que a maior parte destes, ao invés de ajudá-la e promovê-la, não fazem senão sufocá-la, ignorando que nada pode tornar seus filhos mais caros a Deus e aos homens, tornando-os mais abençoados inclusive na vida presente, do que a caridade para com o próximo. Mas, a mãe de Antonio Maria não era assim. Como Jó, Antonio Maria poderia perfeitamente dizer que a misericórdia cresceu com ele desde a infância, pois, já àquela inclinado por natureza e mais estimulado pelo exemplo da mãe, gostava de dar ele mesmo, por suas próprias mãos, as frequentes esmolas que ela preparava. E não contente com isso, intervinha e

suplicava por eles, ainda subtraindo de si mesmo parte dos alimentos que lhe eram dados, conservando-os para algum de seus pobrezinhos. Vendo sua mãe sempre pronta a socorrer algum indigente, com o avançar da idade e adquirindo maior ardor, se, alguma vez, esbarrasse na rua com algum pobre peregrino ou outro mendigo, levava-o consigo para casa, a fim de que a piedosa mãe lhe desse abrigo ou alimento. Aliás, tão mais além foi a caridade do jovem Antonio Maria que, um dia, voltando sozinho da igreja e encontrando na rua um pobrezinho seminu, comoveu-se a ponto de imediatamente tirar o casaco de seda que usava e, sem pensar em mais nada, deu-o àquele mendigo para que com ele se cobrisse. Depois, pensando no que fizera, enquanto, de um lado, estava todo contente por ter, na pessoa daquele pobre, coberto a nudez de Cristo, por outro lado, começou a temer que sua mãe o reprovasse por ter feito algo inconveniente para sua idade e condição. Assim, entre feliz e envergonhado, correu angustiado a contar-lhe o ocorrido, oferecendo-se prontamente a receber o castigo que ela quisesse lhe dar, se tivesse alguma culpa pelo que fizera. Mas, a mãe de Antonio Maria não era uma mulher que visse culpa em ato tão belo de virtude. Assim, muito longe de puni-lo ou de repreendê-lo, ao contrário, o elogiou, tocada em seu ânimo por suave condescendência, ao ver tanta caridade em seu querido filhinho. Daí, ele tomou coragem de pedir-lhe instantaneamente a graça de, dali em diante, não se vestir mais com roupas de seda. E de fato obteve tal graça. Mais seguro do beneplácito da mãe, renovou, outras vezes, aquele insigne ato de caridade, despindo-se para vestir os pobres de Cristo.

Com tão belo aparato de inocência e virtude, Antonio Maria se dispôs à primeira comunhão, sendo desnecessário dizer com quanta alegria e fervor o fez. Decerto, o divino Redentor, comprazendo-se a habitar naquela alma pura, mais do que nunca, difundiu nela as doçuras de sua graça, afogueando-a de amor celeste. O fato é que, daquela época em diante, o jovem santo foi sempre crescendo no amor e na devoção de Jesus Sacramentado, de cuja pública adoração foi um dos

primeiros e principais promotores.

Capítulo II

Estudo de letras em Cremona e, em seguida, medicina em Pádua

A inocência, tal qual cândido lírio, deve ser guardada entre os espinhos de uma vida austera e produtiva. E, no entanto, convém que quem queira manter a juventude longe do vício, antes de tudo, resguarde-a da moleza e do ócio. Esta verdade não foi esquecida pela mãe de Antonio Maria na sábia educação que deu ao filho. E ele extraiu dela o fruto que se poderia esperar de suas insignes qualidades.

Atingindo a idade de poder se dedicar ao estudo das letras, Antonio Maria foi posto na escola pela mãe, logo dando a conhecer o valor incomum de sua inteligência. Por sua assiduidade nos estudos, seriedade e inocência de costumes, mereceu o amor de seus mestres, tanto quanto a estima e admiração dos colegas. Mas, não se deixou envaidecer por isso. Tampouco sua origem nobre e as honras obtidas na escola alguma vez o fizeram dar o mínimo sinal de desprezo para com qualquer de seus companheiros. Apenas evitou estabelecer demasiada familiaridade com quem não fosse verdadeiramente bom e cortês e não fosse aprovado por sua mãe. Com esse permanente cuidado, associado à assiduidade na oração, à frequência dos sacramentos, à infatigável dedicação aos estudos e a um teor de vida austera e sacrificada, Antonio Maria conseguiu superar os perigos da juventude, mantendo-se sempre fiel a Deus, de modo que, nem então, nem depois, jamais se percebeu nele algum defeito grave. Aliás, é opinião unânime o fato de que, até o último momento da vida, conservou a inocência batismal. A Angélica Paola Antonia Sfondrati, muito bem informada sobre as coisas do Zaccaria, a quem conheceu pessoalmente, escreve expressamente que *“desde a infância e juventude, todos deram testemunho de certa gra-*

ça aparente com que o Senhor o favorecera, de maneira que ainda no estado laico era reverenciado como religioso, assim levando sua vida distante do mundo e dos apetites dos sentidos.”

Terminado o curso de letras em sua terra, Cremona, Antonio Maria, embora ainda muito jovem, foi mandado por sua mãe, que sabia muito bem o quanto já podia confiar em suas virtudes, inicialmente a Pavia, como acreditam alguns, para estudar filosofia, passando, posteriormente, por volta de 1520, para a universidade de Pádua, para ali cursar medicina. Ao que parece, a principal, se não única, razão pela qual se decidiu pelo estudo de medicina outra não foi que o desejo de se tornar, de algum modo, útil a seus semelhantes, exercitando uma arte que não contradissesse mas, ao contrário, fosse condizente com a nobreza de suas origens, como era exatamente a medicina, que, naquela época, mais do que qualquer outra profissão, era tida em alta conta, especialmente em Milão e Cremona, onde era praticamente exclusiva dos nobres. Mas, certamente, ele não seria levado a abraçar aquela arte somente por amor do lucro que dela poderia extrair: de bens e riqueza já era mais do que suficientemente provido; e, mesmo que estes fossem menos abundantes, não se preocuparia em aumentá-los. Desde então, já estabelecera em seu coração que levaria uma vida celibatária, sentindo sempre mais crescer o desprezo pelas coisas mundanas e o amor pela pobreza evangélica. Assim, em outubro de 1520, isto é, em seu décimo oitavo ano de vida, decidiu renunciar a qualquer propriedade de coisas temporais, fazendo uma doação inter vivos de todos os seus bens para a mãe, reservando-se tão somente o capital de cem liras imperiais para que fosse válido o ato de doação, ansiando por receber da própria genitora, quase como esmola, o necessário para seu sustento.

Assim liberado de quaisquer solicitações terrenas, Antonio Maria foi estudar na universidade de Pádua. Qualquer um pode facilmente imaginar a quantos perigos poderia estar ali exposta a inocência de um jovem nobre, estudante de medicina, entregue a si mesmo, em meio à tanta corrupção de costumes reinante àquela época. Mas, ele soube,

mesmo sozinho, resguardar-se dos perigos e viver santamente em Pádua, como até então o fizera em Cremona sob a custódia da mãe. Prosseguiu suas visitas devotas às igrejas, a frequência aos sacramentos, as orações, os jejuns, sua vida humilde, discreta e distante dos prazeres e vaidades do mundo. Todo seu prazer residia na oração e no estudo: não frequentava outros lugares além da escola, da igreja e seu próprio quarto. Como companheiros próximos quis somente poucos e bons, talvez um só, Serafino Aceti da Fermo, que, mais tarde, se tornou Cônego Lateranense, tendo sido zelosíssimo pregador e elogiado escritor de obras ascéticas. Com esse jovem de experimentada bondade, Antonio Maria não temeu contrair uma amizade estreita, mantida até sua morte. Com ele abria confiantemente seu coração, entretendo-se, de bom grado, a conversar sobre Deus e coisas relativas ao proveito espiritual. Serafino, tornando-se sempre mais conhecedor das insignes virtudes de seu amigo, tomou-se de tão grande estima por ele que não deixou mais de venerá-lo, sempre como pai e mestre espiritual, elogiando-o perante todos como um Santo.

CAPÍTULO III

Antonio Maria abandona a medicina e se propõe ao status eclesiástico

Antonio Maria esteve na universidade de Pádua até completar os estudos e alcançar a láurea doutoral em medicina, que, ao que se pode conjecturar, deve ter sido obtida em 1524, seu vigésimo segundo ano de vida. Assim, voltou à terra natal, pretendendo exercitar a nobre e saudável arte que aprendera, especialmente em prol dos pobres enfermos. Mas, quando estava para iniciar sua prática, Deus, que já o havia destinado a curar não os males dos corpos, mas sim os das almas, colocou em seu coração determinados pensamentos que o fizeram inicialmente

adiar, mas, em seguida, remover de seu ânimo tal carreira. Há quem escreva que, vendo os muitos erros passíveis de serem cometidos no cuidado dos enfermos, veio-lhe o temor de alguma vez, por sua culpa, ser causa da morte alheia, tanto que, afinal, delicadíssimo como era de consciência, pensou ser melhor ficar no lado mais seguro, abandonando de uma vez por todas arte tão perigosa. Não é inverossímil que Deus tenha se utilizado inclusive desse motivo para atrair seu Servo totalmente para si, como se valeu dos perigos encontrados na prática de ofícios para chamar a um status mais perfeito um Santo André Avellino e um Santo Afonso de Ligório, embora, decerto, tanto a profissão de advogado quanto a de médico possam ser exercidas não apenas sem desbaratamento da alma, mas com a conquista de méritos para a vida eterna. Mas, a principal razão pela qual Antonio Maria sentiu seu ânimo se dissuadir de seguir adiante no exercício da medicina foi a dúvida nele manifestada sobre se talvez pudesse melhor agradar a Deus e santificar a si próprio dedicando-se unicamente às obras de piedade e aos estudos sacros, ocupando-se da saúde das almas no status eclesiástico. Por outro lado, a altura daquele status e a santidade de vida que exigia faziam com que se contivesse em abraçá-lo, temendo, por humildade, não ser digno dele. Nessa perplexidade, não cessava de recorrer, com orações e jejuns, às luzes do Pai para que o fizesse divisar, mais claramente, o conhecimento de seu divino beneplácito. Como o próprio Deus faz intérpretes da divina vontade os ministros sacros, pensou Antonio Maria em se dirigir a eles para se aconselhar.

Naquele tempo, em Cremona, vivia um tal padre Marcelo, religioso da Ordem de São Domingos, muito renomado por seu conhecimento da doutrina, prudência e santidade de vida. Antonio Maria foi a ele, expondo suas dúvidas e pedindo-lhe orações e conselho. Afinal, para se entregar mais e orientar-se totalmente por seu parecer, escolheu-o como seu confessor e diretor espiritual. Mas, o experiente e iluminado Padre não teve que se esforçar muito para saber o que Deus queria de Antonio Maria. A inocência dos costumes, o destacamento

das coisas mundanas, o zelo pela glória de Deus e salvação das almas, assim como os demais dotes de espírito que nele visualizou, imediatamente o fizeram ver claramente que aquele jovem estava chamado a um ofício muito mais alto e proveitoso do que o de curar as enfermidades corporais dos homens. Assim, seguro da vontade de Deus, exortou-o a abandonar de vez a ideia da medicina e, ao contrário, voltar todo o seu ânimo para os estudos sacros, a fim de, com o tempo, se tornar um digno ministro do Senhor na busca da salvação das almas. A tão resolutivo e respeitável conselho, como se fora a voz de Deus, Antonio Maria humildemente se curvou: e, como o padre Marcelo, pelo amor que lhe devotava, ofereceu-se como mestre, logo começou, de muito bom grado, sob sua direção, o estudo da teologia e das sagradas escrituras, permanecendo, no entanto, em hábitos seculares, até que seu diretor e mestre o mandasse ascender àquele status que, por humildade, julgava-se indigno de alcançar.

Foi admirável o ardor com que Antonio Maria se aplicou àquela nova espécie de estudos, que o levavam mais e mais a conhecer e amar a Deus, ao mesmo tempo dispondo-o a promover a glória divina também entre os outros. Apreciava especialmente ler e meditar sobre as cartas de São Paulo, que sempre seriam seu livro mais querido e familiar, de onde extraía os argumentos mais eficazes para estimular em si e insinuar nos outros um amor ardente por Jesus Crucificado. Unindo à intensidade dos estudos a inocência dos costumes (condição bastante necessária para quem quer avançar na verdadeira ciência de Deus), sendo além disso dotado de grande inteligência, o proveito foi tão extraordinário que, em pouco tempo, tinha tanto saber quanto virtude. De tal modo que, a conselho e exortação do referido padre Marcelo, em todos os dias feriados, começou a reunir jovens nobres na igreja de São Vital, depois chamada São Girolamo. Ali, embora ainda em hábitos laicos, lia para eles livros espirituais, fazendo alguns comentários com tal fervor de espírito e correção de doutrina que não eram poucos os jovens a deixarem, de bom grado, seus divertimentos mundanos para ir

ouvi-lo. Mas, pessoas de todas as idades e condições também se aproximavam, em grande número, desejosas de ouvir aquele novo pregador que tão eficazmente pregava não apenas com palavras, mas também com o exemplo.

Na verdade, devia ser espantoso para os cremonenses ver aquele jovem secular, nobre, já laureado em medicina, inteiramente dedicado às obras de piedade e ao bem espiritual de seu próximo, ardendo tão zelosamente pela glória de Deus, tão graciosa e sabiamente raciocinando sobre as coisas celestes, mas, ao mesmo tempo, tão humilde que não desdenhava de se rebaixar para instruir as pobres crianças e outras pessoas ignorantess nos primeiros princípios da fé. Além disso, de conduta totalmente ilibada e santa; alheio a todo divertimento e luxo mundano; satisfeito com uma alimentação frugal e simples e com roupas modestas; e, tão cheio de caridade que parecia gozar dos bens paternos unicamente na medida em que lhe era concedido caritativamente deles dispor para socorrer os pobres (não obstante a doação feita anteriormente, tão logo voltou dos estudos de Pádua, teve que administrar aqueles bens como próprios para agradar a mãe.

CAPÍTULO IV

Veste os hábitos clericais e é promovido às ordens sacras; prodígio ocorrido em sua primeira missa

Assim fazendo estudos e exercícios de piedade e caridade e crescendo cada vez mais, Antonio Maria perseverou por mais algum tempo sob hábitos seculares, regendo-se em tudo segundo os conselhos do padre Marcelo, seu diretor e mestre. Após orientá-lo na ciência e na virtude até o ponto em que lhe pareceu maduro para o ministério apostólico, padre Marcelo quis que ele vestisse o hábito clerical para que, em seguida, de grau em grau, subisse às ordens sacras até ao sacerdócio. Vendo-se próximo a esse último grau, Antonio Maria tremeu com o pensamento da pureza e santidade de vida exigidas por tão excelsa dig-

nidade, que coloca o homem sob a condição dos Anjos, tão estreitamente unido a Cristo: estimando-se demasiado distante daquela perfeição, resistia a se deixar ordenar. Mas, afinal, entendeu que era conveniente submeter-se à vontade de seu diretor que, junto a ele, ocupava o lugar de Deus. O ano em que foi ordenado Sacerdote não se pode afirmar com toda a certeza. É certo que, em abril de 1526, ainda cultivava (ao menos aparentemente) o estudo da arte médica, como consta do título que lhe foi dado em um instrumento público. Assim, se naquele mesmo ano tivesse abandonado totalmente a medicina para se entregar aos estudos sacros, o que não é nada improvável, tendo permanecido ainda por algum tempo em hábitos seculares, como se viu acima, e considerando-se que entre vestir o hábito clerical e ser ordenado Sacerdote tenha que ter passado mais algum espaço de tempo, torna-se bastante verossímil, se não quase certa, a opinião do erudito Gaetano Bugatti, vice bibliotecário da Ambrosiana, no sentido de que o Servo de Deus tenha se ordenado Sacerdote somente em 1528, com cerca de vinte e seis anos. Seja como for, Antonio Maria, antes de se apresentar à sagrada ordenação, quis se aparelhar da melhor forma possível. Para tanto, redobrou suas orações, seus jejuns e outras penitências. E, como se até então tivesse levado uma vida incorreta, quis purificar sua alma com uma confissão geral de todas as suas culpas, percebendo justamente que não deveria ser inferior à dos Anjos a pureza de coração do sacerdote, que queira se apresentar dignamente ao Pai Eterno no ato de lhe oferecer em sacrifício seu próprio divino Filho. O quão efetivamente angelical fosse a pureza de seu Servo, Deus o demonstrou com um prodígio, surgido na primeira vez em que Antonio Maria ofereceu o santo sacrifício. Àquela época, como ainda hoje é comum em alguns lugares, era costume celebrar-se a primeira missa com grande pompa e música solene na igreja e, depois, com um banquete na casa do novo sacerdote. Mas, Antonio Maria, que via naquelas festividades muito mais uma vaidade mundana do que uma exaltação religiosa, além de, consciente da santidade da ação que deveria cumprir, desejar se entreter unicamente com seu Deus, não permitiu que a celebração de sua primeira missa fosse acompanhada de qualquer solenidade. E aconteceu que, no lugar da recusada solenidade vinda dos homens, teve outra muito mais honrosa vinda de Deus. Pois, enquanto oferecia a hóstia consagrada, totalmente mergulhado em si e absorto no grande mistério, com seu rosto angelical iluminado pela caridade e banhado em lágrimas, eis que apareceu em

torno dele uma maravilhosa luz celeste e uma visível multidão de Anjos que, o coroando, assistiam reverentes ao augusto sacrifício. Desse prodigioso acontecimento, atestado por muitos que dele foram espectadores e famosíssimo em Cremona, dão fé todos os autores mais antigos de escritos sobre a vida do Servo de Deus. A ele também fazem menção os historiadores cremonenses que falam de Zaccaria. Além disso, é representado em uma grande imagem esculpida por Bassani e impressa em Milão desde 1615. Nela, em torno da figura do Servo de Deus, veem-se sete pequenos escudos representando alguns dos principais fatos de sua vida. O maior desses escudos expressa exatamente a referida aparição dos Anjos, tendo embaixo a inscrição: *primam missam facienti Angeli adstare sunt visi*. Desnecessário dizer que, tendo sido amplamente divulgada por Cremona a notícia de tal prodígio, cada vez mais se confirmou e cresceu a estima que Antonio Maria já adquirira, entre todos, como homem santo. Certamente, este testemunho singular que lhe foi prestado pelo céu em muito contribuiria para fazê-lo merecer os honrosos apelidos de homem Angélico, Anjo de Deus e outros similares, pelos quais era comumente chamado, seja por sua inocência e santidade de costumes, seja por aquele espírito celestial de que parecia animado sempre que pregava a palavra divina.

CAPÍTULO V

Entrega-se a uma vida mais perfeita e exercita-se em diversas obras de caridade para com o próximo

Vendo-se distinguido pela dignidade sacerdotal e esquecendo-se, a exemplo do Apóstolo São Paulo, do que até então fizera a serviço do Senhor, Antonio Maria julgou ser seu dever levar adiante coisas sempre maiores para a glória de Deus e salvação das almas. Portanto, como mediador entre Deus e os homens, procurou aparecer em Sua presença sempre mais puro, santo, imaculado e adornado de virtudes; como ministro e cooperador de Cristo na busca da salvação das almas, não descuidou de nenhuma obra que pudesse fazer em proveito do próximo. Todo dia celebrava a santa missa com admirável devoção e fervor de espírito, tanto que se via seu rosto todo afogueado e frequentemente banhado de lágrimas. Suas orações eram longas e frequentes,

nem tanto de dia, mas especialmente à noite. Às vezes passava toda a noite em oração, imóvel, recolhido, absorto em Deus, parecendo raptado e fora dos sentidos. O restante do tempo empregava parte no estudo e parte nas obras de caridade e exercício de seu ministério. Quanto ao estudo, embora não fosse pouco o que já aproveitara sob a direção do padre Marcelo, não quis deixar de se aperfeiçoar ainda mais. Conhecendo muito bem o mal que pode causar aos outros um mestre da verdade não suficientemente provido de doutrina, sua grande reputação veio não só de sua santidade de vida, mas também da profundidade de seu saber. Quanto às obras de caridade, reconhecendo-se devedor de todos, assim fazendo, à imitação do Apóstolo, tudo para todos, procurava, de todas as maneiras, ganhar todos para Cristo. Para tanto, continuou a realizar suas reuniões sacras na igreja de São Vital, em todos os dias feriais, pregando a palavra divina e instituindo vários outros exercícios de piedade para reavivar nos fiéis o espírito da religião e exortá-los à observância da lei divina. Assiduamente escutava as confissões dos muitos que vinham a ele, em parte pela força de suas palavras e em parte pela fama de suas virtudes singulares e sábia orientação. Além disso, catequizava as crianças e outras pessoas ignorantes das coisas da religião. Também visitava os pobres enfermos nos hospitais e os presos nos cárceres, levando a uns e outros não só o conforto da palavra, como exortando-os a suportar pacientemente os seus males, além do socorro prático no alívio de sua miséria. Sua casa tornou-se uma espécie de refúgio dos pobres e abrigo dos peregrinos. Podia se mostrar tão mais misericordioso, na medida em que, além do muito que, graças à caridade da mãe, lhe era possível dispor dos bens paternos a que renunciara, ainda tinha outros bens que, àquela época, lhe chegaram por herança de uma tia. Não apenas os pobres acorriam à sua casa, mas pessoas de todos os tipos, cidadãos e forasteiros, atraídos pelo aroma de sua santidade, voltando-se para ele quase como a um pai e benfeitor, alguns buscando conselho e orientação nas coisas da alma; outros em busca de conforto nas aflições; e outros ainda por ofícios diversos de piedade. E ele, benigno e afável com todos, acolhia-os das entranhas da caridade paterna, socorrendo, ajudando e dando consolo a cada um, conforme suas possibilidades. Tampouco se recusava a assumir o incômodo de negócios temporais, eventualmente longos e aborrecidos, quando se tratasse de fazer obras de misericórdia a pobres viúvas ou órfãos, bem recordando o dito do Apóstolo São Tiago de que esta é a religião pura e

imaculada perante Deus Pai: auxiliar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e conservar-se imaculado neste mundo. Como consta de um instrumento público de 1529, fora, juntamente com outros, nomeado executor testamentário de um tal Giovanni Stroppi em 1527. Faltando os demais, Antonio Maria assumiu sozinho tal encargo em benefício do órfão Gianfrancesco Stroppi, desempenhando-o com muita solícitude e conseguindo livrar a herança dos muitos ônus que a gravavam.

CAPÍTULO VI

Seu zelo na pregação e os frutos produzidos na cidade de Cremona

No entanto, talvez nada mais tenha demonstrado a vivacidade e operosidade da caridade do zeloso sacerdote do que o seu anunciar a palavra divina. Em tal ofício, é incrível o proveito que trouxe à cidade de Cremona. À época, aquela cidade achava-se em estado bastante deplorável devido às contínuas guerras, travadas pelos príncipes que disputavam sua posse, e pelas frequentes mudanças de governo a que fora sujeita, tendo, no espaço de pouco mais de trinta anos, isto é, de 1499 a 1533, obedecido a seis diferentes senhores. Dos Sforzeschi, que inicialmente tinham sua senhoria, passou ao domínio dos venezianos; depois, dos franceses, quando Ludovico XII reinou em Milão; em seguida, foi submetida ao poder do imperador Carlos V e seus aliados, retornando depois a Francisco II Sforza, dele passando inteiramente ao poder dos austríacos.

Em meio a tantas mudanças de estado e tumultos de guerra, a cidade de Cremona, ainda dilacerada por discórdias intestinas, não só caíra em grande miséria e desolação, mas também se corrompera nos costumes e se esfriara no espírito religioso. Quanto mais graves, na visão de Antonio Maria, eram os danos espirituais à sua terra natal, tanto mais se esforçou, na medida de suas forças, para levar-lhe remédio, especialmente com a pregação da palavra divina. Para isso, além das costumeiras reuniões nos dias feriados na igreja de S. Vital, frequentemente, e onde tivesse oportunidade, se punha a ensinar ao povo e exortá-lo ao caminho da sanidade. Seu dizer não era estudadamente composto, nem enfeitado com palavras, sendo sim simples e natural,

mas pleno de calor e de força, como se pode ver em alguns poucos discursos sobre o decálogo por ele recitados na Igreja de S. Vital, que ainda se conservam no arquivo de nosso Pe. Geral em Roma. Embora descuidados na transcrição, mais lombarda do que italiana, são ditados por um espírito apostólico, fazendo com que sintamos aquela unção e energia só experimentada na leitura dos escritos de Santos. Ele tinha a eloquência sólida e triunfante inspirada por seu zelo, intensa meditação sobre as verdades eternas e assídua leitura dos Santos Padres e da sagrada escritura, especialmente as epístolas de São Paulo. Como assinado pelo Venerável Carlos Bascapè e outros, ele tinha, no seu dizer, a força e a eficácia próprias daquele grande Apóstolo. Quando argumentava sobre a deformidade do vício, o valor da virtude, a necessidade da penitência, o dever de amar a Deus, as recompensas e penas da vida futura – os temas que lhe eram mais familiares – era tanta a abundância das coisas que lhe vinham à mente que parecia por eles esmagado. Bem se percebia que não falava por arte, ou por estudado prazer, mas sim por uma íntima e forte convicção do que dizia, com o único fim de fazer-se útil a suas audiências, a tal ponto que não parecia humano, mas sim um anjo falante. E assim de fato o chamavam aqueles que iam escutá-lo, dizendo uns aos outros: vamos ouvir o anjo de Deus. E assim iam a ele em grande número; pessoas de todos tipos, homens e mulheres, nobres e plebeus, de tal modo que a igreja de São Vital não era suficientemente grande para receber a multidão.

Como à força das palavras Antonio Maria adicionava a da oração e da santidade de costumes, abençoando Deus os esforços de seu Servo, viam-se admiráveis frutos de conversão e melhoria de vida. Muitos, que viviam imersos na culpa, seja por vício de desonestidade, seja por ódios inveterados, seja por usuras e males adquiridos, sacudidos e compungidos pelas palavras do homem de Deus, repudiavam chorando suas faltas e, com exemplar penitência, emendavam seus costumes. Muitos, que antes não pensavam em práticas de piedade, vivendo quase esquecidos das coisas do céu, passavam a frequentar a oração e os sacramentos, procurando, com diligência, a eterna salvação. Não poucos ainda, despertados pelo desejo de servir a Deus em modo mais perfeito, renunciaram ao mundo e se retiraram para os claustros, ou pelo menos se reduziram a uma vida humilde e penitente, inteiramente dedicada às obras de caridade e da religião.

Dentre estes, há que se recordar especialmente uma nobre ma-

trona, de nome Valeria degli Aglieri, unida por parentesco a nosso Zaccaria. Ficava viúva em tenra idade, sem filhos, e muito rica de patrimônio, pelo que seus parentes insistiam que se casasse novamente. Mas, ela, assistindo com frequência as pregações de Antonio Maria, por suas eficazes palavras, foi se afastando das vaidades do mundo, não só constantemente recusando qualquer proposta de matrimônio, mas determinando-se, com ânimo generoso, a se consagrar, bem como todo seu patrimônio, ao serviço de Deus em proveito do próximo. Acolhendo em sua própria casa algumas jovens honestas, mantidas às suas expensas, pôs-se a educá-las santamente nos exercícios de piedade e na prática das mais perfeitas virtudes cristãs, com intenção de formar, pouco a pouco, uma comunidade religiosa de virgens consagradas, quando Deus desejasse dar-lhes os meios oportunos. De fato, tal aconteceu não muito tempo depois da morte de Zaccaria. Tendo comprado algumas casas contíguas a uma das suas não muito distante da Igreja de S. Vital, formou um insigne mosteiro de virgens, intitulado Santa Marta, conforme as regras das chamadas Angélicas de São Paulo, que Zaccaria instituíra em Milão. A esse mosteiro ela deu em dote todas as suas rendas, acrescidas em muito pela herança deixada ao mesmo mosteiro pela mãe do próprio Zaccaria. Assim, ali foi possível manter um bom número de religiosas, que, posteriormente, foram muito elogiadas pela santidade de suas vidas. Valeria, posteriormente vestindo o seu hábito e fazendo a profissão solene, viveu entre elas com grande edificação, até que, com muita idade e méritos, terminou santamente os seus dias em 1568.

Voltando a nosso Antonio Maria e, para resumir em poucas palavras o grande bem que ele fez à cidade de Cremona, bastaria referir o testemunho do historiador cremonense Arisi, que disse que Zaccaria, por suas obras de caridade, era chamado, por consenso comum, pai da pátria. Outro testemunho, esse da condessa Torelli de Guastalla, dá notícia de que, por obra dele, a cidade de Cremona mudara totalmente de aspecto em seus costumes. Daí se pode facilmente deduzir quantas virtudes deveriam resplandecer no servo de Deus para que sua pregação conseguisse ser tão proveitosa, especialmente se considerarmos que tamanha mudança de costumes se operou no breve espaço de dois anos ou pouco mais, desde quando ele se tornara sacerdote e pregava em sua própria terra natal, onde vivera até então.

CAPÍTULO VII

Planeja instituir uma Congregação de sacerdotes

Mas, não seria apenas a cidade de Cremona a gozar os frutos do zelo e os benefícios da caridade de Antonio Maria. Deus lhe reservara campo mais amplo na populosa Milão, onde lhe forneceria companheiros dignos para a santa obra da reforma dos costumes. O Servo de Deus, em seus contínuos esforços em benefício do próximo, bem via como eram poucos os operários evangelizadores em relação à grande messe que se poderia colher se existissem os eclesiásticos que, correspondendo ao espírito vocacional, com santidade de vida e com fervoroso exercício de seu ministério, se dedicassem à salvação das almas. Mas, então, infelizmente, conforme a frase de Ezequiel, da mesma forma que o povo, a maioria dos sacerdotes também se voltava somente para as coisas terrenas. Muitos entravam no caminho das ordens sacras, não a chamado de Deus, nem pelo fim digno de servir a Ele e favorecer a salvação das almas, mas sim por mero capricho ou por interesses mundanos. E da mesma forma que entravam, assim permaneciam: ignorantes, ambiciosos, presunçosos e desacostumados a ponto de desprezarem todo resguardo: pouca ou nenhuma solicitude para com o rebanho a eles confiado; negligenciada a pregação da palavra divina, ou profanada com frivolidades e ornamentos vãos, ou, ainda pior, aviltada e contraditada pela vida escandalosa de quem falava; falta de dignidade nas sacras funções; falta de decoro na casa de Deus; desrespeito às leis da Igreja. E, assim, ignorância, superstições e devassidão com o povo, que os desprestigiava, quando não se valia de seus escândalos públicos como pretexto para justificartar sua própria corrupção. Além disso, esquecia-se o uso dos santos sacramentos, tanto que era tido como cristão muito devoto quem comungava apenas na Páscoa. Tampouco as Ordens religiosas se diferenciavam muito do clero e do povo, pois, mesmo nos santos claustros de homens e mulheres, se introduzira o espírito mundano e, com esse, o relaxamento da disciplina regular e outras graves desordens, causando escândalo aos seculares e aviltamento à religião. Quem quer que conheça um pouco da história daqueles tempos decerto não verá exagero nessas minhas palavras. É bastante notório como Lutero extraiu de tal depravação universal de costumes um belo pretexto para a estranha reforma da Igreja que quis fazer; e como o sacro Concílio de Trento proveu, com muitos cânones saudáveis, a reforma



Símbolo da Congregação na Comunidade de São Barnabé em Milão. Casa Mãe dos Clérigos Refulares de São Paulo

dos costumes. Também por isso Deus estimulou, naquele século, tantos homens insignes por sua santidade, como São Caetano Tiene, Santo Inácio de Loiola, São Filipe Neri, São Carlos Borromeu, São Jerônimo Emiliani, São José de Calasanz, para que, com seu zelo e suas instituições saudáveis, restaurassem a decadente disciplina eclesiástica e reavivassem a piedade dos fiéis.

Com grande amargura, Antonio Maria via, então, a extrema necessidade de sanar tanta desordem, não apenas em Cremona, mas também nas outras cidades da Lombardia. Assim, de sua parte, inflamado de zelo, sem economizar esforços nem desprezar qualquer meio para promover a glória de Deus e a salvação do próximo, começou a pensar na possibilidade de reunir outros sacerdotes zelosos que, junto com ele, sob uma mesma forma de vida humilde, penitente e operosa, se voltassem, com um só ânimo e toda dedicação, para o serviço de Deus e a santificação das almas. Sentindo crescer cada vez mais o desejo de tal instituição, desejo que sempre o acompanhava; vendo a necessidade e o proveito que essa traria, não cessava de derramar fervorosas preces a Deus para que, se dEle vinha aquela inspiração, Ele, por sua bondade, lhe desse a mão para colocar em prática tal desejo. Deus atendeu a suas preces, chamando, de modo admirável, Antonio Maria a realizar seu projeto exatamente onde maior era a necessidade e mais copiosos seriam os frutos.

Dentre todas as cidades da Lombardia, que, por volta do começo do século XVI, tinham piorado muito de costumes, talvez não existisse nenhuma mais deteriorada e dissoluta do que Milão, que, enquanto líder das demais, mais sentira os danos das incursões militares e das frequentes mudanças de governo. Sendo ainda a mais populosa e rica, também tinha em si maiores propensões ao vício. A isso se juntou a peste que, por duas vezes, atingiu aquela cidade mais do que qualquer outro lugar, dizimando um terço de seus habitantes. Para culminar as desgraças, a

Igreja de Milão permaneceu, por mais de cinquenta anos, pode-se dizer, sem Pastor, dado que o primeiro e o segundo Hipólito d'Este, que, com intervalo de nove anos, se sucederam no arcebispado, estiveram quase sempre ausentes. O clero abandonado a si mesmo, ao invés de procurar promover o culto divino e reformar os costumes do povo, largara qualquer freio de disciplina eclesiástica, caindo em tal depravação de costumes que ali corria o seguinte provérbio: para ir para o inferno, basta se fazer padre. Existia em Milão, no entanto, uma Confraria, chamada Eterna Sabedoria, na qual já se reuniam, há algum tempo, muitas pessoas boas de todos os tipos, especialmente eclesiásticos, com o fim de se exercitarem nas obras da religião e se ajudarem mutuamente na prática das virtudes cristãs, notadamente da caridade para com o próximo. Tal Confraria foi instituída, ou pelo menos restaurada (pois, alguns dizem que quem a instituiu foi São Bernardino de Sena) por Giovanni Antonio Bellotti de Ravenna, Abade comendatário de Santo Antonio de Grenoble, homem bastante piedoso. Graças a seu zelo, o Oratório da Eterna Sabedoria florescera por algum tempo com homens muito insignes não só por dignidade, como por virtudes, bastando mencionar, dentre eles, Giovanni Angelo Medici e Michele Ghisilieri, ambos posteriormente elevados à cátedra de São Pedro, um sob o nome de Pio IV e o outro Pio V. Mas, tal piedosa Confraria estava bem longe de poder bastar para a reforma do clero e do povo milaneses, tanto mais que, por uma razão ou por outra, se ressentindo da falta de seus principais apoiadores, ela também vinha pouco a pouco decaindo.

Para efetivamente levar a efeito a reforma do clero e do povo de Milão, fazia-se necessário nada menos do que o zelo infatigável e a autoridade do grande Arcebispo Carlos Borromeu, cujas salutares obras em prol daquela diocese sempre serão objeto de admiração. Mas, para que ele pudesse conduzir a bom termo, como o fez, a pretendida cultura daquela eleita vinha, àquela altura totalmente devastada e cheia de galhos secos, era necessário que alguém viesse desbravar o terreno, fornecendo-lhe operários fervorosos que o ajudassem na santa obra. Para essa tarefa, pareceu indicado especialmente por Deus o Zaccaria, que, conforme muitos já observaram, pode, com toda razão, ser considerado o precursor de São Carlos na reforma dos costumes de Milão.

A esse propósito, é digna de ser aqui referida a previsão, de que muitos autores já falaram, feita pela renomada Serva de Deus Arcangelo Panigarola, religiosa no mosteiro de Santa Marta de Milão, que, se-

gundo a fama adquirida naqueles tempos, recebeu de Deus muitos dons sobrenaturais, morrendo em 1525 em grande conceito de santidade. Era tradição constante entre os antigos padres de nossa Congregação que aquela santa Virgem previra a próxima restauração da diocese de Milão por obra especialmente dos Clérigos Regulares de São Paulo, a ser instituída por Zaccaria. Com efeito (como posteriormente se encontrou registrado em um volume de suas cartas manuscritas), escrevendo em agosto de 1516 ao Cardeal de San Malone, então residente em Roma, após deplorar o infeliz estado de coisas em Milão, de que ele também tanto se lamentava, falando dos remédios que esperava que Deus trouxesse àquela diocese, narra como, em relação a isso, tivera duas visões no mês de junho, uma aos 21 e outra na noite da natividade de São João Batista, quando ouvira o Precursor de Cristo assim falar ao Cardeal: *Conforte-se e seja valente, pois, logo, o povo de Deus que, há tanto tempo, reside em um esquálido deserto, cheio de galhos secos, será introduzido em uma terra onde jorram leite e mel; eu o verei, com grande expansão de ânimo, bendizer o Senhor por tantos notáveis benefícios por ele conferidos a seu povo.* Em seguida a essa visão, a pia virgem esperava, com santa confiança, o cumprimento da promessa celeste que dava por certo acontecer em pouco tempo. Embora dois anos depois, isto é, em 2 de novembro de 1518, voltasse a lamentar, por carta, a dissolução geral dos costumes e o declínio da disciplina regular na maior parte dos mosteiros de virgens consagradas, não divisando, então, ministros aptos a remediar como convinha tantos males, já que o clero secular e regular também estava deteriorado, até mesmo o Oratório da Eterna Sabedoria decaindo cada vez mais, concluía, porém, afinal, dizendo com toda certeza, que, em breve Deus mandaria ministros mais santos. Embora aquela previsão, qualquer que fosse, possa se aplicar, em sentido amplo e genérico a todos os dignos eclesiásticos seculares e regulares que, ao tempo de São Carlos e após, se esforçaram, com muito zelo, na reforma da diocese de Milão, quem prestar mais atenção, no entanto, não terá dúvida de estarem aqui indicados, de modo especial, os Clérigos Regulares de São Paulo, instituídos por Zaccaria, e não outra Ordem religiosa, como supuseram alguns historiadores. Pois os Clérigos de São Paulo foram os primeiros, aliás por mais de trinta anos os únicos, Clérigos Regulares existentes em Milão, onde tiveram sua origem poucos anos após a morte de Panigarola, sendo os outros introduzidos muito depois por obra de São Carlos Borromeu. Além disso,

Arcangela, falando dos ministros que Deus mandaria em breve, acentava especialmente para o Oratório da Eterna Sabedoria, exatamente onde Deus quis que Antonio Maria encontrasse os dois primeiros companheiros que, com ele, iniciaram a Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, como veremos a seguir.

CAPÍTULO VIII

Convocado como diretor espiritual pela Condessa Ludovica Torelli de Guastalla, vai com ela para Milão e ali estabelece amizade com Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia

A divina Providência, que sabiamente dispõe todas suas obras, conduzindo-as suavemente a termo, às vezes se serve de meios aparentemente ineptos, ou mesmo contraditórios com o fim proposto, de modo que apareça mais claramente que todo o bem realizado pelo homem é um dom de Deus, a quem, por isso mesmo, deve ser referida toda a glória. Parece que Deus agiu exatamente assim ao efetivar o salutar projeto que inspirara a seu Servo Antonio Maria no sentido de instituir uma Congregação de Sacerdotes para a reforma dos costumes. Embora Zaccaria tivesse sua mira voltada para Cremona, esperando ali encontrar companheiros para a pretendida obra, Deus dispôs, por modo admirável, que ele fosse chamado a desenvolver seus esforços em outras cidades, não só facilitando a instituição dos Clérigos Regulares, mas permitindo que lhe fosse oferecida a oportunidade de instituir uma nova ordem de virgens religiosas, que serviram de santo estímulo e modelo para outras. Isso aconteceu através da condessa Ludovica Torelli, senhora de Guastalla, que, com muitas orações, induziu Antonio Maria a aceitar o encargo de ser seu capelão e diretor nas coisas do espírito.

Essa nobilíssima senhora, cujas insignes virtudes e grandes obras de caridade foram por muitos celebradas, era filha única e herdeira do conde Achille Torelli, Senhor de Guastalla, e de Veronica Pallavicini, ambos notáveis não só por virtudes de ânimo como por nobreza de sangue. Como deveriam deixar em herança à filha toda sua senhoria e ricas posses, quiseram que ela fosse educada não apenas de forma diligente, mas também nobremente, no quanto convinha a jovens princesas. Aos

dezoito anos, foi dada como esposa a Ludovico Stanga, nobre cremo-nense, dele ficando viúva três anos depois. Voltando a casa, já mortos o pai e a mãe, embora não estivesse inclinada a contrair novas núpcias, a conselho de terceiros, para ter quem a defendesse de maus-tratos de alguns de seus parentes, invejosos do status e das riquezas que herdara, casou-se com o conde Antonio Martinengo, nobre bresciano, homem de grande importância no ofício das armas, mas estranho e bestial, que a maltratou e posteriormente foi morto por parentes da primeira mulher que ele matara. Embora ainda jovem, em seus 24 anos, Ludovica firmemente decidiu não aceitar nenhum outro marido. Voltando a Guastalla, assumiu a direção de seus feudos, com a intenção de marcar tal administração pela generosidade e grandeza de espírito. Mas, nesse novo estado, talvez por inclinação natural, ou pela educação recebida, não soube temperar-se de modo a não se exceder na vaidade e no luxo. No entanto, não se entregou aos vícios, como alguns autores supuseram, talvez por pretenderem fazer mais resplandecente sua conversão a uma vida mais perfeita.

No início de 1530, se não antes, transferiu-se para Milão, onde, então, vivia o padre Battista de Crema, da Ordem dos Pregadores (por alguns chamado de Ourives, talvez pela profissão de seu pai, mas sendo na realidade da família dos Carioni), muito respeitado na doutrina e na piedade. Ludovica desejou ouvi-lo e conversar com ele sobre as coisas de sua alma. Ele lhe falou do desprezo pelas vaidades do mundo com eficácia, louvando a humildade do coração e a imitação de Jesus Cristo. Ludovica ficou compungida, fazendo-lhe uma confissão geral de toda sua vida e determinando-se a se entregar inteiramente ao serviço do Senhor, como de fato o fez.

Daí em diante, sua principal ocupação foi a de se dedicar à oração e se exercitar em diversas obras de piedade para com Deus e caridade para com o próximo. Sendo-lhe especialmente caro o desejo de afastar dos perigos do mundo e encaminhar à rota da virtude as jovens donzelas menos protegidas, pensou em destinar a essa santa obra parte significativa de seus bens. Para ter um diretor sábio que a ajudasse a bem portar a termo essa obra de caridade e, ao mesmo tempo, a guiasse na via da perfeição cristã, Ludovica pediu ao próprio padre Battista de Crema que fosse estar com ela em Guastalla, tendo ele, com licença de seus Superiores, a atendido. No entanto, sendo mais tarde chamado por seus Superiores e desejando voltar a seu convento (não obstante Ludo-

vica tivesse obtido do Papa Clemente VII um Breve, dando-lhe pleno direito de reter o referido padre), ela teve que pensar em providenciar outro diretor, ainda mais que, pouco antes, morrera seu capelão. Ora, ela já ouvira, por parte de muita gente e especialmente de padre Battista de Crema, grandes elogios ao zelo e à santidade de Zaccaria, não sendo improvável que já tivesse alguma familiaridade com sua mãe, estabelecida naqueles três anos em que morou em Cremona com seu primeiro marido. Daí planejou, se ele consentisse, tomá-lo como capelão e conselheiro, bem como diretor espiritual, enquanto estivesse privada do padre de Crema. Passando por Cremona em 1530, foi ouvi-lo pregar na igreja de São Vitale, conversou privadamente com ele sobre coisas do espírito e, estando por ele edificada, confirmou seu plano, pedindo que fosse com ela para Guastalla, se assim lhe aprouvesse, para que ajudasse a ela e todos seus familiares, amparando-os no serviço do Senhor. Ouvindo tal demanda, Antonio Maria, a princípio se escusou, dizendo não poder de forma alguma segui-la pois já havia muito o que fazer em Cremona. Disse que a uma Senhora de tantas qualidades não faltariam outros sacerdotes mais dignos que estimariam prestar-lhe toda a ajuda nas coisas do espírito. Quanto a ele, como Deus lhe confiara tantas outras almas a cultivar, não lhe parecia conveniente abandoná-las em proveito de uma só família. Mas, Ludovica respondeu que não se tratava de uma só família, pois, se ele quisesse, poderia empregar de forma bastante útil o seu zelo em proveito de toda a população de Guastalla, que talvez o necessitasse mais do que a cidade de Cremona: isso, aliás, seria para ela um duplo benefício e por isso lhe pedia mais encarecidamente. Para remover de uma só vez a Condessa de lhe fazer novos pedidos, manifestou-lhe candidamente que acreditava ter sido chamado por Deus para uma obra mais proveitosa para o próximo, isto é, a fundação de uma nova Ordem de Clérigos Regulares, que se dedicassem com todo empenho à salvação das almas alheias, como à própria santificação. Ludovica não se deu por vencida diante de tais palavras; ao contrário, delas extraiu um motivo para reforçar seus pedidos, dizendo que longe de pretender afastá-lo de tão santo propósito, oferecia-se para ajudá-lo no que pudesse para concretizá-lo, acrescentando que ela também, desejando fazer alguma coisa em benefício do próximo, pensara em empregar boa parte de seus bens na manutenção de donzelas pobres, a fim de subtraí-las dos perigos do mundo e orientá-las na virtude, já tendo algumas em Milão que pretendia colocar sob a direção do padre

Battista de Crema, mas não podendo esperar que esse quisesse continuar com sua assistência necessitava algum outro zeloso eclesiástico que se dispusesse a instruir e orientar no espírito aquelas meninas. Disse ainda que se ele estivesse em Milão, para onde ela também pretendia transferir sua morada, poderia fazer isso facilmente, sem abdicar das outras obras maiores que pretendia realizar para a glória de Deus. Esse raciocínio não pareceu desprezível a Antonio Maria, fazendo-o pensar se esse não seria porventura um sinal da divina providência para lhe dar a oportunidade de se tornar útil a mais pessoas, ao mesmo tempo podendo mais facilmente efetuar o pio projeto que ideara. Pediu tempo para se aconselhar com Deus na oração, exortando Ludovica a igualmente fazer orações especiais a Deus, a fim de que Esse se dignasse inspirá-lo sobre o que mais O agradaria. Após ter se certificado por si mesmo, como também pelas exortações do padre de Crema, de que essa era efetivamente a vontade de Deus, Antonio Maria condescendeu em aceitar a pia demanda da Torelli, indo com ela para Guastalla por volta do final de 1530, antes, porém, passando algum tempo, com ela e o padre de Crema, em Milão.

É verdade que alguns atribuem sua ida a Milão a outros motivos, situando-a mesmo em tempo anterior ao mencionado acordo com a condessa de Guastalla e dizendo que, por ter alguns bens em território milanês, que, pelas leis então vigentes, eram vedados a forasteiros, ele devia morar algum tempo em Milão, todos os anos, a fim de manter o privilégio da cidadania de que gozava sua família. Mas, disso não falam os primeiros autores da vida de Zaccaria, que, ao contrário, estão de acordo em situar sua ida a Milão somente em 1530. Que, naquela época, ele não gozasse dos direitos de cidadania milanesa, é fato que aparece claramente no teor de um diploma pelo qual o Duque Francesco II Sforza, em 1533, concedeu ao próprio Zaccaria o direito de adquirir bens imóveis no Ducado de Milão, exatamente porque, como sacerdote e forasteiro, não poderia fazê-lo, conforme os estatutos daquele Ducado. De todo modo, é certo que Antonio Maria foi a Milão e ali morou por algum tempo antes de 1531.

Enquanto ali esteve, frequentou o Oratório da Eterna Sabedoria, acima mencionado. Embora se mantivesse incógnito, logo começou a se espalhar entre os Congregados a fama de suas virtudes e do grande bem que realizava em Cremona. Por isso, sacerdote que era, foi-lhe pedido que dissesse algumas palavras na reunião. AQUIESCENDO, cheio

de santo zelo, não pôde deixar de revelar a todos o espírito de sabedoria celestial e o fervor de caridade, presentes em suas palavras. Assim cresceu a estima e veneração dos Congregados para com ele, alguns começando a estreitar uma amizade espiritual para aproveitar seus conselhos e seus exemplos virtuosos em proveito de suas almas. Dentre esses estavam especialmente dois nobres milaneses, Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia, homens de grande piedade, que mencionaremos com frequência por terem sido os primeiros e principais companheiros de Zaccaria nas obras que empreendeu pela reforma dos costumes em Milão, não sendo assim despropositado fazer aqui um breve resumo de suas santas vidas, até para que, vendo-se suas virtudes, melhor se possa conhecer o mérito de Antonio Maria, a quem aqueles homens quiseram se unir, ou melhor, se sujeitar, como veremos a seguir.

CAPÍTULO IX

Breve resumo das vidas de Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia

Bartolomeu Ferrari nasceu em Milão no final do ano de 1499 ou princípio de 1500, de Luigi Ferrari, nobilíssimo cavaleiro milanês, e de Caterina Castiglioni, mulher de grandes virtudes. Teve dois irmãos, o primeiro de nome Francisco, muito mais velho do que ele, e o outro de nome Basílio, apenas quatro anos mais velho. Quando tinha apenas dois anos, morreu seu pai e, poucos meses depois, também a mãe, tendo permanecido por algum tempo, juntamente com Basílio, sob a guarda do irmão mais velho Francisco. Mas, esse, não muito tempo depois, também morreu e os dois irmãozinhos ficaram sob os cuidados de um parente, que lhes educou convenientemente. Quanto a Bartolomeu, poder-se-ia praticamente dizer que tinha pouca ou quase nenhuma necessidade de receber educação, tão espontânea era nele a integridade e seriedade de costumes. Criança, não tinha nada de infantil; todo seu prazer estava nos estudos e exercícios de piedade. Aos dezoito anos, decidiu estudar leis em Pavia, mas, antes, achou conveniente repartir a herança com seu irmão Basílio, que, já tendo se tornado cônego de Santa Maria de Falcorina, quis se transferir para Roma. Nessa ocasião, o Senado de Milão deu a Bartolomeu um honroso testemunho da esti-

ma em que o tinha, pois, devendo ter um curador que lhe administrasse os bens, dada sua menoridade, o Senado, conhecendo sua bondade e sensatez, concedeu-lhe amplo direito de administrar livremente seu patrimônio, sem depender da vontade de um curador. Transferindo-se para Pavia, onde morou por alguns anos, foi, para todos seus colegas, modelo de inocência, piedade e assiduidade nos estudos, tanto que alguns, estimulados por seu exemplo e talvez também por suas palavras, adotaram costumes mais cristãos. Não faltavam, porém, outros mais dissolutos que, com assédios transparentes ou insídias ocultas, tentaram levá-lo para a lúgubre via do vício. Mas, seus esforços só serviram para fazer melhor resplandecer as virtudes de Bartolomeu, que, vendo que as cautelas adotadas até então não bastavam a resguardá-lo dos perigos do mundo, entregou-se a um teor de vida mais austero e mais retirado, começando a pensar se não seria melhor abandonar totalmente a carreira dos estudos jurídicos onde corria mais riscos do que vantagens para o espírito. Enquanto pensava consigo mesmo, sacudido por uma voz interna que lhe parecia ouvir, decidiu subtrair-se a qualquer perigo e trocar as mesquinhas vantagens temporais, que poderia esperar no mundo da profissão de advogado, por prêmios inestimáveis e eternos, que poderia conseguir no céu, dedicando-se somente à santificação de sua alma. Assim, sem qualquer demora, largou no meio o curso de seus estudos jurídicos e voltou para Milão. Ali, colocando-se sob a direção do já mencionado Bellotti, dedicou-se, por alguns dias, à oração e à consideração das verdades eternas, a fim de obter de Deus uma luz mais clara sobre qual estado de vida devesse abraçar. Decidindo-se, enfim, a conselho de seu diretor, de se consagrar integralmente ao serviço divino, no estado eclesiástico, vestiu o hábito clerical. Tal resolução deu o que falar a muita gente: alguns dela zombando como efeito de precipitação ou melancolia; outros elogiando-a como obra generosa e santa, dela esperando um grande bem para a Igreja de Deus. No entanto, sem dar atenção ao que os outros diziam, dedicou-se totalmente à sua própria santificação, entregando-se à leitura dos livros santos, à oração, à sua própria mortificação e à frequência dos sacramentos. Crescendo nele cada vez mais o desejo de fazer e sofrer grandes coisas pelo Senhor, logo encontrou uma maneira de trabalhar em proveito do próximo. Começou a dar grandes esmolas, especialmente em socorro das virgens em perigo; visitava os enfermos nos hospitais, confortando-os com paciência e servindo-os com tanta caridade que os enfermeiros

ficavam espantados. Sempre que surgia a oportunidade, não deixava de admoestar os pecadores, especialmente aqueles que blasfemavam o santo nome de Deus, embora, às vezes, recebesse seu desprezo. Mas, o que marcou especialmente sua prática foi o ensino da doutrina cristã às crianças, ensino esse que, àquela altura, estava quase em desuso em todas as paróquias. Com licença da Cúria, começou a retomá-lo na própria paróquia e, depois, com suas sábias insinuações e com seu próprio trabalho, foi pouco a pouco induzindo outros Párocos a fazerem o mesmo. Verdadeiramente heroica se demonstrou a caridade de Bartolomeu ao tempo da terrível peste que assolou Milão em 1524. Tendo o Magistrado da Saúde determinado que uma quinta que Bartolomeu possuía fora de Porta Vercellina fosse usada como lazareto, sentiu grande alegria por ver tal lugar destinado a tão piedosa tarefa, percebendo que Deus queria lhe entregar o cuidado especial dos pobres enfermos lá recolhidos: assim, ia todos os dias visitá-los e assisti-los, cuidando para que nada lhes faltasse tanto no que poderiam necessitar para a saúde do corpo, como para a da alma. Isso sem contar o muito que ainda fazia em prol dos portadores da peste, espalhados, aqui e acolá, nas casas particulares da Cidade, prestando-lhes todo tipo de socorro, com sério e contínuo risco da própria vida. Cessada a peste e vindo uma enorme penúria, em que muitos morriam de fome, Bartolomeu, pela compaixão que tinha para com seu próximo e pelas ofensas que via serem feitas a Deus, tomou para si tal dor a ponto de sua saúde, já afetada por problemas anteriores, ir se consumindo. Decidido a mitigar, no quanto estivesse a seu alcance, a indignação de Deus, passava as noites em oração, suplicando a toda a corte celeste e especialmente à Mãe de Deus que intercedessem junto à divina misericórdia para que cessasse o flagelo. Ia ainda com frequência à igreja, assistindo uma ou mais missas. E, então, ia socorrer uns e outros pobres abandonados, dando o máximo de esmolas que podia, aliás mais do que podia, razão por que, para ter o que dar aos outros com abundância, praticamente se privava do necessário, reduzindo sua alimentação a poucos itens e seu vestiário a uma única túnica de pano rude, e não tendo mais nenhum criado a servi-lo. Seus parentes e amigos não hesitaram em repreendê-lo severamente, lamentando-se com seu irmão Basílio, que lhe escreveu várias cartas de Roma, tentando demovê-lo daquele excessivo fervor. Mas, ele respondia docemente a todos, dizendo que preferia sofrer um pouco do que ver seus irmãos morrerem de fome.

Embora ingressando no caminho da perfeição cristã mais tarde, Tiago Antonio Morigia foi dileto amigo de Ferrari. Originário de Milão, da antiga e nobre estirpe dos Morigi, nasceu ao final de 1497 ou começo de 1498 de Simone Morigia e Orsina Barzi. Faltando-lhe o pai quando ainda era praticamente criança, ficou, com seu irmão mais velho Paulo, sob a custódia da mãe. Desafortunadamente, essa só sabia cultivar ou valorizar nele as qualidades menos prestigiáveis. Efetivamente tinha a criança ótima índole, inteligência pronta e aguda, coração ingênuo e amoroso, tanto que teria feito progressos admiráveis tanto na virtude como no saber se tivesse recebido uma sábia educação. De todo modo, tinha espírito bastante vivaz, maneiras gentis e aparência muito atraente, não obstante, durante uma brincadeira, tivesse ferido a pupila do olho direito com a ponta de uma faca, ficando cego daquele olho, mas sem nenhuma deformidade. Como a mãe, embora viúva, dedicava-se inteiramente às vaidades mundanas, só sabia amar no filhinho o que aparecesse belo, ajustado e gracioso para os outros. À piedade, às virtudes, ao saber, praticamente não dava nenhuma atenção. Foi, portanto, mérito da boa disposição natural do filho e não da educação materna o fato dele ter feito algum progresso nas letras e, mais tarde, por sua espontânea vontade, ter aplicado algum tempo ao estudo da matemática e da arquitetura. De resto, conformando-se aos sentimentos e exemplos da mãe, também ele se entregou aos passatempos do mundo e à bela aparência, tanto que era chamado de Morigia o belo; Morigia o galante. Afirmam, porém, unanimemente, os que escreveram sobre sua vida que, com toda sua vaidade e em meio a tantos incentivos, sempre conservou o devido respeito à mãe e certo sentimento de honestidade, tanto que comportamentos ou discursos menos decentes o aborreciam. Tiago Antonio levou esse tipo de vida ociosa e vazia, sem virtudes e sem vícios conhecidos, sem um objetivo a que mirasse, praticamente um navio sem rumo, imerso nos divertimentos do mundo, até os vinte e cinco anos, quando Deus o convocou a uma vida melhor de forma inesperada e admirável. O jovem costumava visitar eventualmente, por urbanidade ou amabilidade, algumas religiosas suas parentas no mosteiro de Santa Margarida em Milão. Essas boas religiosas, conversando com ele sobre coisas do espírito, quando surgia a oportunidade, frequentemente o exortavam à frequência à confissão, sugerindo que ele procurasse o próprio confessor delas, Giovanni Bono Cremonense, louvando-o como homem de muita doutrina e santidade de vida. Embora

Tiago Antonio, inicialmente, levasse tais discursos na brincadeira, tanto elas insistiram que, afinal, o induziram a experimentar. Esse foi o início de sua conversão. Bono logo se cativou com seu espírito e, depois de duas ou três confissões, se tocou de compaixão ao ver perdido nas vaidades do mundo um jovem de tão belas qualidades, que poderia se tornar um grande servo de Deus. Um dia, resolveu estimulá-lo, com exortação viva e amorosa, demonstrando-lhe a nulidade de todos os bens do mundo em relação aos bens inestimáveis do céu, bens esses que ele poderia alcançar se se colocasse, de todo o coração, a serviço de Deus, dizendo-lhe que estava em tempo e que o próprio Deus lhe oferecia a graça. Diante de tais palavras, Tiago Antonio, como que resgatado de um sono profundo, se compungiu, envergonhou-se de suas loucuras passadas e pediu um dia para rezar e se aconselhar com Deus sobre o caminho que deveria tomar. E, nesse meio tempo, Deus efetivamente o iluminou e confortou com sua graça, tanto que, voltando no dia seguinte a Bono, disse querer, a todo custo, renunciar às vaidades seculares e, assim, empregar sua vida, dali em diante, unicamente ao serviço do Senhor. Assim se propondo, de fato assim prosseguiu. Alguns dizem que, desde então, ele teria tomado os hábitos clericais, mas isto, conforme escritos mais certos, não é possível admitir como verdadeiro. A repercussão em Milão de tão inesperada resolução de Morigia é facilmente imaginável: todos se espantaram; todos diziam que tal propósito não duraria muito tempo. A primeira a criticá-lo foi a própria mãe que sentia, na mudança do filho, uma reprovação demasiadamente ácida de sua própria vaidade, ainda não superada pelo passar dos anos. Mas, Tiago Antonio, que verdadeiramente se consagrara a Deus, deixou que os outros falassem e, daquela época em diante, foi outro homem. Integrando-se ao Oratório da Divina Sabedoria, passou a frequentar todas as práticas com grande fervor. Sob a direção de Monsenhor Ladini, que presidia o Oratório, empreendeu uma vida em tudo exemplar e santa. No lugar dos passatempos mundanos suas delícias passaram a ser o provimento das necessidades do próximo, a visita às igrejas, a frequência aos sacramentos, a leitura dos livros sacros, dispendendo muitas horas do dia e mesmo da noite na oração e meditando especialmente sobre a paixão do Redentor, cujo pensamento fazia com que se derramasse em lágrimas de dor por sua cegueira passada. Para tanto, voltou-se para sua advogada especial, a santa penitente Maria Madalena, esperando que ela fosse não só piedosa como potente mediadora junto a

seu dileto Crucificado se ele a imitasse nas obras da penitência, com a mesma intensidade com que infelizmente agira na vaidade e nos amores seculares. Para esse fim, repassava, com particular dedicação, todos os passos do evangelho que a ela se referiam. Admirava especialmente aquela fortaleza heroica com que a Santa se apresentou a Cristo em ato de penitência em meio ao banquete, expondo-se ao desprezo do soberbo Fariseu. Para de alguma forma imitá-la, eventualmente fazia-se ver com uma túnica pobre nos mesmos lugares onde, em outros tempos, costumava comparecer pomposamente vestido. E faria ainda mais se Monsenhor Ladini, de cuja opinião em tudo dependia, não o houvesse vetado. Mas, às humilhações, que não lhe era dado fazer em público, conseguiu compensar, pedindo e obtendo autorização, com outras obras de penitência em privado, afligindo-se com jejuns, mortificações, disciplinas, além de dormir pouco e desconfortavelmente, às vezes sobre uma palha ou sobre mesas e outras em uma cadeira ou no chão. Assim perseverando nesse modo de vida, Tiago Antonio, sempre com maior fervor, obteve grande estima por parte das pessoas mais sensatas e respeitáveis da cidade. Foi-lhe oferecida a rica abadia de San Vittore al Corpo, então dada em comenda ao cardeal Ippolito d'Este, preconizado Arcebispo de Milão, com a reserva de determinadas pensões. Mas, ele não quis aceitar tal oferta. Não adiantaram as admoestações de parentes e amigos, pedindo que não deixasse escapar de suas mãos tão bela ocasião de favorecer a si e à sua família, fazendo-o ver que seus bens confinavam com os da abadia; que, assim, teria meios mais abundantes para satisfazer sua caridade e seu zelo em honra de Deus, empregando os ricos rendimentos daquela abadia em parte no socorro aos pobres e em parte na restauração da igreja, reduzida a péssimo estado; e, finalmente, que, se não quisesse ficar com a abadia que lhe fora ofertada, que então renunciasse em favor de seu irmão Paulo. A tudo isso Tiago Antonio respondeu que não pretendia dar vantagens à família com rendas da Igreja; que aos pobres Deus, pai deles, socorreria de outro modo; que outros proveriam a igreja de San Vittore; e que, de modo algum, julgava certo aceitar uma abadia com ânimo de a ela renunciar. Diante disso, os parentes deram um jeito da abadia ser conferida a seu irmão Paulo, que, no entanto, só pôde desfrutá-la por pouco tempo, porque logo depois veio a morrer. Em seguida, a abadia foi dada aos Monges brancos do monte Oliveto, que fizeram restaurar a igreja, construindo a seu lado um belo e magnífico mosteiro, conforme o projeto para eles

traçado pelo próprio Tiago Antonio. Muito mais se poderia dizer em louvor de Morigia pelo que fez a serviço dos enfermos e pelo zelo por ele demonstrado em chamar o povo à penitência, ao tempo da peste que devastou Milão pela segunda vez em 1530. Mas, o que foi dito até aqui é suficiente para demonstrar as virtudes de que se revestiam os dois primeiros companheiros que se uniram a Zaccaria para fundar uma Congregação de Sacerdotes pela reforma do clero e do povo de Milão. Vejamos, agora, como os três, por inspiração divina, se irmanaram no mesmo desígnio.

CAPÍTULO X

Como Ferrari e Morigia se irmanaram com Antonio Maria no desígnio de instituir uma Congregação de Clérigos Regulares

Pela santa amizade que os ligava, Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia frequentemente discorriam entre eles, não sem sofrimento, sobre a corrupção geral dos costumes que então se via em Milão. Plenos de zelo para honra de Deus e salvação das almas, buscando exatamente saber se existiria algum remédio para tanto mal, quase sempre acabavam dizendo que o primeiro e principal remédio deveria ser o zelo e a vida santa dos eclesiásticos. Mas, quanto mais se persuadiam da necessidade e utilidade de tal remédio, mais lhes parecia difícil consegui-lo, dada a depravação quase universal do clero. Ora, enquanto estavam assim deplorando os males de sua terra e depositando férvidas preces ao Senhor, para que Ele, que tudo pode, provesse sua Igreja de ministros dignos, aconteceu em Milão, como se diz, o Zaccaria. Estabelecendo com ele uma amizade espiritual, Ferrari e Morigia começaram a argumentar, com ele também, sobre a grande necessidade existente em Milão, talvez mais do que em outros lugares, de zelosos eclesiásticos que, com todo empenho, se dedicassem a restaurar o culto divino e buscar a salvação das almas.

Zaccaria então manifestou-lhes o desejo que tinha já há algum tempo de poder se unir a alguns bons sacerdotes de mesmo espírito, a fim de formar uma Congregação de eclesiásticos, que, livres de quaisquer preocupações temporais e vivendo sob uma mesma regra, com o

mesmo ânimo e com grande ardor, se dedicassem unicamente ao serviço de Deus e à salvação das almas, o que seria proveitoso tanto para o clero como para o povo. Não foi difícil para Zaccaria mostrar para seus dois amigos a utilidade que derivaria para a Igreja de uma tal Congregação. A maior facilidade que se teria para atingir a própria santificação e a salvação alheia, afastando-se das preocupações temporais; o estímulo e ajuda recíprocos que se receberia da convivência entre alguns sacerdotes todos voltados para um mesmo fim; enfim, o bom exemplo que daí viria também para os outros eclesiásticos – essas as razões que Ferrari e Morigia rapidamente compreenderiam e apreciariam, a partir de suas próprias reflexões.

Já tendo o ânimo voltado para o estado eclesiástico, embora Morigia ainda fosse leigo, o que mais desejavam era santificar a si próprios e ser úteis às almas alheias. Assim, acendeu-se imediatamente neles o desejo de se unir com Zaccaria para formar tal Congregação de Clérigos Regulares, que visualizavam como de grande utilidade para sua terra. Raciocinando juntos sobre isso muitas vezes e depositando orações a Deus, afinal os três se puseram de acordo e se determinaram, por persuasão de Zaccaria, a botar mãos à obra e fundar exatamente em Milão, assim que possível, a divisada Congregação. E aqui surgiu uma santa condessa entre Zaccaria e seus companheiros, a discutir sobre qual deles devesse assumir a principal direção da obra. Cada um, por humildade, recusava tal proeminência, mas afinal Zaccaria teve que se render às ponderações dos outros dois, que, no fim das contas, quiseram que ele, como sacerdote e mais experiente nas coisas de Deus, tivesse a primazia sobre eles. Deus quis assim que começassem a se realizar os desejos e esperanças de seu Servo, fazendo-o encontrar, de modo inesperado, dois companheiros que o ajudaram a efetivar seus pios projetos de reforma do clero e do povo. Segundo a opinião mais crível, isto aconteceu precisamente no ano de 1530, sendo o primeiro passo da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo. Mas, como Antonio Maria, àquela época, devia voltar a Cremona e dali passar a Guastalla, no momento, os três companheiros assentiram em que cada um pensasse na forma de colorir seu projeto, para tanto fazendo orações especiais a Deus, ao mesmo tempo em que punham em ordem seus negócios temporais para não ter que pensar neles depois.

CAPÍTULO XI

Antonio Maria vai por algum tempo a Guastalla e logo transfere sua residência para Milão

Após o acordo feito com Ferrari e Morigia, Antonio Maria voltou para Cremona com intenção de colocar suas coisas em ordem de modo a poder ir logo para Guastalla, conforme a promessa que fizera à condessa Torelli, e então se transferir com ela para Milão, assim que chegasse o momento oportuno. Naqueles poucos meses em que lhe foi dado permanecer em Cremona, prosseguiu seus habituais exercícios de piedade e caridade para com o próximo, pregando, confessando e dedicando-se de todas as formas à salvação das almas. É de se acreditar que redobrava seu zelo pelo bem-estar espiritual de seus concidadãos, na medida em que logo deveria se separar deles para voltar seus esforços ao benefício de outros. Assim deu, por assim dizer, uma última mão a seu apostolado em Cremona, tendo a condessa Torelli voltado de Milão no começo de setembro de 1530 e Antonio Maria ido com ela para Guastalla. Nem é preciso dizer quão contente estava a Condessa por ter conquistado homem tão celebrado como era o Zaccaria. Acolheu-o como um Anjo mandado por Deus para guiá-la e a todo o seu povo no caminho da saúde espiritual. O alto conceito que já formara sobre ele se confirmou, à medida em que pôde admirar suas virtudes mais de perto e conhecer o fino discernimento de que ele era provido tanto para as coisas do espírito como no manejo dos negócios temporais. Por isso, imediatamente quis lhe dar conta de todo seu teor de vida e das obras de caridade que pretendia empreender, para que, com sua prudência, a aconselhasse e guiasse. Embora tendo com ela, como seu orientador, o padre Battista de Crema, não ousava fazer nada sem antes obter a aprovação de Antonio Maria, tanta era a estima de que se tomara por ele.

Mas, Antonio Maria não podia restringir seu zelo apenas à busca do proveito espiritual da Condessa e de sua família. Como era desejo da própria Condessa, ele se entregou à prática em Guastalla do quanto já costumava fazer em Cremona, dedicando-se infatigavelmente a catequizar crianças, pregar a palavra divina, ministrar sacramentos, introduzir e promover exercícios salutarres de piedade e obras de caridade cristã. Disto resultaram vantagens imensas para aquela população, na qual logo se viu generalizadamente reflorescer a piedade e a santidade

dos costumes, graças às ardorosas palavras de Antonio Maria, a quem multidões de pessoas acorriam, quer para serem ensinadas na observância da lei divina, quer para depor a seus pés o peso das próprias culpas, quer para serem por ele guiadas no caminho da virtude. Nem por isso ele se esquecia dos filhos espirituais que gerara em Cristo em Cremona. De tempos em tempos, através de cartas ou visitando-os pessoalmente, dedicava-se, no quanto lhe era possível, a confirmá-los em seus santos propósitos.

Nesse meio tempo, no entanto, seu ânimo estava sempre voltado para Milão, suspirando pelo tempo e divisando o modo de instituir a Congregação de Sacerdotes que já acordara com Ferrari e Morigia. Para esse fim, valeu-se da oportunidade de frequentes contatos com o padre de Crema, para tirar proveito dos conselhos de um homem tão iluminado e experimentado nas coisas de Deus, que, durante anos, fora confessor de São Caetano Tiene e seu principal conselheiro na instituição dos Clérigos Regulares Teatinos. Dessa relação espiritual entre o padre de Crema, Zaccaria e a condessa Torelli talvez tenha se originado o boato de que o padre de Crema fosse o criador dos Clérigos Regulares de São Paulo e das Virgens Angélicas. Esse boato, juntamente com outras vozes caluniosas, enganou o douto, mas ardente, teólogo espanhol, Melquior Cano, que se pôs a criticar, com ásperas palavras, não apenas a doutrina e a vida do dito Padre, mas também as Ordens religiosas que supunha terem sido por ele instituídas, e até mesmo o Pontífice que as aprovara. Mas, como Cano estranhamente errou ao atribuir ao padre de Crema a instituição dos Clérigos de São Paulo e das Virgens Angélicas, da mesma forma errou ao condenar a ortodoxia e a conduta religiosa do mesmo. É bem verdade que esse foi acusado de heresia ao Papa Clemente VII, algumas das obras ascéticas por ele dadas à luz tendo sido colocadas no índice dos livros proibidos. Mas, da acusação de heresia ele se expurgou plenamente diante de seus superiores e seus escritos não foram proibidos por algum erro que neles estivesse contido, mas apenas por algumas expressões que poderiam dar lugar a erros, por não estar ainda, naquele tempo, bem regulada a linguagem ascética. Posteriormente, no índice reformado pelo Concílio de Trento, a proibição daquelas obras foi restringida, com a cláusula “até que fossem emendadas”. Ainda desagradava a alguns, especialmente a seus superiores, o fato de o referido Padre morar fora do convento. Em 1532, o cardeal Giampietro Carrafa fez-lhe ácida repreensão por escrito, mas sem ra-

zão, como também o fazia com São Jerônimo Emiliani. Torelli, vendo que o padre de Crema era chamado de volta ao convento por seus superiores, desde 1531 obtivera um breve do papa Clemente VII, dando-lhe pleno direito de estar em Guastalla ou em outro lugar para a direção espiritual dela, sem que daí resultasse qualquer escrúpulo de consciência, crime de apostasia ou nota de infâmia, vedado aos Superiores da Ordem, sob pena de excomunhão, incomodarem o padre de Crema ou a Condessa. Tal direito foi reafirmado pelo Papa, em outro breve de 1532, após o referido padre ser caluniado por heresia. O breve declarava-o livre da obediência aos Superiores da Ordem, enquanto permanecesse com a Condessa. Posteriormente, o mesmo Papa, condescendendo com as reiteradas pressões dos Superiores desse padre de Crema, com outro breve de 1533, ordenou que ele retornasse a seu convento, sob pena de excomunhão. Não obstante, ele permaneceu em Guastalla, onde pouco depois morreu. Isto não se deve imputar à sua culpa, pois ele jamais soube de tal breve. Deve-se sim atribuir unicamente à prudente caridade da Condessa. Chegando o breve às suas mãos quando o padre Battista já estava gravemente enfermo, ela achou por bem ocultar-lhe sua existência, para não o entristecer inutilmente. Carrafa novamente fez maus comentários, escrevendo a São Caetano Tiene que o padre de Crema morrera fora do seio da Santa Igreja. De resto, todos os autores de histórias da vida de São Caetano, de Zaccaria e da Torelli são unânimes em elogiar o referido padre de Crema como homem de grande piedade e zelo, muito iluminado nas coisas de Deus e de vida ilibadíssima. Quis mencionar essas coisas aqui brevemente, para que outros não caiam em erro devido à autoridade de Carrafa, ou de Melquior Cano, ambos enganados por falsas suposições sobre um homem tão digno como o era o padre Battista de Crema, a cuja orientação pôde seguramente se entregar nosso Antonio Maria, como já o fizera, antes dele, São Caetano Tiene. Feito esse parêntese, voltemos a nosso propósito.

Já se disse como a condessa de Guastalla, ao se dar a uma vida mais perfeita, voltara seu ânimo a preservar as pobres moças solteiras dos perigos do mundo, determinando o emprego de boa parte de seus bens em tal obra de caridade. Mas, não contente, crescendo cada vez mais em seu fervor, pensou em remover de si tudo que pudesse impedir ou de qualquer modo atrasar seus progressos no amor de Deus. Como lhe parecia que a senhoria de Guastalla era um desses obstáculos, devido aos muitos cuidados e solicitações que distraíam sua mente, bem

como ao perigo de muito facilmente levar seu coração a se voltar para as coisas terrenas, manifestou ao padre de Crema e a Zaccaria sua determinação de vender todos seus feudos e empregar o valor obtido em obras de caridade, na forma que eles julgassem mais oportuna. Aprovada a pia intenção da Condessa por ambos seus Diretores, começou-se a falar do lugar mais apropriado para colocar em prática o produto da venda, concluindo-se que seria Milão. Em consequência, começou-se a tratar, mais especificamente, da casa a ser estabelecida naquela cidade para abrigar as meninas pobres, bem como da forma de bem administrá-la. Enquanto essas coisas eram acertadas com a Condessa, Antonio Maria, de sua parte, também divisava a forma de efetivar a desejada instituição da nova Ordem de Clérigos Regulares. Há até quem escreva que, chamados pela Condessa para este fim, Ferrari e Morigia também estiveram por algum tempo em Guastalla. Assim determinadas e estabelecidas em comum acordo todas as coisas, Ludovica tomou as necessárias providências para a boa administração de seus feudos e, na primavera ou no início do verão de 1531, ou ainda, no mais tardar, no verão do ano seguinte, acompanhada pelo padre de Crema e por Zaccaria partiu, com toda a sua família, estabelecendo residência em Milão. Lá, com as meninas que trouxera, foi morar em uma casa que possuía perto da basílica de Santo Ambrósio e, como decidira, começou, de acordo com seus Diretores, a tratar da venda de seus feudos. Mas, o negócio não foi tão fácil quanto inicialmente se esperava. A muitos soava bem comprar aquela importante senhoria e, quanto mais crescia o número de concorrentes, mais se suscitavam suspeitas e ciúmes nos príncipes vizinhos e especialmente nos parentes da Torelli, que, mal podendo suportar tal venda, começaram a se opor à Condessa, colocando tantos e tais obstáculos que lhe foram necessários grande empenho e muita prudência para atingir seu objetivo após alguns anos. Por causa disso, em todo esse espaço de tempo, ficava, de tempos em tempos, ora em Guastalla, ora em Milão, conforme requeriam suas atividades. Mas, como desde 1531, já obtivera do papa Clemente VII o breve acima mencionado, com o qual se confirmava ao padre de Crema o direito de morar fora de seu convento a fim de poder prestar-lhe assistência espiritual, assim estando ela livre para manter o referido Padre como seu diretor espiritual, levando-o consigo onde necessário, de bom grado, consentiu que Zaccaria permanecesse em Milão para orientar as meninas e também para iniciar sua Congregação de Clérigos Regulares. Ele

logo se utilizou de tal direito. Aliás, sustentam alguns que, para poder acolher mais livremente todos aqueles que a ele acorriam e assim introduzir em Milão os costumeiros exercícios de piedade praticados em outros lugares, passou a morar em uma pequena casa na zona de porta Vercellina, junto à igreja onde Santo Agostinho recebeu o batismo e não muito distante da casa da Torelli.

CAPÍTULO XII

Dedica-se à salvação das almas em Milão; consegue novos companheiros e obtém do papa Clemente VII o direito de instituir uma Congregação de Clérigos Regulares

De ordinário acontece na ordem da graça aquilo que se observa na ordem da natureza, ou seja, que as obras mais belas e duradouras comecem pequenas e fracas, atingindo sua perfeição somente degrau a degrau e depois de superados muitos obstáculos. Por isso é que vemos todas as Ordens religiosas pequenas e mal postas, em seu início, crescendo pouco a pouco em meio a muitas contrariedades, para depois se expandirem e consolidarem, não diferente do que fez a própria Igreja de Jesus Cristo, por ele comparada a um grão de mostarda, o menor dentre os legumes, que, depois de crescido, se torna o maior dentre os arbustos, tanto que sobre seus ramos vêm pousar os pássaros do céu. Ora, não ignorando semelhante ordem da divina providência, os santos Fundadores das Congregações não se preocupavam se as obras por eles projetadas para a glória de Deus e proveito do próximo comessem com pouco e não chegassem tão rapidamente à perfeição. Confiando plenamente na bondade e poder de Deus, que a eles inspirara, procuravam lançar sólidos e profundos fundamentos ao edifício que pretendiam erguer, tanto mais se encorajando a prosseguir na empresa, quanto mais a viam cheia de dificuldades e perigos.

Exatamente assim agiu Antonio Maria. Passando, como se disse, a morar na pequena casa alugada, ou, como acreditam alguns, permanecendo na casa da Condessa, começou abrindo uma espécie de escola de aperfeiçoamento cristão para quem a ele se dirigisse, promovendo, com frequência, conferências espirituais e outros exercícios de piedade, como costumara fazer em Cremona e em Guastalla. Os primeiros a

frequentar tal espécie de escola foram seus dois companheiros Ferrari e Morigia, felizes por ter ele estabelecido moradia em Milão. Todos os dias se reuniam para tratar de coisas espirituais e especialmente da nova Congregação que, a essa altura, esperavam ver começada. Nisso, fortaleceram seus laços de união, conformando-se os ânimos dos três companheiros de tal forma que um só pareciam ser seus pensamentos e suas vontades. Zaccaria não determinava nem realizava nada sem antes comunicar aos outros dois, buscando sua aprovação. E esses iam a seu encontro, sempre acolhendo, com plena satisfação, o que proposto por Antonio Maria, a quem veneravam como pai e mestre.

Nesse ínterim, para não ter mais que pensar em coisas temporais, dado que a mãe, ao que parece, não quisera até então aceitar a doação de todos os bens, que ele lhe fizera desde 1520, e também porque, nesse período, adquirira outros bens, parte por herança que lhe coubera e parte por compras feitas em sociedade com um primo, renovou seu testamento em 14 de dezembro de 1531, deixando como herdeira de tudo a própria mãe, julgando ser dever de piedade filial o amplo provimento de seu sustento, tanto mais que não poderia duvidar do uso santo que ela daria aos bens recebidos, como efetivamente aconteceu.

Depois disso, Antonio Maria dedicou-se integralmente a promover a divisada obra para reforma do clero e do povo de Milão. Não tardou muito que Bartolomeu Ferrari fosse morar na mesma casa, levando uma vida em comum. A ele se seguiram dois outros companheiros, Tiago del Casei e Francesco Lecchi, já sacerdote, ambos milaneses. Estimulados a maior desejo de perfeição pelas palavras e exemplos de Zaccaria, decidiram segui-lo na forma de vida. Mas, embora de certa forma se possa dizer que faziam vida em comum com Zaccaria, quanto aos exercícios de piedade e às obras de caridade para com o próximo, o certo é que, até depois de setembro de 1533, não concordaram em morar juntos, como veremos no próximo capítulo. Quanto a Morigia, qualquer que tenha sido a razão, demorou ainda mais, ou seja, até a metade de 1534, embora, desde o início, também participasse de todos os exercícios de piedade pelos demais praticados, tomando parte ainda em todas as suas deliberações.

Assim Zaccaria começou a esboçar aquela forma de vida regular, que tinha em mente estabelecer e que, cada vez mais, ia sistematizando. De todas as formas fazia-se útil a todos a amorosa e sábia orientação recebida de Zaccaria, que, acima de tudo, queria que seus companheiros

se fortalecessem na humildade, na pobreza de espírito, na negação de si mesmos e no emprego da oração. E efetivamente era espantosa a vida pobre e sacrificada levada por homens de tais qualidades, como eram também de se maravilhar a humildade que transparecia de seu comportamento e o fervor com que se dedicavam ao serviço de Deus e às obras de caridade para com o próximo. Pouco a pouco se espalhando a fama por Milão, crescia, sempre mais, o afluxo de gente às conferências espirituais e exercícios de piedade mantidos por Zaccaria, de tal forma que sua casa se tornara demasiadamente pequena para atender às necessidades do momento. Paralelamente ao número de pessoas, cresciam os frutos nelas produzidos. Antonio Maria tinha tal graça em se expressar, argumentando nas coisas de Deus com tanta doutrina e fervor espiritual que não havia ninguém que, uma vez o tendo ouvido, não saísse melhor ou ao menos desejoso de retornar. Mas, ele não se contentava com aquele proveito espiritual do próximo que podia proporcionar dentro de sua própria casa. Assim, logo começou a praticar suas costumeiras obras de caridade para com os pobres e os enfermos também em Milão, bem como, conforme surgiam as oportunidades, a pregar a palavra divina nas igrejas públicas e a ministrar os santos sacramentos. O muito que se dedicava a fazer em proveito dos outros não impedia que se voltasse para suas costumeiras austeridade e assiduidade na oração. Ao contrário, à semelhança do Apóstolo, castigava seu corpo, reduzindo-o à servidão para que, pregando para os outros, não fosse ele mesmo reprovado. Como as muitas e variadas ocupações do dia não lhe deixavam todo o tempo que desejava para a oração, reservava a essa boa parte da noite. Seus companheiros se espantavam muito, não conseguindo entender como um homem de compleição tão delicada, como era a sua, podia se empenhar tanto sem nem mesmo conceder a seu corpo aquele mínimo de repouso requerido pela natureza. Mas, ele não se importava em restaurar o corpo quando podia repousar sua alma em Deus e fortificá-la mediante a oração. Então, especialmente no silêncio da noite, implorava a Deus o orvalho das bênçãos celestes sobre a vinha deserta que decidira cultivar, reforçando-se com novas energias e vigor para as atividades do dia. Vendo-as cada vez mais coroadas de sucesso, humilde e confuso, não se saciava em render graças à bondade divina que se dignava, por meio dele, servo inútil, a fazer reflorescer a piedade e a santidade dos costumes em tantas almas que vinham recolher de seus lábios a palavra da vida eterna.

Estimulados por tais exemplos de Antonio Maria, seus companheiros, cuidando com empenho da própria santificação, também se dedicavam, conforme sua capacidade, a buscar a salvação do próximo, com muito proveito para as almas. Para esse fim, desde a Páscoa de 1532, a conselho de Zaccaria e do padre de Crema, Ferrara foi ordenado sacerdote, embora, como também o fizera Santo Inácio de Loiola, adiasse por algum tempo a celebração da primeira missa. Vendo como o pequeno rebanho que reunira, com um só ânimo, procedia cada vez melhor na pretendida forma de vida, Antonio Maria percebeu que não deveria adiar mais a obtenção do Sumo Pontífice do direito de se constituírem em uma Ordem religiosa e estabelecerem as regras específicas que poderiam melhor conduzir ao fim que se tinham posto. Assim, por volta do final de 1532, aconselhando-se previamente com os companheiros e recomendando a Deus o sucesso da empreitada, encarregou Bartolomeu Ferrari de escrever a seu irmão Basílio, então Secretário do papa Clemente VII. Basílio redigiu pessoalmente a súplica em nome de seu irmão, de Zaccaria e dos outros companheiros, apresentando-a ao Pontífice, que, benignamente a acolheu. Em 18 de fevereiro de 1533, estando em Bolonha, onde fora se encontrar com o imperador Carlos V, Clemente VII deu o breve de aprovação, com validade perpétua, através do qual concedia a Ferrari e a Zaccaria o direito de se reunir com outros companheiros em vida regular; professar seus votos religiosos em mãos do Ordinário de Milão e, quanto aos outros, em mãos de um deles ou do Superior pro tempore; e, enfim, estabelecer as regras e mudá-las conforme sua vontade, à medida que assim o exigisse o passar do tempo. Dessa forma, providenciou-se, com autoridade Apostólica, todo o necessário para a legítima instituição da nova Ordem de Clérigos Regulares.

Do que foi dito surge que Zaccaria e seus dois primeiros companheiros Ferrari e Morigia não se apresentaram pessoalmente ao papa Clemente em Bolonha para a aprovação da Ordem, ao contrário do que escreveram alguns historiadores estranhos à Congregação, talvez induzidos a erro por uma antiga pintura de Girardino, onde se veem os três Fundadores ajoelhados perante o papa Clemente sentado em seu trono, entregando-lhes o breve de aprovação, a instâncias do imperador Carlos V, de Francesco II Sforza e do cardeal Ippolito d'Este, arcebispo de Milão. Ressalto ainda que, embora no endereçamento do breve de Clemente VII Zaccaria seja nominado depois de Ferrari, isso não significa

retirar-lhe o primado que efetivamente tinha entre os companheiros, sendo muito natural que Ferrari fosse nominado primeiro por seu irmão Basílio, graças a quem foi expedido o breve do Pontífice.

CAPÍTULO XIII

Dá início à Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo. Sua Constituição

Vendo seu projeto tão benignamente aprovado pela soberana autoridade do Vigário de Cristo, Antonio Maria adquiriu maior ânimo para realizá-lo, tanto mais que novos companheiros se mostraram desejosos de se juntar aos primeiros. Assim, em setembro de 1533, alugou uma pequena casa junto à igreja de Santa Catarina, estabelecida em ponte dei Fabbri, na região de porta Ticinese, com intenção de juntar a ela outras casas vizinhas caso conseguisse obter do Duque de Milão o direito de poder adquiri-las, o que, pelas leis então vigentes, era vedado aos forasteiros e aos sacerdotes. Para tal fim, ele e Ferrari apresentaram uma demanda a Francesco II Sforza, Duque de Milão, que, com um diploma de 27 de outubro daquele ano, prontamente satisfez o pedido, concedendo-lhes o direito de adquirir bens imóveis na Cidade e no Ducado de Milão pelo valor de seiscentos escudos de ouro. Mediante a autoridade de tal privilégio, Zaccaria, em parte com dinheiro próprio e em parte com subsídios fornecidos pela condessa de Guastalla, adquiriu três casas vizinhas à que alugava e, juntando-as em um só corpo, arrumou-as para uso da família religiosa. Assim, pouco a pouco, pôde acolher em vida comunitária, além de Ferrari, Lecchi e Casei, Morigia e outros quatro companheiros, isto é, Camilo de' Neri, Dionísio del Sesto, Francisco Crippa e Melquior Soresina, todos de eminentes famílias milanesas. Com esses oito companheiros, Antonio Maria iniciou a vida religiosa comunitária, conforme o direito que lhe fora concedido pelo Pontífice. Vendo-lhes firmes e constantes em seus propósitos, no ano seguinte de 1534, começou a admiti-los na vestição dos hábitos regulares, como ele próprio o fizera, de acordo com o que usavam os clérigos seculares da Lombardia, mas mais pobres e modestos. Os primeiros a receber o hábito religioso das mãos de Antonio Maria foram Tiago del Casei em 10 de junho; Bartolomeu Ferrari e Francisco Crippa em 15 de

agosto; Tiago Antonio Morigia aos 24 do mesmo mês; Camilo de'Neri em 29 de novembro; e Dionísio del Sesto em 25 de dezembro. Melquior Soresina recebeu o hábito somente no começo de 1535; Francisco Lecchi, talvez antes de vestir o hábito, saiu da Congregação em outubro de 1534 por motivo de doença, retornando somente em fevereiro de 1543. Alguns deles mantiveram o próprio nome, enquanto outros o mudaram, como Soresina que passou a se chamar João Batista, e Morigia, que, na vestição, recebeu o nome de Paulo Batista, embora logo depois tenha voltado a se chamar por seu nome Tiago Antonio.

Assim estabelecida a nova Ordem de Clérigos Regulares, pareceu de bom alvitre aos companheiros de Zaccaria que, conforme o direito concedido pelo Papa, ele se pusesse a escrever algumas regras segundo as quais a Congregação passasse a ser governada. Embora todos estivessem cheios de ardor na observância da disciplina regular e amantíssimos da obediência, de modo que não pareciam precisar de quaisquer normas além das que recebiam de viva voz de Antonio Maria, a quem, com grande humildade, se submetiam como a um anjo do céu, desejando prover não só para o tempo presente, mas também para o futuro (na medida em que nenhuma sociedade pode subsistir sem determinadas leis), julgaram, mais do que inteiramente conveniente, necessário que alguma regra fosse escrita. Antonio Maria aquiesceu ao desejo deles, mas, como se tratava de algo extremamente relevante, determinou que, inicialmente, todos fizessem uma oração especial a Deus, para que Este o iluminasse a dividir o que melhor servisse à Sua glória e à santificação das almas. Além disso, quis ouvir o parecer não apenas de seus companheiros, mas também de outros religiosos elogiados por prudência e santidade de vida, especialmente o padre Batista de Crema, a quem pediu inclusive que projetasse algumas normas e praticamente um esboço das constituições que ele depois desenvolveria. Com tal ajuda de orações e conselhos, o Servo de Deus pôs-se a escrever algumas poucas regras relativas ao modo de vida, já antes por ele introduzidas. Não se sabe, porém, precisamente, quando as escreveu. É muito provável que não as tenha escrito todas de uma vez, mas sim que as tenha desenvolvido pouco a pouco, assim aperfeiçoando-as à medida em que Deus o iluminava e a experiência lhe sugeria, naqueles poucos anos em que ainda sobreviveu após a instituição da Congregação. Aliás, não lhe agradava a multiplicação e mudança de leis. A esse propósito, escreveu exatamente em suas constituições: *“Irmãos, lembrem-se de novo de*

como as Congregações santas foram preparadas, no início, pelo Espírito Santo; mais tarde, porém, relaxaram-se, por causa de muitos acréscimos de leis e de estatutos promovidos pelos que não possuíam o Espírito Santo do mesmo modo que seus pais. E, por isso, introduziram leis e costumes relaxados, do jeito que eles mesmos eram” (31702). Por isso, jamais quis dar por acabadas suas regras, nem formalmente, nem, como se costuma dizer, publicando-as de forma capitular, preferindo que sua utilidade fosse antes comprovada pela prática. Uma carta escrita a seus companheiros em 5 de novembro de 1538 dá a impressão de que, até àquela época, ele ainda não lhes tinha dado nenhuma regra escrita. É certo, no entanto, que, antes ou depois disso, escreveu aquelas breves constituições, cujo original ainda se conserva religiosamente no arquivo do padre geral em Roma. De todo modo, deixando-se de lado outras razões que se poderiam aduzir, o Pe. Nicolau Aviano, que entrou na Congregação quando Zaccaria ainda era vivo, em carta escrita em 1570 ao padre Omodei, Preposto de S. Barnaba, entrado na Congregação no próprio ano em que Zaccaria morreu, disse expressamente: “Estou certo que com vocês estão aquelas antigas constituições, feitas pela boa memória do M. R. P. Monsenhor Antonio Maria Zaccaria”. Em seguida, aponta especificamente alguns capítulos, que efetivamente se encontram no manuscrito acima mencionado, ainda conservado. Com efeito, basta considerar atentamente tais constituições para se convencer de que são verdadeiramente obra de Zaccaria e não de pe. Batista de Crema, como afirmou o pe. Mazenta, pois vê-se claramente que quem escreve não é um estranho à Congregação, mas sim alguém que dela fazia parte, de forma alguma sendo do padre de Crema que, aliás, como outras pessoas, é ali mencionado, sendo aconselhada a leitura de suas obras ascéticas. As referidas constituições são escritas em linguagem comum, em estilo direto e simples, mas não sem calor, e com aquela suave unção própria dos homens santos. Em dezenove capítulos, contém o que mais importava para a instituição religiosa de uma Ordem então nascente e ainda restrita a uma só casa. Embora evidenciando um trabalho ainda não concluído, nelas facilmente se divisa qual sublime perfeição de vida Antonio Maria propunha como objetivo a si e a seus companheiros. De todo modo, pondo como fundamento uma total renúncia a tudo que soasse mundano, mediante uma pobreza bastante rígida e um contínuo exercício de humildade e negação de si mesmo, quis que seus religiosos levassem uma vida angélica, inteiramente consagrada ao culto de Deus e à imitação de Jesus Cristo, como veremos

mais detalhadamente adiante no livro segundo. E quis que tudo que ordenou fosse adotado e observado literalmente. Se alguma mudança, redução ou acréscimo se fizessem necessários, jamais deveriam tender ao relaxamento, mas sim a sempre maior estreitamento da disciplina e mais sólido reforço da Congregação.

Embora as regras escritas por Antonio Maria jamais tenham sido por ele publicadas formalmente, é certo que, mesmo depois de sua morte, seus companheiros sempre se empenharam em observá-las plenamente. De outro modo, não teriam resolvido aceitar como lei imutável a questão da pobreza estabelecida por Zaccaria, animado por espírito semelhante ao de São Caetano Tiene, isto é, que a Congregação jamais poderia possuir fundos imobiliários, nem ter qualquer rendimento anual. Isto foi causa da dúvida em se publicar formalmente as constituições, até que, após longas discussões no Capítulo de 1552, julgou-se por bem decretar que a Congregação poderia, ao contrário, aceitar e possuir em comum fundos imobiliários e rendimentos anuais. Então, com várias mudanças e acréscimos às constituições de Zaccaria, fizeram-se novas constituições, aprovadas por Monsenhor Marini, Visitante apostólico da parte do papa Júlio III. Assim, pela primeira vez, a Congregação começou a se reger por leis escritas. Mas, passado não pouco tempo e tendo a Congregação começado a se expandir também para fora de Milão, fez-se necessário o acréscimo de outras leis e decretos, sucessivamente expedidos conforme ia se fazendo oportuno. Finalmente, no ano de 1578, recolhidas em um só corpo todas aquelas leis e decretos, formaram-se novas constituições mais completas, que são as que temos no presente, divididas em quatro livros e elegantemente redigidas em latim pelo Ven. Carlos Bascapè, disso encarregado pelo pe. Pietro Besozzi, então Preposto Geral. Tais constituições, inicialmente examinadas com bastante diligência no Capítulo Geral realizado em Milão no mês de novembro daquele ano, sob a presidência de São Carlos Borromeu como Delegado Apostólico, e, posteriormente, por ordem deste Santo, novamente examinadas por todos os religiosos da Congregação, foram aprovadas em votação unânime no Capítulo Geral do ano seguinte de 1579, também presidido por São Carlos, sendo finalmente confirmadas pelo papa Gregório XIII com sua bula de 7 de novembro do mesmo ano.

CAPÍTULO XIV

Qual perfeição de vida Antonio Maria introduziu entre seus companheiros

Vindo a propósito o tema da vida levada pelos companheiros de Zaccaria e das obras que, com sua ajuda, foram por ele empreendidas para reforma do clero e do povo de Milão, convém lembrar a grande necessidade então existente de meios fortes e robustos para conter tanta corrupção de costumes como a que inundava aquela cidade, conforme antes assinalado. Pouco ou nada adiantam os remédios leves quando o mal transcorreu ao extremo, não bastando assim que quem se dispõe à árdua empresa de reformar os costumes de um povo depravado seja dotado de virtudes medianas, exigindo-se, ao contrário, que tenha grande zelo pela glória de Deus e esteja morto para qualquer coisa mundana, de modo que nem por desconforto e fadiga, nem por questionamentos dos homens, falhe em seu propósito, devendo o exemplo de vida ser indubitável confirmação da boa doutrina. Exatamente assim quis Antonio Maria que fossem os companheiros a ele unidos em comunhão de vida para promoverem a glória de Deus e salvação das almas. Como fundamento da vida religiosa pôs em primeiro lugar a pobreza, tanto na alimentação como no vestuário. Suas refeições em regra consistiam em ervas, legumes, queijo, leite, um pouco de peixe e algumas frutas. Comia-se carne apenas algumas vezes em solenidades, mas de baixa qualidade e, frequentemente, aqueles pedaços que se costumam jogar fora. Eventualmente, quase como fartura, uma torta feita de sangue de porco coagulado. Para beber, em regra, água pura ou tinta com um pouco de vinho. Como a da alimentação era a pobreza do vestuário, que, embora na forma não se diferenciasse do que comumente usavam os demais eclesiásticos, era, porém, extremamente simples e de material grosseiro, excluído qualquer requinte ou elemento supérfluo, especialmente o uso da seda. O mesmo se diga de todo o resto, em que mais do que a pobreza ver-se-ia a penúria. Não tinham nem queriam ter qualquer renda fixa, conforme dito acima, vivendo em parte das esmolas que lhes dava a condessa de Guastalla e, em parte, do que cada um decidira por bem trazer para suprir as necessidades da casa. Embora ainda não estivessem ligados pelos votos, cada coisa se colocava em comum, ninguém se reservando nada particular em detrimento dos outros. Dessa forma, podia-se dizer deles, com razão, que, como os primeiros Cristãos, eram

todos um só coração e uma só alma, ninguém chamando para si aquilo que possuía, todas as coisas lhes sendo comuns (At. 4). De resto, reluzia em todos uma singular pureza, especialmente naquilo que pertencia ao culto divino, de cujo decoro eram todos extremamente zelosos.

À pobreza de espírito Antonio Maria quis que viessem juntas, como irmãs inseparáveis, a humildade de coração e a mortificação da carne. Mas, quanto a essa, foi mais moderado, contentando-se em prescrever para a vida em comum somente aquilo que poderia bastar para excluir toda fragilidade, sem requerer coisas extraordinárias, deixadas ao espírito e fervor de cada um. Efetivamente, não era necessário que Antonio Maria prescrevesse a seus companheiros penitências extraordinárias. Ao contrário, era mais necessário que os contivesse, tanto era o ardor com que todos se empenhavam em mortificar a própria carne, macerando-a com jejuns, vigílias, cilícios, disciplinas e outras austeridades, sem contar os muitos incômodos e privações que já deviam suportar por causa da estrita pobreza em que viviam. Era mais assíduo e mais rígido na exigência de toda negação da própria vontade e no sacrifício de todo sentimento de estima própria. Por isso não havia, por assim dizer, qualquer espécie de humilhação em que não quisesse continuamente se exercitar. Para esse fim, dentre outras coisas, estabeleceu inclusive como regra que cada um, por sua vez, um não mais do que outros, prestasse, como maior exercício de humildade, todos os serviços mais baixos da casa, servindo aos enfermos ou na cozinha e outras tarefas semelhantes.

Outra prática ordinária e muito útil não apenas para a conquista da humildade, mas também de outras virtudes, era o chamado capítulo das culpas, que costumava acontecer quase todos os dias. Nessas ocasiões, um ou outro congregado se apresentava de joelhos diante de seus companheiros, acusando-se dos malfeitos cometidos na vida em comum, ou mesmo manifestando sua má disposição de ânimo, de modo a vê-la oportunamente remediada. Além disso, pedia aos presentes que o advertissem das culpas ou malfeitos que porventura nele tivessem notado, sugerindo a forma e pedindo a Deus a graça de se emendar, o que cada um, permitindo o Superior, fazia modestamente e com toda a caridade. Nesse exercício, todos experimentavam enorme vantagem para avançar no conhecimento e negação de si mesmos, bem como para reprimir todo sentimento de orgulho, despojando-se enfim do homem velho e revestindo-se do novo. Por isso, todos se sujeitavam com

entusiasmo àquela amorosa censura de seus irmãos. Daí resultava uma maior estima e amor, uma ambição de cada um pelos exercícios mais baixos e extenuantes para aliviar os outros, uma maior exatidão na observância da disciplina regular e um cuidado extremamente diligente em evitar qualquer malfeito, ainda que mínimo.

A esses capítulos das culpas costumava alternar-se ou somar-se outra espécie de reunião, a das chamadas refeições espirituais, que Antonio Maria, à semelhança dos antigos monges, costumava fazer quase todos os dias para o direcionamento e incentivo comum à conquista da perfeição religiosa. Reunidos todos os religiosos à hora estabelecida, discutia-se familiarmente sobre um ou outro argumento espiritual, discorrendo-se sobre os meios mais eficazes para a conquista das virtudes e extirpação dos vícios; sobre os obstáculos encontrados no caminho espiritual e o modo de superá-los; sobre as causas e indícios de melhoramento ou deterioração dos costumes; e outras coisas semelhantes relativas ao proveito espiritual. Cada um, por sua vez, conforme a própria doutrina e experiência, dizia aquilo que sentia, não com palavras estudadas, nem magistralmente com ostentação de inteligência, mas sim breve e simplesmente, com vista somente ao aproveitamento próprio e dos outros. Após todos terem dado seus pareceres, Antonio Maria, que presidia a conferência, resumindo brevemente as coisas ditas por cada um, fazia uma exortação especial à virtude. Testemunham os antigos que, nisso, era verdadeiramente maravilhoso, pois, com as poucas e simples palavras que dizia, cada um se sentia tocado exatamente naquilo que devia ser recuperado, todos grandemente comovidos pelo ânimo de contrição e com aceso desejo de melhorar. É pena que os livros onde se anotavam as coisas ditas naquelas refeições espirituais tenham se perdido, pois dali se poderia extrair não só um belo retrato do espírito daqueles primeiros Padres, mas também uma coleção de ensinamentos muito úteis para a conquista da perfeição religiosa, como se pode inferir de alguns ensaios que ficaram de conferências semelhantes realizadas pouco depois da morte de Zaccaria, nas quais, na opinião de presentes, se admira uma santa simplicidade unida a tal perfeição de espírito que dificilmente se poderia encontrar na história eclesiástica outro exemplo, a não ser remontando-se aos exemplos dos antigos monges e anacoretas. Assim, além de semelhanças com as reuniões mantidas pelos primeiros cristãos, nas quais cada um compartilhava com os outros os dons espirituais recebidos de Deus, em suas conferências espirituais,

Antonio Maria e companheiros se instruíam, se advertiam, se entregavam com ardor e com santa caridade ao serviço mais perfeito de Deus e ajuda ao próximo. Tanto que Antonio Maria, vendo, na prática, sua grande vantagem, deixou escritas em suas Constituições essas palavras memoráveis: *“Fiquem sabendo, irmãos, que toda vez que vocês se descuidarem dessa santa reunião, tudo cairá em decadência, mas se continuarem a realizá-la, não por hábito, mas com carinho e boa vontade, todas as coisas serão prósperas para vocês”* (30907).

Quanto aos exercícios quotidianos de piedade, todos os padres os recitavam juntos, mas o ofício divino privadamente, dedicando certo tempo de manhã e à noite à oração mental. Todos os dias os sacerdotes celebravam a santa missa. Os demais comungavam. A esses Antonio Maria fazia uma breve exortação para dispô-los melhor a receber com proveito o pão dos Anjos. O resto do tempo empregavam em parte nas obras de caridade e em parte no estudo da teologia e dos cânones sagrados, além da leitura dos livros santos, especialmente as epístolas de São Paulo, por quem, a exemplo de Antonio Maria, todos desenvolveram singular devoção, desejando reproduzir seu espírito e imitar seus esforços e sofrimentos pela glória de Jesus Cristo. Em suma, essa era a vida que, sob a direção de Zaccaria, levavam seus primeiros companheiros, vida essa que, considerando-se notadamente a condição nobre dos principais dentre eles, provocava admiração e salutar entusiasmo entre os que os conheciam, sendo olhados como exemplares de perfeição e chamados publicamente de Anjos de carne e osso.

CAPÍTULO XV

Conferências espirituais para os eclesiásticos; Congregação dos casados; pregações de Antonio Maria e seus companheiros

Com tal arsenal de virtudes e exemplaridade de vida, como o que se admirava nos companheiros de Zaccaria, as obras por eles empreendidas para a salvação das almas não poderiam deixar de alcançar grandes frutos. Antonio Maria propusera-se a ser útil às pessoas de todas as maneiras, não tendo assim se descuidado de nenhum meio que pudesse servir para a reforma dos costumes. Em primeiro lugar, para

reavivar nos eclesiásticos a busca da própria santificação e o zelo da glória de Deus, valeu-se do meio que, tanto por suavidade quanto por eficácia, se adaptava a esse tipo de pessoas, ou seja, as conferências espirituais que costumava realizar com seus companheiros, tornando-as comuns também entre outros eclesiásticos regulares e seculares que nelas quisessem intervir. Seu projeto foi adiante, pois logo as conferências se viram frequentadas por muitos dos principais eclesiásticos, atraídos pelo desejo de participar do espírito daqueles novos religiosos, cuja vida santa era objeto de admiração geral. Dentre os mais assíduos sempre esteve, enquanto viveu, o supramencionado Monsenhor Ladini, Bispo de Laodicea, que, em Milão, fazia as vezes do Arcebispo ausente e durante anos foi diretor do Oratório da Eterna Sabedoria. Da mesma forma esteve presente o Inquisidor Melchior Crivelli, posteriormente Bispo de Tagaste. Também o celebrado pregador Serafino de Fermo, condiscípulo e amigo constante de Zaccaria que, toda vez que ia a Milão, não deixava de intervir nas conferências espirituais, tendo afirmado que delas extraía grande proveito para sua própria alma e novo ardor para a pregação da palavra divina. Há mesmo quem tenha escrito que aquelas conferências chegaram a ser frequentadas por Michele Ghislieri, ou seja, São Pio V, quando, ainda um simples religioso, exercia a função de Inquisidor em Milão. Mas, esses e outros eclesiásticos eram homens que poderiam dar aos outros tanta edificação que não precisavam recebê-la naquelas conferências espirituais, às quais, no entanto, acresciam proveito e fama, com sua exímia piedade e doutrina. Assim, mesmo os eclesiásticos menos fervorosos a elas acorriam de bom grado, relatando admiráveis mudanças de vida. Ao ouvir os argumentos humildes, simples e cordiais, nos quais quem falava objetivava apenas o proveito alheio, transparecendo, mesmo sem querer, as virtudes internas de sua própria alma, não havia quem não sentisse o coração docemente compungido, estimulado a uma santa emulação de se assemelhar aos mais perfeitos, não havendo, pois, quem não saísse dali com novos propósitos de melhorar seus costumes. Foi assim que daquela escola de piedade saíram muitos eclesiásticos de todos os graus, que, com o exemplo de vida e o ardor de seu zelo, contribuíram grandemente para promover a glória de Deus nas almas.

Não menos útil foi Antonio Maria aos homens que viviam no estado laico, para os quais instituiu em um oratório apropriado uma Congregação dita dos Casados. Nessa, especialmente nos dias festivos,

realizavam-se conferências espirituais semelhantes às que se faziam para os eclesiásticos, praticando-se diversos exercícios de piedade, próprios para conduzir à perfeição adaptada ao estado daqueles que ali compareciam. E, de fato, acontecia que cada um desses, conhecendo melhor a si mesmo e a seus deveres, se punha a reformar a si e sua família, conforme a perfeita norma do viver cristão, com notáveis vantagens não apenas para as próprias famílias, mas também para o bem comum: conhecida sua integridade e diligência, eram selecionados, de bom grado, pelos magistrados para a administração dos lugares pios e outros altos encargos da Cidade. E havia quem, com muito empenho, visasse a própria santificação, exercitando-se continuamente em obras de mortificação, humildade, caridade e todas as outras virtudes cristãs, de modo a emular, em seu estado laico, a austeridade e perfeição de vida dos monges mais fervorosos. Para tanto, recebiam a ajuda dos zelosos companheiros de Zaccaria, que, com muita caridade e paciência, exortavam, advertiam, corrigiam e orientavam cada um conforme suas necessidades particulares, buscando não privar ninguém de seus cuidados paternais nas coisas da alma. Mas, especialmente admirável era o fruto produzido naqueles devotos congregados por Antonio Maria, com as vivas advertências e exortações feitas a cada um deles nas conferências espirituais. Como foi observado, ele tinha tanta perícia nas coisas de Deus e tal discernimento dos espíritos que, a todo tipo de enfermidade espiritual e às necessidades de cada um, providenciava os remédios mais eficazes; e a quem pedia seu conselho, dava respostas tão oportunas que pareciam oráculos.

A esse cuidado especial tanto com os eclesiásticos, quanto com os leigos, que Antonio Maria e seus companheiros promoviam em casa, somava-se a pregação da palavra divina e a administração dos santos sacramentos na igreja pública. Para esse fim, Antonio Maria, como já havia feito três anos antes com Ferrari, providenciou que também Morigia, pouco depois de vestir o hábito religioso, fosse ordenado sacerdote. Embora, por sentimento de humildade, inicialmente repudiasse a ideia, Morigia acabou se dobrando à autoridade de Zaccaria, bem como aos pedidos dos outros companheiros que a isso o exortavam. Assim, após longa e singular preparação, celebrou sua primeira missa no dia de exaltação da Santa Cruz em 1535. Quanto às pregações, costumavam, em regra, tomar como argumento para seus discursos a explicação das epístolas de São Paulo, seja pelos úteis ensinamentos de que são ple-

nas, seja pela especial devoção que tinham àquele grande Apóstolo. Naquele tempo, a pregação da palavra divina, na maior parte das vezes, era adulterada por ornamentos vãos e feita mais para ostentação do raciocínio do que para proveito dos ouvintes. Antonio Maria, ao contrário, desejando trazê-la de volta a seu verdadeiro objetivo de instruir e tocar as almas dos fiéis, visando a observância da lei divina, gostava que fosse nua e simples na forma, mas sólida na doutrina e animada internamente pelo espírito de Deus. Já foi mencionada em outra parte a eficácia singular de sua pregação e como extraía de si mesmo algo da força e do espírito próprios do grande Apóstolo das gentes. Mas, não devo silenciar aqui sobre o proveito que igualmente decorria da pregação de seus dois primeiros companheiros, Ferrari e Morigia, embora de forma diferente um do outro. Ferrari, que sempre tivera vida ilibada, tinha índole calma e suave, presença amável, com uma forma de falar sentenciosa, plena de majestade e graça. Sem afetação de eloquência, nem elegância de estilo, discorria com tanta clareza, doutrina e suavidade de espírito que raptava os ouvintes, os quais, às vezes, como se estivessem fora de si pela doçura, não se continham e exclamavam: quem poderia falar melhor? Morigia, ao contrário, como se quisesse remediar suas vaidades passadas, tornara-se extremamente austero para consigo, aparecendo assim para os outros mais severo do que agradável. Por sua inclinação natural, não teria jamais assumido a tarefa de pregar, a essa se submetendo tão somente por obediência ao padre Zaccharia, continuamente vencendo suas próprias resistências. Ainda assim, não procurava agradar de nenhum modo os ouvintes, resguardando-se atentamente de tudo que pudesse despertar-lhes estima e benevolência, parecendo-lhe não ser isso necessário a tornar eficaz a palavra divina. Com frequência, mencionava o exemplo de São Paulo: *Não falamos para agradar os homens, mas sim para agradar a Deus que mete à prova nossos corações. Tampouco procuramos a glória dos homens, nem de vocês, nem de outros* (1Ts 2). Em suas argumentações quase sempre voltava a dois importantes, mas pouco prazerosos, pontos: amar a cruz e odiar a carne. Tal era o ardor de espírito que falava por ele e tamanha a exemplaridade da vida pela qual era admirado que as pessoas, inclusive as de qualidade, vinham em grande número ouvi-lo com veneração, saindo compungidas e com propósito de melhorar. Assim bendizendo Deus os esforços de Antonio Maria e seus companheiros, grande era a aproximação dos homens, tanto eclesiásticos como leigos, àqueles novos religiosos, como grandes eram os frutos que daí se seguiam. Fre-

quentemente, viam-se conversões admiráveis de homens antes entregues a todos os vícios e tidos como de condição espiritual praticamente desesperadora, os quais, com sincera penitência, retornavam para Deus. Muitos, sacudindo o próprio torpor, entregavam-se a uma vida mais virtuosa e mais devota. Outros, não satisfeitos com virtudes medianas, consagravam-se inteiramente a Deus, abraçando o status religioso ou eclesiástico, ou, se não podiam fazê-lo, dedicavam-se a se tornar perfeitos conforme seu status. Daí vinha uma frequência nunca vista aos exercícios de piedade e especialmente aos sacramentos da Penitência e da Santíssima Eucaristia, de modo que se dizia que neles se renovava o que se lê sobre os primeiros cristãos: E eram perseverantes na doutrina dos Apóstolos e na união, na fração do pão e nas orações. (At 2, 12). De um lado, isso trazia não poucas tarefas para aqueles zelosos religiosos, que deviam continuamente se ocupar com as conferências espirituais, pregações e confissões, dando conselhos ou instruções privadas a quem desejava ser por eles orientado no caminho da saúde espiritual. Por outro lado, no entanto, isso lhes dava grande consolo, especialmente a Zaccaria, que via, desse modo, se realizarem pela bondade divina as esperanças por ele concebidas para a reforma do clero e do povo de Milão.

CAPÍTULO XVI

Obras de caridade para com os enfermos nos hospitais: atos de mortificação pública para chamar os homens à penitência

Mas as obras até aqui recordadas não bastavam para satisfazer o zelo de Antonio Maria e seus companheiros. Embora de grande utilidade para quem desejava delas se aproveitar, nem todos, porém, queriam ou podiam fazê-lo. Assim, tendo Antonio Maria se proposto a ajudar, no quanto podia, a todos, começou, juntamente com seus companheiros, a frequentar os hospitais e ali prestar aos enfermos toda forma de caridade não apenas em prol da alma, mas também para alívio do corpo. Era lindo ver aqueles religiosos caridosos, aqui e ali, divididos entre os doentes, procurando consolá-los com afetuosos argumentos e exortá-los à paciência, enquanto os animavam a se arrepender de suas

culpas, preparando-os para bem receber os sacramentos. Se algum estava à beira da morte, assistiam-no até o fim. Não era menor a caridade que usavam naquilo que poderia servir para aliviar o corpo. Como se fossem trabalhadores no hospital, refaziam os leitos, medicavam as pragas, lavavam e limpavam os enfermos de toda sujeira, prestando-lhes qualquer outro serviço de que necessitassem. Faziam isso com muita humildade e compartilhada alegria espiritual, fazendo-o com a glória de poderem servir a Cristo na pessoa daqueles pobres enfermos. Com isso cativavam o afeto e reconhecimento dos enfermos, que assim se tornavam mais dóceis a suas exortações espirituais, pela admiração causada por tanta humildade e mortificação encontradas em homens de condições tão eminentes. Pouco a pouco, tornaram-se tão especialistas e recomendados no exercício daquela obra exímia de misericórdia que São Felipe Neri, em 1539 (segundo o que Castiglioni, em sua história das escolas da Doutrina cristã, diz ter extraído de algumas cartas existentes no arquivo de São Barnabê), teria mandado seu discípulo Monsenhor Cacciaguerra de Roma a Milão, para aprender com o pe. Bartolomeu Ferrari a maneira de bem assistir os hospitais.

Mais admirável, porém, foi a prova de humildade e zelo dada por Antonio Maria em seus esforços para chamar ao caminho da saúde espiritual aqueles que dela estavam mais distantes. Como esses não se chegavam a quem pudesse lhes dizer palavras de vida eterna, convinha ir à sua procura. Dados seu longo hábito no pecado e esquecimento das coisas de Deus, era bastante penoso fazê-los sair de sua longa letargia, tornando-se necessário sacudi-los não apenas com a força das palavras, mas também com exemplos tais que necessariamente os tocassem e comovessem. Assim, Antonio Maria, pleno de seu zelo pela glória de Deus e salvação das almas, não podendo conter o fogo que o consumia por dentro, saía pelas ruas e praças, agarrado a um crucifixo, e, rodeado pela multidão atraída pela novidade, metia-se a pregar a penitência, da qual começava ele próprio a dar o exemplo. Como seu espírito ardente e amor pelo próprio aviltamento se transmitira para seus discípulos, alguns deles também eram vistos girando pela cidade, com o crucifixo nas mãos, exaltando os opróbios e sofrimentos de Cristo, parando em alguma praça ou esquina e, com grande sentimento, menosprezando as coisas mundanas e pregando contra o vício. Outros, inflamados por um ódio santo às suas vaidades e soberbas passadas, andavam pelos locais mais frequentados da cidade, com vestes repugnantes, expondo-

-se às zombarias e ironias das pessoas comuns e mesmo incitando-as a tanto, eventualmente prostrando-se por terra para serem pisoteados pelos passantes. Outros ainda, em roupas de mendigo, punham-se a pedir esmolas na porta das igrejas, ou, à semelhança dos carregadores, a portar pesos e outros serviços semelhantes. E havia também os que, com uma cruz pesada no pescoço, dirigiam-se à catedral, para ali implorar, em voz alta, pela misericórdia divina. Finalmente, outros, por excesso de dor, faziam publicamente a confissão de suas próprias culpas. Esses e outros atos similares de mortificação pública eram praticados pelos companheiros de Zaccaria, mas também por alguns leigos, mais desejosos de perfeição, eles igualmente de origem rica. Não era menor o fervor penitente que, exceto pela modéstia conveniente ao seu sexo, aparecia nas mulheres guiadas espiritualmente por Zaccaria e seus companheiros. Depondo todos os ornamentos e suntuosidade das vestimentas, entregavam-se a um total desprezo de si e das coisas do mundo, tanto que, para mencionar apenas um fato em particular, às vezes saíam em público com uma grossa corda no pescoço, à semelhança de um cabresto, a fim de se mortificarem por amor de Jesus Cristo. Dentre todas era particularmente admirada a condessa de Guastalla, que, antes amante do luxo e da vaidade mundana, tomara-se de tanto desprezo por si e por sua vida passada que seu exemplo a todos maravilhava. Se, antes, só andava em carruagem e com um numeroso cortejo, sempre vestida suntuosamente, agora era vista totalmente sozinha e a pé, indo inclusive ao senado e em visita às personagens mais ilustres, vestida modestamente com panos marrons e um grande véu negro que a cobria da cabeça aos pés. E não só isso: se, por acaso, encontrava Zaccaria pelas ruas, não se envergonhava de se ajoelhar diante dele em público, pedindo-lhe a benção e acusando-se de algum malfeito, como costumava fazer em casa, tantas eram sua humildade e a reverência que tinha pelo Servo de Deus. Às vezes, acendia-lhe o fervor espiritual a tal ponto que, para maior triunfo seu e do mundo, fazia-se ver nos lugares mais frequentados da cidade com uma roupa esfarrapada e uma touca simples na cabeça, como uma mulher pobre, ou ainda mais estranhamente desarrumada, a fim de ser ridicularizada pelas pessoas.

Todas as provas de humildade e penitência acima referidas, bem como outras semelhantes que Zaccaria e seus discípulos faziam em público, se, de um lado, serviam para reafirmar cada vez mais nas virtudes aqueles que as praticavam, por outro lado, não podiam deixar de

produzir em quem as observava o salutar efeito que Antonio Maria se propusera. Além da novidade e da qualidade ilustre das pessoas que tão intensamente se humilhavam, o ardor e a sinceridade do zelo que transparecia de seus atos e palavras eram tão espetaculares que mesmo os mais distraídos não podiam fechar-lhes os olhos, nem permanecer indiferentes, ao menos certa curiosidade movendo-os a escutar o que aqueles novos pregadores diziam pelas ruas e praças. Depois, passavam a ouvi-los efetivamente, não mais por vã ostentação, sentindo em seus ouvidos verdades que lhes penetravam no coração, assim se operando neles a graça divina que os sacudia de sua letargia, fazendo-os se compungir e mudar de vida com sincera penitência. Por esses e outros meios já mencionados, a reforma do clero e do povo de Milão, a que Zaccaria se propusera, progredia cada vez mais, graças à ajuda de Deus, tanto que não só o povo, mas também os homens mais importantes se entregavam, com melhor propósito, à vida cristã. E a cidade de Milão, saída das trevas em que jazia há longo tempo, merecidamente se via voltar a uma nova luz de graça celestial.

CAPÍTULO XVII

Violenta perseguição em Milão contra os Clérigos de São Paulo. Exortação de Antonio Maria a seus companheiros.

Mas, seria de se admirar se o inimigo da salvação humana não se ressentisse com os grandes frutos que se viam em Milão, produzidos pela nova Congregação instituída por Zaccaria, com perspectivas de sempre maiores progressos. Por isso, sofrendo os danos e a ofensa feitos a ele por causa daqueles zelosos servos de Deus, decidiu dispersá-los, ou, se tanto não pudesse, ao menos amedrontá-los para que cessassem seus propósitos. E o fez através de uma violentíssima perseguição contra eles suscitada, fazendo parecer a muitos estupidez e a outros um escândalo intolerável aquilo que, neles, era efeito de um grande amor a Cristo e ardente zelo pela salvação das almas. Certamente, não é qualquer um que se torna capaz de, em um coração fortemente iluminado pelo amor de Cristo, cultivar o desejo de se assemelhar a Ele e compensar as ofensas abraçando, por amor dEle, as humilhações e as cruzes. Embora admirados os exemplos nesse sentido dados por um

São Francisco de Assis, um Beato João Colombini e outros tantos Santos, tais exemplos são vistos como coisas extraordinárias e adequados apenas a certas épocas, impossíveis e inconvenientes de se renovarem em outros tempos. Assim, a muitos parecia estupidez, se não fingimento ou hipocrisia, aquelas humilhações feitas em público por homens ilustres, como eram Zaccaria e seus companheiros, com demonstrações tão estranhas de humildade e penitência. Daí o grande falatório pelas casas e pela Cidade, sendo os que mais demostraram desprezo seus amigos e parentes, como se tais atitudes causassem desdouro a suas estirpes. Crescendo cada vez mais o falatório negativo, aqueles religiosos não podiam mais aparecer em público sem que a multidão os rodeasse, ridicularizando-os e fazendo pouco caso deles, alguns com zombarias, outros com gritos e assobios, e outros ainda com semelhantes grosserias. Enquanto as coisas permanecessem nesses termos, não seriam tão graves para aqueles fiéis seguidores do Crucificado, que, a exemplo dos Apóstolos, se alegravam em se fazerem dignos de receber afrontas em nome de Cristo. Mas, não podiam aceitar de tão bom grado serem chamados de Pelagianos, epíteto que, não se sabe por que, lhes era dado publicamente, como a fazer crer que estivessem infectados por uma heresia. Mais lhes doía o fato de que, mesmo entre os eclesiásticos, não faltavam os que demonstravam ver grave escândalo no que os bons servos de Deus faziam, interpretando suas atitudes de forma negativa e censurando-as privada e publicamente como uma novidade perigosa para o decoro e a santidade da religião. Dentre outras coisas desagradava a determinados eclesiásticos o modo de pregar simples e sem enfeites, mas eficaz, que usavam os nossos, especialmente nas argumentações que faziam pelas ruas e praças. Da mesma forma, mal podiam tolerar a singularidade da condessa de Guastalla ajoelhando-se diante de Zaccaria, quando o encontrava pelas ruas da Cidade. Diante de tal espécie de zelo, não hesitaram alguns em protestar e atacar, inclusive do púlpito, o novo Instituto. Pregando com tanto furor contra aqueles religiosos, como se fossem a ruína e a peste da Cidade, incitavam o povo a queimá-los vivos na própria casa. Em meio a tantos questionamentos, Antonio Maria não se deixava abater; ao contrário, alegre e tranquilo, tanto maior esperança depositava em Deus quanto mais se reforçavam as contrariedades dos homens, bem sabendo como na adversidade se tempera a virtude e que quanto maiores os tormentos mais aumentam as consolações e ajudas do Céu. Mas nem todos seus com-

panheiros tinham igual firmeza de ânimo, a ponto de, diante da contínua multiplicação dos questionamentos e ameaças, alguns começarem a se sentir um tanto desconfortáveis. O temor cresceu neles quando determinado sacerdote, quer por sua própria maldade, quer também por sugestões alheias, se pôs a fazer de tudo para ver totalmente extinta a pequena Congregação. Para esse fim, apresentou um libelo de acusação formal contra eles ao Senado de Milão e, ao mesmo tempo, à Cúria do Arcebispo, bem como aos Tribunais do Santo Ofício de Milão e de Roma, alegando que as novidades introduzidas por aqueles religiosos perturbavam a tranquilidade pública; que eles causavam o aviltamento da dignidade de muitos cidadãos, expondo-se ao escárnio da plebe com humilhações e demonstrações de penitência nunca vistas; que, sob uma suposta aparência de piedade, existia o perigo de acarretar dano à pureza da fé, tanto mais que, por obra deles, já tinham sido introduzidas publicamente várias práticas que, ao invés de promoverem a verdadeira e sólida piedade, fomentavam unicamente a superstição. Antonio Maria, temendo que os mais fracos dentre seus companheiros não resistissem e abandonassem o Instituto, não cessava de suplicar a Deus, com humildes e fervorosas orações, que se dignasse a proteger seus Servos e aplacar a tempestade contra eles suscitada pelas potestades do inferno. Ao mesmo tempo, confortava-os com calorosas exortações para que não perdessem o ânimo, mas se confiassem à proteção de Deus, que está mais pronto a nos socorrer quando mais nos parece distante. Especialmente eficaz e memorável foi a exortação que fez no dia da festa de São Francisco de Assis em 1534, quando, estando todos juntos, reunidos em conferência espiritual, Antonio Maria, com espírito aceso, assim se pôs a falar: *“O Apóstolo Paulo, nosso chefe e padroeiro, falando de si mesmo e dos apóstolos, dizia que “nós somos loucos por causa do Cristo” (1Cor.4,10). Caríssimos irmãos, não fiquem admirados e nem tenham medo se estamos sendo perturbados, nesse momento da nossa história, pelo demônio, por ataques diretos e calúnias do mundo. “O Apóstolo Paulo, nosso chefe e padroeiro, falando de si mesmo e dos apóstolos, dizia que “nós somos loucos por causa do Cristo” (1Cor.4,10). Caríssimos irmãos, não fiquem admirados e nem tenham medo se estamos sendo perturbados, nesse momento da nossa história, pelo demônio, por ataques diretos e calúnias do mundo. Porque “o discípulo não está acima do mestre” (Mt.10,24) “e nenhum empregado é maior do que o seu patrão” (Jo.15,20 / 3,16). Dizia Jesus: “Se perseguiram*

a mim, vão perseguir vocês também” (Jo.15,20). O mundo vai odiar vocês sempre, porque “se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele” (Jo.15,19). “Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu...” (Mt.5,11-12). Jesus mesmo nos preveniu que estas e outras coisas parecidas iriam acontecer, para que não ficássemos admirados, achando que eram situações novas e inesperadas; e Ele ainda nos fortaleceu com o seu exemplo, para que não tivéssemos medo de enfrentar tais situações e de suportá-las, pois não seriam mais fortes do que nós. É por isso que, os que nos perseguem, ao provocarem a ira de Deus contra eles, fazem o bem a nós, porque aumentam os nossos merecimentos para a vida eterna. Nós, então, nem de longe vamos odiá-los e detestá-los: temos de nos lamentar por eles e de amá-los. Ainda mais, precisamos rezar por eles (Mt.5,44) e, como nos diz São Paulo: “Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem” (Rm.12,21); dessa forma, vamos crescendo por causa da nossa intensa caridade (Rm.12,20) e assim, ao verem a nossa bondade, eles fiquem perturbados por causa da maldade que praticam contra nós e, em seguida, possam voltar arrependidos a um fervoroso amor de Deus. Quanto a nós, Deus, na sua misericórdia, nos tirou do mundo, mesmo sem merecimento nosso, para que, ao servi-lo, passemos de fortaleza em fortaleza (Sl.84,8) e, vivendo na paciência, consigamos frutos abundantes de caridade, gloriando-nos “na esperança da glória de Deus. E não só isso. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a perseverança produz a fidelidade comprovada e a fidelidade comprovada produz a esperança. E a esperança não engana...” (Rm5,2-5). Irmãos, que coisa bonita, que beleza sermos desprezados e perseguidos como loucos, por causa do Cristo! O próprio Cristo, Filho e sabedoria de Deus (1Cor.1,30), quis passar por louco, ser insultado e desprezado. Também São Paulo, o sábio Doutor dos povos, se apresenta como exemplo de desprezo, a si e aos seus colegas apóstolos, quando diz: “nós somos loucos por causa de Cristo” (1Cor.4,10), “somos amaldiçoados e abençoamos; perseguidos e suportamos, caluniados e consolamos...” (1Cor.4,12-13). Será que nós somos mais sábios do que os apóstolos? Será que somos ou pensamos ser mais privilegiados do que o Cristo? Há, entre nós, alguém que se julga sábio? Mas “se alguém de vocês pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo,

torne-se louco para chegar a ser sábio” (1Cor.3,18). Uso, mais uma vez, as palavras do Apóstolo: “Portanto irmãos, vocês que receberam o chamado de Deus, vejam bem quem são vocês: entre vocês não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade. Mas, Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha nojento e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo acha que é importante” (1Cor.1,26-28). Irmãos caríssimos, vamos considerar a nossa vocação! Se quisermos examiná-la bem, reconheceremos facilmente o que ela exige de nós, que começamos a seguir, embora de longe, os passos dos santos apóstolos e dos outros santos de Cristo. A nossa vocação nos pede que não fujamos dos sofrimentos pelos quais eles passaram, suportando estas provações que vêm experimentar se somos fortes. E olha que o nosso sofrimento é muito menor que o deles. E, do mesmo modo que a Igreja Católica, embora perturbada no passado por perseguições ferozes, não desanimou, mas cresceu a cada dia, a nossa Congregação, também, não será destruída pelas ofensas; mas, se soubermos resistir, ela aumentará e se tornará mais forte, mesmo que muitos males venham a cair sobre ela. Os mártires e todos os santos de Deus - homens e mulheres - passaram por este caminho, passaram por fogos e águas (Sl.71,12) e chegaram ao céu. “E todos que quiserem viver unidos a Jesus Cristo serão perseguidos” (2Tm.3,12). Para não falar de outros, vamos considerar somente São Francisco, cuja festa hoje celebramos: “não nos pese imitar o que queremos celebrar”. Em Francisco, reflete-se um grande exemplo de piedade cristã, de profunda humildade e, acima de tudo, de intensa caridade. Como ele estava pronto para enfrentar os sofrimentos! Quanta força ele teve para vencer a si mesmo e ao mundo! Quanta firmeza, tolerando as ofensas! Quanta disposição para suportar qualquer sofrimento, até os mais duros, por amor de Cristo! Ele aceitava todos os deboches como se fossem pedras preciosas enviadas do céu; as ofensas lhe agradavam mais do que os elogios! Desejava mais sofrer por causa do Cristo, do que ter alegrias por causa das felicidades do mundo! E agora, ele ocupa um lugar mais alto e mais glorioso no céu, porque foi mais humilde e rebaixado aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros aqui na terra. Irmãos caríssimos, imitemos este santo e não seja peso para nós segui-lo na nossa vida e nos nossos costumes; não o honremos só com

nossas celebrações e louvores! Por isso, vamos concluir junto com o Apóstolo: "... Corramos com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé. Em troca da alegria que lhe era proposta, ele se submeteu à cruz, desprezando a vergonha e se assentou à direita do trono de Deus. Para que vocês não se cansem e não percam o ânimo, pensem atentamente em Jesus, que suportou contra si tão grande hostilidade por parte dos pecadores" (Hb.12,1-4). "Pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: pela grande perseverança nas tribulações, necessidades, angústias, açoites, prisões, desordens, fadigas, vigílias e jejuns; pela pureza, ciência, paciência, bondade, pela atuação do Espírito Santo, pelo amor sem fingimento, pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça; na glória e no desprezo; na boa e na má fama; tidos como impostores e, no entanto, dizendo a verdade" (2Cor.6,4-8). E já escolhemos como pai e guia tão grande apóstolo e nos gloriamos de ser seus discípulos, esforcemo-nos por praticar sua doutrina e seus exemplos. Não convém que nas fileiras de tão grande chefe, haja soldados covardes e desertores e que os filhos de um pai tão glorioso sejam degenerados!" (20701-20717).

Essas e outras coisas semelhantes foram ditas por Antonio Maria com espírito tão fervoroso e tal graça celestial que todos os que o ouviram, comovidos e como se estivessem fora de si pela força de suas palavras, ajoelharam-se a seus pés, chorando e afirmando que nem o desprezo, nem as injúrias, nem qualquer outra contrariedade jamais os afastariam de seus santos propósitos e que, se necessário, dariam o sangue e a vida por amor de Jesus Cristo. Em seguida, abraçando-se, cada um deu a sua palavra de que faria tudo que Antonio Maria lhes ordenasse, sem qualquer reserva. Assim deixou escrito um dos que estiveram ali presentes, isto é, Pe. João Batista Soresina, através do qual também pudemos conhecer a substância do discurso então proferido por Zaccaria, que eu, aqui, apenas trouxe em tradução literal do latim, conforme referido por Gabuzio que o ouviu do próprio Soresina. Mesmo em tarda idade, este padre afirmava que aquele discurso admirável de Zaccaria permanecia sempre impresso em sua mente, de modo que lhe bastava fixar o pensamento nele para se sentir estimulado a novo fervor: não podia pensar naquele evento sem se enternecer até às lágrimas, dizendo visualizar ali uma certa imagem do acontecido no discurso de São Pedro ao Centurião Cornélio e sua família, que "*Pedro ainda estava*

falando quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra” (At 10,44).

Eficaz pela força, a exortação de Antonio Maria a seus companheiros não poderia ter chegado em hora mais oportuna. Logo no dia seguinte, por ordem do Senado de Milão, o senador Gabriele Casati, por delegação do Presidente Giacomo Filippo Sacco, começou a fazer diligentes investigações sobre a conduta dos Clérigos de São Paulo. Pouco depois, o mesmo foi feito por Giovanni Maria Tonso, Vigário Geral do Arcebispo, assim como por Melchior Crivelli, Prefeito da Sacra Inquisição em Milão. Mas, por mais que se multiplicassem os exames e inquéritos sobre aqueles religiosos, nada se encontrou além de provas de uma doutrina íntegra e uma vida irrepreensível, mas, mais do que isso, admirável pelo espírito de pobreza, desprezo pelo mundo e zelo pela glória de Deus e salvação das almas. Ouvindo tais coisas serem referidas no Senado, o Presidente Sacco, lamentando ter sido tão crédulo ao dar ouvidos às acusações proferidas contra aqueles homens de Deus, parecendo se mover por um espírito superior, prorrompeu naquelas palavras da Sabedoria: *Nos insensati vitam illorum cestimabamus insaniam et finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter filios Dei et inter Sanctos sors illorum est. (Nós, insensatos, considerávamos a vida deles como uma falta de juízo e que o seu fim seria a desonra: mas eis que eles foram contados entre os filhos de Deus e a sua sorte está entre os santos).* E concluiu, dizendo: fiquemos atentos para que essas mesmas palavras não se voltem contra nós, por nossa confusão. Com isso, impôs silêncio ao Senado. Plenamente revelada a falsidade das acusações feitas aos Clérigos de S. Paulo, os juízes, não vendo necessidade de sentenciar, colocaram um silencioso ponto final em tudo. O Senador Casati, tomou-se de tanto amor e estima por esses Clérigos que quis ser admitido na Congregação dos Seculares por eles dirigida, tornando-se seu filho espiritual. Não muito diferente foi o resultado das investigações feitas pelo Vigário Tonso e pelo inquisidor Crivelli, que imediatamente encaminharam um relatório satisfatório à Sacra Congregação de Roma. Crivelli, aliás, como já notado em outros escritos, dali em diante e enquanto viveu, foi um dos mais assíduos às conferências espirituais de Zaccaria e seus companheiros. Posteriormente, em 1543, indo a Roma para ser ordenado Bispo de Tagaste, perguntado pelo Papa Paulo III sobre o que faziam aqueles Padres de São Paulo em Milão, apontou, com muitos elogios, o quanto eles agiam

em proveito das almas, acrescentando que a cada um deles poder-se-ia aplicar o que Deus disse de seu servo Jó – homem simplex e reto, a que o Papa respondeu: exatamente de tais homens necessita agora a Igreja, pois de homens de doutrina e prudência humana já tem muitos.

Assim, graças a Deus, se esvaziaram os esforços dos maldosos contra os Clérigos de São Paulo, tanto nos tribunais civis como nos eclesiásticos. Por isso e pelas mencionadas palavras do Presidente Sacco, que não tardaram a ser divulgadas pela Cidade, a perseguição contra eles suscitada, se não chegou a ser totalmente extinta, ao menos se aplacou bastante. A isso também deve ter contribuído a revelação de que o Sacerdote, autor das calúnias, morto naquele mesmo ano, não teve paz, nem se livrou dos violentos remorsos de consciência que o torturavam enquanto não pediu humildemente perdão a Antonio Maria e seus companheiros pelo ultraje que lhes acarretara.

CAPÍTULO XVIII

Antonio Maria obtém de Paulo III a confirmação de sua Ordem

Acalmada dessa forma a tempestade que o demônio levantara contra o novo Instituto, Antonio Maria prosseguiu, com maior fervor e vivacidade, a promoção da obra já começada pela reforma dos costumes, através de todos aqueles exercícios de piedade e caridade que havia inicialmente introduzido. Entendeu, porém, de se curvar de certa forma ao conselho de alguns homens sérios, que fervorosamente lhe pediram que, ao menos por algum tempo, moderasse o uso das penitências e mortificações que seus companheiros costumavam praticar em público, para não dar ocasião de escândalo aos mais fracos. E Deus o livrou da perseguição passada, bendizendo as obras de seu zelo sempre com novas conquistas de almas e com a vinda de outros companheiros para a realização de tal empresa. Para se colocar mais protegido de perigos futuros, em 1535, suplicou ao Papa Paulo III que, com sua autoridade apostólica, se dignasse confirmar a Ordem, aprovada dois anos antes por Clemente VII, declarando-a diretamente sujeita à Santa Sé.

O Papa condescendeu benignamente à demanda que lhe fora feita e, com sua bula de 24 de julho de 1535, dirigida a Zaccaria e a Ferrari, recomendando seus santos desígnios, confirmou a faculdade já

concedida por seu antecessor de se unirem em vida comum, sob a forma de Ordem religiosa, com o nome e os hábitos de Clérigos regulares; de poderem professar solenemente os três votos religiosos de pobreza, castidade e obediência em mãos de qualquer sacerdote secular ou religioso; de elegerem um superior dentre eles, com mandato de um ano, podendo ser confirmado por mais três anos; de poderem aceitar outros leigos ou clérigos em sua Congregação; de estabelecerem suas regras e alterá-las conforme julgassem oportuno; de recitarem publicamente em suas igrejas os ofícios divinos, pregando a palavra divina e ministrando os sacramentos da penitência e da eucaristia, como já estavam acostumados a fazer. Além disso, declarando a Congregação isenta da jurisdição ordinária do Arcebispo, colocou-a sob a autoridade e proteção imediata da Santa Sé, privilégio então concedido apenas pelo espaço de um quinquênio, mas que, não muito depois, isto é, em 1543, a pedido de Ferrari, foi confirmado em perpétuo com outra bula de primeiro de dezembro. Aprovou ainda que, sendo venerado como seu especial Protetor o Apóstolo São Paulo, intitulassem em seu nome a primeira igreja que edificassem, do que teve origem posteriormente a denominação de Clérigos Regulares de São Paulo, confirmada pelo mesmo Pontífice na mencionada bula de 1543, para diferenciá-los dos demais Clérigos Regulares. Finalmente, sem contar outras concessões, foi estabelecido que todos os privilégios da Santa Sé, já concedidos ou a serem futuramente concedidos aos Cônegos Lateranenses se comunicassem igualmente à sua Congregação.

Assim, o novo Instituto, há pouco vilipendiado e caluniado pelos homens do mundo, recebeu do Vigário de Cristo graças, favores e solene aprovação. Aquela pequena Congregação, que as potestades das trevas quiseram extinguir e aniquilar desde seu nascimento, tornava-se mais estável e vigorosa, pela vontade de Deus e em benefício de sua Igreja. Embora Deus não deixasse de estender, como sempre faz conforme as necessidades, muitas outras e mais galhardas ajudas à Igreja, então atormentada por tantas calamidades, especialmente através de algumas insignes Ordens religiosas por Ele destinadas a trabalhar em campo mais vasto e, assim, a recolher mais copiosas messes de almas, não desdenhou como supérflua a obra que à mesma Igreja prestaria em diversos lugares, segundo suas forças, a pequena Congregação dos Clérigos de São Paulo, seja fazendo florescer a piedade entre os Católicos, seja ainda defendendo a fê contra os herejes.

E, aqui, é lícito reportar uma observação já feita pelo Cardeal Deluca e por outros escritores sobre as condições particulares da época, em que se iniciou e foi posteriormente aprovada e confirmada pela Santa Sé a dita Congregação dos Clérigos de São Paulo. É bastante memorável na história eclesiástica o ano de 1530 pela famosa dieta de Augusta na Alemanha, na qual, por obra de Lutero e seus seguidores, tantos príncipes e povos se confirmaram na apostasia da fé católica. Ora, naquele mesmo ano, quis Deus que Antonio Maria Zaccaria, com Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia, se juntassem para formar o projeto de um novo instituto religioso, que fosse inteiramente dedicado a reavivar a piedade e reformar os costumes dos católicos, como foi feito em muitas cidades, notadamente da Itália, mas se estendendo para fora desta, concorrendo também esse instituto a combater as heresias rebeldes, como feito na Áustria, na Boêmia, na França, na Helvécia e na Savoia. Tal Instituto, que, por si e pelas Virgens Angélicas por ele dirigidas, apresentava um novo exemplo de perfeição religiosa, recebeu sua primeira aprovação do Papa Clemente VII em 1533, exatamente quando o mesmo Pontífice condenava a heresia de Giovanni Westfalia, que, de pregador católico, se fizera seguidor de Lutero, tendo, dentre muitos de seus erros, contestado como ilícita a profissão dos votos religiosos, infelizmente seduzindo e trazendo para a vida secular muitos monges. Além disso, assim como a Congregação dos Clérigos de São Paulo foi aprovada por Clemente VII no mesmo ano em que Henrique VIII, rei da Inglaterra, começava a mostrar sua perfídia, de que derivaram tantos danos para a Igreja, da mesma forma a referida Congregação foi confirmada por Paulo III, em 1535, quase na mesma época em que este, por decreto solene, condenava as núpcias ilegítimas daquele rei com Anna Bolena, o qual, obstinado na rebelião à Sé Romana, se declarava excomungado. Ainda naquele ano a cidade de Genebra teve afastado seu legítimo Pastor, rebelado contra a Igreja Romana, tornando-se a metrópole da seita de Calvino, que, após publicar na Basileia suas novas doutrinas, viera à Itália, sob nome falso, pretendendo infectar sua heresia na corte de Ferrara. Em sentido contrário, os Clérigos de São Paulo também foram a Ferrara alguns anos depois, chamados pela corte para repor, como o fizeram com a ajuda divina, a disciplina regular em alguns conventos muito relaxados, ao mesmo tempo reformando os costumes dos seculares. Com o correr do tempo, mandaram ao principado de Genebra homens de muita virtude e doutrina, que,

com zelo apostólico e conquista de muitas almas, combateram a heresia de Calvino. Ali se realizaria o vaticínio que lhes fizera São Francisco de Sales quando, chamando-os a fundar um Colégio em Annecy, escreveu ao pe. D. Justo Guerini: Venham com muito ânimo, porque vosso estabelecimento será muito profícuo e vantajoso não apenas para nossa cidade de Annecy, mas também para toda a Diocese de Genebra. Disso tudo se pode perceber como Deus, com singular providência, fomentava e promovia a Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, para que, de certa forma, servisse de compensação aos danos gravíssimos que, àquela época, se abatiam sobre sua Igreja.

CAPÍTULO XIX

Com a condessa de Guastalla institui as Angélicas de São Paulo

Dentre os muitos males que, ao tempo de Antonio Maria, afligiam a Igreja, não por último estava o desgaste que a heresia e a corrupção do mundo levaram aos mosteiros das Virgens sagradas. Na Alemanha, grande número de monjas, pervertidas pelas artes sedutoras dos hereges, abandonavam o claustro, deixando o véu sagrado e o pudor virginal, rompendo a fé dada a Cristo. Na Itália e em outras províncias, onde a heresia não chegara a tanto, era raro encontrar mosteiros onde ainda florescesse a disciplina regular e onde não houvesse penetrado o espírito mundano. Em Milão especialmente, dada a longa ausência dos Arcebispos, já não existia mais nem a observância nem o espírito religioso nos muitos mosteiros, abundantes naquela cidade. Ora, assim como Deus fomentara o zelo de seu servo Antonio Maria para que, com a instituição dos Clérigos Regulares de São Paulo, iniciasse e prosseguisse a obra de reforma do clero e do povo de Milão, da mesma forma quis se valer de sua obra para conduzir a tal perfeição virtuosa uma nova Ordem de Virgens claustrais, que se constituíssem em modelo e instrumento para a reforma de outras religiosas. Exatamente assim foram as chamadas Virgens Angélicas, de cuja instituição Antonio Maria participou tão ativamente de modo a requerer aqui uma narração especial.

Já se disse acima que a condessa de Guastalla, ao transferir residência para Milão, chamara Zaccaria para ajudar pe. Battista de Cre-

ma na direção espiritual das meninas que ela reunira, inicialmente para subtraí-las aos perigos do mundo e, em seguida, quando Deus assim o quisesse, para formar com elas um mosteiro de religiosas. Com a morte de pe. Battista de Crema no final de 1533, no castelo de Guastalla (para onde Antonio Maria se dirigiu para prestar-lhe os confortos extremos da religião), toda a direção espiritual das mencionadas meninas, como também da condessa de Guastalla, se concentrou em Zaccaria. Vendo um número suficiente de meninas, com vontade e virtudes, dispostas a abraçar o estado religioso, ele estimulou a Condessa a tentar obter junto ao Sumo Pontífice o direito de fundar um novo mosteiro de Virgens que professassem uma perfeita observância da vida religiosa. Tendo a Condessa aquiescido de bom grado, Antonio Maria, através do pe. Bartolomeu Ferrari, tratou disso com seu irmão Dom Basílio, que, estando na corte de Clemente VII, afinal apresentou, em nome de Ludovica, a súplica ao Papa. Mas, como Clemente caiu doente e veio a morrer, a súplica não pôde ter efeito, sendo novamente apresentada a Paulo III, sucessor de Clemente na Cátedra Pontifícia. Esse, com o abrangente diploma de 15 de janeiro de 1534, conforme o estilo florentino, ou seja, o de 1535, como era comum, concedeu a graça requerida, demonstrando, no ato que confirmava a súplica, uma singular alegria por Deus, no início de seu pontificado, ter feito surgir aquele pequeno, mas eleito, jardim de Virgens sacras, como feliz presságio de muitos outros que, em seguida, faria florescer para consolação de sua Igreja.

Assim obtida a aprovação pontifícia, logo se pensou em encontrar um lugar adequado para a fundação do mosteiro. Mas, nas várias pesquisas feitas para tal fim, foram encontradas algumas dificuldades e até o fim de agosto daquele ano não se conseguiu êxito em tal intento. Antonio Maria, então, ordenou àquela pia reunião de meninas que fizessem orações especiais a Deus, a fim de que o levassem a encontrar um lugar que melhor agradasse sua divina Majestade para ser por elas utilizado. Não tardou muito a se fazer conhecer a suprema vontade em modo, à primeira vista, estranho, mas que, depois, foi visto como quase prodigioso. Onde ninguém nunca teria pensado, Antonio Maria dirigiu sua atenção para algumas casinhas junto à paróquia de Santa Eufêmia, na região de porta Ludovica, onde, há muito tempo, se aninhara a fama de crápulas, jogos e desonestidade. Com muito desvelo e cautela, pôs-se a tratar da compra, sem deixar transparecer o uso a que se destinavam. Teve tanto êxito que em poucos dias compraria quatorze casinhas con-

tíguas. Mas, infelizmente, deveria pesar ao demônio ver-se assim subitamente expulso daqueles lugares que dominara durante tanto tempo. Quando se veio a saber que todas aquelas casas se destinavam a formar um mosteiro, levantou-se grande vozerio na vizinhança e alguns dos que as tinham vendido tentaram, embora em vão, rescindir o contrato. Assim, veio a se cumprir a profecia, feita alguns anos antes pelo Beato Amadeu franciscano, que, segundo narram diversos escritores, passando um dia diante daquelas casas, inicialmente deu alguns suspiros dolorosos pelas muitas ofensas que ali se faziam à divina Majestade, tendo, no entanto, de repente, serenado seu rosto, dizendo: Bendito seja Deus, pois ainda virá o tempo em que essas casas, atualmente ninho de demônios, serão eleitas como santa habitação de Virgens sagradas e deliciosa morada de Anjos. Então, com grande presteza, pôs-se mãos à obra para reunir todas aquelas casas em um só corpo, arrumando-as da melhor forma possível para servirem de mosteiro. Foi-lhes acrescido um Oratório dedicado a São Paulo, enquanto não se construísse um novo templo e um mosteiro mais amplo, o que, poucos anos depois, foi providenciado pela condessa de Guastalla. No começo de outubro de 1535, a referida Condessa transferiu-se, com suas meninas, da casa que mantinha em Santo Ambrósio para o novo mosteiro, que, no dia de Natal do mesmo ano, foi solenemente benzido por Monsenhor Mazza, Preposto de Santa Maria della Scala, para tanto especialmente designado pelo Pontífice. Em janeiro do ano seguinte, foi posto sob a proteção de São Paulo Apóstolo e em seu nome intitulado.

Dente outras coisas, constava do diploma pontifício a determinação de que o novo Instituto adotasse a regra de Santo Agostinho; que se escrevessem constituições próprias, em conformidade com os sacros cânones, posteriormente recebidas das mãos do Arcebispo; que se elegeassem seis ou oito religiosas de uma das três ordens de Santo Agostinho, São Domingos ou São Bento, para que instruissem as donzelas na observância regular; e que se elegeasse, independentemente do Ordinário, um confessor idôneo que não só tivesse ampla faculdade para ministrar os sacramentos, mas que, na ausência do Arcebispo, pudesse também confirmar a eleição da priora, visitar o mosteiro e, se necessário, punir as religiosas. Assim, em primeiro lugar, em 5 de fevereiro de 1536, para instrução das meninas na disciplina regular, foram chamadas dez das mais consideradas religiosas dominicanas do mosteiro de S. Lázaro, que, desejosas como eram da mais perfeita observância, de

muito bom grado aceitaram tal encargo. Mas, exceto por uma delas, de nome Bona de Castiglione (que, adotando o nome de Angélica Francisca, permaneceu no mosteiro de São Paulo, ali perseverando até ser mandada por Zaccaria para a direção do mosteiro das convertidas em Vicenza, onde morreu em odor de santidade), as outras nove, depois de quatro dias, foram constrangidas a voltar para seu mosteiro de São Lázaro. Seus parentes, mal suportando que passassem a uma vida mais austera, juntando-se à Companhia da condessa de Guastalla, por muitos vista como suspeita, recorreram ao braço secular e, assistidos pelo Capitão de justiça, tiraram-nas à força do mosteiro de São Paulo. Isto, de um lado, reduziu a ajuda a Antonio Maria, dando-lhe, por outro lado, o empenho e o mérito de dirigir as meninas na vida religiosa. Embora ainda não eleito formalmente confessor do mosteiro, o que ocorreu apenas no dia dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo em 1536, tanto a condessa de Guastalla quanto as meninas eram instruídas e dirigidas por ele em todas as coisas. Efetivamente, ele tomou um cuidado tão assíduo e infatigável em bem encaminhar o novo mosteiro no espírito religioso que maravilhava quem sabia que, ao mesmo tempo, ele devia atender ao ainda recente e não totalmente consolidado Instituto dos Clérigos de São Paulo, além das tantas outras obras de caridade empreendidas em benefício do próximo.

Em 26 de fevereiro de 1536, Antonio Maria começou a vestir com o hábito religioso, semelhante ao das monjas de São Domingos, algumas das virgens que ele sabia mais bem provadas na virtude. Na ocasião, foram apenas seis: Paola Antonia Negri, Antonia Maria del Sesto, Maria Maddalena Rotola, Tecla Martinengo, Battista del Sesto, e Agnese Baldironi, às quais, posteriormente, foram se juntando outras, tanto que, no mesmo ano, chegaram a vinte e quatro. Pretendem alguns que mesmo a condessa de Guastalla tenha vestido o hábito religioso como as outras, mudando o nome de Ludovica para Paola Maria. Mas, a verdade é que essa já mudara de nome desde 1531, ou mesmo antes, quando se entregara a uma vida mais perfeita; e embora tenha ido para o mosteiro de São Paulo para conviver com as novas religiosas, como, mais tarde, também fizeram outras matronas, jamais vestiu o hábito, como se extrai de uma carta manuscrita por ela própria e como também confirmado pela Angélica Paola Antonia Sfondrati, sua contemporânea. Tendo sido feita a eleição da primeira priora desde 4 de março de 1536, com a escolha de Battista del Sesto, tal não

teria acontecido se Torelli tivesse efetivamente vestido o hábito e professado a vida religiosa, pois, em tal caso, sem dúvida, ela é que teria sido eleita. Isso não significa, porém, que, como fundadora e mulher de muita piedade e experiência, não fosse ela a desempenhar o papel principal na direção do mosteiro. Com efeito, a Angélica Sfondrati dá notícia de que a condessa Torelli, com aprovação consensual das freiras, desde o início, escreveu determinados capítulos de regras para todos os tipos de ofícios e oficiais do mosteiro, nas quais as monjas aprendiam suas obrigações e a maneira de exercitarem seus ofícios. Tudo era tão bem organizado que, embora em tempos diversos, seja pela melhor prática, seja pelo respeito devido, muito pouco lhes foi acrescido, aqueles capítulos tendo sido sempre, por assim dizer, o compasso que endereçava as ações da casa. Foram considerados tão úteis e bem instituídos que acabaram por ser escolhidos pelos primeiros ministros de São Carlos Borromeu, Monsenhor Ormanetto e Alberto Lino, para ordenar o Conselho Provincial na causa das monjas. Como a condessa de Guastalla sempre costumava depender, em tudo e nas mínimas coisas, do conselho de Antonio Maria, seu diretor, não há dúvida de que especialmente a ele se devem atribuir tais regras, tanto quanto os demais ordenamentos feitos para a disciplina exterior do mosteiro. Não sabendo as novas religiosas com qual título se chamarem, considerados os vários usos de outras monjas, Antonio Maria deixou que tratassem disso livremente em capítulo, assumindo o nome que mais agradasse à maioria. Então, após a maioria ter dado seu parecer, levantou-se Agnese Baldironi, juvenzinha de 16 anos, dizendo que desejava que se chamassem Angélicas, para que o nome que portassem lhes fosse uma lembrança permanente da vida que deveriam levar, em tudo semelhante à dos anjos. Tal proposta, como se tivesse vindo dos céus, foi acolhida com grande satisfação por todas as monjas, tendo sido adotado desde então, com aprovação de Antonio Maria, o nome de Angélicas de São Paulo. Tal nome foi posteriormente confirmado pelo Pontífice Paulo III em 1549, quando, com seu breve de 6 de agosto, concedeu-lhes novos privilégios, notadamente o de estarem isentas da jurisdição do Arcebispo, ficando sujeitas à direção e à visita do Preposto dos Clérigos de São Paulo.

CAPÍTULO XX

Meios adotados por Antonio Maria para promover a perfeição religiosa dentre as Angélicas, bem como suas santas vidas. Sobre Giulia Sfondrati Picenardi e Paola Antonia Negri. Grande estima de São Carlos Borromeu pelas Angélicas.

Devo dizer alguma coisa sobre os muitos cuidados que Antonio Maria adotou no cultivo daquele jardim eleito de Virgens sacras e sobre a perfeição para a qual, mercê da graça divina, as conduziu. Antes de tudo, ele procedia muito lentamente para admitir que alguma delas vestisse o hábito religioso, ou fizesse a profissão, devendo antes e por longo tempo considerá-la bem provada na negação de si mesma. Assim também prosseguiram praticando os Prepostos dos Clérigos de São Paulo que lhe sucederam na direção do mosteiro. Escreve Sfondrati que “das primeiras fileiras até a última que vestiu o hábito, até ser publicado o sacro Concílio Tridentino, jamais se admitiu à profissão quem não fosse reconhecida, por muitas experiências, como idônea e apta por idade, juízo e outras condições; aliás, muitas permaneceram no hábito de noviça durante muitos anos antes de chegarem à profissão pública; tudo em proveito dos individual e do geral da Congregação”. Posteriormente, isso foi reconhecido no referido breve de Paulo III. A negação de si era o esforço precípua que Antonio Maria requeria daquelas religiosas, não cessando de exercitá-las até que as visse totalmente despidas de qualquer vontade própria e desejo de estima, para se tornarem conformes a seu Esposo Crucificado. Para tal fim, valia-se bastante das conferências espirituais, introduzidas entre as Angélicas do mesmo modo que eram praticadas entre seus religiosos. Procurava intervir com frequência. Enquanto, de um lado, instruía as filhas na doutrina celeste, inflamando-as no amor à virtude, por outro lado, com autoridade paterna, advertia-as, corrigia-as de seus defeitos e exercitava-as em diversos atos de humildade e mortificação. Se alguma desse algum sinal, ainda que mínimo, de soberba ou vaidade – algo tão fácil para a fraqueza humana – após forte, mas caridosa, repreensão, obrigava-a a reparar a falta com certa humilhação, às vezes fazendo com que sofresse alguma ofensa por parte das outras. Da mesma forma, se alguma faltasse ligeiramente contra a obediência ou contra a pobreza, ou ainda se mostrasse negligente nas coisas da piedade, vedava-lhe o uso do véu na cabeça ou o anel no dedo, como se fosse indigna daquele

símbolo do esponsal com Cristo, até que tivesse dado exemplar prova de emenda. A tudo as virtuosas filhas se submetiam de bom coração, cumprindo com prontidão e vivacidade de espírito, qualquer coisa que lhes fosse imposta por seu venerado pai espiritual. É verdade que Antonio Maria sabia adoçar sua severidade paterna com o zelo que mostrava por seu proveito espiritual, a fim de que se tornassem dignas esposas de Jesus Cristo, a quem eram consagradas. Sempre lhes inculcava o amor e a imitação de Jesus Crucificado, de modo que as palavras por amor do Crucificado, para imitar o Crucificado e outras semelhantes se tornaram o dito comum e familiar com que aquelas religiosas costumavam se entusiasmar para abraçar os opróbios, os sofrimentos e as cruces. Não as admitia à comunhão frequente se antes não tivessem se exercitado em diversos atos de humildade e mortificação, a fim de purificarem cada vez mais suas almas e se assemelharem a Cristo. Para que pudesse melhor temperar o exercício de negação, conforme a necessidade e as forças de cada uma, costumava, ao ouvir as confissões, investigar, com extrema diligência, as várias inclinações e disposições do coração de cada uma. Para dizer a verdade, isso pouco lhe custava, parecendo ilustrado por uma luz especial de Deus. Conhecia tão claramente as faltas cometidas pelas religiosas como se as tivesse presenciado.

Com tantos cuidados postos por Antonio Maria no cultivo espiritual daquelas Virgens sacras, o efeito desejado não poderia falhar: o mosteiro tornou-se, em pouco tempo, um modelo de perfeição religiosa. Todos os ofícios bem distribuídos e exercidos com exatidão e caridade; a disciplina regular plenamente observada; cada coisa em ordem, sem qualquer desconcerto. O silêncio não pesava para aquelas jovens religiosas; ao contrário, tornara-se caro e alegre para elas. A pobreza de espírito, pedra fundamental sobre a qual Antonio Maria quis erguer o edificio espiritual do mosteiro, era observada com tanto rigor que as religiosas não desejavam nada além de seus hábitos e alguma outra provisão ordenada pelas regras; tudo era comum a todas; a alimentação frugal, em geral ervas e legumes; as vestimentas rudes e grosseiras. E, com tudo isso, era tamanho o espírito de mortificação naquelas fervorosas religiosas que algumas pareciam fazer as refeições para sofrer, ao invés de para restaurar o corpo: mesmo em se tratando daqueles alimentos frugais, comiam tão pouco que não se sabia como podiam se sustentar. Algumas passavam vários dias da semana somente a pão e água. Não contentes com isso, ainda afligiam o corpo com cilícios, disciplinas

e outras obras de penitência, a ponto de Antonio Maria moderar seu fervor excessivo, não permitindo que fizessem obras extraordinárias de penitência além do prescrito pelas regras se antes não lhes tivesse bem provado o espírito. Paralelamente às práticas de mortificação, desenvolvia-se o exercício da oração. Parecendo-lhes curto o tempo de oração dado pelas regras, a maior parte se levantava antes da hora estabelecida para se entreter mais longamente com Deus. Havia ainda quem, imersa na doçura do céu, passava quase toda a noite rezando, mesmo no rigor do inverno, esquecendo-se do necessário repouso do corpo. O tempo deixado pela oração e pelos ofícios necessários da casa ocupavam com trabalhos manuais, que, em geral, consistiam em enrolar e tecer a seda, resguardando-se escrupulosamente, como de algo indigno a seu estado, de fazer qualquer trabalho que servisse para despertar a curiosidade ou a vaidade alheia. Essa é a descrição da vida das primeiras Angélicas de São Paulo deixada, por escrito, por duas diligentíssimas historiadoras da própria Ordem, suas testemunhas oculares. Assim se pode dizer que suas vidas correspondiam plenamente ao nome Angélicas por elas portado e que àquele lugar, por tanto tempo habitado por gente desqualificada, já se poderia aplicar o dito do Apóstolo onde abundou o pecado, superabundou a graça. Pelo grande zelo que tinha pelo bem de todos, Antonio Maria não tardou a fazer frutificar tal graça em outros mosteiros de Milão. Naquele tempo, ainda não estabelecida a clausura estrita e rigorosa, como posteriormente o seria, ele mandava algumas Angélicas de mais provadas virtudes a algum mosteiro, hospital ou conservatório de mulheres, reavivando em tais lugares a piedade e o fervor. Enquanto o bom odor das virtudes que floresciam no mosteiro de São Paulo se espalhava cada vez mais, muitas donzelas, inclusive nobres, não apenas de Milão, mas também de outras cidades da Lombardia, pediam para ser ali acolhidas, tanto que, como já se disse, no próprio ano de 1536, Antonio Maria deu o hábito a vinte e quatro e, no espaço de dois anos e meio, em que ele ainda sobreviveria, o número das Angélicas cresceu para quarenta.

Nesse ponto, não posso deixar de fazer especial menção a uma matrona ilustre, não só por suas virtudes, mas também por nascimento, que, atraída pela fama de santidade de Antonio Maria, foi para Milão viver sob sua direção espiritual, ela também abraçando o Instituto das Angélicas. Trata-se da nobilíssima Giulia Sfondrati, irmã do grande Cardeal Francesco Sfondrati, que fora Senador de Milão e casado, pai

do Pontífice Gregório XIV e de quatro filhas que posteriormente se tornaram Angélicas de São Paulo. Giulia, na jovem idade de vinte anos, ficou viúva de Cleto Picenardi, nobre mantuano, tendo um único filho que pouco depois também morreu. Embora na flor da idade, possuidora de raros dotes naturais e com patrimônio riquíssimo, entregou-se inteiramente à prática da piedade, levando vida extremamente exemplar. Como foi do agrado de Deus, esteve em Mântua o célebre pregador Serafino de Fermo, amigo e grande admirador de Zaccaria. Giulia teve várias oportunidades de falar com ele, ouvindo-o elogiar o bem que Antonio Maria e seus companheiros faziam em Milão e a vida admirável que, sob sua direção espiritual, levavam a condessa de Guastalla e as Angélicas de São Paulo. Inflamada por santa emulação, resolveu que ela também se retiraria para o mosteiro das Angélicas de Milão, de modo a, sob a direção de Antonio Maria, viver inteiramente para Deus. Em vão tentou o demônio demovê-la daquele propósito, mostrando-lhe o quanto ela poderia gozar do mundo e o quanto deveria sofrer no novo estado que pretendia abraçar. O amor a Deus que ela sentia crescer cada vez mais, todavia, triunfou: fazendo de seu palácio um Hospital para internação dos pobres enfermos de Mântua, partiu para Milão para viver com as Angélicas no mosteiro de São Paulo. Ali, inicialmente, morou por dezessete anos em hábito de viuvez, vestindo posteriormente o hábito religioso e adotando o nome de Angélica Paola. Após um período de prova de mais sete anos, fez sua profissão solene em 1562, depois do que ainda sobreviveu até outubro de 1575, quando, quase octogenária, encerrou santamente os seus dias. Em todo o tempo que passou entre as Angélicas de São Paulo, foi sempre de grande edificação para aquelas religiosas por suas admiráveis virtudes, especialmente pelo desprendimento do mundo e de si mesma, pelo espírito de oração e pela perfeita conformidade à vontade de Deus. Por tais virtudes, dedicou-se, várias vezes, com muito proveito, junto a outras Angélicas, à reforma dos diversos mosteiros de mulheres nas missões que os Clérigos de São Paulo empreenderam em Vicenza, Verona, Veneza e outros lugares. Foi também de grande ajuda temporal seja ao mosteiro das Angélicas, seja aos Clérigos de São Paulo, subvencionando-os com seus bens, especialmente quando, faltando as doações da condessa de Guastalla, ambos os Institutos se viram em grande penúria. Foi em tudo uma digna imitadora, como muitos a chamaram, da santa viúva romana, também ela de nome Paola, celebrada por São Jerônimo, de quem foi discípula

e a cujo sustento provia com suas doações.

Assim como essa Angélica Paola foi louvável até o fim, igualmente admirável foi o início de outra Angélica, também ela de nome Paola, que ficou famosa a princípio por suas virtudes e depois por sua soberba. Como muitos escreveram sobre ela em diversos sentidos, é meu dever fazer aqui um breve aceno, conforme a verdade, seja em respeito a Antonio Maria, seja ainda para um esclarecimento comum. A Angélica de quem quero falar é Paola Antonia Negri, inicialmente chamada Virginia e originária de Castellanza, pequena aldeia da diocese de Milão. Desde joventinha demonstrou inteligência elevada e vivaz, mas certa inclinação para a futilidade e a vaidade. Com cerca de 22 anos, por volta de 1530, foi recebida pela condessa de Guastalla entre as meninas por ela reunidas em sua casa nas proximidades de Santo Ambrósio. Deu-se então com muito ardor ao exercício da piedade, primeiramente sob a direção do pe. Battista de Crema e, depois, de Antonio Maria. Tal foi o aproveitamento que teve em todo tipo de virtude que foi a primeira a receber de Antonio Maria, em 1536, o hábito das Angélicas. Aliás, apenas composta a comunidade, recebeu do mesmo a importantíssima tarefa de educar as noviças. E, efetivamente, tal ofício não poderia ter sido confiado a melhores mãos, pois Paola Antonia, além de ser um modelo de todas as virtudes religiosas, era dotada de alta compreensão das coisas do espírito e habilíssima na arte de dirigir os corações. Também por tais dotes foi transferida por Antonio Maria para a missão de Vicenza, onde, com seus argumentos plenos de espírito, conduziu não poucas mulheres e alguns homens de qualidade ao caminho da salvação espiritual. Assim foi a Negri enquanto Antonio Maria viveu e assim, ao menos aparentemente, perseverou por mais alguns anos enquanto as Angélicas estiveram sob a direção espiritual dos dois primeiros companheiros de Zaccaria, Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia. Mas, após a morte desses, Paola Antonia começou a tomar liberdades excessivas e se deixar envaidecer pelas tantas opiniões que, apontando sua santidade, a tinham como uma nova Santa Catarina de Siena. Chegou a tal ponto de soberba que não queria mais se submeter às ordens do Preposto dos Clérigos de São Paulo, que cuidava do mosteiro, pretendendo governar-se por si mesma e, o que é pior, dirigir os outros conforme sua vontade, vangloriando-se, com estulta presunção, de ter herdado o espírito do Padre Zaccaria. Então, pe. Besozzi, com o posto que tinha de Preposto dos Clérigos de São Paulo, julgou ser sua

obrigação chamar ao dever aquela desviada, pedindo, exortando, repreendendo-a privada e publicamente. Mas, ela, já totalmente cega pela soberba, ao invés de aproveitar as advertências de Besozzi, abriu uma guerra contra ele, através de alguns Padres de São Paulo dela devotos, a ponto de constrangê-lo a abdicar de seu cargo por amor à paz. Assumindo tal cargo, em 1551, o pe. Marta, homem de grande prudência e não menos firmeza, vendo que qualquer outra tentativa seria inútil e que, por causa daquela mísera obstinada, tanto a Comunidade das Angélicas, quanto a dos Clérigos de São Paulo estavam sendo subvertidas, suplicou ao Pontífice Júlio III que, com sua autoridade, remediasse tanta desordem. Para resolver a questão, o Pontífice mandou a Milão, na qualidade de Visitador Apostólico, Monsenhor Marino, Bispo de Alba. Informando-se, após judicioso exame, sobre como a Negri, por artes do demônio, se atribuía o título de mestra divina, o dom da profecia e conhecimento dos espíritos, bem como usurpava a autoridade dos sacerdotes e prelados, perturbando o mosteiro, Monsenhor Marino ordenou que ela se recolhesse ao mosteiro de Santa Clara, com rigorosa proibição de se comunicar, mesmo por carta, com qualquer estranho, exceto o confessor do referido mosteiro. Mas, ela encontrou meios de escapar a tal proibição e, com suas cartas, induziu muitos de seus seguidores a se separarem da Congregação dos Clérigos de São Paulo. Posteriormente, ela mesma, com ajuda daqueles e sob o pretexto de cuidar de sua saúde, conseguiu sair do mosteiro de Santa Clara. Novamente constrangida, por ordem pontifícia, a retornar, mas não mais aceita pelas monjas já demasiadamente indignadas com seus comportamentos soberbos, voltou para sua casa, onde, transcorridos apenas dois anos, morreu em 1555, não se sabendo se mudada ou se ainda obstinada. Qualquer virtude desaparece, ou se torna mesmo perigosa, se não for bem protegida pela humildade! E parece que Antonio Maria temia isso especialmente na Negri. Embora, enquanto ela viveu sob direção dele e mesmo alguns anos depois, não aparecesse ainda nenhum indício efetivo da soberba posteriormente manifestada, é certo que Antonio Maria, com o fino discernimento de que era dotado, quer por visualizar na Negri algo que outros não viam, quer apenas porque quisesse imunizá-la contra o perigo fácil do envaidecimento, procurava, antes de tudo, mantê-la solidamente fundada na humildade, submetendo-a a provas duríssimas, tanto que, certa vez, por uma razão qualquer, ordenou que as noviças lhe cuspiem no rosto por desprezo (coisa estranha em si,

mas bem oportuna para Paola Antonia). Aliás, uma carta que Antonio Maria escreveu a Negri e a todas as Angélicas, pouco antes de adoecer até à morte, faz parecer que, de certa forma, ele já previa a prevaricação dela, querendo por isso avisá-la a ficar alerta. Avizinhando-se a festa de São Barnabé, escolheu o tema das informações sobre o Apóstolo São Paulo dadas por aquele Santo aos fiéis, que ainda não confiavam nele, e começou dizendo: “Ora, minha irmã, se me permite, desejaria ter com você a mesma liberdade que têm os grandes santos e também manifestar-lhe que aquilo que, por causa da grande perfeição que eles têm, é neles uma experiência e um sinal certo de sua santidade madura, seria para nós, ocasião de clara e verdadeira ruína ou então, um sinal evidente de não termos ainda abandonado os nossos hábitos antigos e envelhecidos” (10904). A seguir, presumindo-se que queria falar a Paola Antonia de coisas que também poderiam ser entendidas pelas outras Angélicas, deixando, porém que ela, em seu interior, ruminasse o texto, desceu a especificar alguns defeitos que eventualmente aparecem em pessoas com fama de santidade, mencionando exatamente aqueles que posteriormente apareceram na Negri. No final, tornava, com boas maneiras, a alertá-la indiretamente para estar em guarda em relação a si mesma, dando-lhe a tarefa de fazer às demais uma fervorosa exortação de não tomarem demasiadas liberdades, para evitar que, diz ele, *“em vez de crescer na perfeição, elas caíam, talvez, no inferno do pior relaxamento”* (10912).

As Angélicas, porém, com pouquíssimas exceções, não se deixaram seduzir pelo mau exemplo da Negri, não obstante o alto conceito em que antes a tinham, como se fosse uma santa, e a veneração que professavam a ela como sua mestra. Cessada a breve desordem que a ambição de Negri suscitara no mosteiro, prosseguiram, com constância exemplar, mantendo o espírito primitivo recebido de Zaccaria, de modo que, ao tempo de São Carlos Borromeu, isto é, trinta anos depois de sua instituição, mereceram dos eclesiásticos que o santo Arcebispo designara para promover a reforma das monjas o seguinte testemunho honroso: “que não viram, naquele tempo, nenhum outro mosteiro que, pela disciplina de vida religiosa, chegasse mais perto do ótimo e do perfeito do que o mosteiro das Angélicas de São Paulo, pelo que São Carlo dali tirou muitas delas para dirigir outros mosteiros a fim de reformá-los.” Assim escreveu o Venerável Bascapè na vida desse Santo.

E acrescenta Gabuzio que o santo Arcebispo costumava apre-

sentá-las como modelo para outras religiosas e que, quando acontecia de ter que promulgar algum novo ordenamento sobre a disciplina das monjas, propunha-o primeiramente para as Angélicas, dizendo-lhes que desejava que fossem elas as primeiras a observá-lo, de modo que as outras mais facilmente seguissem seu exemplo. Pela singular estima que tinha por elas, dignava-se a visitá-las com frequência, orientando-as sobre a piedade com santos argumentos; protegendo-as com sua autoridade; e, enquanto viveu, demonstrando-lhes, de todas as maneiras, sua especial benquerença. Como escreve Sfondrati, quis que tivessem uma lembrança de tal benquerença mesmo depois de sua morte, por isso deixando-lhes por testamento um de seus mais caros quadros religiosos, representando o Calvário, diante do qual costumava fazer suas orações.

CAPÍTULO XXI

Eleição do primeiro Preposto dos Clérigos de São Paulo. Novas calúnias contra esses e contra as Angélicas

Agora, voltando a Antonio Maria, após ter, com a condessa de Guastalla, estabelecido o mosteiro das Angélicas junto a Santa Eufêmia, obteve a doação para os Clérigos de São Paulo da casa onde antes estavam recolhidas suas meninas, próximo a Santo Ambrósio. Antonio Maria assim se transferiu com seus companheiros para lá, ao final de 1535, abandonando a casa de Santa Catarina. Aberto ali um pequeno Oratório em honra de São Paulo Degolado, posteriormente reduzido a Igreja pública em 1542, continuou promovendo todos os exercícios de piedade que costumava praticar em proveito das almas, ministrando sacramentos, pregando a palavra divina e mantendo frequentes conferências espirituais quer para os eclesiásticos, quer para os leigos. E isso sem descuidar das muitas outras obras de caridade, a que ele e seus companheiros costumavam se dedicar também fora de casa, de modo que todos se esforçavam sem cessar, cada qual conforme suas forças, em proveito do próximo, sempre com novas conquistas de almas.

Assim estabelecidos os Clérigos de São Paulo na nova casa, Antonio Maria, seja para se desencarregar, seja para se conformar plenamente à bula de Paulo III, entendeu que não poderia mais adiar a

nomeação capitular do Preposto. Até então ele sempre dirigira aquela pequena família tão somente sob o título da superioridade que, por sua qualidade de primeiro fundador e paterna caridade, merecia de seus companheiros, que o chamavam de Pai e, como a um Pai, obedeciam-no em tudo, professando-lhe suma reverência. Então reunidos seus religiosos em capítulo, disse a eles parecer-lhe que já era tempo de que sua pequena Congregação tivesse um legítimo Chefe que a governasse, aduzindo que a superioridade, que, de algum modo, indignamente exercera sobre eles até então, fora efeito unicamente da humildade deles, que, naqueles tempos iniciais, quiseram espontaneamente prestar-lhe tal obediência, não tendo motivo, nem mérito para repeli-los; mas, já conduzidas a bom termo, pela graça de Deus, as coisas de seu Instituto, podendo-se esperar estabilidade e crescimento, não era mais conveniente, nem lícito, que mantivesse qualquer espécie de autoridade, sem estar contrariando a vontade expressa do Sumo Pontífice, que, na bula de aprovação da Ordem, dava-lhes a faculdade de elegerem regularmente um Preposto, que, com autoridade legítima, os governasse. Pediu-lhes, portanto, que promovessem, sem mais demora, a eleição. Tais palavras comoveram os Padres que, a uma só voz, declararam que, se era preciso nomear um Preposto, ninguém poderia ser mais digno de ser eleito a tal ofício do que o próprio Antonio Maria, até então Pai caridoso e mestre de todos. Mas, julgando-se indigno de tal proeminência e preferindo muito mais estar sujeito do que comandar, tanto soube dizer e pedir, alegando várias razões para ser liberado de tal peso, que, afinal, induziu-os a contentá-lo. Assim, ordenou orações especiais por três dias, a fim de obterem do Espírito Santo a necessária luz para uma sábia eleição. Em seguida, reunido o capítulo por três vezes, Antonio Maria pôs-se a examinar várias coisas concernentes à próxima eleição e às qualidades que deveriam ser exigidas do novo Superior, para, finalmente, na última reunião, vindo a externar o seu voto (como, durante algum tempo, foi costume, até que o Concílio de Trento veio a estatuir que os votos fossem secretos), disse o quanto estimava todos idôneos, mas que elegia para o ofício de Preposto o pe. Tiago Antonio Morigia. Em vão, esse tentou subtrair-se a tal peso, exagerando sua indignidade e pedindo para que elessem algum outro mais eficiente. No entanto, todos concordaram em nomeá-lo Preposto, constringendo-o a aceitar. Assim, em 15 de abril de 1536, foi regularmente criado o primeiro Preposto da Congregação dos Clérigos de São Paulo, por mãos do Padre

Antonio Maria Zaccaria, como nota uma antiga crônica, o que prova a autoridade e a importância maior que nele se reconhecia como primeiro Fundador.

Com essa eleição de Morigia para Preposto da Congregação, Antonio Maria ficou um pouco mais livre para atender aos cuidados das Angélicas e a outras obras de caridade que empreendia para benefício do próximo. No entanto, enquanto viveu, não deixou de sempre exercer o papel principal na direção de seus religiosos, pois Morigia, em quem não eram menores a humildade, a prudência e a habilidade de governar (na qual teve pouquíssimos pares na Congregação), sempre manteve em relação a Antonio Maria a mesma veneração que lhe tivera como Pai e superior de todos. Assim, não só jamais empreendia algo sério e importante sem seu conselho, mas, geralmente, na direção da Congregação, em tudo desejava depender dos sinais de Zaccaria, que, por isso, embora sem o nome de Preposto, acabava constringido a suportar boa parte do peso da função. Além disso, Morigia quis que especialmente duas coisas permanecessem inteiramente reservadas a Antonio Maria, praticamente como um privilégio devido a quem era o principal chefe e Instituidor daquela família religiosa. A primeira foi a de presidir as conferências espirituais, de modo que somente a ele tocasse o ofício de definir as propostas, corrigir e advertir os outros e impor-lhes as penitências. A outra, ainda mais notável, foi a plena autoridade para aceitar os noviços e dar-lhes o hábito religioso.

De todo modo, estando Antonio Maria aliviado pelo novo Preposto do governo dos Clérigos de São Paulo, pôde, com maior assiduidade, atender ao cultivo das Angélicas, provendo mais eficazmente à estabilidade e ao aperfeiçoamento de ambos os Institutos, que, logo, por obra dos malévolos, se viram de novo em grande perigo. A perseguição, surgida dois anos antes contra a condessa de Guastalla e os Clérigos de São Paulo, que parecia praticamente aplacada, tornou a se levantar mais forte do que nunca, não só pelas razões anteriores, mas também pelo ressentimento que os parentes da Condessa tinham em relação às muitas despesas que ela fazia no mosteiro de São Paulo e em outras obras pias, tirando-lhes toda esperança de poder herdar alguma coisa dela. Adotaram todo tipo de injúria contra ela, desafogando sua raivosa sede de dinheiro, tanto que, certa vez, chegaram a afrontá-la em uma igreja, sendo necessário que acorressem os oficiais da Justiça de modo a tirá-la do meio deles. Junto com outros malévolos, relembran-

do e exagerando as calúnias passadas contra as várias Congregações instituídas por Antonio Maria, fizeram saber secretamente ao Pontífice Paulo III, sem nominar uma pessoa, “como em Milão, cidade tão pia e respeitável, foram introduzidos determinados conluios de alguns tipos de um e outro sexo, que seguiam uma seita designada por Frei Battista de Crema, já falecido, na qual se continham muitas heresias condenadas pela Igreja, especialmente as de Beguine e dos Pobres de Lion.” Impulsionado por tais rumores, o Papa expediu um breve a Monsenhor Moroni, bispo de Lodi, então residente em Milão, e a Frei Tommaso de Beccadelli, Provincial da Ordem dos Pregadores na Lombardia, encarregando-os de investigar diligentemente o fato e, encontrados os culpados, puni-los conforme a razão. Não se sabe qual resultado teria esse breve, datado de 26 de junho de 1536, como referido pelo continuador de Baronio. Talvez não tivesse tido nenhum, porque a condessa de Guastalla, vendo reforçar-se de novo a perseguição e tornarem a campo as calúnias anteriores, a fim de colocar as Angélicas e os Clérigos de São Paulo a salvo dos danos que dali pudessem advir, em acordo com Zaccaria e com Morigi, já fizera uma ação junto aos Tribunais para que se retomassem os processos iniciados e suspensos em 1534, de modo a se chegar a uma sentença definitiva. E, de fato, quando chegou o breve de Paulo III, os processos já tinham sido retomados desde 20 de junho. Foi, portanto, examinada a causa pelos mesmos juizes de antes, isto é, o Inquisidor Crivelli, o Vigário Tosi e o Senador Casati, não mais, no entanto, cada um separadamente, como antes, mas sim pelos três juntos, reunidos em colegiado. Após mais de um ano de deliberações, finalmente, em 21 de agosto do ano seguinte – 1537 – pronunciaram sua sentença, declarando a condessa de Guastalla com suas companheiras, assim como os Padres Zaccaria, Morigia e Ferrari, de todo inocentes de qualquer culpa a eles atribuída, e mais, fazendo muitos elogios a suas virtudes e santidade de vida, do que amplos testemunhos foram em seguida enviados a Roma.

Tiago Antonio Morigia
Primeiro Preposto dos Clérigos de São Paulo

CAPÍTULO XXII

Antonio Maria empreende missão em Vicenza: os frutos que se seguiram

As calúnias e perseguições que se sofrem pela justiça, assim como aquelas que admiravelmente servem para fazer mais resplandecente a virtude de quem é erradamente vilipendiado, efetivamente podem obscurecer, por algum tempo, a reputação dos inocentes, mas jamais a apagam totalmente. Ao contrário, no mais das vezes, alcançam o efeito contrário, tornando-a mais clara e celebrada. Daí ser vão o esforço de quem utiliza tal meio para impedir as obras de Deus, pois Deus ri dos conselhos perversos dos homens e mais poderosamente demonstra a virtude de seu braço, quando mais fortemente vê contrastados seus desígnios. Assim, pois, a renovada perseguição contra os dois Institutos dos Clérigos Regulares e das Angélicas, fundados por Zaccaria, também dessa vez, se voltou, como visto, para uma solene justificação deles. Mas, o mais admirável é que, enquanto alguns queriam sufocar os dois Institutos às custas de calúnias e enquanto esses ainda estavam submetidos a processo em Milão, a fama de sua santidade cada vez mais se espalhava por outras cidades da Lombardia. Deus assim dispunha que fossem chamados a promover também em outros lugares a reforma dos costumes que tentavam impedir que fizessem em Milão.

A diocese de Vicenza era então dirigida pelo Cardeal Nicolau Ridolfi, ilustre não só por piedade como por nascimento, além de muito zeloso da disciplina eclesiástica. Ouvindo falar sobre o quanto Antonio Maria e seus companheiros agiam pela salvação das almas em Milão e como, sob a direção deles, florescia o mosteiro das Angélicas de São Paulo, pensou em se valer de uns e outras em benefício de sua diocese, especialmente para a reforma de dois mosteiros de mulheres, nos quais a primeira observância estava há muito decadente. Pediu então a Antonio Maria que se dignasse a se deslocar a Vicenza com algumas de suas religiosas mais experimentadas, morando ali por algum tempo, a fim de lhe ajudar na pretendida reforma daqueles mosteiros. Tal demanda pareceu a Zaccaria uma novidade, pois, até então, acreditara que a cidade de Milão bastaria para os esforços seus e de seus companheiros. Mas, pensando no motivo e na importância daquela chamada, que poderia ter sido ordenada por Deus para um maior bem das almas, não lhe pareceu que pudesse desprezá-la. Por isso, depois de fazer

orações especiais, conforme era seu costume, aconselhou-se com seus companheiros e, em acordo com eles, resolveu aceitar a tarefa, própria de suas vocações. Dizia ele que, como sua Congregação fora eleita por Deus exatamente para esse fim, seus discípulos deveriam abraçar, com grande altivez de ânimo, a cruz, os sofrimentos e os opróbios de Cristo, ao mesmo tempo, buscando a salvação e a santificação das almas, de modo que essa mesma Congregação fosse praticamente um viveiro onde a piedade cristã, àquela altura seca e debilitada, se reavivasse e recuperasse o antigo vigor.

Antes, porém, de empreender tal missão, dizem alguns que Antonio Maria teria pedido especial permissão ao Sumo Pontífice, apresentando-lhe uma súplica em seu nome e no de seus dois companheiros Ferrari e Morigia, como também da condessa Torelli, de Virginia Negri e Bianca Martinengo, tendo o Pontífice benignamente concordado, concedendo a Zaccaria e a seus companheiros o privilégio do altar portátil, podendo celebrar a missa todos os dias, administrar por toda parte os sacramentos da penitência e da eucaristia, bem como dispensar várias indulgências. A Torelli e às outras duas suplicantes teria concedido o direito de, juntamente com três ou quatro matronas de sua escolha, entrarem quatro vezes por ano nos mosteiros das religiosas de qualquer Ordem, inclusive a de Santa Clara. Mas, além de não parecer razoável que Antonio Maria, após o convite do Bispo, tivesse que pedir especial licença ao Pontífice para a missão de Vicenza, no rescrito texto referido (do qual se achou posteriormente um antigo exemplar no Colégio de Guastalla), não há qualquer menção à missão de Vicenza. Ao contrário, do teor do rescrito e da súplica referente ao mesmo resulta bastante claro que essa data de muitos anos antes da dita missão, a concessão tendo sido provavelmente dada não por Paulo III, mas sim por Clemente VII desde o final de 1531, quando nem os Clérigos Regulares de São Paulo nem as Angélicas estavam constituídos em forma de Congregação.

Assim, por volta do final de maio de 1537, Antonio Maria, acompanhado de alguns dos seus e seguido pela Torelli, Giulia Sfondrati e algumas Angélicas, foi para Vicenza. Ali chegando, dirigiu-se diretamente à catedral para ali adorar Jesus Cristo no Sacramento e implorar a Ele a necessária ajuda para o bom êxito da missão que estava por empreender. Logo passou a receber a benção e as necessárias instruções do Vigário do Bispo. Após atribuir a cada um a respectiva tarefa, estabeleceu a forma a ser adotada em todas as suas operações.

Inicialmente, pôs-se a reformar o mosteiro, ou seja, o conservatório das Convertidas, para o qual, ao que parece, tinha sido principalmente designada aquela missão. O mosteiro era assim chamado por ser composto de mulheres que, em sua maioria, se converteram de uma vida má e foram ali acolhidas sob a proteção de Santa Maria Madalena, para viverem em penitência, como efetivamente o fizeram durante algum tempo. Posteriormente, porém, esvanecido seu fervor de espírito, voltaram aos desejos anteriores, para grave escândalo das pessoas. Não foi pouco o trabalho de Antonio Maria para reconduzir aquelas mulheres à forma de vida que lhes convinha. De todo modo, por suas fervorosas exortações e com a ajuda prestada pelas Angélicas e pelas matronas, que levava consigo, conseguiu, mediante a graça divina, mudar de tal modo os ânimos daquelas mulheres que todas, de bom grado, se dispuseram a aceitar as reformas que lhes foram propostas. Para que melhor fossem levadas a efeito e consolidadas as reformas, Antonio Maria, ao voltar para Milão, mandou algumas outras Angélicas para assumirem a direção do mosteiro, conforme requerido pelo Monsenhor Vigário e outros Dirigentes daquele lugar. Mas, ele, pelo menos por então, não retornaria a Vicenza. Embora nas memórias do mosteiro de São Paulo esteja dito que Antonio Maria acompanhou as Angélicas, que então foram para Vicenza, isso não parece possível, a não ser talvez em uma ou outra ocasião. Se elas partiram de Milão em 2 de julho, chegando a Vicenza somente no dia 7, vemos que, no dia 9 do referido mês, Antonio Maria estava em Milão. Antes de tudo, recuso-me a crer que voltasse a Vicenza e ali ficasse tão pouco tempo no outono, como supôs Bugatti. Assim, poder-se-ia conciliar com o que dizem aqueles que apontam simplesmente sua ida a Vicenza por volta do final de 1537. Ora, enquanto Antonio Maria se ocupava, com tão bom resultado, da reforma das Convertidas, foi-lhe requerido igualmente que reformasse um mosteiro de Virgens religiosas, denominadas de São Silvestre, que, descuidando da observância regular, tinham se entregado a muitas vaidades e licenças em nada convenientes à perfeição de seu estado. Também essas religiosas foram, em breve, reconduzidas por ele à mais exata observância, tanto que, alguns anos depois de sua morte, pe. Serafim de Fermo, ao dedicar-lhes uma pequena obra espiritual sobre a oração, querendo estimulá-las a progredir no caminho da santidade, recordava-lhes as virtudes e os méritos de Antonio Maria, Pai dele e delas, como o chamava, persuadido que a memória de um tal homem, por si só,

bastaria a reavivar nelas o fervor de espírito que, graças a ele, tinham readquirido.

Mas, Antonio Maria não se contentava apenas com a reforma dos dois mosteiros acima mencionados. Como, à imitação do Apóstolo, se julgava devedor de todos, quis também, no que pudesse, empenhar-se em proveito de todos. Dividindo convenientemente suas horas em várias obras de caridade, logo começou a praticar em Vicenza o que costumava fazer em Milão, especialmente suas conferências espirituais, nas quais argumentava familiarmente de modo a extirpar os vícios, adquirir as virtudes e informar as famílias sobre a vida cristã. Dada a novidade, isso resultava muito agradável aos cidadãos e não foram poucos os que se dedicaram à prática da piedade cristã. Dentre esses, cabe destacar Nicolau Aviani, cidadão vicentino, célebre na profissão de Advogado; Giovanni Melsi, nobre udinense, então presidente do Tribunal em Vicenza; Jerônimo Maria Marta, cavaleiro trevisano, também jurista competente, encontrando-se naquele tempo em Vicenza no patrocínio de algumas causas; e Giovanni Battista Caino, prelado milanês que para lá se deslocara de Roma a fim de tratar de alguns negócios relevantes com a Prefeitura. Todos eles, cultivando as sementes de piedade recebidas pelas exortações de Zaccaria, chegaram a tal desejo de perfeição que, com o tempo, deixaram o estado secular e ingressaram na Congregação dos Clérigos de São Paulo, da qual, posteriormente, foram destaque e sustento. Não foi menor o proveito extraído do zelo de Antonio Maria pelas mulheres, especialmente as nobres, daquela cidade. Muitas, compungidas pelas fervorosas argumentações do Servo de Deus, deixaram a vaidade de seus vestidos e adotaram roupas mais conformes à santidade do evangelho. Outras, já viúvas, ou ainda solteiras, estimuladas pelo exemplo da Torelli e da Sfondrati e admiradas com a santa conversação das Angélicas, abandonaram casas e parentes, dirigindo-se a Milão para ali se consagrarem a Deus no mosteiro de São Paulo.

Em suma, a missão de Antonio Maria em Vicenza serviu a todo tipo de pessoas, fazendo reviver em toda parte a piedade cristã, de modo que toda a cidade parecia se renovar. Os eclesiásticos tornaram-se mais zelosos e exemplares; os nobres e poderosos mais tementes a Deus; os homens de todas as condições mais observantes das leis de Deus e da Igreja. Como resultado daquela missão, viram-se muitos ódios inveterados se apagarem; muitas práticas desonestas se romperem; mui-

tas famílias reconduzidas a modos de vida cristãos; mais equidade nos contratos; mais modéstia nas conversas; mais largueza nas esmolas; maior frequência aos sacramentos e às funções sacras. Nesse ponto, não se pode deixar de mencionar o pio costume, introduzido por Antonio Maria em Vicenza, como já o havia feito em Cremona e em Milão, consistente na exposição do augustíssimo Sacramento à adoração dos fiéis pelas chamadas Quarenta Horas, com um solene aparato e grande quantidade de candeeiros. Para esse fim, ele se valia especialmente do trabalho de um certo frei Bono, cremonense, homem de vida santa, do qual oportunamente se voltará a falar no livro segundo.

É verdade que Antonio Maria não foi o único a se esforçar na missão em Vicenza, a qual, aliás, teve que abandonar após um mês ou um pouco mais, enviando em seu lugar Ferrari que a prosseguiu por quase dois anos, para indizível proveito daquela cidade. Certamente, há que se dizer que Ferrari e os outros não fizeram mais do que afiar e cultivar o que Antonio Maria plantara, pois por ele foram primeiramente estabelecidas e executadas todas as práticas da missão da qual tantos frutos ele já havia colhido em tão pouco tempo. Mesmo depois, não deixou de promover aquela obra, enviando com frequência cartas seja a seus filhos espirituais para animá-los a progredir no serviço do Senhor, seja principalmente a Ferrari, para confortá-lo a prosseguir na missão com ardor e santa confiança. Veja-se, a esse propósito, com que afeto e solicitude escreveu a Ferrari e aos outros que estavam na missão, em uma carta de 8 de outubro de 1538: *“Meus santos filhos em Cristo, de que vocês estão duvidando? Ainda não perceberam que, nesta missão, nunca lhes faltaram recursos para dar aos que estão precisando? Não existe nada de mais certo e que mais faça aumentar a segurança, do que a experiência.”* (10601) E prossegue: *“Tenham a certeza que o Cristo Crucificado tomará a iniciativa antes que vocês falem e estará ao seu lado em todas as palavras e boas intenções. Paulo dizia (2Cor. 10,13) que chegaria até os limites que o Cristo marcasse. Ora, o limite que Jesus Crucificado lhes prometeu é que as forças de vocês irão penetrar os corações até o mais profundo (Hb. 4,12). Será que vocês não vêem que Ele lhes abriu as portas com suas próprias mãos? Portanto, quem os impedirá de penetrar intimamente nesses corações, de mexer com eles e de trabalhá-los, até que fiquem enriquecidos com verdadeiros valores? Ora, ninguém! Seja quem for, nem o demônio, nem criatura alguma (Rm. 8,39). Não se deixem desanimar pelas dificuldades que*

aparecerem na hora de falar ou de fazer qualquer outra coisa, porque, da mesma maneira que ir à escola, acaba com a ignorância ou tal como o uso do ferro o torna mais brilhante, assim também acontece na prática da vida cristã. Paulo não foi, no começo, o que foi mais tarde e nem os outros! Fiquem, então, firmes e certos de que, sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas (1. Cor. 3,12) e o céu, com seus tesouros, se abrirá para vocês e seus irmãos (At. 7,55). Caríssimos, recebam antecipadamente os meus parabéns por causa da perfeição à qual vocês vão chegar, levados pelos seus bons sentimentos. Se vocês estivessem aqui, nada poderia impedir que eu os abraçasse e fosse carinhoso com todos. Mas, Jesus, faça isso em meu lugar! Filho caríssimo (Bartolomeu), nós carregamos juntos o peso da missão que você está carregando agora; creio que você já percebeu isso. Nós nem poderíamos deixar de ficar juntos em todos os momentos, pois estamos aí sentindo tudo junto com você. Por isso, não tenha medo de errar e a mais ampla liberdade que lhe demos é a garantia de que suas coisas terão um final feliz.

”, indo até o primeiro parágrafo de página 26, terminando em “final feliz.” Assim ele concorria para aquela missão com afeto e com conselhos, quando não podia mais dela tomar parte ativamente”. (10602-10606).

CAPÍTULO XXIII

Voltando a Milão, dedica-se a promover as obras antes iniciadas e trata de adquirir o prédio de São Barnabé. Seu desejo de professar os votos solenes.

Antonio Maria ficou em Vicenza um mês ou pouco mais, conseguindo seu principal objetivo, isto é, o de reformar o lugar pio das Convertidas e o mosteiro de São Silvestre. Vendo que a missão fora bem lançada, de modo que outros poderiam comodamente continuá-la, voltou, como mencionado, para Milão, onde sua presença se fazia mais necessária não só para melhor consolidar o Instituto dos Clérigos de São Paulo, mas também para a direção espiritual das Angélicas, le-

vando a bom termo os caridosos projetos da condessa de Guastalla. Ali, nos dois anos em que ainda viveu, não cessou de se dedicar, com bastante empenho, a promover sempre mais aquelas virgens religiosas no caminho da santidade, ouvindo suas confissões, intervindo em suas conferências espirituais e orientando-as no cumprimento de todos os deveres próprios a seu estado. Ao mesmo tempo, prosseguia mantendo na casa de Santo Ambrósio as costumeiras conferências espirituais com seus Clérigos e outros eclesiásticos, assim como pregando a palavra divina e ministrando com assíduo cuidado o sacramento da penitência na Congregação dos casados. Prosseguia ainda com o empenho pela ansiada reforma do clero e do povo de Milão, com todo tipo de obra de caridade. Tudo isso requeria seu zelo, sendo difícil entender como ele podia desenvolver tantos e tão variados esforços tendo uma compleição física não muito robusta e que cada vez mais ia se deteriorando.

Como as obras de piedade que Antonio Maria até então promovera com tanto êxito em Milão já podiam, pela glória de Deus, se manter e se frutificar, importava-lhe principalmente ver se consolidar e prosperar cada vez mais o Instituto de seus Clérigos de São Paulo, que já chegara a cerca de dezoito integrantes, todos unidos com ele espiritualmente e trabalhando pelo mesmo objetivo. A casa em que moravam, próximo a Santo Ambrósio, embora menos desconfortável do que a primeira que tiveram em Santa Catarina, não era suficientemente grande e nem totalmente adaptada ao uso de uma comunidade religiosa, especialmente por não ter uma igreja pública. Assim, Antonio Maria se pôs a procurar um lugar mais adequado para estabelecer, de forma estável, o domicílio de sua crescente Congregação. Foi-lhe oferecida para tal fim uma antiga igreja dedicada a São Barnabé, situada além do chamado canal navíglío, fora de porta Tosa, em lugar aberto e tranquilo, mas não muito distante da parte mais frequentada da cidade, de modo que os religiosos poderiam gozar de todas as vantagens do isolamento e os cidadãos ali chegarem sem dificuldade. Além disso, à igreja estavam unidas algumas casinhas circundadas de quintais, onde havia tanto espaço que se poderia ali construir um edifício mais amplo. Julgando aquele lugar muito propício a seus projetos, Antonio Maria viu como uma grande ventura a possibilidade de adquiri-lo, inclusive porque a igreja se chamava São Barnabé, ilustre companheiro de apostolado de São Paulo, de quem ele e seus Clérigos eram especialmente devotos. Anexa à igreja, porém, existia uma casa paroquial, que ainda estava em

comenda dada pelo nobre Alessandro Faegio, não podendo, conforme disposições, ser objeto de renúncia, sem que antes se resolvessem muitas dificuldades junto à Cúria romana. Antonio Maria então, com todas as suas forças, se pôs a solicitar que isso fosse definido o quanto antes. Parecia que, então, o negócio, finalmente, estivesse próximo de chegar a termo, pois Zaccaria já se preparava para ingressar em São Barnabé. Na já referida carta de 8 de outubro de 1538, pedia a Ferrari que lhe mandasse de Vicenza o padre Castellino, aceito pouco antes na Congregação, dizendo que pensava assumir São Barnabé e desejava que ali estivesse em sua primeira benção. Dizia ainda a Ferrari que desse a Castellino toda sua autoridade, de modo que, em sua mudança, estivesse presente para concluir as coisas. Mas, não sei por qual razão, o negócio ainda demorou, tanto que Zaccaria, morrendo no ano seguinte, não pôde vê-lo concluído: aliás, com sua morte, as tratativas permaneceram suspensas durante algum tempo. Foram, porém, retomadas e prosseguidas com grande ardor por Morigia que, finalmente, obtidas as necessárias licenças do Pontífice Paulo III, em outubro de 1545, entrou solenemente na posse de São Barnabé, ali começando a construção da nova igreja e do convento anexo, conforme projeto por ele mesmo traçado. A construção foi feita, primeiro por ele e depois pelo Pe. Pietro Besozzi, com tanto entusiasmo que, já na solenidade de Todos os Santos de 1547, a igreja foi consagrada pelo Monsenhor Crivelli e os Clérigos de São Paulo transferiram sua moradia para o novo convento. Daí teve origem seu nome de Barnabitas, pelo qual são agora comumente chamados, vindo exatamente do fato de o povo ter começado a chamá-los, naquela época, pelo nome de sua igreja. Embora na nova consagração a igreja tenha sido dedicada não apenas a São Barnabé, mas também a São Paulo, o povo, no entanto, prosseguiu chamando-a simplesmente de São Barnabé.

Outra coisa que importava muito a Antonio Maria após seu retorno de Vicenza, conforme refere Secchi, era a profissão dos votos solenes, que até então adiara para poder fazê-la com mais tranquilidade e pureza de ânimo. O referido autor acrescenta que Antonio Maria, para melhor se dispor a tal profissão, quis começar pela perfeita e absoluta renúncia a qualquer direito que ainda pudesse lhe restar sobre coisas temporais. Assim, em 9 de julho de 1537, constituiu Tiago Antonio Morigia como seu procurador, a fim de que o quanto antes vendesse determinados bens que ainda possuía na cidade e no território de Mi-

lão. Conforme narra Secchi, despido de tais bens para assim se tornar efetivamente pobre, e, após muitas preces a Deus e várias práticas virtuosas, professou solenemente seus votos, embora não se saiba nem em que dia, nem com qual fórmula o tenha feito, dela não tendo ficado qualquer memória. Mas, por mais que eu respeite a autoridade desse autor, de resto muito preciso, não posso, nesse particular, dar fé ao que disse, dando, ao contrário, como certa a opinião do Cardeal Fontana de que Zaccaria jamais teria professado os votos solenes. Deduzo isso, em primeiro lugar, da inexistência de qualquer memória antiga que dê fé daquela profissão. Embora nossos antigos Padres estivessem mais preocupados em fazer bem do que em transmitir seus feitos aos pósteros, não acho possível que não tivessem deixado nem um sinal de fato tão notável, como seria a profissão caso efetivamente feita. Não é improvável que Secchi tenha se baseado no que escreveu Torielli, não muito diferente de Gabuzio, ou seja, que “Antonio Maria, em 9 de julho do ano de 1537, através de instrumento público, constituiu Morigia seu procurador, para alienação de determinados bens de sua propriedade, situados em território milanês, a fim de se preparar para fazer a profissão dos votos religiosos, a qual, até então, diferira por justas razões, não querendo adiá-la mais ainda.” Tais palavras de Torielli não me parecem suficientes para certificar que Antonio Maria tenha efetivamente feito a profissão dos votos solenes, sendo perfeitamente possível, como acredito que tenha acontecido, que tenha se detido por aquelas mesmas razões, das quais, não obstante seu desejo, não tinha se livrado até 1537. Certamente, desde 1532, quando, juntamente com Ferrari, pediu a Clemente VII a aprovação do novo Instituto de Clérigos Regulares, Antonio Maria já apresentara uma demanda expressa de poder professar os votos solenes, renovando-a, posteriormente, a Paulo III em 1535. Todavia, também é certo que, até 1537, por justos e graves motivos, como notam os autores acima mencionados, não a tinha ainda professado. Ora, embora tais motivos não tenham sido abertamente declarados, não é difícil conjecturá-los, dada a suma prudência com que o Servo de Deus costumava se orientar em tudo. Na verdade, é natural supor que Antonio Maria não julgasse prudente aventurar-se a professar os votos solenes de religião antes que a nova Congregação estivesse bem estabelecida, organizada com determinadas leis e provida de todo o necessário a assegurar-lhe uma existência durável. Por isso, talvez a seu próprio pedido, o Pontífice Paulo III concedera a ele e a seus compa-

nheiros a possibilidade de professarem os votos solenes quando melhores parecesse. Ora, já se viu como o estado da Congregação naqueles primeiros anos era ainda muito incerto e pouco garantido. Isso sem falar das perseguições a que foi submetida. Pela bula de Clemente VII estava totalmente submetida à jurisdição do Ordinário. Embora Paulo III, dois anos depois, disso a isentasse, declarando-a sujeita diretamente à Sé Apostólica, tal direito, à época, foi concedido apenas pelo espaço de cinco anos, somente em dezembro de 1543 sendo confirmado, com outra bula, de forma perpétua. Além disso, faltava, como se viu acima, uma casa conveniente a uma comunidade religiosa, faltando igualmente uma regra certa e determinada pela qual se regesse a Congregação, as constituições escritas por Zaccaria, não se sabe bem quando, jamais tendo sido por ele consideradas completas, nem publicadas de forma reconhecida. Nessas condições, Antonio Maria teria justas razões para não se obrigar e aos companheiros perpetuamente com votos solenes. Todas essas razões não desapareceram em 1537; na realidade, só cessaram alguns anos depois da morte de Zaccaria. Até 1537, não obstante a replicada demanda feita aos Pontífices, ele ainda não tinha professado, pelo que é razoável concluir que não deve ter professado nem então, nem depois, por mais que o desejasse e talvez até o esperasse. Não nego, afirmando-o com Gabuzio e Torielli, que Antonio Maria, em julho de 1537, tenha constituído Morigia como seu procurador para vender determinados bens que tinha em Milão. Ao contrário, acrescento que, em fevereiro daquele mesmo ano, ele já tinha vendido para as monjas de São Bernardino de Milão uma casa e um quintal vizinhos a Santa Catarina, que comprara em 1533. Dessa venda recolheu somente cerca da metade do preço, passando o restante por herança à mãe, por força do testamento feito por ele em 1531. Considerando-se que, ao vender tais bens, tivesse por objetivo se preparar para a profissão dos votos solenes (o que, no entanto, poderia ser mera conjectura de Torielli), é bastante claro que tal intenção não bastaria, por si só, para provar o fato da profissão. Das palavras de Torielli nada mais se pode inferir, a não ser o que escreveu mais claramente Gabuzio em carta ao pe. Mazenta, ou seja, que Zaccaria estava “em condição e pronto para fazer a profissão, quando a Congregação estivesse estabelecida e confirmada em perpétuo, como o foi pouco depois de sua morte”, o que acaba por significar que Zaccaria não fez a profissão. Se a tivesse feito realmente, não vejo por que não o fizessem também, com ele, ou pouco

depois dele, seus dois primeiros companheiros Ferrari e Morigia. Ora, é o mesmo Tornielli que diz ser bastante duvidoso se Ferrari e Morigia tenham alguma vez professado os votos solenes. É certo ainda que, conforme o próprio Tornielli, Ferrari, que morreu em novembro de 1544, até 1543 não tinha feito nenhuma profissão, constando que, em 1542, Morigia, como seu procurador, recolheu certa soma de dinheiro. Quanto a Morigia, um mês antes de sua morte, que se deu em 15 de abril de 1546, tampouco tinha professado, pois, em março daquele mesmo ano, fez seu último testamento. Contudo, tem-se memória de que, em janeiro e março daquele mesmo ano, na qualidade de Preposto, ele teria admitido à profissão solene os padres Soriano e Raimondo, assim como Ferrari, em 1544, admitira o pe. Jerônimo Marta e, em 1543, o pe. D. Paolo Melso, o primeiro de cuja profissão solene se tem memória. Se, no entanto, Zaccaria, assim como Ferrari, Morigia e os outros Padres, fizeram, antes de 1543, alguma profissão de votos simples, como alguns supõem, não ousa defini-lo, não encontrando motivos suficientes nem para afirmá-lo, nem para negá-lo. Gabuzio diz apenas genericamente que, embora alguns daqueles primeiros Padres tenham contraído votos estatuídos de religião, a maior parte, embora mantendo-se constante em suas vocações há muitos anos e com ânimo de perseverar, não tinha ainda se obrigado com votos. Tornielli afirma em algum lugar que aqueles votos eram mais simples do que solenes. Mas, basta de falar disso. Já me alonguei mais do que pretendia. Passemos, agora, às últimas ações de Antonio Maria.

CAPÍTULO XXIV

*A instâncias da condessa, vai pacificar os habitantes de Guastalla:
seus esforços em prol daquele povo.
Cartas a seus filhos espirituais de Milão*

Após suportar por muitos anos, com admirável fortaleza, os questionamentos e iníquos maus tratos de seus parentes, a condessa Ludovica Torelli finalmente conseguiu, mediante os conselhos e obras de Antonio Maria, concluir a venda de seus feudos a D. Ferrante Gonzaga, irmão de Frederico, marquês de Mântua. Para esse fim, obtivera também, desde primeiro de maio de 1538, o beneplácito do Imperador

Carlos V, só restando estipular ou ratificar o contrato, como aconteceu em outubro do ano seguinte. Enquanto, de um lado, a referida Condessa estava feliz por ver cumprido seu desejo, antes tantas vezes frustrado, de vender seus feudos para converter o valor obtido em obras de caridade, por outro lado, temia que a mudança de senhoria pudesse causar dissabores a seus vassalos, que gostavam muito dela, dando ocasião a algum tumulto e rebelião, tanto mais que os ânimos daquelas pessoas já estavam fortemente irritados, quase a ponto de pegar em armas, por causa de um interdito contra elas provocado pelo conde Paulo Torelli de Monte Chiarugolo, talvez porque se recusassem a se submeter a uma sentença dada em favor dele pela Cúria de Roma sobre determinados impostos contestados pelo conde Marc'Antonio Torelli de Mântua. Para acalmar esses maus humores e também para dispor seus vassalos a receberem, com a devida submissão, seu novo Senhor, Ludovica pensou que nenhum outro meio seria mais eficaz do que a ação de Zaccaria, seja por sua natural habilidade e destreza na condução das mais difíceis questões, seja por seu poder de persuasão, ou ainda pela grande estima e veneração que todos lhe devotavam em Guastalla.

Atendendo assim ao pedido da condessa, Antonio Maria, para quem nenhuma obra de caridade era demasiada, foi para Guastalla por volta do final de maio de 1539. Lá foi acolhido pelos moradores com muito afeto e reverência, qual um Anjo de paz. Logo confiaram a ele todas as suas divergências. E ele, como costumava fazer em todas as questões importantes, pediu orações públicas para implorar a ajuda do céu. Em seguida, ouvidas as queixas e as razões de cada um, pôs-se, com toda a doçura e mansidão, a persuadir, exortar, advertir ora uns ora outros, conforme necessário, tanto que, em breve, todos se aquietaram e a paz reinou. Mas, para que essa paz fosse durável, aproveitando a oportunidade para se tornar útil às almas, começou a pregar a palavra divina, realizar conferências espirituais e, no que era permitido em tempos de interdito, a também ministrar os sacramentos, especialmente nas oitavas que então caíam em Pentecostes e em Corpus Christi, quando, conforme a lei ordinária, era permitido comungar. É impossível dizer com quanta atenção e doçura eram acolhidas as palavras de Zaccaria pelos moradores de Guastalla, bem como quantos frutos foram dali recolhidos, especialmente após a ocorrência de um fato admirável. Um dia, quando o Servo de Deus andava ao longo das margens do rio Pó, encontrou um jovem que vinha sozinho em direção a ele. Antonio Ma-

ria o cumprimentou e se deteve. Fixando-lhe o olhar, com grave e amoroso semblante, disse-lhe: gostaria, meu filho, que você pensasse bem e cuidasse em tempo da salvação de sua alma; pois, você bem sabe que não há nada mais frágil e incerto do que a vida humana, o coração me dizendo que você será chamado por Deus muito antes do que pensa. O jovem estava em saúde perfeita, aliás florescente e robusto, de modo que de forma nenhuma pensava que pudesse morrer em pouco tempo. De todo modo, sacudido por aquele aviso inesperado e como que movido por uma força interna a ele superior, quis ajustar sua alma, confessando suas culpas ao Servo de Deus, com arrependimento humilde e sincero. E foi bom para ele ter agido assim imediatamente, pois, no dia seguinte, por algum acidente repentino, já tinha passado desta vida. Tal fato foi divulgado pela cidade (até porque o próprio jovem logo contara a seus amigos o encontro que tivera), fazendo crescer a estima e veneração a Antonio Maria, servindo ainda para que se movessem à contrição até mesmo os pecadores mais renitentes. Multidões acorriam a ele, como a um homem pleno do espírito de Deus, seja para ouvirem as palavras de vida eterna que ele lhes transmitia nas pregações e nas conferências espirituais, seja para serem absolvidos de seus pecados mediante a confissão sacramental. E ele, embora fraco e sem forças devido aos contínuos esforços, não cessava de se empenhar, por todas as formas, em prol daqueles que iam até ele, acolhendo-os benignamente e, desentranhando sua caridade paterna, dando a cada um a necessária ajuda ou conforto para que se reconcilhassem com Deus e se encaminhassem para a estrada do céu.

Nesse interim, enquanto Antonio Maria se empenhava, com tanto zelo, em prol dos moradores de Guastalla, seus outros filhos espirituais, que estavam em Milão, mal suportando a distância de seu venerado Pai, pediam que apressasse seu retorno ou que, ao menos, os consolasse com suas cartas, nas quais lhes parecia, de certo modo, vê-lo e ouvi-lo como se estivesse presente, dada a admirável eficácia de tais cartas para tocar e inflamar os corações. A ele escreveram os Clérigos de São Paulo; a ele escreveram as Angélicas; a ele escreveram ainda alguns dos Casados. A todos respondeu com grande benignidade, dando a cada um, conforme sua necessidade, salutareis conselhos e instruções, bem como estímulos à virtude. Para sorte nossa, ainda restaram três cartas, nas quais se podem ver expressas sua terna caridade e sua solicitude paterna para com o bem espiritual de seus filhos. A primeira, de 10 de

junho, é endereçada a Paola Antonia Negri e às demais Angélicas. Ali, como antes assinalei, tomando a questão de São Barnabé, quando este apresentou São Paulo aos Apóstolos pouco antes convertido a Cristo, Antonio Maria, como que prevendo o que ocorreria à Negri, a adverte insistentemente a manter-se humilde e a se resguardar da liberdade e da largueza excessivas, se não quisesse cair em miserável ruína, como, infelizmente, acabou por acontecer. Em seguida, dá a todas as Angélicas saudáveis conselhos em torno da necessidade e do modo de adquirir sólidas virtudes, a fim de se tornarem caras a seu Esposo celeste e dignas filhas do Apóstolo São Paulo. A outra carta, escrita no dia seguinte a João Batista Soresina, um dos primeiros jovens por ele aceito na Congregação, demonstra a humildade e o suave afeto, ainda que não tolerante aos defeitos, próprio somente dos Santos. Sabedor de que Soresina não prestava aos outros a mesma obediência total e voluntária que prestava a ele, Antonio Maria lhe fez conhecer seu grave desagrado, exortando-o a se emendar. Mas, isso foi feito em modo que não poderia ser mais doce e comovente, como se verá mais adiante na própria carta. A terceira carta foi escrita em 20 de junho a Bernardo Omodei e à sua esposa Laura Rossi, nobres e muito pios senhores, que, na Congregação dos Casados, sob a direção de Antonio Maria, levavam vida muito devota e lhe pediram que colocasse por escrito o que deveriam fazer a cada dia para progredir no caminho do Senhor e atingir a perfeição cristã. Essa carta está tão cheia de caridade e de ensinamentos úteis para a vida espiritual que, embora um tanto longa, não posso deixar de transcrevê-la aqui por inteiro, inclusive porque provavelmente foi a última escrita pelo Servo de Deus.

“Caríssima Laura e prezado Bernardo, considerem as minhas palavras com o mesmo carinho que usei para escrevê-las. Eu não digo que façam tudo num dia só e sim, que a cada dia façam um pouco mais, diminuindo alguma tendência à sensualidade, mesmo que seja permitida e façam isso pelo desejo de viverem valores cada vez maiores, de diminuírem as imperfeições e de fugirem do perigo de cair na tibieza. Não pensem que o amor que tenho pelos dois e que as boas qualidades que vocês têm me levem a desejar que sejam apenas santos comuns. De jeito nenhum! Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele. Eu, pela ternura e pela afei-

ção que tenho por vocês, peço-lhes que se esforcem para dar-me esta satisfação. O motivo é que eu conheço a grandeza da perfeição e a abundância das graças e eu conheço os frutos que o Crucificado quer produzir em vocês e sei muito bem a que grau de perfeição Ele quer levar vocês dois.

Querida Laura e caro Bernardo, não reparem no fato de ser eu quem fala assim: considerem, ao contrário, o amor que eu tenho por vocês e como anseio intensamente pela perfeição dos dois! Olhem para o meu coração: está aberto! Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse! Fiquem sabendo que seria para mim, uma dor profunda, se não tivesse a certeza de que vocês estão prontos a fazer isso e até coisas maiores do que as já feitas por qualquer outro santo ou santa! E já que eu sei que vocês querem ser fiéis a Jesus Crucificado, escrevi esta carta não com a caneta, mas com o coração, pedindo-lhes que reflitam sobre ela, lendo-a com frequência, por exemplo, uma vez por semana. Garanto que, se souberem meditar no que está aqui, não precisarão de nenhum outro livro. Ela se tornará o livro que, posto em prática juntamente com a memória da cruz de Cristo, os levará a uma grande perfeição. Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes será extremamente útil e de grande proveito. E já que não posso escrever sempre, gostaria que não perdessem esta carta, porque espero em Cristo que, toda vez que voltarem a lê-la, será, para vocês como que uma carta nova; e a partir desta, vocês podem escrever uma outra por sua conta. Querida D. Laura, tenha dó de mim por não poder dar-lhes aquela satisfação que eu desejaria, por causa do meu cansaço físico. Recomendo que cuide do crescimento espiritual, seu e do Bernardo. Da mesma forma, Bernardo, cuide do seu crescimento e do da Laura. Eu sou eterno devedor a um e a outro (Rm.1,14) e que esta dívida nunca se pague suficientemente. Peça a seus filhos que rezem por mim. Cristo os abençoe” (11108-11110. (Carta escrita de Guastalla aos 20 de junho de 1539 e assinada pelo santo da seguinte forma: Seu, em Cristo, mais do que irm.ao. Padre Antonio Maria - cf 11111).

Ao escrever essa carta, Antonio Maria já começava a sentir a doença que não muito tempo depois tiraria sua vida. Assim, o homem de Deus, quanto mais se aproximava da morte, mais vivamente transmitia as chamas da acesa caridade, em que tudo ardia por dentro, conforme o dito evangélico: Ex abundantia cordis os loquitur. Todos, especialmen-

te seus filhos espirituais, gostariam de se assemelhar a ele, isto é, todos perseguindo a mais alta perfeição. E muitos efetivamente a alcançaram, dentre os quais vale mencionar exatamente os cônjuges acima referidos Bernardo e Laura Omodei, como ele lhes prometera em sua carta. Seguindo os ensinamentos de seu pai espiritual, perseveraram até a morte no exercício das virtudes cristãs sob a direção dos Clérigos de São Paulo. Desejando ser a eles recomendados mesmo depois de mortos, escolheram o lugar de sua sepultura na igreja de São Barnabé, deixando, em sinal de benevolência, um legado perpétuo à Congregação. Mas, já haviam lhe dado um dom mais precioso, entregando-lhe um seu filho muito querido, que, sendo ramo de tão boa árvore, transplantado para a casa do Senhor, deu frutos muito nobres de virtudes religiosas. Esse foi pe. D. Paolo Omodei, um dos homens mais exemplares que existiram nos primeiros tempos da Congregação dos Clérigos de São Paulo.

CAPÍTULO XXV *Caindo enfermo, é levado de Guastalla para Cremona, onde morre santamente*

O caridoso empreendimento assumido por Antonio Maria para remediar os males e prover as necessidades espirituais do povo de Guastalla, no que foi útil à saúde das almas alheias, resultou, porém, funesto para sua própria vida. Frágil como era sua compleição física, já debilitado pelos esforços e extenuado pelas penitências, incapaz de sustentar o peso excessivo que se impusera para satisfazer o desejo de todos que o procuravam para pedir ajuda nas coisas da alma, acabou por cair em tal fraqueza e deterioração de forças que se tornou vítima de sua desmesurada caridade. Aos primeiros sinais da febre, não tardou a perceber que sua peregrinação se aproximava do fim. Como era muito longo o caminho para ser levado de Guastalla a Milão, onde efetivamente teria desejado morrer, pediu que o conduzissem a Cremona, para a casa de sua mãe, dizendo abertamente que, na oitava dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, teria ido ao encontro do Senhor. Então, chegara a Guastalla o ilustre Monsenhor Cacciaguerra, que passara por lá persuadido por seu amigo Bartolomeu Ferrari para se encontrar com Zaccaria, antes de voltar a Roma. Desejoso de estar com homem tão espiritual, Antonio

Maria pediu que, se lhe conviesse, o acompanhasse à sua casa, ao que o Monsenhor, de muito bom grado, aquiesceu. Assim acompanhado por ele, foi levado para Cremona, não sem lágrimas de seus devotos habitantes de Guastalla, que pediam para ele todas as bênçãos do céu. É fácil imaginar o afeto com que foi acolhido e os cuidados dispensados em sua enfermidade por sua pia e amantíssima mãe. Inicialmente, pareceu melhorar um pouco, tanto que os médicos ainda esperavam salvá-lo. Mas, ele, que sabia muito bem ser inútil qualquer cuidado para conservar sua vida, ao invés da recuperação da saúde do corpo, pensava somente em se preparar para o último passo, passando a maior parte do tempo absorto em oração, não falando sobre nada além de Deus e das coisas da alma. Com efeito, logo cessou aquela aparente melhora. A febre se fez mais forte e o estado do enfermo se agravava cada vez mais. Chegando a Milão a dolorosa notícia da enfermidade de Antonio Maria, imediatamente acorreram a Cremona os padres Bartolomeu Ferrari e João Batista Soresina e, com eles, pe. Serafino de Fermo. À vista deles, o Servo de Deus se alegrou e, abrindo confiantemente seu coração, relatou-lhes as graves e incômodas batalhas que travara, naqueles tempos, contra o inimigo infernal e como as superara, com a ajuda de Deus. Disse-lhes ainda como, readquirida a calma do espírito, o Apóstolo São Paulo aparecera em uma visão, pedindo a Deus que concedesse a ele ainda mais algum espaço de vida para maior proveito da Congregação há pouco instituída, tendo, no entanto, se contraposto outros santos Apóstolos, que, em suas orações, impetraram a Deus um pedido para que fosse logo com eles para o céu, onde esperava que, em breve, sairia desse mísero exílio. Disse mais que Deus lhe revelara o que aconteceria posteriormente à Congregação, as duras provas a que se sujeitaria e os grandes ganhos que obteria. Assim, com palavras vivas e fervorosas, recomendou-lhes que cuidassem diligentemente da disciplina religiosa; mantivessem a concórdia e a caridade fraterna; e cultivassem de forma sempre crescente e o mais que pudessem o santo amor de Deus sobre todas as coisas. Também com os outros amigos e filhos espirituais, que foram receber a última bênção de seu bem amado Padre, como o chamavam, discorreu, com muito espírito, sobre as vaidades do mundo, a brevidade e as misérias dessa vida, os prêmios e castigos que, conforme nossas obras, nos estão preparados na vida futura, exortando todos a amarem e servirem a Deus, cuidando incessantemente de sua eterna salvação. Dispensando-os após dar-lhes sua bênção, permaneceu sozi-

nho com os padres Ferrari e Soresina, com Serafino de Fermo e com a mãe. Estando, àquela altura, em seu extremo, entregou tudo a Deus, em direção ao qual ia, com determinação, prorrompendo em afetuosos colóquios e fervorosas aspirações de fé, confiança e amor. Vendo, a seu lado, a mãe triste e chorosa, disse: não chore minha doce mãe pela minha partida, pois, daqui a não muito tempo, você também virá gozar comigo da glória eterna, para a qual espero ir agora. Tais palavras, se não quisermos dizer previsão, foram o conforto mais suave que poderia receber a dolorosa mãe naquele momento, suas lágrimas se redobrando pelo contentamento misturado à dor. Como se tivesse ouvido um oráculo de um anjo celeste, não duvidou que, em breve, seguiria o filho. Virtuosa como era, empenhou-se mais do que nunca a se preparar para a morte, suspirando com ardentes desejos pelo paraíso e esperando o fim próximo de seus dias, que, de fato, pouco tempo depois, terminaram santamente. Assim, consolado pela presença e ajudado pelas orações das três pessoas mais queridas que porventura tivera nessa vida, isto é, sua mãe amantíssima, de quem, além da vida, reconhecia ter recebido seu primeiro e principal impulso para a piedade na infância; Serafino de Fermo, amigo de coração desde a juventude e para sempre; e Bartolomeu Ferraris, primeiro e inseparável companheiro nas obras empreendidas em Milão em idade mais madura; Antonio Maria, após tolerar com exemplar paciência os males de sua enfermidade e receber com suprema devoção os santos sacramentos, placidamente expirou no beijo do Senhor, em 5 de julho de 1539, um sábado, depois do meio dia, exatamente quando começavam a ser cantadas na igreja as primeiras vésperas da oitava dos Santos Apóstolos, como havia previsto. Viveu apenas trinta e seis anos e meio: infelizmente, uma vida breve, se nos referirmos ao curso ordinário e ao tanto de bem que ainda poderia fazer, se não faltasse tão cedo. Mas nem um pouco breve, ao contrário extremamente longa, se considerarmos o quanto agiu, em tão pouco tempo, para a glória de Deus e a salvação das almas. Pois Deus, que, ao remunerar nosso serviço, olha não para o decurso do tempo, mas, muito mais, para o fervor da obra, contente com o quanto seu Servo fiel já havia feito por Ele, não quis mais retardar a digna mercê de tantos esforços, chamando-o a si para a felicidade eterna. A esse propósito, não quero deixar de mencionar uma particularidade que o antes referido Monsenhor Cacciaguerra registrou na obra que, por ordem de seu confessor, provavelmente São Felipe Neri, escreveu sobre si mesmo,

na figura de um peregrino. Falando de Antonio Maria, a quem acompanhara a Cremona, disse que “agravando-se o estado do enfermo, fez (o peregrino), pela manhã, a oração pela salvação daquela alma, oferecendo-se ao Senhor para suportar, em si mesmo, qualquer tribulação. Foi atendido, pois, no dia seguinte, o peregrino foi surpreendido com uma grande febre, que durou quinze dias, sofrendo duplamente, pois não podia ser assistido pelos de casa, ocupados em torno do enfermo até sua morte. Na mesma tarde em que passou dessa vida, viu que aquela alma estava em um lugar saudável e teve, duas vezes, certeza disso.” Assim disse aquele renomado servo de Deus. E talvez tenha sido desse homem ilustre, tido por todos como de santíssima vida, que, tão logo expirada a alma bendita de Antonio Maria, se ouviu exclamar em alta voz (se não foi o pe. Serafino de Fermo): Ó Cremona, se soubesses quem partiu hoje dessa vida! Ó, que grande perda! Mas, em seguida, não podendo mais falar pela angústia, totalmente triste, calou-se.

CAPÍTULO XXVI

Funeral de Antonio Maria celebrado em Cremona. Translado do corpo para Milão e sua não deterioração até à sepultura, realizada quase trinta anos depois.

Tão logo divulgada pela cidade a infausta notícia da morte de Antonio Maria, fizeram-se generalizadas a dor e a consternação dos moradores, todos lamentando, com grande pesar, a perda tão prematura de homem tão benemérito da religião, de quem muitos recordavam, com doçura, o candor e a inocência de costumes em sua juventude, enquanto outros lembravam com deleite as sagradas argumentações que fazia na igreja de São Jerônimo, ainda em hábitos seculares, e outros ainda proclamavam sua grande caridade para com os pobres e aflitos. Havia também quem louvasse os exercícios de piedade por ele introduzidos; quem admirasse a força de suas pregações; e quem apontasse a sabedoria de seus conselhos para as almas; todos, enfim, celebrando a santidade de sua vida e glorificando o bem espiritual por ele operado em Cremona.

No dia seguinte à sua morte, isto é, no domingo, foi levado, com grandes honras e solene acompanhamento dos moradores, para a igreja

paroquial de São Donato, onde foi maravilhoso ver o grande afluxo de pessoas que se espremiavam para prestar as extremas saudações ao Servo de Deus, a quem, a uma só voz, todos chamavam de Santo. Até mesmo o Bispo interveio, desejando assistir às exéquias. O cadáver sagrado ficou exposto por dois dias, uma contínua multidão indo venerá-lo. Havia quem beijasse reverentemente suas mãos ou sua cabeça; quem lhe fazia tocar, por devoção, os rosários. Alguns não hesitavam mesmo em cortar algum pedacinho de suas vestes para conservá-lo como preciosa relíquia, a tal ponto que, para não dar lugar àquela devoção popular, decidiu-se fechá-lo em uma caixa de madeira, sendo assim mantido em depósito até ser, pouco depois, com um numeroso séquito de pessoas piedosas, transportado para Milão. Vindo-se a saber disso em muitos lugares por onde o corpo sagrado deveria passar, as pessoas, comovidas pela fama de Antonio Maria, saíam em grande número dos castelos e das aldeias para encontrá-lo, o clero e o povo se reunindo em procissão, com a cruz desfraldada à frente e candeieiros acesos, cantando cânticos alegres, como se deveria fazer para honrar as relíquias de um Santo. Nessa demonstração de piedade destacou-se especialmente o povo de Castiglione.

Chegando a Milão, são indescritíveis a dor e o pranto que se renovaram em todos os companheiros e filhos espirituais de Antonio Maria, que se viam privados de tão caro e venerado Padre, embora confortados pela esperança de tê-lo, dali em diante, como seu Advogado junto a Deus no céu. Mas, o pranto mais forte foi especialmente o das Angélicas, quando o sagrado depósito foi levado a seu mosteiro. Não tendo ainda os Clérigos de São Paulo uma moradia estável nem uma igreja onde sepultar seus mortos, decidiram, por ora, colocá-lo na igreja de São Paulo das Angélicas. Mas, como nem mesmo ali era possível, naquele momento, sepultá-lo, porque a igreja ainda estava em construção, foi levado para dentro do mosteiro e posto no altar de uma capela sob o coro das monjas, onde foi deixado por mais de vinte e seis anos, sem sepultura, mantendo-se sempre íntegro, sem se deteriorar. Como escreveu uma Angélica praticamente contemporânea, “afirmavam as Madres, que então se encontravam, que foram tão extremas as dores e tão copiosas as lágrimas de cada uma que pareciam se rebentar e morrer com seu Pai, pois o amavam profundamente, mais do que a seus pais carnis. Recolheram o caro tesouro do cadáver do Bem-Amado Padre não só com extrema ternura e lágrimas, mas também com suprema re-

verência e devoção. Cercando a preciosa caixa, soltaram as cordas que a amarravam e, dividindo-as, colocaram-nas no pescoço, por afeto e devoção.” Diz-se que foi daí que teve origem o costume totalmente particular daquelas monjas de usar continuamente, como parte e marca do próprio hábito, uma corda no pescoço, enquanto ato de mortificação e imitação do Crucificado, costume esse posteriormente aprovado pelo Pontífice. A referida Angélica, falando daquelas primeiras madres, acrescentou que, após receberem em seu recinto o bendito corpo de seu amado Pai e Fundador, de quando em quando, abriam a caixa, “reverenciando-o, vertendo lágrimas e beijando seus pés, não só não lhes assustando, como costumam fazer os corpos mortos, mas dando-lhes alegria, graça e grande alívio pela possibilidade de vê-lo e reverenciá-lo... E isso se fez durante muito tempo, até que veio uma ordem geral de Roma de que não se poderia manter corpos mortos em cima da terra”, isto é, até a Constituição de São Pio V, publicada em 1566. A partir daí, o corpo de Antonio Maria foi sepultado ao pé do altar, sobre o qual estava até então colocado, permanecendo ali por quase cem anos, isto é, até 1664. Nesse ano, sob licença do Vigário Geral, devendo-se reconhecer o corpo santo, foram encontrados somente os ossos, pois a grande umidade existente naquele lugar e o longo tempo transcorrido consumiram todo o resto. Tiradas as sagradas relíquias daquele lugar úmido, foram encerradas em uma pequena caixa coberta de bronze e colocadas em um nicho junto ao referido altar, com essa simples inscrição: BEATI ANTONI MARIAE ZACCARIAE CONGREGATIONIS SANCTI PAULI INSTITUTORIS OSSA [Ossos do Bem-aventurado Antonio Maria Zaccaria, Fundador da Congregação de São Paulo]. Ali repousaram até 1810, quando, já regularmente introduzida a Causa de beatificação do Servo de Deus, por concessão do Papa Pio VII, as sagradas relíquias foram transferidas para a Igreja maior de Milão, a requerimento do Capítulo metropolitano, sendo colocadas no vestíbulo que leva à capela subterrânea de São Carlos, lugar correspondente exatamente à tarefa que, em sua vida, exercitou Antonio Maria, isto é, preparar o caminho ao santo Arcebispo para as grandes reformas que ele depois promoveu no clero e no povo de Milão.

Antonio Maria tinha uma boa altura, compleição física saudável e vivaz, mas não muito forte. Rosto distinto, mais comprido do que redondo, de aspecto grave e majestoso, no qual transparecia a santidade interior; olhos grandes e salientes, sobrancelhas e cabelos negros,

barba cerrada, meio difusa, pele amorenada. Mesmo depois da morte, quando seu cadáver foi exposto na igreja de São Donato, estimulava todos os presentes à devoção, dada a majestade que dele transparecia. Mas, muito mais do que a dignidade do semblante o que fazia com que todos o venerassem eram a seriedade e a graça singulares que vinham de seus atos, palavras e costumes plenos de candura e santidade. Daí se originava a influência soberana – e eu diria praticamente absoluta – que ele logo conquistava sobre o ânimo de quem quer que o encontrasse, de modo que era quase impossível se afastar dos acenos e de seu amor. Daí veio também a autoridade por ele mantida mesmo depois da morte sobre seus filhos espirituais, de modo que, só à sua lembrança, cada um se sentia docemente estimulado à virtude e inibido de cometer qualquer coisa que, vivo, ele pudesse ter desaprovado. Ora, eu gostaria de poder representar dignamente a figura nobilíssima do espírito de Antonio Maria, pelo que era tão caro e venerável para todos. Mas, não podemos conhecer o interior do espírito alheio, nem o representar a não ser pelos atos que aparecem exteriormente. Tendo até aqui descrito o que nos foi transmitido sobre a vida de Antonio Maria, agora me dedicarei, da melhor forma possível, a revelar aos leitores as virtudes e os dotes de Zaccaria, recolhidos e traçados como em um quadro real que, se não retratar ao vivo e completamente (o que seria impossível), ao menos delineie, de alguma forma, próxima à verdade, a figura interior do espírito daquele homem de Deus. É o que farei no livro que se segue.



Quem é o autor dessa obra?
Padre Alessandro M. Teppa Barnabita
(1806-1871)



O menino Alessandro nasceu numa pequena aldeia próxima a Turim, região do Piemonte, no noroeste da Itália. Era o ano de 1806. Muito inteligente e perspicaz, estudou Literatura e Ciências e se formou em Jurisprudência. Aos 20 anos, entrou para a Congregação dos Barnabitas. Fez sua Primeira Profissão em 1827 e, logo após sua Ordenação Presbiteral, foi destinado à área da Educação. Lecionou Matemática, Física e Filosofia, mas nunca abandonou a Orientação Espiritual dos jovens dos nossos colégios de Bolonha e Moncslieiri (Turim). Foi diretor deste último colégio. Por duas vezes exerceu a função de Superior Provincial da Província Barnabita do Piemonte. Foi também eleito Superior Geral da Congregação. Morreu subitamente em Roma aos 28 de julho de 1871.

No final do livro, teremos mais detalhes sobre o Pe. Teppa.

LIVRO SEGUNDO

Capítulo I

Como Antonio Maria se distanciava das coisas do mundo.

Inicialmente, sua humildade

Do que foi descrito até aqui sobre a vida de Antonio Maria é possível visualizar o que já sinalizei, isto é, que ele foi provocado por Deus especialmente para que, em um século tão desgastado e corrompido como era o seu, começasse a promover no clero e no povo de Milão, além de outras cidades da Lombardia, a reforma de costumes que, dali a não muito tempo, seria completada pela autoridade e zelo do santo Arcebispo Carlos Borromeu. Para esse fim, de modo a ter companheiros no árduo empreendimento, Antonio Maria, juntamente com Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia, instituiu a Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, depois chamados de Barnabitas, os quais, conforme se diz em suas constituições, visavam exatamente isso, renunciando à vida secular e dedicando-se inteiramente a Deus, para atender à salvação das almas. Ora, quando Deus elege alguém para ser o Instituidor de uma Ordem religiosa, não só lhe doa a iluminação para isso necessária, mas costuma também torná-lo um modelo perfeito da especial forma de vida de que se faz autor, de modo que, não só pelas palavras ensinadas, mas principalmente pelo exemplo, os outros possam nele se espelhar para compor suas vidas. Exatamente assim agiu com seu Servo Antonio Maria. Se se consideram atentamente suas ações, ver-se-á claramente, como escreveu Torrielli, que foi um homem adornado com todas as virtudes religiosas, especialmente digno de ser proposto como um exemplo de perfeito religioso, a quem os outros devem procurar conformar suas vidas. Por isso, como quero recolher e sistematizar aqui, praticamente sob um só ponto de vista, as principais virtudes do Servo de Deus, não farei nada além de demonstrar como ele verdadeiramente, renunciando ao mundo secular, se dedicava inteiramente a Deus, consumindo sua vida na busca da salvação das almas. Esse me parece o modo mais rápido e, ao mesmo tempo,

mais proveitoso para bem representar, em seu próprio aspecto, a forma do espírito de Antonio Maria.

Antes de tudo, importava muito que quem devesse retirar os eclesiásticos do amor desordenado pelas coisas seculares, de modo a torná-los mais dedicados à honra de Deus e à salvação das almas, se mostrasse, em primeiro lugar, distanciado de tudo aquilo que o mundo ama e deseja. Foi o que aconteceu. Antonio Maria podia dizer, com o Apóstolo, que renunciara a toda e qualquer coisa da terra que ele julgava lixo, a fim de ganhar Cristo, por cujo amor o mundo foi a ele crucificado e ele ao mundo. Com efeito, tudo aquilo que existe no mundo, conforme diz São João, é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba de vida (1Jo 2,16), o que equivale a dizer: amor por prazeres, riquezas e honras. Veja-se como, ao contrário, Antonio Maria amou a humildade, a pobreza, a castidade e a mortificação da carne.

Inicialmente, no que se refere à humildade, ele teve essa virtude tão enraizada em seu espírito desde os primeiros anos que, como outros notaram, embora adquirida, parecia ser praticamente uma virtude que lhe fora inculcada pelo céu. Com efeito, vimos como ele, ainda criança, desdenhava das roupas de seda com que sua mãe, de acordo com sua condição, o vestia, tendo pedido insistentemente e conseguido vestir-se de forma mais modesta. Vimos também como, jovem, embora por inteligência e empenho na escola se destacasse como um dos primeiros entre seus colegas de classe, jamais se envaideceu de seu saber; ao contrário, com sua humildade, tinha ao mesmo tempo o amor dos companheiros e a estima dos mestres. Se ambicionasse a honra que a ciência dá ao homem, poderia ter tido amplo campo para procurá-la na arte médica em que se doutorara, sendo tal profissão à época mais do que nunca celebrada. Mas, às glórias do mundo preferiu a humildade da cruz; abandonando a medicina, se entregou aos estudos sacros. Um espírito superior a tudo que se referisse a honras mundanas, um jovem nobre, como era, laureado em medicina e então em hábitos seculares, logo se pôs a ensinar o catecismo às crianças e a manter sacras ar-

gumentações na igreja de São Girolmo. Mostrou não ter em nenhuma conta os aplausos humanos quando, já tendo se tornado sacerdote, ao invés de seguir o uso então corrente de pregar a palavra divina com pompas de erudição profana, sutilezas filosóficas e cores retóricas, no que poderia conquistar grande renome, ao contrário, sem se preocupar com as reprovações que lhe poderiam ser feitas – e essas efetivamente vieram por parte de alguns eclesiásticos –, adotou um modo de pregar totalmente simples e sem enfeites, procurando tão somente ser útil às almas com a força das razões e a eficácia da verdade nua.

Estava longe de desejar qualquer forma de honra mundana, desejando, ao contrário, ser desprezado por quem lhes dava importância e abraçando com alegria os desprezos, opróbios e perseguições. A esse propósito, basta lembrar as humilhações públicas a que ele e seus companheiros se expuseram voluntariamente em Milão, assim como as zombarias, toda sorte de injúrias e ferozes perseguições que os atingiram. Certamente, somente homens que tivessem posto o mundo abaixo e vissem como glória suprema a ignomínia da cruz de Jesus Cristo poderiam dar espetáculo tão estranho a toda uma cidade. Era preciso uma humildade e mansidão heroicas para suportar tranquilamente as invectivas que um renomado pregador de uma ilustre Ordem religiosa fazia contra eles do púlpito, em quase todas as celebrações, chegando mesmo a incitar o povo a botar fogo em sua casa. Mas, eles, à semelhança dos Apóstolos, ficavam felizes por se fazerem dignos de sofrer injúrias e escárnios por amor de Cristo. Antonio Maria era aquele que, com suas palavras e seu exemplo, animava todos os outros, apesar de, no que se refere a si próprio, se achar merecedor de todas as humilhações, pelo baixo conceito que tinha de si mesmo.

Logo, viu-se admiravelmente realizado nele aquilo que é próprio de todos os homens santos, isto é, o fato de que quanto maiores são aos olhos alheios, menores são aos próprios olhos. Nesse sentido, embora tivesse sempre levado uma vida inocente e angélica, de modo que nem seus companheiros, homens tão sagazes nas coisas da alma,

pudessem nele visualizar qualquer defeito; com as tantas virtudes de que era provido; com as tantas obras que fazia pela glória de Deus; com os tantos dons celestes de que era repleto; nem assim, não cessava de se chamar – e efetivamente acreditava sê-lo – um grande pecador, o último e mais indigno de todos. Ouvia, com prazer, elogios às virtudes alheias, mas não podia ouvir elogios a si próprio sem demonstrar o rubor e o desprazer que experimentava em seu espírito. Pedia a todos que o ajudassem, com suas orações, a escapar de suas imperfeições. “*Querido pai, - escrevia ao pe. Battsta de Crema, seu diretor espiritual -, não se esqueça de mim e seja meu intercessor junto a Deus, para que Ele me livre das minhas limitações, da minha moleza e do orgulho*” (10108). Paralelamente, desejava e via como especial benefício que os outros corrigissem seus defeitos; que pudesse fazer, antes de todos, as tarefas mais baixas e abjetas da casa, como se fossem devidas a ele mais do que a qualquer outro; e, em geral, sempre escolhendo para si o pior em tudo: como se notou, até mesmo ao se preparar para a missa, se porventura estivesse exposto mais de um paramento, ele sempre pegava os menos preciosos. Por isso ainda, embora fosse venerado por seus companheiros como pai e mestre de todos, via os outros como superiores a si, aconselhando-se com eles nas coisas de algum relevo. Quando se tratou de nomear formalmente um superior que dirigisse a Comunidade, enquanto todos o aclamavam para ser o Preposto, desculpou-se, dizendo que convinha eleger Morigia. Escrevendo a Soresina, encarregou-o de pedir, de sua parte, a benção não só a Morigia, que era o Preposto, mas também a Ferrari, chamando um e outro de seus pais.

Não é de se espantar, portanto, que Antonio Maria, sendo tão amante da humildade, a recomendasse fervorosamente a todos. Sendo ele mesmo tão admirável modelo de humildade, sabia também insinuá-la com eficácia nos outros. Com efeito, esse era o exercício que ele recomendava especialmente e que, continuamente, requeria de seus companheiros, notadamente nas conferências espirituais. Disso dá testemunho o muito piedoso Monsenhor Cacciaguerra, sem mencionar ou-

tros. Narrando várias mortificações dadas também a ele para o exercício da humildade, enquanto morou em Milão junto aos Clérigos de São Paulo, acrescentou a seus elogios o fato de que aqueles Padres eram terríveis em mortificar quem chegasse em suas mãos. Certamente, deve-se entender que isso se refere principalmente a Zaccaria, que, mesmo após a eleição de Morigia como Preposto da Congregação, continuava presidindo as conferências espirituais. Mas, ele sabia com tanta eficácia transmitir a todos o espírito de humildade e o amor ao desprestígio que acusar em público os próprios defeitos, ser advertido pelos outros e receber em penitência ásperas humilhações eram algo ambicionado não apenas por seus companheiros e pelas Angélicas, mas também por leigos que se instruíam naquela escola de humildade. Com relação às Angélicas, ouça-se a Sfondrati, testemunha ocular do que narra a esse propósito. Escreve ela: “Todos os dias, ora uma, ora outra se fazia acusações voluntárias, para encontrar motivos de se humilhar e descobrir suas falhas: faziam-se determinadas conferências sobre as imperfeições ou os maus hábitos de alguma, cada uma dizendo seu próprio juízo e os superiores recolhendo o que se deveria admitir ou desprezar, o que era aceito com tanta prontidão e resignação pela destinatária que logo outras duas ou três queriam fazer o mesmo, a tal ponto que jamais faltava matéria para exercitar seus espíritos, sempre com alegria. E, embora as violências chegassem eventualmente até o sangue e as acusações e castigos se fizessem sem medir o tempo, a adequação ou a oportunidade, tudo se fazia para o bem das pacientes, sendo efetivado pelas agentes com muita caridade.” De forma semelhante agiam os Clérigos de São Paulo, assim como os leigos que intervinham em suas conferências espirituais. Esses, cada vez mais, se inflamavam no ódio a si mesmos e no amor à própria abjeção. Antonio Maria começou a sair por Milão, fazendo humilhações e penitências públicas, embora não fosse preciso estimular seus companheiros a segui-lo; eles mesmos, como deixou escrito um deles, pediam que ele lhes fizesse semelhante graça, já que havia um grande desejo no coração de todos de que o venerável Padre

lhes desse licença para fazerem, aqui e ali, aquelas mortificações públicas que descrevi anteriormente.

CAPÍTULO II

Sobre sua pobreza de espírito

Companheira e alimentadora da humildade é a pobreza de espírito, tão necessária para atingir a perfeição cristã, pois, como disse Jesus Cristo, quem não renuncia verdadeiramente a tudo que possui não pode ser seu discípulo (Lc 14,33). Com efeito, mal se pode elevar às coisas do céu o espírito ligado ao afeto pelas coisas da terra. Assim, os que querem enriquecer, como disse São Paulo, caem na tentação e na armadilha do diabo, bem como em desejos inúteis e nocivos que submergem os homens na morte e na perdição (1Tm 6,9). Contrapondo-se aos falsos juízos mundanos que chamam os ricos bem-aventurados, o divino Mestre chamou de bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus (Mt 5,5).

Antonio Maria nunca ligou para a glória vã do mundo, jamais se deixando atrair pelo esplendor das riquezas, nelas não depositando qualquer afeto: ao contrário, sempre demonstrou que seu espírito delas se distanciava. Embora em sua condição não fosse de forma nenhuma privo de bens temporais, como já se viu, desde criança começou a amar a simplicidade na alimentação e no vestir, desprezando os confortos e comodidades da vida. Mas, o desprendimento em relação às coisas terrenas demonstrou especialmente quando, tendo apenas dezessete anos de idade e prestes a se deslocar para Pádua para o estudo da medicina, fez a doação irrevogável de todos os seus bens para a mãe, contentando-se em receber de sua benignidade o que precisasse para viver. Da mesma forma, quando, voltando de Pádua, a mãe quis que ele mantivesse a administração dos bens paternos, aos quais se somavam alguns

outros adquiridos por heranças supervenientes, nem por isso jamais se afastou de seu comedido modo de vida, tornando-se praticamente não mais do que um administrador de bens dos pobres, pois, em acordo com sua caridosa mãe, tudo que sobrava das meras necessidades dele e dela era distribuído em esmolas, fazendo de sua casa uma espécie de abrigo para os pobres e peregrinos.

Assim, Antonio Maria já começara a praticar a pobreza de espírito desde que ainda era leigo e convivia com a mãe. Mas, quando pôs mãos à obra para a reforma do clero e do povo de Milão, para isso instituindo a Congregação dos Clérigos de São Paulo, deu-se conta de que devia, mais do que qualquer outro, ter como fundamento de sua vida apostólica uma rígida pobreza, conforme o conselho de Cristo. De um lado, via que não eram poucos os eclesiásticos de então que, infelizmente, mais do que a Deus, serviam ao dinheiro, não ignorando, por outro lado, como os amantes do mundo são ávidos de riquezas para si mesmos, ao mesmo tempo que indiscretos ao requererem uma extraordinária perfeição de pobreza nos pregadores do evangelho. Assim, quer pelo desejo de imitar, da forma mais perfeita possível, a pobreza de Cristo, quer pela necessidade de contrapor um exemplo forte e extraordinário à cupidez que dominava não poucos eclesiásticos, Antonio Maria prescreveu a si mesmo e a seus companheiros um tal rigor de pobreza que competia com o dos mais rígidos institutos religiosos jamais vistos na Igreja.

Animado por um espírito semelhante ao de São Caetano de Tienne, quis, antes de tudo, que seus Clérigos vivessem apoiados unicamente na providência divina, que jamais deixa faltar o necessário a quem nela confia. Proibiu, portanto, que recebessem propriedades a qualquer título, como também rendas anuais de dinheiro, vestimentas, mantimentos ou qualquer outra coisa. Ordenou que se tais coisas fossem a eles legadas por testamento não as aceitassem nem mesmo para vendê-las depois, tampouco delas extraindo qualquer mínimo rendimento,

devendo deixar tudo aos herdeiros ou a quem quer que a elas pudesse ter direito. Não chegou a vetar efetivamente, como fez São Caetano, que pedissem esmolas quando houvesse necessidade, permitindo-o, porém, somente no quanto necessário para a provisão de um dia. Mas, em outros aspectos, foi ainda mais rígido do que aquele Santo. Primeiramente, proibiu expressamente que se aceitassem esmolas em troca de missas ou ofícios, querendo que tudo se fizesse sem dinheiro e que somente por amor de Deus se rezasse pelos mortos e pelas necessidades espirituais ou temporais do próximo, para que, como dizia, não se começasse a fazer comércio com o sangue de Cristo. Além disso, a fim de remover de seus companheiros toda preocupação com o tempo futuro, vivendo-se somente cada dia com plena confiança na providência divina, ordenou que todo o dinheiro da casa ficasse com um só deles, o qual deveria se submeter a graves penitências se, dentro do espaço de um mês desde que o recebera, não o tivesse despendido inteiramente seja nas necessidades da casa, seja em esmolas. De forma análoga, estatuiu que não se fizesse nenhuma provisão de mantimentos para mais de um mês, nem se podendo fazer nova provisão a não ser dois dias antes de a primeira estar por acabar. Mais ainda, vetou até mesmo que, por qualquer motivo, se pegasse dinheiro ou mantimentos em empréstimo ou se comprasse alguma coisa a prazo, salvo em caso de necessidade para algum enfermo. Isso, dizia ele, para que os irmãos aprendam que é próprio da pobreza ter pouco, como é da natureza se contentar com poucas e pequenas coisas. Ateve-se a tal princípio rigidamente, determinando o que seria necessário para a alimentação, o vestuário e a habitação, não se podendo ultrapassar os limites estabelecidos. “Nossas casas”, escreveu, “devem ser banais de modo que logo possamos verdadeiramente pedir casinhas de vila ao invés de casas. Devem ser privas de qualquer escultura e cor, exceto o branco. Que seja lícito usar esteiras e tábuas contra o frio e a humidade, mas não enceradas e sem qualquer ornamento. Os móveis da casa devem ser poucos e banais, de

modo a serem e parecerem menores e inferiores aos móveis rústicos. As vestimentas devem ser de lã, não de preço alto ou médio, mas vil. Devem ainda ser de modo tal que um possa portar a vestimenta do outro. Os víveres e vestimentas devem ser distribuídos indistintamente a cada um conforme sua necessidade, segundo as oportunidades e possibilidades.” E concluía: “Seremos felizes enquanto nossa mente estiver assim fundada no desejo da pobreza, querendo ser não pobres a quem sobre alguma coisa, mas a quem faltem muitas necessidades. E se acontecer que alguém se lamente da pobreza e queira introduzir mais coisas, não devem ouvi-lo, mas sim reputá-lo inimigo da pobreza de Cristo, que quis que lhe faltassem quase todas as necessidades.”

Esse o rigor da pobreza que Antonio Maria prescreveu para si mesmo e seus companheiros em suas constituições, nas quais não fez nada além de declarar por escrito o que de fato já se observava tanto nele como também em seus companheiros, conforme atestam os mais antigos historiadores da Congregação. Para não repetir outras particularidades, basta citar esse trecho de Gabuzio. “As alfaias”, diz ele, falando daqueles primeiros tempos, “não eram de valor; ao contrário, eram paupérrimas. As louças de terracota. Em suma, cada coisa representava o singular desprezo que os Padres professavam pelas coisas humanas, de modo que não se via nada que destoasse da pobreza religiosa, ou, mais do que isso, que não remetesse à indigência.” Prosseguir por tão longo tempo em pobreza tão rígida exigia quase um milagre, especialmente em se tratando de uma Congregação de Clérigos inteiramente dedicados às obras do ministério eclesiástico. Por isso, em 1552, quando foram compiladas as novas constituições dos Clérigos de São Paulo, ou seja, as primeiras publicadas de forma autêntica, foi preciso moderar e reduzir a medidas mais amenas o rigor extremo de pobreza estabelecido por Zaccaria. Mas, eu quis referir minuciosamente aquelas determinações do Servo de Deus para que se veja até onde chegava seu fervor de espírito no abraçar a pobreza de Cristo e fazê-la ser abraçada também por seus companheiros, bem como para que se veja quão sa-

lutar deve ter sido aos leigos e, mais ainda, aos eclesiásticos, tão maravilhoso exemplo de pobreza voluntária em homens que eram por todos conhecidos como de condição nobre e abastada.

CAPÍTULO III

Sobre sua castidade

Para acabar de conhecer como Antonio Maria efetivamente renunciou a tudo no mundo, após termos visto como foi alheio à soberba da vida e à concupiscência dos olhos, resta ver como refreava a concupiscência da carne. Inicialmente, cabe dizer alguma coisa sobre sua pureza virginal que, é opinião comum, conservou intacta até à morte. Decerto era conveniente que resplendecesse de tão bela virtude em modo singular quem, como fez Antonio Maria, devesse guiar a Cristo uma tropa eleita de Virgens sacras, orientando-as na vida religiosa e ensinando-as a se tornarem gratas a seu Esposo celeste. Se não tivesse uma elogiada e precípua castidade, mal poderia se opor com eficácia à desenfreada devassidão de costumes que então reinava não apenas entre os leigos, mas também entre muitos eclesiásticos. O quanto fosse cioso daquela angélica virtude já se pode deduzir da severidade com que a queria de todo ilibada também em seus companheiros. Assim escreveu em suas constituições: *“Quem for surpreendido uma vez só com palavras ou escritos, gestos ou atos - não digo ter-se envolvido em problemas sexuais - mas apenas comprovadamente ter tentado envolver-se nessas coisas - seja definitivamente expulso da ‘Companhia’.* *E mais: se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar. Tenham, porém, grande discernimento para não expulsar alguém, quando essa tentação partir do demônio, ou for uma*

permissão divina. Vocês saberão se alguém está sendo tentado pelo demônio ou por permissão divina, quando virem esta pessoa refrear voluntariamente a língua e fugir da leviandade e da ociosidade e procurar viver uma profunda humildade, ao mesmo tempo em que deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo. Mas, se esses sinais não aparecerem, fiquemos atentos, pois essa pessoa está vivendo numa negligência voluntária” (30301-30303).

Ora, se Antonio Maria exigia tanto assim dos outros, o quão se-vero não devia ser com si mesmo em relação a uma virtude tão delicada?

Com efeito, atesta-se que, assim como foi egrégio defensor e guarda da pureza virginal nos outros, da mesma forma jamais foi ouvida qualquer coisa menos pudica em torno da sua vida e seus costumes. Como já mencionado, Sfondrati testemunhou que “desde a infância e juventude todos testemunharam determinada graça aparente, com a qual fora favorecido pelo Senhor, de modo que ainda no estado laico era reverenciado como religioso, assim elogiando-se sua vida distante das coisas do mundo e apetites dos sentidos e da carne.” O próprio pe. Ambrósio Mazenta, que tanto se esforçou em vão e sem qualquer motivo para retirar de Zaccaria o primado na instituição dos Clérigos de São Paulo, não hesitou em fazer, nesse aspecto, o mais esplêndido elogio possível, dizendo que ele adquiriu *fama de santidade junto a todos que o conheceram em sua puríssima infância, castíssima adolescência e imaculada juventude, decorada por uma ilibada flor de virgindade até a morte.*

Tal mérito de castidade torna-se ainda mais admirável em Antonio Maria, se se consideram os fatos de que vivia em um mundo bastante corrompido; sendo nobre e de família abastada; filho único, órfão de pai desde muito tenra idade; com temperamento vivaz e ardente e coração extremamente amoroso; na mais bela flor da juventude exposto aos maiores perigos da sedução, estudando medicina na universidade de Pádua, longe dos olhos da mãe, entregue a si próprio. Além disso, há

de se considerar que lhe foi necessário estar contínua e familiarmente com a condessa de Guastalla, com as Angélicas e outras pessoas do outro sexo. Apesar de tudo isso, vivendo no mundo secular, guardou-se imaculado. Estando frequentemente com mulheres, jamais deu causa à mais leve suspeita, merecendo ao contrário grandes elogios por seu pudor, tanto que, em vida e depois da morte, foi comumente honrado com o glorioso título de Anjo. Como já assinalado, quando fazia seus sermões sacros na igreja de São Geroldo em Cremona, as pessoas diziam: Fomos ouvir o Anjo de Deus. Da mesma forma, a Angélica anônima, que escreveu o compêndio de sua vida no que se refere à relação com as antigas madres que o conheceram pessoalmente, diz ter ele sido de piedade e inocência singulares, parecendo um Anjo na terra, por sua vida, hábitos e aspecto. Na inscrição em sua honra, posta sobre uma coluna da cidade de Cremona, o primeiro título que lhe foi dado foi o de Anjo humano e homem angélico. Daí se estabeleceu posteriormente o costume de quase sempre enfeitar suas imagens com o lírio, como símbolo de sua pureza angelical.

Mas, o mais importante, é que parece que o próprio Deus quis, de certa forma, atestar essa bela virtude de seu Servo não só preservando, como se viu, seu corpo íntegro, sem se decompor por muitos anos após sua morte, enquanto esteve sobre a terra, mas, mais do que isso, com um ato prodigioso de modéstia que por duas vezes se observou em seu cadáver, similarmente ao que se lê sobre São Filipe Neri. De tal forma, como posteriormente se referiram os que presenciaram o fato, enquanto o cadáver de Antonio Maria era preparado, conforme o costume, para a sepultura, notou-se que estando as partes descobertas, quando a modéstia as quer escondidas, ele próprio as cobria com a mão, como se, mesmo morto, não pudesse permitir nada que ofendesse o pudor virginal, devendo ser assim delicado, tanto quanto o era em vida. Semelhante fato aconteceu ainda uma vez, como narra o padre Aimone Corio, homem seríssimo em piedade e doutrina, em sua obra intitulada *Concordantiae morales in Genesim*. Veja-se como ele conta o fato. Zac-

cária estava morto há algum tempo e seus restos mortais conservavam-se no mosteiro de São Paulo das Virgens Angélicas, quando o Preposto Geral dos Clérigos de São Paulo desejou ver e venerar o corpo de seu excelente Padre. Indo lá, fez com que o tirassem do sepulcro onde jazia fechado em uma frágil arca. Na presença de umas poucas pessoas de manifesta fé, pôs-se a examiná-lo. Encontrou-o íntegro, com as carnes frescas e nenhuma decomposição, como se fosse um corpo vivo. Então, talvez para observar melhor os pés e as pernas, respeitosamente levantou a veste que o cobria até o calcanhar. Enquanto o Preposto estava assim todo atento, observando o venerável corpo, eis que (algo admirável!), sem demora, Zaccaria estende a mão direita, pegando levemente a ponta da veste que o Geral tinha levantado, recobrando os pés e as pernas como se estivesse vivo, ensinando assim, mesmo morto, em um prodígio jamais visto, o quanto devem ser significativas em pessoas eclesiásticas e religiosas a decência no vestir, o pudor e a compostura externa. Tal fato, acrescenta o referido Autor, exatamente como o referi, escutei da boca dos antigos Padres de minha Congregação, aos quais, dada sua autoridade, se pode prestar toda fé.

CAPÍTULO IV

Sobre sua mortificação exterior

De tudo que foi dito até agora em relação à pureza virginal de Antonio Maria, pode-se efetivamente deduzir o quanto deveria ser seu empenho em bem controlar os sentidos e mortificar a carne, sendo sabido, pela experiência, que o lírio da pureza há de ser guardado entre os espinhos da mortificação. Mas, para acrescentar algo mais específico sobre o amor que Antonio Maria tinha pela mortificação da carne, vale lembrar inicialmente como, desde criança, não só foi capaz de conhecer o valor da virtude e aspirar com afeto aos bens celestiais, mas também

como começou a combater os desejos da carne, mortificando a gula, pondo-se todos os dias a orar, fugindo do ócio e de qualquer delicadeza que pudesse satisfazer os sentidos. Não há dúvida de que manteve tal espírito de mortificação posteriormente; mais do que isso, o aumentou, à medida em que se via exposto a maiores perigos e avançava na prática da virtude.

Mas, pelas memórias a nós chegadas, onde melhor nos é dado conhecer com quanto rigor Antonio Maria tratava seu corpo, é exatamente em seu duro teor de vida após instituída a Congregação dos Clérigos de São Paulo. Treinado na escola do grande Apóstolo das Gentes, sabia muito bem que os que são de Cristo têm crucificada sua carne com os vícios e concupiscências (Gl 5,24). Como decidira imitar o zelo daquele Apóstolo ao buscar a salvação das almas, pregando a todos o Jesus Crucificado, julgou ser necessário praticar o que São Paulo dizia de si: *Trato com dureza o meu corpo e o submeto, para não acontecer que eu proclame a mensagem aos outros e eu mesmo venha a ser reprovado* (1Cor 9,27). Assim, para subtrair-se qualquer matéria de satisfação dos sentidos, decidiu abraçar a vida pobre de que falamos acima. Certamente, sem contar o resto, não era pouca a mortificação a que necessariamente levava o extremo rigor de pobreza, ao qual Antonio Maria e seus companheiros voluntariamente se submeteram. Nesse sentido, bastaria lembrar do que já foi referido com relação à mísera qualidade da alimentação adotada por aqueles primeiros Padres. Mas, para melhor conhecer o espírito de mortificação com o qual Antonio Maria se governava, veja-se o que ele ordenava em suas constituições, falando do jejum e dos alimentos. Em primeiro lugar estabelecia que não seria lícito aos sãos comer carne em dia nenhum, excetuadas as principais solenidades do ano. Em tais dias, para evitar a soberba, permitia o uso da carne, mas limitada a uma só espécie e em pouca quantidade. Aos enfermos consentia que comessem carne na medida em que seu estômago não pudesse comportar outro tipo de alimento ou nutrir-se suficientemente de outra forma. Mas, não só isso. Vinhos especiais e

de grande qualidade não permitia nem mesmo que se tivessem em casa, ou os aceitassem de fora, exceto se o médico os tivesse aconselhado para algum enfermo. Para que, nem individualmente, nem em comum, se relaxasse o rigor da mortificação sob qualquer pretexto, ordenou que ninguém, por nenhuma razão, aceitasse presentes de coisas não usadas entre eles. No caso de coisas usadas entre eles, ainda que fossem dadas para uma pessoa em particular, deveriam ser distribuídas para a comunidade. De forma análoga, ninguém deveria comer fora de casa, a não ser que fosse constrangido por algum Bispo ou outra autoridade. O jejum deveria se prolongar da festa de Todos os Santos até à Páscoa. No restante do ano, deveriam jejuar às quartas e sextas-feiras.

Certamente, tudo isso que Antonio Maria prescrevia para os outros começava a praticar por si mesmo, pois, como antes assinalado, em suas constituições, não fez nada além de confirmar, por escrito, o que, a partir de seu exemplo, já era observado pelos demais. Mas, ele fazia mais ainda. Pelo que lemos sobre ele, jejuava tão frequentemente e normalmente comia tão pouco que se poderia dizer que observava um jejum perpétuo, o que é ainda mais admirável quando se pensa em sua compleição física delicada e nas incessantes tarefas que empreendia. Para restaurar suas forças, repousava à noite por pouco tempo, dormindo sem conforto e eventualmente sobre tábuas nuas. Além disso, afligia sua carne com ásperos cilícios e com castigos, especialmente quando via a santa Igreja perturbada por alguma calamidade nova, ou quando algum de seus próximos estava em grave perigo espiritual. Em uma palavra, jamais deixava de guerrear contra a concupiscência da carne, usando da mais dura austeridade e jamais se permitindo qualquer coisa que pudesse satisfazer os sentidos. Nem a debilidade de suas forças, nem o peso de seus esforços bastavam para fazê-lo diminuir o rigor da mortificação. Apenas mitigava-o eventualmente para efeito de discricção e por uma caridosa condescendência com as necessidades de seus companheiros. Vendo-os às vezes à mesa, comovidos pela abundância de consolos celestiais, ou pela austeridade que colhiam dele, alguns

praticamente sem provar qualquer alimento, outros se abstendo efetivamente do vinho e das carnes que, por acaso, algum amigo lhes enviara, deixava naquele momento sua costumeira abstinência, para estimulá-los, com o exemplo, a satisfazerem suas necessidades. Pleno de caridade, contemporizando com as fraquezas deles, como faria uma mãe com seus filhinhos, então usava de alguma indulgência e benignidade consigo, de modo que, assim animados, seus companheiros fossem induzidos a se valer do necessário para seu sustento.

CAPÍTULO V

Como Antonio Maria se entregava integralmente a Deus, cuidando da negação de si mesmo e dedicando-se à prática da oração

Com tão perfeita renúncia a todas as coisas do mundo, bem poderia Antonio Maria dizer as palavras do Salmista: *Quid mihi est in caelo, et a te quid volui super terram? Deus cordis mei et pars mea Deus in aeternum* (O que me cabe no céu e o que posso querer de Ti sobre a terra? Deus do meu coração, Deus da minha herança para sempre). E, efetivamente, não se poderia encontrar qualquer parte de sua vida em que ele não pudesse se dizer integralmente consagrado ao Senhor. Como se viu, desde a infância, suas delícias eram frequentar a igreja, assistir aos ofícios divinos, ocupar-se de coisas devotas, abreviar até o sono para entreter-se com Deus na oração. Assim continuou enquanto jovem, procurando unicamente agradar a Deus, sem deixar arrefecer sua piedade, nem pelos estudos das letras e das ciências, nem pelos exemplos que, especialmente na universidade de Pádua, lhe eram contrários. Mas, todo esse tempo dedicado à piedade na infância e na juventude não passou de uma preparação para a dedicação mais completa e integral que Antonio Maria fez de si a Deus, quando, abandonada a medicina, resolveu, dedicar toda sua vida à glória de Deus no

estado eclesiástico e, mais ainda, quando se entregou à vida religiosa, instituindo a Congregação dos Clérigos de São Paulo. Então, não teve outro pensamento a não ser o de agradar em tudo a seu Deus e procurar, por todos os meios possíveis, fazê-lo servido e amado também pelos outros. A fim de se tornar um digno ministro do evangelho, entregou-se, com todo o ardor, ao estudo dos livros sacros, atingindo o sólido conhecimento que fazia tão persuasivo seu dizer e tão venerados seus conselhos. Mais do que alimentar sua mente com conhecimentos úteis, procurou ornar seu espírito de todas as virtudes, especialmente o santo amor de Deus, purificando seu coração de qualquer afeto não santo, mediante uma contínua negação de si mesmo. Bem sabia como Deus requer uma especial santidade de seus ministros, aos quais, mais do que a qualquer outro, diz: *Vocês se tornaram santos porque Eu sou santo* (Lv 11,44). Considerava sua obrigação cumprir o melhor que pudesse o conselho dado por Jesus Cristo a seus discípulos: *Sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu* (Mt 5,48). Assim, embora sua infância tenha sido puríssima, castíssima a adolescência e inocente a juventude, como se viu, não deixava de se ver ainda na necessidade de se purificar e santificar cada vez mais, de modo a agradar, como desejava, a seu Deus. Não deixava de recordar a si mesmo o que queria que fosse recordado aos noviços, isto é, *“abraçar de tal forma o “Lírio da Castidade”, que se acusem de adultério espiritual, caso descubram que puseram seu amor, de qualquer modo que seja, em coisas, em parentes, ou também no amor próprio, porque Deus é ciumento e proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu”* (31210). Em todos seus esforços, buscava principalmente vencer a si mesmo e negar seus desejos em tudo que não fosse plenamente conforme ao agrado de Deus. *“A vitória sobre si mesmo, escrevia ele ao pe. Batista de Crema, vou ter que escrevê-lo com a vida e não só no papel”* (10110). Nisso era efetivamente tão firme e decidido que, percebendo um seu defeito qualquer, ainda que mínimo, não caía nele uma segunda vez, costumando dizer *que assim como é louco aquele que tropeça a segunda vez na mesma*

pedra, da mesma forma não tem juízo aquele que, após a correção, cai no mesmo defeito.

Mediante tão atenta vigilância e contínua negação de si mesmo, Antonio Maria se fez conduzir a tal perfeição que quem quer que o conhecesse não conseguia nele visualizar nem uma sombra de defeito ou imperfeição. Somente ele encontrava algo a corrigir e melhorar. Mas, na verdade, adquirira tal pureza de espírito e tão pleno domínio sobre todas suas paixões que não havia mais nada que o perturbasse, nada mais o ocupando ou o motivando além do puro amor a Deus e o cumprimento da vontade divina. O desprezo, as calúnias e todas as perseguições, com que se tentou eliminar a Congregação dos Clérigos de São Paulo por ele instituída, jamais conseguiram, como se viu, perturbar sua quietude e serenidade de ânimo; como um rochedo diante das tempestades, permanecia firme na conformidade à vontade de Deus, com plena confiança na proteção do Céu. Embora às vezes se mostrasse severo e inexorável na correção e punição das faltas alheias, especialmente quando feitas em prejuízo da honra de Deus ou da disciplina regular, não o fazia jamais por ímpeto de cólera, mas tão somente em razão do zelo e do quanto convinha à emenda do culpado e ao salutar exemplo para os outros.

Todos seus esforços, portanto, além da santificação de si mesmo, se voltavam para a promoção da glória de Deus, procurando, por todos os meios, reavivar a piedade nos fiéis e o zelo nos eclesiásticos, para o que, como vimos no livro primeiro, tanto se empenhou: quem olhe para o ardor incessante com que agia; a veemência de espírito que animava seus sermões; o muito que fez e os muitos frutos que colheu em tão pouco tempo, não poderá deixar de reconhecer como o zelo pela glória de Deus verdadeiramente o consumia totalmente. Como em tudo o que dizia respeito ao serviço de Deus agia sempre com grande fervor e praticamente com renovada galhardia, assim também queria que seus companheiros o fizessem. Era inimigo particular e declarado da tibieza, como se vê em mais de um de seus escritos. Tampouco podia tolerar

que se fizesse alguma coisa simplesmente pelo costume, ou, como ele dizia, para se mostrar. Nisso, frequentemente, indicava a seus companheiros o dito de Jeremias: *Maldito aquêle que cimpre com negligência a missão que Javé lhe deu* (Jr 48,10). Em suma, era tão voltado para as coisas de Deus que parecia não saber falar nem pensar em outra coisa. Certamente, jamais se ouviam de sua boca discursos inúteis, nem ele admitia, de forma nenhuma, que seus companheiros se voltassem para as coisas do mundo, ou falassem frivolidades. Certa vez, um irmão voltando de fora se permitiu violar a rigorosa proibição de contar novidades seculares. O servo de Deus, para mortificá-lo e, ao mesmo tempo, advertir os demais, não hesitou em dar-lhe um safanão, dizendo que tal discurso não era para ser feito em uma casa de religiosos. Queria que mesmo os discursos familiares sempre fossem sobre coisas pertencentes a Deus e ao proveito espiritual de todos. E assim ele o fazia. Para tal fim, costumava eventualmente, depois das refeições, tomar em mãos algum livro devoto e, após ter lido algum trecho, argumentar sobre o tema, quase como uma forma de entretenimento, mas não sem vantagem e consolo de quem o escutava.

Daí derivava sua facilidade em se recolher em oração, de tal forma que, a qualquer tempo e após qualquer ocupação, logo podia, por assim dizer, a seu bel prazer, estar com a alma inteiramente imersa e concentrada em Deus. A oração era seu principal refúgio em todas as necessidades; seu alívio e conforto em seus esforços. Jamais empreendia qualquer coisa sem antes se aconselhar com Deus e a Ele implorar ajuda na oração, voltando a essa após qualquer atividade, para restauração e repouso. Como durante o dia, pelo tanto que tinha para fazer em prol das almas, não lhe sobrava espaço para se entreter com seu Deus na forma que desejava, supria tal falta à noite, quando, em grande parte e às vezes inteiramente, passava rezando. Então recomendava a Deus não apenas suas próprias necessidades, mas também as do próximo e de toda a Igreja. Fazia-o com tanto fervor e confiança na bondade divina que da forma com que rezava bem se podia deduzir que suas orações

não eram feitas em vão. Assim escrevendo a um de seus filhos espirituais, dizia amorosamente: *“Por que você está tão tímido e medroso? Ainda não sabe que não vamos abandoná-lo? Você já deveria saber, por experiência, da ajuda que lhe damos sempre”* (10801). Fato é que a Sfondrati, falando do grande proveito que obtinham os penitentes sob a direção de Zaccaria, disse expressamente, como sendo algo notório para todos que o conheceram, que, sendo ele homem de tanta oração, cada um podia testemunhar a ajuda que vinha da mesma oração. Mas, o que lhe fazia passar as horas de oração mais suavemente era a meditação e contemplação das coisas celestes, nas quais se via às vezes tão absorto que parecia raptado para fora dos sentidos. Os efeitos salutares derivados desse seu íntimo comércio com Deus podem ser vistos em todas as obras virtuosas e santas que aqui narrei. Um só efeito, porém, que, dentre todos, pode ser dito o primeiro e principal, me parece dever ser aqui destacado de forma particular.

CAPÍTULO VI

Sobre seu amor a Jesus Cristo e sua devoção a Maria e ao Apóstolo São Paulo

Creio poder afirmar com razão que o principal fruto que Antonio Maria desejava colher – e que, de fato, colheu – de suas muitas orações foi o eminente conhecimento de Jesus Cristo e um amor profundo por ele, mostrando ter impresso na mente e no coração nada mais do que Jesus Crucificado. Era a esse exemplo que procurava conformar-se em tudo, operando coisas grandes e padecendo pela glória de Deus. Esse era o livro em que queria que seus companheiros estudassem especialmente. Dizia em suas constituições: *“... exortamos e queremos que cada um - porquanto possível - se esforce para desenvolver uma reflexão pessoal (mesmo que não seja muito adiantado nos estudos),*

até que seja para escrever um livro. Isso vale mais do que só conseguir a ciência tirada do livro dos outros. Vocês conseguirão isso na verdadeira imitação de Jesus Crucificado” (30805). Em seus discursos familiares, recomendava-lhes que, na conversão das almas, procurassem sobretudo ligá-las ao Cristo Crucificado, porque, dizia, se alguém se enamora do Crucificado por si mesmo, logo detesta e abomina toda vaidade, delícia, soberba ou qualquer outra coisa repugnante à boa disciplina cristã. Era exatamente o que ele fazia. Com efeito, o amor e a imitação do Crucificado, como já assinalado, eram a intenção principal e a norma contínua que ele propunha às suas Angélicas na prática da virtude, de modo que o amor pelo Crucificado e a imitação do Crucificado tornaram-se o dito familiar que corria entre elas. Em suas cartas não faz, por assim dizer, outra coisa que recordar, a cada passo, Jesus crucificado, com sentimentos de amor e confiança e com vivo desejo de que esse seja amado e imitado por todos. Vejamos, como prova, alguns exemplos. Escrevendo a Carlos Magni, sugere que discuta confiantemente com o Crucificado sobre as dúvidas e dificuldades que lhe possam ocorrer no exercício de sua profissão, procurando seu parecer, que decerto não lhe será negado, se estiver disposto a segui-lo. Exorta-o ainda a confabular familiarmente com o Crucificado, como ele o faria, prometendo que, se assim o fizer, sentirá que isso será de grande utilidade e que verá crescer em si o amor e a união com Cristo (*cf* 10306). Daí se pode perfeitamente concluir que Antonio Maria teria dado àquelas que se ocupavam dos ministérios sacros o mesmo conselho de lidar familiarmente com o Crucificado. E quanto não deveria praticá-lo ele mesmo? De forma análoga, escrevendo às Angélicas, alegra-se com elas por desejarem sofrer por Cristo, procurando conduzir o próximo ao desprestigiado Cristo. Para animá-las a isso, pede que se recordem da ampla e nobre grandeza de espírito que lhes foi ensinada por São Paulo sobre o Crucificado e as penas e opróbios delas próprias, de modo que se reputeem nas filhas daquele grande Apóstolo, sentindo um desejo infinito por tais coisas (*cf* 10502). De outra vez, escrevia: “*Diga-lhes,*

portanto, que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas; e insista para que assimilem bem esta ideia” (10914). E numa outra carta, escrevendo ao casal Omodei, como se viu, exorta-os a se tornarem grandes santos, dando-lhes esperança, desde que queiram aumentar e restituir ao Crucificado ainda mais belas as coisas que dele receberam, pois ele conhece a abundância das graças e compreende os frutos que o Crucificado quer fazer neles. Confiando em que eles queiram ser fiéis, exorta-os a pôr em ação o livro da doce memória da cruz de Cristo, que os conduzirá a grande perfeição (*cf 11106*). Também na carta a Ferrari conforta-o a prosseguir, de bom ânimo, sua missão em Vicenza, assegurando que o Crucificado o precederá e acompanhará todas as suas palavras e intenções santas, dando-lhe força para penetrar no íntimo dos corações (*10602*). É belíssima nessa carta a expressão de amistosa confiança em relação a Jesus Cristo, como também o afeto por Ferrari. Antonio Maria irrompe ali, dizendo: *“Fiquem, então, firmes e certos de que, sobre o alicerce de Paulo, vocês não construirão prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras e o céu, com seus tesouros, se abrirá para vocês e seus irmãos. Caríssimos, recebam antecipadamente os meus parabéns por causa da perfeição à qual vocês vão chegar, levados pelos seus bons sentimentos. Se vocês estivessem aqui, nada poderia impedir que eu os abraçasse e fosse carinhoso com todos. Mas, Jesus, faça isso em meu lugar!”* (10604-10605). Também são belas as expressões dirigidas a um seu filho espiritual: *Meu caro filho em Cristo, saudações*” (11001) e outra a todos os seus companheiros: *“O Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês”* (10712). Em suma, Jesus Cristo crucificado era o objeto sobre o qual Antonio Maria jamais se saciava em falar com todos, pois o tinha continuamente na mente e no coração. Por isso também, no início de cada um de seus escritos, aparece sempre o sinal IC. XC. +, como se fosse uma forma de recordar a ele e aos outros o Jesus Cristo crucificado.

Não é improvável que se deva a ele, ao menos em parte, o uso,

introduzido naquela época, na maioria das igrejas de Milão, de se tocar o sino todas as sextas-feiras à hora nona, para incentivar os féis a sentimentos de compunção, lembrando-os de como naquele dia e àquela hora expirou sobre a cruz, para salvação do gênero humano, o divino Redentor. Embora Paolo Morigia escreva que tal uso foi introduzido em Milão em 1536, por persuasão do frei Bono de Cremona, sabe-se, de todo modo, que esse se orientava pelos conselhos de Zaccaria, seu diretor espiritual, que o transportou da vida eremita para uma vida ativa, dele se utilizando para promover determinadas obras exteriores de piedade e caridade que não podia cumprir por si mesmo. Burigozzi, no entanto, em sua fidelíssima crônica, diz que, desde 1532, alguns homens capazes de santidade, assim como algumas mulheres casadas ou em vias de se casar, que os encaminharam para S. Ambrogio, obtiveram a graça de fazer tocar longamente o sino às sextas-feiras, na hora em que Cristo expirou, sendo que, parte deles, especialmente as mulheres, se encontravam na catedral àquela hora e, ali, com a cabeça baixa e os braços abertos, gritavam pela misericórdia de Deus. Confrontando narrativas, parece fora de dúvida que Burigozzi aqui acene exatamente a Zaccaria e seus primeiros companheiros, como também à condessa de Guastalla com as meninas que ela começara a reunir desde o ano anterior em sua casa próxima a Santo Ambrósio. Mas, como entre os companheiros ou filhos espirituais de Zaccaria é certo que, desde então, já se encontrava o frei Bono, pode ser que, a conselho de Zaccaria, esse tenha se empenhado mais especialmente em propagar também por outras igrejas de Milão tal costume piedoso já introduzido na catedral.

Antonio Maria utilizou o mesmo frei Bono para introduzir e promover em Milão, em Cremona, em Vicenza e em outros lugares a devoção das chamadas Quarenta Horas. É verdade que alguns apontam como autor dessa devoção em Milão o padre Guiseppe da Fermo, Capuchinho, que ali pregou a quaresma em 1536. Mas, esse não fez mais do que promover o percurso das Quarenta Horas de igreja em igreja, de modo que durasse o ano todo. O costume de expor o Santíssi-

mo Sacramento à adoração dos fiéis, com muita solenidade e aparato de luzes, pelo espaço de 40 horas, já fora introduzido antes, por obra especialmente do referido frei Bono, que, como narram Bresciani e Merula, em suas coletâneas de cremonenses eminentes em santidade, “desde 1534, persuadiu o Duque Francesco II Sforza e o Ordinário a determinarem que se expusesse o Santíssimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, com o aparato de luzes conveniente a Sacramento tão grande, deixando-o sobre o altar por 40 horas contínuas.” Sobre o fato de frei Bono se empenhar na promoção dessa e de outras obras de piedade por estímulo de Zaccaria, além do testemunho do cremonense Arisi e dos historiadores de nossa Congregação, tem-se também a carta do próprio Zaccaria ao padre Ferrari, acima mencionada. Na carta, vê-se que Zaccaria induzira o frei Bono a ir com Ferrari para a missão de Vicenza, procurando fazer com que ali ficasse o máximo possível, para o bem das almas, dizendo expressamente a Ferrari: “*Gostaria que todos ficassem sabendo da bondade do Frei Bono, pois assim ficarei certo de que as Orações das Quarenta Horas e outras boas obras terão crescimento*” (10616). Quis Antonio Maria que seu zelo particular na promoção da devoção das Quarenta Horas se transportasse também para seus Clérigos de São Paulo, os quais, desde os primeiros tempos em que tiveram a igreja de São Barnabé, costumaram fazer ali uma solene exposição do Santíssimo Sacramento nos três últimos dias do carnaval, prática reproduzida posteriormente nas outras igrejas que, pouco a pouco, foram adquirindo.

Mas, a devoção mais cara a Antonio Maria, no que se refere a promover Jesus Cristo no Sacramento, era a frequência à santa comunhão, um tanto negligenciada naquela época. Por isso, não cessava de usar todos os meios para reavivar nos fiéis o desejo de alimentar-se daquele pão celestial. Com efeito, conseguiu-o, de modo que, onde, antes, comungar na páscoa já era considerado algo de muita piedade, graças ao zelo dele e de seus companheiros, começou-se a ver muitas pessoas chegarem à mesa eucarística mais vezes ao ano, até mesmo em

todos os dias festivos, sem falar das Angélicas e outras pessoas devotas que comungavam quase todos os dias. Nem por isso consentia que a comunhão fosse frequentada por mero hábito e sem a devida disposição. Ao contrário, requeria grande pureza de consciência e um aparato especial de atos virtuosos, especialmente de humildade e mortificação. Quando ministrava a Santíssima Eucaristia, costumava dizer antes algumas poucas palavras a fim de incentivar especialmente o espírito dos fiéis a receber aquele pão de vida eterna com viva fé e ardente afeto: nisso colocava tanto fervor que, frequentemente, nem ele, nem os que o ouviam, conseguiam conter as lágrimas. Ainda com mais frequência acontecia que ele se dissolvesse em lágrimas durante a santa missa, que celebrava diariamente, para isso se preparando, dia após dia, com muitos atos virtuosos e afetos de acesa caridade. Isso não é de se espantar se lembrarmos da prodigiosa aparição dos Anjos com que foi honrado por Deus na primeira vez em que ofereceu o incruento Sacrifício, ou se considerarmos como o amor a Jesus sacramentado sempre foi o afeto mais doce de seu coração: ainda na juventude, quando a maioria procura entretenimento nos vãos prazeres do mundo, ele já encontrava suas delícias ao se entreter com seu dileto Jesus diante do Sacramento.

Um amor assim tão ardente, como o que Antonio Maria tinha por Jesus Cristo, não poderia deixar de andar junto com uma terna e filial devoção à mãe divina, Maria Santíssima Com efeito, essa devoção à Virgem foi cedo demonstrada por Antonio Maria, podendo-se mesmo dizer que praticamente a sugara com o leite da própria mãe. Desde os mais tenros anos, como se viu, começou a honrar a Virgem com afetuosos obséquios, amando-a e venerando-a desde então como sua querida mãe e senhora. Assim continuou a fazê-lo sempre, de modo que jamais se punha a rezar a Deus, ou chegava ao altar para lhe oferecer o santo Sacrifício, sem que, com ardorosas e especiais orações, buscasse o patrocínio da Mãe divina. O que mais, se não sua filial devoção a Maria, poderia lhe inspirar tanto amor à pureza virginal, preservando-o ilibado em meio a tantos perigos? Procurava incutir em todos o amor e a devo-

ção a Maria, seja em suas argumentações privadas ou públicas. Valia-se daquele amor suavemente para estimular os outros à prática da virtude, a fim de imitar a Virgem. Devendo sugerir a seus companheiros os meios mais eficazes para obter a perfeição religiosa, recomendava sobretudo que amassem e honrassem sua dileta mãe, a Rainha dos Anjos.

Além da devoção à Virgem, Antonio Maria, como tantas vezes assinalado, teve também uma devoção muito especial ao apóstolo São Paulo. Dessa quis deixar um monumento durável em seu último testamento de 14 de dezembro de 1531, instituindo uma capelania perpétua na igreja de São Donato em Cremona, em um altar de patrocínio da família Zaccaria, intitulado à Conversão de São Paulo, para isso consignando setenta e cinco libras imperiais por ano, a fim de que ali se celebrasse uma missa em todos os dias festivos e nos de São Donato e da Conversão de São Paulo. Daí se colhe que, mesmo antes de instituir a Congregação dos Clérigos de São Paulo, Antonio Maria já era especialmente devoto daquele Apóstolo. Talvez essa devoção tenha se iniciado e crescido com a leitura das epístolas do Santo, com as quais muito se deleitava, tanto que, com frequência, se o ouvia recitando sozinho trechos delas, declamando-os com gosto e fervor de espírito particulares. Geralmente tirava das epístolas os argumentos e razões mais fortes dos sermões e exortações que fazia nas conferências espirituais. Aliás, foi com ele que se iniciou o costume introduzido junto aos Clérigos de São Paulo de se expor ordinariamente ao povo, nos dias festivos, as epístolas de seu santo Protetor. Antonio Maria era tão amplamente investido de seu espírito que, em suas pregações e nas próprias cartas, tinha algo da eficácia própria daquele grande Apóstolo. Continuamente propunha-o como exemplo a seus companheiros e às Angélicas, mas sobretudo a si próprio, procurando imitá-lo especialmente no generoso desprezo do mundo; na tolerância com fortaleza de ânimo de toda espécie de penas e opróbios por amor de Jesus Cristo; e no zelo incansável pela salvação das almas. Sobre esse zelo, que foi o dote precípuo e praticamente a qualidade essencial de Antonio Maria, devo falar agora mais de perto,

de forma a assim completar o retrato que me dispus a traçar das virtudes que fizeram do Servo de Deus admirável exemplo para seus discípulos.

CAPÍTULO VII

Como Antonio Maria era inflamado de zelo na busca da salvação das almas

Quem ama Deus não pode deixar de amar seu próximo, pois é mandamento de Deus que cada um ame seu próximo: aliás, essa é a melhor prova que Deus requer do amor que se tenha por Ele. Como não se pode fazer ao próximo obra mais proveitosa do que a de ajudá-lo a conseguir o sumo bem, isto é, a eterna salvação, assim, conforme o dito dos Santos Padres, não se pode fazer a Deus sacrifício mais aceito do que o de cooperar para a salvação das almas. Antonio Maria compreendeu muito bem essa verdade, pois, determinando-se a se consagrar inteiramente ao serviço de seu Deus, nada lhe foi mais caro do que a busca, por todos os meios possíveis, do bem espiritual do próximo. Por isso, inicialmente, abandonou o exercício da arte médica e ingressou na carreira eclesiástica. Por isso, já sacerdote, abandonou a casa e a mãe viúva, indo para Milão, onde Deus lhe abria campo mais amplo para trabalhar em proveito das almas. Em tal ocasião, em um ímpeto de caridade, escreveu a Ferrari e Morigia: *“Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens”* (10216). Efetivamente, olhando-se para o que Antonio Maria fez e sofreu pelo bem espiritual do próximo, poder-se-ia praticamente dizer que ele ficava fora de si por zelo das almas, tanto era o ardor com que se esforçava, sem jamais se deter; tanta a solicitude com que cuidava de tudo que

pudesse servir a seus propósitos caridosos. Mesmo antes de vestir o hábito clerical, já começara a dar sinais desse zelo, pondo-se a ensinar o catecismo às crianças em todos os dias festivos e, em seguida, a proferir discursos sacros e praticar outros exercícios de piedade na igreja de SÃO Girolodo, especialmente para afastar os jovens nobres dos espetáculos e outros perigosos passatempos mundanos. Mas, depois que se tornou sacerdote, sua vida não foi mais do que um trabalho contínuo pela saúde espiritual do próximo e uma cadeia jamais interrompida de várias obras de caridade. Ensinar as crianças e as pessoas ignorantes na doutrina cristã; pregar a palavra divina; escutar as confissões sacramentais; manter as conferências espirituais com os seus religiosos e outros eclesiásticos, com as Angélicas, ou com os seculares da Congregação dos Casados; visitar os enfermos nas casas e hospitais, assim como os míseros encarcerados; satisfazer as muitas pessoas que o procuravam, uns buscando conselhos, outros conforto, outros ainda buscando orientação no caminho da virtude. E tudo isso sem contar a solicitude que devia empregar para a fundação e consolidação da nova Congregação dos Clérigos de São Paulo e para preparar as Virgens Angélicas para a vida religiosa. Como já por outros assinalado, era espantoso como um homem sozinho e de compleição física tão delicada, como era a sua, podia fazer tantas coisas e suportar tanto esforço. Mas, é verdade que o fogo da caridade jamais diz: basta.

Com efeito, Antonio Maria, julgando sempre que fazia pouco em relação ao muito mais que desejaria fazer, não deixava passar nenhuma oportunidade, nem qualquer meio possível, para servir a seu próximo. A qualquer tempo e de qualquer maneira, queria ser útil de alguma forma às almas. Por isso, não podia tolerar discursos inúteis entre seus religiosos, como já mencionado. Quando tratava com estranhos, embora, inicialmente, por urbanidade, se adaptasse para falar do que fosse preciso, conforme o status e a condição de cada um, pouco a pouco, habilmente voltava o discurso para coisas de Deus. Sabia fazer isso tão bem que, além da conversa com ele ser prazerosa e agradável

para todos, jamais se fazia sem algum proveito para a alma. Também por aquele motivo de buscar proveito para os fiéis, promovia a publicação e difusão de bons livros espirituais, bem como a introdução de diversos exercícios de piedade, sobretudo a promoção da frequência aos sacramentos da confissão e da comunhão. Ainda pelo mesmo motivo, renovou o uso das penitências e mortificações públicas, à imitação de São Francisco de Assis e outros Santos, a fim de sacudir e estimular à compunção nas almas adormecidas na culpa, como de fato a obteve de muitas, embora, por outro lado, tal exercício de humildade tenha lhe acarretado ásperas calúnias e implacáveis perseguições. Finalmente, as muitas orações e penitências que oferecia privadamente a Deus pelas necessidades espirituais de seu próximo. Da mesma forma, incitava os outros, o mais que podia, para que também se esforçassem pela salvação das almas. Demonstrou o quanto isso lhe era caro, por concessão divina, mesmo depois da morte, com um prodígio. O pe. Battista Sorresina narra que, encontrando-se em missão em Verona, alguns anos após a morte de Zaccaria, certa noite, foi chamado a confessar um réu condenado à forca. Mas, sabendo dos muitos e graves delitos daquele homem, temendo não poder conduzi-lo ao arrependimento, não estava muito inclinado a assumir tal encargo. Assim, adiando-o para o dia seguinte, foi se deitar como de hábito. Enquanto estava prestes a pegar no sono, fez-se ouvir a voz, dele bem conhecida, de Antonio Maria, que, desse modo, o repreendeu: sim, Battista... é essa a caridade que São Paulo te ensinou? Negligenciar assim aquela alma? E nada mais disse. Battista ficou tão confuso que não pôde repousar nem um instante, esperando, com grande ansiedade, que despontasse o dia, para correr logo para aquele infeliz. Assim o fez e, mediante a graça divina, o preparou para bem morrer.

Antonio Maria teria desejado poder servir a todos e, pelo que lhe foi dado, não deixava de se empenhar em proveito de quem quer que fosse, de qualquer status ou condição, como se viu no decurso de sua vida. Por isso, além do cuidado especial com os pobres enfermos,

encarcerados e outras pessoas mais necessitadas de ajuda nas coisas da alma, procurou também, com a obra de seu zeloso ministro frei Bono, fundar em Milão o lugar pio chamado Santa. Valeria para ali acolher as mulheres convertidas da vida má. À sua semelhança, por obra de um padre Capuchinho, outro lugar foi instituído, poucos anos depois, sendo chamado de Socorro, ao qual o pe. Tiago Antonio Morigia prestou todo tipo de ajuda temporal e espiritual para que não deixasse de funcionar em seu início. Exatamente porque desejava servir o máximo possível a todos, objetivando promover em Milão uma reforma geral dos costumes, Antonio Maria entregou-se sobretudo a cultivar o espírito dos eclesiásticos e pais de família, sabiamente visualizando que, melhorados uns e outros, a piedade cristã viria se difundir também, como uma boa raiz, em todo o restante do povo. Além dos eclesiásticos e pais de família também foram objeto de seus cuidados mais assíduos as Virgens Angélicas. Isso, pelo que acredito, não apenas pela excelência de seu estado tão privilegiado por Cristo, mas também pela grande utilidade que elas mesmas poderiam fazer às almas, seja com suas orações e penitências, seja com o empenho que empregavam na reforma de outros mosteiros de religiosas, na educação das meninas e na condução, com seus discursos e exemplos, de outras pessoas, especialmente de seu sexo, a melhores costumes. Por isso, escrevia a uma das Angélicas, que estava com p. Ferrari na missão de Vicenza: [“*Amável Piora, não perca tempo em ninharias e se vir um demônio à espreita não na água, mas no fogo, não ligue, mas sim estenda todas as suas obras para agir naquelas pessoas que lhe forem confiadas e que o Crucificado lhe confiará de tempos em tempos*” “*Amável Piora, não perca tempo em ninharias e se vir um demônio à espreita não na água, mas no fogo, não ligue, mas sim estenda todas as suas obras para agir naquelas pessoas que lhe forem confiadas e que o Crucificado lhe confiará de tempos em tempos*”] (NB: Contexto da Carta 6. O trecho não consta da tradução em Português). A outra dizia: [“*Ganhem em vocês e nas outras*”] E a uma das viúvas que estavam com as Angélicas man-

dava dizer: [*“Gostaria que se assemelhasse a mim*], *se você reconhece que o mal se transformou em bem na sua vida, não pelas suas forças, mas por causa da atenção dos que procuram trazer-lhe vida em Cristo, reconheça também a obrigação que você tem de retribuir a eles, ou seja, que se sintam felizes por todos os cansaços que enfrentaram por sua causa. Você vai ganhar com isso e as outras também”* (10609).

Assim, entre o esforço contínuo que o próprio Antonio Maria fazia e a ajuda que obteve de outros, especialmente seus companheiros religiosos, seria impossível dizer quantas almas foram, pela graça de Deus, retiradas da perdição; quantas chegaram a vidas mais virtuosas e dirigidas para a mais alta perfeição. Sem falar da situação piedosa das Convertidas e do mosteiro de São Silvestre em Vicenza por ele reformados, além de muitos outros mosteiros de mulheres por ele reavivados no espírito, Antonio Maria fez reflorescer a piedade cristã em Cremona; melhorou-a muito em Guastalla e Vicenza; e sobretudo iniciou e promoveu em Milão a reforma geral de costumes que pôde ser mais facilmente completada pelo incomparável Arcebispo São Carlos, na medida em que esse encontrou, por assim dizer, o terreno de seu vinhedo em parte já arado, com ótimos operários aparelhados para cultivá-lo. E tudo isso Antonio Maria realizou no curso de poucos anos, pois Deus quis pôr fim a seu trabalho quando ele tinha apenas trinta e seis anos e meio. Mas, o homem verdadeiramente investido do espírito da caridade torna-se superior a si mesmo e, de certo modo, se multiplica.

O zelo de Antonio Maria pelo bem das almas era tal e tanto que ele daria a vida não somente por sua eterna salvação, mas também por seu mero progresso na virtude. *“Olhem para o meu coração: está aberto! – escreveu ele a Bernardo e Laura Omodei - Estou pronto a derramar o sangue por vocês, desde que façam isso que eu lhes disse!”* (11108) Se, de fato, ele não teve que derramar o sangue pela salvação do próximo, porque Deus não lhe deu ocasião de fazê-lo, por sua caridade, arriscou acabar mal por ação de seus perseguidores, especialmente aquele pregador que chegou a incitar o povo a botar fogo em sua

casa. Assim, não é irrazoável dizer que ele morreu mártir do seu zelo, na medida em que seu excessivo esforço pelo bem das almas foi o que lhe tirou a vida em tão pouca idade. Não se preocupava mais consigo mesmo quando se tratava de socorrer as misérias de seus irmãos, dos quais tinha tanta piedade que se dizia dele em Cremona que, assim como sua casa era o refúgio dos pobres, seu coração era o albergue da compaixão. Ouvindo confissões, às vezes ficava tão comovido pela miséria de determinados pecadores que, exatamente como se lê sobre Santo Ambrósio, chorava por compaixão e, com suas lágrimas, lhes induzia a chorar também por suas culpas. Se via alguém aflito e derrotado por alguma falta cometida, ou por alguma tentação ou algum tormento sofrido, acolhia-o com tanta benignidade, abraçava-o e consolava-o tão amorosamente que aquela pessoa mudava inteiramente, plena de conforto. Em uma palavra: Antonio Maria se entregava de todo o coração a seus irmãos. Dele poder-se-ia dizer com o Apóstolo: *“Quem fraqueja sem que eu me sinta fraco? Quem cai sem que eu me sinta com febre?”* (2Cor 11,29). Como prova, gostaria de fechar esse capítulo, transcrevendo integralmente a carta, já por mim mencionada, que o servo de Deus, pouco antes de cair mortalmente doente, escreveu a Batista Sorresina, um de seus mais caros discípulos, para corrigi-lo de sua pouca obediência. Veja-se com que ternura lhe mostra sua dor e com que amorosa insinuação e suave eficácia o induz a se emendar. *“Meu caro filho em Cristo, saudações. Como recebi uma carta sua, não posso deixar de saudá-lo e de escrever-lhe umas palavrinhas. Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar. E, se por acaso, ficar claro que você não está seguindo as minhas orientações, mesmo que se comportasse assim por ignorância, por falta de atenção e não por maldade, isso teria sido, para mim, como uma facada no coração. Fica pior ainda, se fosse uma falta contra outras pessoas, porque as imperfeições praticadas contra os outros doem mais do que se fossem contra mim: a mesma coisa é a alegria que tenho por causa dos gestos concretos praticados em favor dos outros: ela é muito maior do que se esses gestos fossem feitos em*

meu favor. Isso mostra que há, em você, grandes valores e que você os vive por causa de uma obediência consciente, mantendo sempre o mesmo fervor; quer eu esteja presente ou não, na frente dos outros e dos padres também. Quero dizer-lhe mais uma coisa, prezado Pe. Batista. Soube que você não tem, com Pe. Superior (Tiago Antônio Morigia), a mesma simplicidade de atitudes que tem comigo e isso me encheu de tristeza, pois se comporta diante dele de maneira fingida. Isso me atravessou o coração! E teria sofrido muito mais, se tivesse acreditado em tudo o que ouvi. Que coisa! Sua falta seria muito grave, se isso tudo fosse verdade! Se você tiver mesmo esta falha quem mais eu poderia elogiar, pois eu o considero como aquele cujas atitudes devem trazer-me grande alegria! Pobre de mim, se todos os meus filhos têm tão pouca preocupação em alegrar-me; teria sido melhor nunca tê-los gerado, para depois se desviarem!. Dionísio, o que você estava fazendo você, Timóteo, e você, Tito, qual era o seu comportamento em relação a Paulo? Vocês conservavam o amor e a presença de seu pai sempre em vocês e não tinham outra preocupação, a não ser fazê-lo feliz. Coitado de mim, pois isso não acontece comigo! Eu até aceitaria que outro me enganasse, mas você, Pe. Batista, a quem eu confiei todo meu tesouro, se você fizer isso, seria duro demais para mim! Eu lhe digo com toda firmeza diante de Cristo que, se você quiser, pode fazer-me viver feliz, dando-me esta alegria: que eu o veja comportar-se de maneira leal e simples para com todos. O que você vai ganhar fazendo-me sofrer? Que vantagem vai levar, prejudicando a si mesmo e causando-me tristeza? O que ganhará, atrasando seu caminho para a perfeição? Se quiser agradar-me e me ver sempre presente nos outros, eu lhe garanto que Cristo Crucificado o levará a tal grau de perfeição, que você despertará uma santa inveja nos filhos de São Paulo. Se, daqui pra frente, eu não perceber mudanças em você e se você não se comportar deste modo, isto é: que sempre veja a mim, ao ver os outros superiores: que sempre veja em mim e nos meus semelhantes o Cristo Jesus Pastor de sua alma em pessoa: que você procure proceder de um modo autêntico

e simples, vivendo os valores diante de mim e deles, como faria diante de Cristo Jesus: se você não fizer isso, não ficarei satisfeito com você e pedirei ao Crucificado que me tire deste mundo, para que você não me traga tanta angústia! Se, de agora em diante, você falhar novamente, fará com que eu acredite em tudo o que se passou; e, pelo passado, pelo presente e pelo futuro, terei que pensar que Jesus Cristo quer que eu morra, tendo filhos tão degenerados e pouco legítimos! Agora chega! Tenho a certeza de que, mesmo tendo errado por malícia, você não errará mais e será leal e simples com o Pe. Tiago Antônio Morigia e com os outros. E isso eu lhe peço, porque de você e dos outros juntos depende a minha feicidade. Seja submisso a todos e não deixe de crescer sempre por meio dos outros. Evite o isolamento, se você quiser que eu considere a sua humildade como caridade e como obediência para comigo e não como certa dose de rebeldia interior. Recomendações ao Sr. Dionísio, ao fiel João Tiago, ao humilde Sr. Francisco Crippa, ao sofredor João Antônio Berna, aos meus cordeais amigos João Antônio Dati e Tomás Tati, ao incansável Sr. Camilo Negri e... ao agitado Ulderico e ao simples Sr. Conrado Bobbia. Dê também as minhas lembranças aos Srs. Felipe, Janico, Modesto e senhora, Bernardo Omodei e filhos, ao sobrinho do João Antônio Berna e aos Srs. Baltazar Medici e João Pedro Besozzi e a todos os outros. E, em meu nome, peça a bênção a todos os padres, de modo especial ao Pe. Superior Tiago Antônio Morigia e ao Pe. Bartolomeu Ferrari, aos quais não escrevo, porque Cristo escreverá em seus corações, nem lhes recomendo coisa alguma, porque tudo está sobre os ombros deles. Que Cristo me conceda a graça de encontrar, em você, a minha satisfação. De Guastalla, aos 11 de junho de 1539. Seu pai em Cristo Padre Antônio Maria. (11001-11018).

Quem ler essa carta, com alguma atenção, não poderá, estou certo, deixar de sentir nela, até mesmo nas saudações, o espírito de caridade próprio do Apóstolo Paulo, do qual Antonio Maria estava pleno e pelo qual se entregava todo a todos para ganhá-los para Cristo.

CAPÍTULO VIII

Alguns ensinamentos de Antonio Maria em torno da vida espiritual: primeiramente, sobre a tibieza e o desejo da perfeição

Creio que não desagradará a quem lê se, quase como um apêndice ao que falei sobre o zelo de Antonio Maria na busca do bem espiritual do próximo e para fazer melhor conhecer seu espírito na direção das almas, eu colha de seus poucos escritos que chegaram até nós alguns ensinamentos extremamente úteis a quem queira se exercitar na virtude. A esses acrescentarei, em seguida, alguns outros dirigidos mais especialmente a manter e reavivar o espírito religioso na Congregação por ele instituída. Um belo material me poderia ser fornecido pelo elogiadíssimo livrinho, publicado várias vezes, sob o título “Ditos notáveis do Venerável Antonio Maria Zaccaria”, traduzido inclusive em francês e em latim. Mas, achei melhor não me valer dele. Nem tanto pelo fato de que alguns colocaram em dúvida ser aquela obra verdadeiramente de Zaccaria, como a maioria sempre acreditou e muitos ainda acreditam, mas principalmente porque, já tendo aquele livrinho sido bastante divulgado, seria excessivo reproduzi-lo aqui integralmente, não me parecendo conveniente reproduzir apenas uma ou outra parte. Assim, utilizarei somente os escritos, sejam os que jamais foram publicados, sejam os que, embora publicados algumas vezes, são menos conhecidos, como algumas cartas, alguns discursos sobre o Decálogo e as constituições. Inicialmente, relato alguns traços que dizem respeito à tibieza e ao desejo da perfeição.

Sendo pleno de fervor no serviço de Deus, por mais que fizesse de bom, Antonio Maria sempre achava que tinha feito pouco ou nada em relação ao muito que se sentia na obrigação de fazer. Assim gostaria que os outros também se sentissem, especialmente aqueles a quem se dedicava a cultivar espiritualmente. Assim, empenhava-se, com todas as forças, a deles remover a tibieza, por ele chamada de “*esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias*”

(10502), uma de suas causas sendo por ele reconhecida no fato de alguns pretenderem se contentar com a observação dos preceitos evangélicos, sem se preocuparem com os conselhos. Falando desses, assim ele argumenta em um de seus discursos sobre o Decálogo:

“Alguns dizem: não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis. Rezar muito, humilhar-se muito, fazer muita penitência, dar o que temos aos pobres, sobrecarregar-se de coisas espirituais... Pra quê? Não precisa!” (20618). “Coitados! Não enxergam em que perigo se acham. Não observando o que é aconselhado, arriscam-se a não observar nem os mandamentos. Veja a experiência: aqueles que se confessam e que comungam uma vez por ano e dizem: “para que confessar-me várias vezes? Basta uma vez por ano!” Repare e você o verá cair em blasfêmia e em outros pecados graves. Mas aqueles que comungam com frequência não estão neste perigo, porque não caem tantas vezes e se levantam mais depressa” (20620). “Por isso, chegue a esta conclusão e diga: quem quer fugir do perigo de pecar contra os mandamentos, precisa observar os conselhos. E quem diz isto? Eu? Não! É Salomão! Ele dizia: “...quem despreza o pouco, cairá logo na miséria”.(Eclo.19,1). Se você não quer cair na água, não se aproxime dela. Se não quer desrespeitar os mandamentos, observe os conselhos. Quer evitar os pecados graves? Fuja dos leves. Quer até fugir dos pecados leves? Deixe de lado as coisas lícitas e permitidas” (20621). “Você deve evitar de forma absoluta este modo de falar: “não tenho a intenção de fazer muito bem”, porque dizendo assim, está sempre em perigo e também abate e enfraquece o instinto natural, que procura fazer quanto pode. Diga-me: você deseja apenas uma parte da santidade, ou toda ela? Você deseja só alguns bens, ou todos os que você poderia ter ou não ter? Só alguma ciência e não mais? E assim por diante, em todos os outros seus desejos. Todos querem, cada vez mais, alcançar o fim; o fim da sua vontade é o bem e, por isso, você o deseja totalmente e não só um pouquinho (20622). Ó

homem mesquinho! Deus abandonou tudo: honras, riquezas, toda a sua glória, por sua causa, como Ele mesmo disse: “o que mais eu deveria ter feito pela minha vinha, que não fiz?” (Is. 5,4). Agora, você desejaria servi-lo, amá-lo, honrá-lo só um pouquinho e não mais intensamente? Não fale mais isso! Pois, além de deturpar o instinto natural que Deus lhe deu, além de não retribuir a Deus por tudo que você recebeu dele, você ainda prejudica a si mesmo, porque não progride no caminho de Deus. E não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás” (20623).

Ora, esse desejo insaciável da perfeição, que Antonio Maria se empenhava para estimular em todos, era por ele requerido muito mais fortemente de seus religiosos. Dentre outras coisas, recomenda-o ao mestre dos noviços, em suas constituições, escrevendo o seguinte: “*En-sine aos Noviços a cultivarem o verdadeiro Amor e o desejo da total e completa perfeição. De que serviria a alguém ter muitas virtudes, se lhe faltasse uma? De que serviria ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas? Quem descobrir que é assim, reconheça que não quer honrar a Deus o quanto pode” (31244). “É, sem dúvida, grande vergonha para os servos de Deus dizer: “para mim, é suficiente honrar a Deus até aqui”. Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!” Jamais algum Noviço e também nós, irmãos, pense ter feito muito, mesmo tendo as coisas que foram citadas acima em grau de ardente desejo: porque, quanto mais pagamos, tanto mais ficamos devedores de coisas maiores ainda” (31245). “Convém lembrar, no entanto, que não é pelo desejo de sermos superiores aos outros e sim para que nos ponhamos aos pés dos outros, que devemos desejar e procurar o mais alto grau de perfeição. Muitos caíram nas profundezas, pelo fato de não desejarem este grau de perfeição com humildade, ao mesmo tempo que desprezavam os outros” (31246).*

Mas, o desejo da perfeição seria em vão se não fosse posto em prática mediante uma pronta e firme resolução de seguir aquilo que Deus quer de nós. E essa resolução, infelizmente, com frequência, falta

em muitos. Sobre as causas e os danos provocados pela irresolução no fazer o bem, assim como sobre o modo de removê-la, é digno de ser lido o que, com iguais sabedoria e humildade, Antonio Maria escreveu a Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia, provavelmente quando já começara a tratar com eles da instituição da Congregação dos Clérigos de São Paulo: *“Aos meus queridos companheiros, Bartolomeu e Tiago Antônio. O Deus da paz e de toda graça os guarde e lhes conceda aquela firmeza e decisão em tudo o que fizerem e desejarem, como eu gostaria. É uma grande verdade que Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo de grau por grau, chegue à perfeição. É por isso que se diz que o homem que está no mau caminho, não fica nada satisfeito, isto é, não encontrando prazer no mal, não pode continuar nele: e assim, não parando no mal, irá para o bem. Do mesmo modo, não se satisfazendo só com as criaturas, passará para Deus. Bem! Por enquanto, deixo de lado as várias causas das insatisfações dos homens: o que já escrevi, chega! Coitados de nós! A firmeza e a decisão que devemos ter para fugir do mal, não as estamos usando para fazer o bem; tanto é verdade, que eu me admiro muitas vezes com a grande falta de firmeza que está em mim e isso vem de longe! Meus irmãos, eu estou certo de que, se eu meditasse profundamente a respeito dos males que surgem por causa dessa tal falta de firmeza, já os teria arrancado pela raiz há muito tempo! A falta de firmeza, antes de mais nada, atrapalha o homem: ele não progride, fica como quem está entre dois ímãs: não é atraído nem por um, nem pelo outro; isso quer dizer que ele não faz o bem agora, porque se preocupa com o futuro, nem se prepara concretamente para o futuro, porque perde tempo agora e não acredita no futuro. Querem saber com quem este homem se parece? Com quem tem a pretensão de amar duas coisas opostas. É igual àquele que quer caçar dois coelhos ao mesmo tempo: um foge e o outro escapa! Enquanto o homem ficar*

indeciso e cheio de dúvidas, é certo que não vai fazer coisa boa: é a voz da experiência, eu nem preciso falar. E tem mais: a falta de firmeza deixa o homem instável como as fases da lua. E não acabou não! O homem indeciso está sempre inquieto, nunca se sente satisfeito; mesmo quando está muito alegre, fica triste facilmente, fica irritado e procura facilmente suas compensações. Na verdade, esta erva daninha vem da falta de luz divina. O Espírito Santo chega logo ao mais íntimo das pessoas, não fica na superfície, mas quem não enxerga o seu interior; não consegue decidir-se de jeito nenhum. Esta falta de firmeza é resultado da mediocridade, mas também a provoca: de fato, o homem indeciso, na hora de dar conselho a respeito de algum problema, é capaz de falar todas as razões que existem, mas não sabe decidir quais as certas. E então, nunca diz o que deve ser feito e o que deve ser deixado; por isso, se antes a dúvida era pequena, depois se torna grande e, assim, nós nunca nos decidimos. O homem indeciso perde o entusiasmo e se torna medíocre (morno). Quem quiser apontar as tristes consequências e as causas da falta de firmeza, vai levar mais de um ano; a verdade é que, se o mal fosse só esse, já seria até demais, porque, enquanto o homem fica duvidando, não consegue fazer nada. Para fugir desse defeito, temos duas saídas que o próprio Deus nos indica: a primeira nos ajuda, quando somos obrigados a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa ali na hora: qual a saída? É elevar nossa mente, pedindo o dom do conselho; em outras palavras, quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer: desse modo, sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar. A segunda é que, tendo tempo e oportunidade para pedirmos orientação, vamos ao nosso orientador espiritual e, conforme o que ele disser, fazemos ou deixamos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer. Meus caros amigos, se não tomarmos providências contra essa erva daninha, ela vai provocar em nós um péssimo efeito: a negligência, que é totalmente contrária aos caminhos de Deus. De fato, o homem deve pensar e repen-

sar, moer e remoer na hora de ele fazer alguma coisa importante mas, depois que pensou e se aconselhou, não pode deixar para agir mais tarde, pois, nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de prontidão e dedicação. Já dizia o profeta Miquéias: Ó homem, já foi explicado o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com seu Deus (Mq.6,8). E São Paulo: Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos: sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor (Rm.12,11). E também São Pedro: Por isso mesmo, irmãos, procurem com mais cuidado firmar o chamado que escolheu vocês. Agindo desse modo, nunca tropeçarão (2Pd.1,10). Ele diz: sejam dedicados. Em muitos outros trechos da Sagrada Escritura vamos ver que a prontidão é exigida e exaltada. Meus amigos, é verdade que dessa falta de firmeza que há no meu comportamento, nasce em mim - não sei se é também por outro motivo, mas é quase sempre por causa da falta de firmeza - uma negligência tão grave e uma demora tão grande na hora de agir, que eu nunca me decido a começar uma coisa ou então, se eu começo, vou me arrastando tanto, que nunca chego ao fim. Vocês se lembram do exemplo daqueles irmãos que tinham perdido o pai e, que ao ouvirem o conselho de Cristo que deixassem os mortos sepultarem os mortos, imediatamente O seguiram? (Lc. 9,60) Pedro, Tiago e João, ao serem chamados, também deixaram tudo de lado e O seguiram.(Mt.4,18). E vocês acharão outros exemplos e vão ver que os que amaram Cristo, foram sempre fervorosos e aplicados, nunca preguiçosos. Que vergonha a nossa! Coragem! Levantem-se de uma vez por todas e juntem-se a mim, porque eu quero que arranquemos juntos esta erva daninha, se é que ela também está em vocês. Mas, se ela não pegou em vocês, venham ajudar-me, pois em mim, ela está plantada no coração. Pelo amor de Deus, ajudem-me de perto a arrancá-la, para eu poder imitar Jesus Cristo, que assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até à morte (Fl.2,8) e correu, para não se omitir, ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer (Hb.12,2). E, se agora vocês não têm outros meios para me

ajudar, venham em meu socorro, pelo menos com suas orações. Meus amigos, para quem eu estou escrevendo? Ora, para os que agem de verdade e não para os que ficam só falando, como eu. Mesmo que eu seja assim, foi a consideração que eu tenho por vocês, que me levou a escrever-lhes estas poucas linhas. Vou dizer mais uma coisa: tenho receio que vocês dois demorem demais para acabar de imprimir o livro. E você, Bartolomeu, já resolveu o caso do João Jerônimo? Já faz muitos dias e vocês não me enviaram nem a informação que eu pedi e nem me disseram uma só palavra a respeito do que já conseguiram fazer até agora. Eu até desculpo vocês, mas olhem bem para a consciência: vocês merecem desculpas, ou puxão de orelhas? Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens” (10201-10216).

Conseqüentemente à pronta e firme resolução de operar o bem, Antonio Maria queria que cada um, conforme suas necessidades e conforme suas possibilidades, fizesse, a cada dia, algum progresso na virtude, melhorando a si mesmo. Em torno disso, já vimos com quanto zelo e, ao mesmo tempo, com qual discrição, escrevia a Bernardo e Laura Omodei. Assim também escreveu às Angélicas: *“Minhas queridas filhas, desfaldem suas bandeiras, pois dentro em breve o crucificado as enviará para anunciarem, por toda parte, a vivacidade espiritual e o Espírito que dá vida a tudo. Graças sem fim sejam dadas ao meu Senhor, por filhas tão generosas que Ele me deu. Minhas filhas, enquanto isso, eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria, de tal modo que, quando eu chegar aí, consiga ver o progresso de vocês, cada uma se esforçando mais que a outra. Que eu encontre: gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e*

mostre sempre novo vigor; gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória; gente que procure fazer com perfeição os trabalhos mais humildes, ocupando-se deles com todo capricho e cuidado, não desanimando, nem achando que é rebaixar-se por causa da pouca importância desses trabalhos; gente que se esqueça totalmente de si, para olhar só para o próximo; que não veja seu próprio interesse e não pense em si, mas consiga o bem dos outros, comportando-se de maneira discreta e madura na ação; gente que venceu suas tristezas bobas, sua sensibilidade à flor da pele, o medo de não progredir na vida religiosa, o desânimo ao querer vencer a si mesma, a cabeça dura e a teimosia, a distração e outras coisas mais. Eu desejo ver que vocês receberam de verdade Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição: o Espírito Santo Paráclito. Ele não vai deixar vocês errarem, mas lhes ensinará todas as coisas e não as deixará esmorecer, ficando sempre com vocês e não as deixará carentes, dando-lhes todo o necessário, de modo especial, uma serenidade permanente, mesmo não as livrando das humilhações da cruz. Ele as ajudará a viverem uma vida de acordo com a de Cristo, imitando os grandes santos” (10503-10504).

CAPÍTULO IX

Sobre a oração e a mortificação

Ora, os principais meios sugeridos por Antonio Maria para a aquisição da perfeição cristã, além da frequência aos sacramentos, eram a oração e a mortificação das próprias paixões, sobretudo a soberba. Inicialmente, quanto à oração, ele recomendava especialmente a mental. “*A oração mental, - escreve ele nas Constituições -, é tão necessária para o nosso crescimento espiritual, que, sem dúvida, cada*

um de vocês pode concluir - e isso eu digo com toda certeza - que, quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá, mesmo que mastigasse externamente, o dia inteiro, muitos salmos e outras orações. Saibam, meus irmãos, que a oração mental é a comida, é o alimento dos que querem progredir. Por isso, se vocês não se nutrirem dela, certamente sentirão faltar-lhes as forças. A simples oração externa, principalmente, se não conduzir à oração mental ou não participar dela, é apenas uma satisfação exterior e uma camuflagem da verdadeira oração e do verdadeiro alimento espiritual. Vocês compreenderão essa situação pelo seguinte: saindo do momento de oração, vocês continuam os mesmos de antes como, por exemplo, levianos nas conversas, negligentes no trabalho e imperfeitos em todas as coisas” (31001-31002). Não é que por isso ele condenasse as orações exteriores. Ao contrário, as prescrevia. Mas, dizia: “a oração externa ou vocal foi feita para o seguinte: animados pelo prazer e pelo sentido que ela traz possamos chegar; pelo menos no fim, a aprender a oração interior” (31003). Para que ninguém se escusasse, dizendo não saber fazer orações mentais, ou delas não gostar, ele prossegue: “Irmãos, certamente seria espantoso que alguém de vocês dissesse: “Não sei orar mentalmente”. Querem aprender? Freiem a língua para evitarem falar o supérfluo ou até o necessário e, assim, vocês começarão a falar com Deus aquilo que diriam a um dos seus amigos. Mas, alguém de vocês pode dizer: “Não sinto prazer quando começo minha oração mental”. Eu respondo: Esforce-se por criar; na sua mente, pensamentos de compunção, como por exemplo, da Compaixão da Morte ou da Paixão de Cristo, das Dores de Nossa Senhora e sentimentos semelhantes. E, se mesmo assim, você não conseguir essa compunção, permaneça na oração e não se afaste dela nem deliberadamente, porque, mesmo que tardiamente, você receberá o que deseja, mantendo-se, porém, sempre humilde e julgando-se indigno de tal situação” (31008-31009) “Irmãos, prestem atenção, porém: se vocês querem chegar com facilidade à Oração mental, leiam coisas devotas, pensem nelas e, em

suas mentes, sintam prazer em ruminar coisas boas” (31011).

Além da oração mental, consistindo principalmente na consideração e comumente chamada meditação, Antonio Maria recomendava muito também a oração como prece, ainda que feita apenas interiormente. Sobre isso escrevia: *“Vocês, portanto, em suas mentes, mostrem e peçam a Deus: o de que precisam e o que querem ter em abundância; o que Ele julga ser mais útil aos amigos queridos e à Igreja do mundo inteiro. Para serem mais facilmente ouvidos, peçam perdão por intermédio do Sangue de Cristo e pela intercessão de todos os santos, lembrando, ainda o amor que Ele tem por todo o gênero humano” (31004-31005).* E acrescenta essas notáveis palavras, que deixam visualizar o que o Servo de Deus experimentava em si mesmo: *“Deste modo, finalmente, vocês poderão chegar àquela situação de oração que é resultado da intenção, da devoção e da experiência. E essa situação consiste em dar sempre graças a Deus. Quando vocês chegarem a este ponto, saibam que: foram atendidos antes de pedirem; receberam mais do que pediram, suas orações são sempre ouvidas! (31006-31007).* Mas, como esse estado é de poucos e muitos são os que não rezam como convém para serem atendidos, ele repete: *“Vocês dizem ainda: ‘Gostaríamos de conseguir o que desejamos’. E eu respondo: ‘Acreditem e receberão o que estão pedindo; e coisas maiores ainda. Não parem de pedir, porque, quem desiste e para de pedir, não consegue nada do que quer’. E mais: Querem ser ouvidos?” Conformem-se aos seus pedidos (cf. cap. 13) Como seria isso? Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração. Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas; alegrem-se com as coisas ruins. Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena” (31010).*

Depois, recomenda ao Mestre dos Noviços que os ensine a rezar com fervor, dizendo que *“o demônio costuma emporcalhar as orações sonolentas, tal como fazem as moscas com a comida fria, razão pela qual tais orações cheiram mal diante de Deus” (31215).* Quer ainda

que os advirta que uma coisa é o fervor e a devoção exteriores, que ele chama de furor, e outra coisa é o verdadeiro fervor e a verdadeira devoção interna. Assim, acrescenta: *Por isso, faça com que eles saibam que, muitas vezes, Deus costuma providencialmente fazer sumir o fervor e a devoção exterior por diversas razões, como por exemplo:*

- *Para que o homem conheça que o fervor não depende do seu próprio poder, mas do outro, isto é, de Deus; por isso deve humilhar-se cada vez mais;*
- *para que o homem aprenda a penetrar mais em si mesmo e a procurar a sua culpa e vê-la com pesar; por causa dela, este estado de espírito se afastou deles;*
- *para que o homem aprenda a compadecer-se dos outros, que talvez, exteriormente pareçam não ter esta devoção;*
- *para que o homem aprenda a virtude da discricção;*
- *para que o homem evite a distração e outras causas desse mal;*
- *para que o homem aprenda a discernir se, no tempo de aridez, age menos do que no tempo do fervor exterior; ou melhor, se, sem esse fervor, sabe afervorar-se mais verdadeiramente no fervor divino e no aproveitamento espiritual.*

Por isso, fiquem sabendo que, se alguém cai na tibieza por sentir-se privado desse fervor exterior e de desejo ardente, não se pode concluir que esse nunca tenha tido fervor verdadeiro, mas que tem um espírito inconstante. Por isso, Noviços, fiquem sabendo que, se vocês se dedicarem à verdadeira devoção (que outra coisa não é senão a pronta vontade para fazer as coisas de Deus), se vocês atenderem a Ele e não à doçura exterior, vocês se tornarão, finalmente, tão fervorosos, que não se limitarão às coisas da bondade de Deus” (31238-31240).

Enfim, outra espécie de oração, integrante da meditação e da prece e muito recomendada por Antonio Maria como importantíssima para o proveito espiritual, é a frequente elevação da mente a Deus e a conversação interna com Ele em todo tempo e lugar, em meio a qualquer ocupação. Eis como ele conclui o capítulo das constituições que

trata da oração: “*E lhes pedimos que, depois, comendo ou fazendo outras coisas, vocês estejam sempre com a mente elevada (1Cor.10,31), fazendo alguma coisa boa interiormente. Talvez vocês digam: “Como podem, ao mesmo tempo, a mente e a mão fazerem coisas diferentes?” Eu respondo: Querem compreender isso? Não lhes digo: olhem! Mas: toquem com a mão! Porque, quando ainda vivíamos no mundo, comendo ou trabalhando com as mãos, alguma vez a nossa mente pensava em algum negócio lucrativo, ou em algum amigo, ou em alguma vingança, ou em qualquer outra coisa. Não lhes resta, pois, agora, senão fazer por arte e esforço, o que antigamente vocês faziam por mau hábito ou por negligência*” (31014). Mas, a esse propósito, é belíssima a carta que Antonio Maria escreveu a um seu amigo de nome Carlo Magno, valente causídico em Cremona, carta essa que, embora um tanto longa, não quero deixar de referir praticamente por inteiro, na medida em que é cheia de conselhos extremamente úteis para quem quer que efetivamente deseje avançar no caminho espiritual: “*Prezado amigo e irmão Carlos. Eu tenho rezado sempre por você diante do Cristo Crucificado, porque preciso aprender primeiro o que eu quero ensinar-lhe. Se você não tivesse insistido com tanta firmeza, eu nem teria começado esta carta. Eu não sei tudo, mas mesmo assim, vou tentar ser bem claro! Bem, meu irmão em Cristo, já que suas atividades são muitas, são difíceis e ocupam tanto o seu tempo, você precisa encontrar um jeito de viver de acordo com elas. Por isso, eu desejo propor-lhe as três coisas seguintes, para serem vividas de acordo com suas possibilidades. Primeira coisa: faça suas orações pela manhã, à tarde, em qualquer hora*” (10301-10303), “*principalmente antes de começar as atividades do dia; que essas orações não tenham formas já estabelecidas, e durem um pequeno espaço de tempo, ou longo, conforme Deus permitir. Rezando, você procure dialogar com Cristo a respeito de tudo o que acontecer, até sobre as dúvidas e dificuldades, especialmente nos momentos das maiores incertezas, dizendo para Ele o que está a favor e o que atrapalha as suas decisões. Faça isso da maneira mais breve possível,*

dizendo-lhe a decisão que parece ser a melhor ou, então, perguntando ao Cristo o que Ele acha a respeito. Certamente que Ele não lhe negará sua opinião, se você insistir; aliás, eu lhe garanto que Ele atenderá os seus pedidos. De fato, eu não acredito que possa existir melhor conhecedor das leis dos homens, do que Aquele que fez as próprias leis, ainda mais se for O que tem em Si todas as regras e todas as normas. E, se Ele sabe desmascarar e esvaziar os pensamentos dos demônios, saberá desmascarar ainda mais os raciocínios dos homens! Quem não acredita nisso, não acredita também que Deus tem carinho por nós e que não deixa cair um só cabelo de nossa cabeça (Lc.21,18) e acredita menos ainda que Ele seja tão sábio, que torna todos os sábios desse mundo, loucos e ignorantes” (10303-10304). “Experimente, então, meu caro amigo, dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado, por um espaço de tempo curto ou longo, conforme a oportunidade, como você faria comigo - e converse com Ele sobre suas coisas e também Lhe peça conselhos, sejam quais forem os assuntos: pessoais, materiais, seus ou dos outros. Se você usar este método, eu lhe garanto que conseguirá grande progresso e sentirá nascer em si maior união com o Cristo e maior amor por Ele. Não digo mais nada, pois só a experiência será suficiente” (10306).

Portanto, se nós quisermos estar com Deus e, ao mesmo tempo, agir, falar, pensar, ler ou resolver problemas, o jeito é elevar, muitas vezes, os olhos de nossa mente a Deus, por pouco ou por muito tempo, tal como faríamos com um nosso amigo. Não podendo parar para conversar com ele, por causa das ocupações importantes do dia-a-dia, como por exemplo, conferir uma mercadoria para ser despachada bem naquela hora, logo de início é só dizer para Ele: “Você, meu amigo, me perdoa se não posso dar-lhe atenção agora? Eu tenho muita coisa a fazer, mas logo que eu acabar, a gente conversa! Você pode esperar?” Ou então, até quando estivermos escrevendo, de vez em quando é só levantar os olhos, fixando-os Nele, para falar sobre o que estamos fazendo, ou para dizer: já vai! Ou então, vamos usando algum recurso

que, embora não nos permita falar com o amigo, serve para entretê-lo. Isso não nos afasta do nosso trabalho, que nem será prejudicado pela presença do amigo. É desse jeito que você deverá fazer: praticamente não haverá prejuízo para seus estudos e ocupações. Antes de começar qualquer coisa, diga espontaneamente ao Cristo umas poucas palavras e, ao longo do dia de trabalho, eleve sua mente a Deus frequentemente. Isso será muito bom e você não vai perder nada se comportando assim” (10307-10310). “Seguindo este método, você se acostumará a fazer suas orações com facilidade, sem prejudicar seus afazeres nem sua saúde e rezará sempre, de modo que bebendo, comendo, trabalhando, falando, estudando, escrevendo... (1Cor.10,31), você estará rezando e o trabalho, não impedirá a elevação da mente e a ocupação espiritual, nem essas atrapalharão o seu trabalho. Agindo de outra maneira, você será um homem bom, não um bom cristão, tal como Cristo quer e como o chamou para ser. Isso você saberá se refletir bem sobre o modo que Ele usou para conduzi-lo a Si” (10311). “Caríssimo, se as minhas palavras têm algum valor para você, eu o exorto peço-lhe e o obrigo em Cristo e por Cristo: abra os olhos e preste atenção no que acabo de escrever, leia com os fatos e não somente com os olhos; fazendo assim, eu lhe garanto que você se tornará outra pessoa, bem diferente do que é agora, do jeito que deve ser, carregando o peso que Deus colocou e ainda vai colocar, de muitos modos, sobre seus ombros. Agindo de outra maneira, você não cumprirá os deveres que tem perante Deus e o próximo e, por isso, não terá desculpa e será punido como transgressor” (10312). “A terceira coisa é a seguinte: na meditação, na oração, nos pensamentos, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você. Querendo acabar com ele, esforce-se também para acabar com os outros que aparecerem, do mesmo jeito que faz quem deseja matar o comandante do exército inimigo, que fica protegido no meio de suas tropas: tendo os olhos sempre voltados para o que é o mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que

estiverem na frente. É assim que você deve fazer no combate aos seus defeitos. Se você me perguntar qual o maior defeito que eu percebo na sua pessoa, eu lhe digo - com muita humildade - que, apesar de você dar muita atenção à sensualidade, esse não é seu defeito principal e sim a ira e a perda da tranqüilidade, que vem da soberba, porque você sabe e conhece muita coisa, já que estudou e tem competência, por causa de suas qualidades e pela prática da vida. De fato, pensando bem, é isso que faz você perder o controle, o que o perturba e o leva a fazer gestos obscenos e a falar palavrões. A soberba produz em você outros frutos ruins e efeitos negativos. Mostrei-lhe o mal que é a mãe de todos os seus defeitos; acabe com ele: desse modo, não fará nascer filhos em você. Descubra sozinho os remédios e o modo, para vencer este mal. Se não conseguir encontrá-lo, quem sabe, da próxima vez, quando eu lhe escrever ou falar pessoalmente. Se, no entanto, não for esse seu defeito principal (eu acho que sim), procure descobrir qual é e acabe com ele. Observando tudo isso, você chegará à intimidade com o Cristo Crucificado. Mas, comportando-se de modo diferente, você ficará bem longe: e é isso que eu não quero ver em você, porque o considero muito como irmão em Cristo. Amém” (10313-10316).

A última parte dessa carta deixa bastante claro como Antonio Maria queria que a oração caminhasse conjuntamente com o exercício da mortificação das próprias paixões, especialmente daquela que as pessoas sabem que prevalecem em si. Mas, não é de todo inútil, a esse propósito, adicionar ainda alguns de seus outros dizeres. Em relação à mortificação da gula, eis o que ele diz em suas constituições: *“Ninguém coma coisa alguma fora de hora, esteja onde estiver, qualquer que seja a época do ano e tenha a idade que tiver. Não coma, mesmo que seja uma coisa simples e em pequena quantidade, só porque lhe agrada e lhe é atraente, porque isso é o vício da gula. Quem é dominado por este vício, saiba que, certamente, nunca progredirá no caminho de Deus. E mais: não ficará sujeito só a esta paixão, mas também a outras. Por isso, se você ainda não chegou ao ponto de comer sem sentir prazer,*

pelo menos não coma só por prazer. Tenha cuidado, porque, atrás da desculpa da necessidade de comer, pode estar escondido o veneno da sensualidade. Quem souber dominar a gula com discricção, vencerá a soberba e, sem dívida alguma, fará progressos” (30506). Quanto à superação da soberba, uma das principais coisas que Antonio Maria recomenda ao mestre dos noviços é essa: “Informe-os e os faça compreender que a humildade, mãe e guardiã de todas as virtudes, nunca encontrará estabilidade no coração deles, se não tiverem aceito, após longo tempo, com grande esforço e com profundo desejo, todas as perseguições, desprezo e humilhações, porque, quem procurar evitar as injúrias e sofrimentos, certamente permanecerá na tibieza. Por isso, lembrem-se de que não haverá humildade sem injúrias e desprezo e que os que se envergonham dessas situações, ou também dos irmãos pobres, ou das roupas e das casas simples, percam as esperanças de conseguir a Perfeição, enquanto permanecer neles um tal sentimento de vexame” (31218).

De forma genérica, para mortificação da própria vontade, Antonio Maria diz o seguinte ao mestre dos noviços: *“ensine aos Noviços a dominarem as suas vontades, de tal modo que fiquem tristes quando tiverem de agir a seu modo e fiquem alegres e se sintam honrados tendo que fazer como os outros querem, desde que tais coisas não sejam expressamente más. Ensine-lhes, ainda, a sempre agradar aos outros - mesmo que contra sua vontade - e a não fazer questão, em tudo e por tudo, do seu modo de ver, não exigindo o direito de dizer, nem tendo a ousadia de falar assim: “Quero desse jeito, não quero daquela maneira”, mas digam: “Quero o que vocês querem; não quero o que vocês não querem”. Convença os Noviços a pedirem a Deus a graça de querer vencer as suas vontades. E, perseverando nesta oração, Ele cumprirá perfeitamente neles, o que pedirem, desde que façam tudo para se tornarem de acordo com o seu pedido” (31208-31209).*

Finalmente, a permanente insistência de Antonio Maria em recomendar a mortificação das paixões, de modo a assim erradicar as causas

dos pecados, pode ser vista no que escreve a propósito da penitência sacramental. Sempre se empenhando em induzir os fiéis à frequência da confissão, também recordava ao mestre dos noviços o que deveria lhes ensinar sobre a melhor forma de se confessar, assim concluindo: *“Ensine aos Noviços como se confessarem, ou seja: não se confessem por costume; não contem os pecados dos outros, mesmo porque não querem carregar a penitência dos pecados que não são seus; não arranjem desculpas para os seus defeitos, pelo contrário, procurem até aumentar a sua culpa, porque esses defeitos foram a causa da morte de Cristo. Ensine-lhes que a simples recitação dos pecados não lhes dá o perdão dos mesmos, mas que é preciso, também, a vontade de não os cometer, junto com a intenção de corrigir-se na medida da possibilidade. Recorde-lhes que confessem tudo de que se lembram e, ainda mais, rejeitem os defeitos antigos e, com isso, evitem os futuros. Ensine-lhes que, tendo-se confessado, não continuem escrupulosos, mas quando o Mestre lhes disser que basta, obedeçam e acreditem em tudo e por tudo, sabendo que o fato de não deixar os escrúpulos é um ato que procede da soberba, que faz acreditar em si e não nos outros; saibam, porém, que com tais escrúpulos, vocês nunca farão progresso, e - depois de algum tempo, deixando de freiar os escrúpulos e o remorso de consciência - cometerão com licenciosidade todos os defeitos que quiserem. Ensine-lhes, ainda que se confessem com pudor, envergonhando-se diante de Deus e dentro de si mesmos, sem se preocuparem com os sinais externos. Por isso, avise-lhes que, desejando obter o perdão de tudo evitem esconder alguns pecados por vergonha, sugerindo-lhes que quem mostrar suas feridas mortais ao médico, escondendo uma só, por causa daquela chaga apenas, morrerá. Ensine-lhes que confessar-se é mais do que fazer o trabalho de jardineiros, que se limitam a podar e cortar os pequenos galhos e os raminhos das árvores e sempre têm que podar e cortar. Mas, pelo contrário, se arrancarem as raízes das plantas e das árvores, acaba o trabalho da poda e, depois, ganham com pouco cansaço, os frutos da terra sem espinhos. Assim, os peni-*

tentes devem insistir no trabalho de extirpar as raízes de seus vícios, como por exemplo: a soberba, que é a raiz de todo pecado (1Tm.6,10) só se arranca com a profunda humildade de quem tem sede de desprezo e sente fome das injúrias. Vocês arrancarão o vício da gula com aquela pobreza voluntária, que a grande custo consegue as coisas necessárias. Assim também manifesta-se de forma claríssima nos outros vícios. Por isso, quanto mais você se afastar da causa e da raiz do pecado, arrancando-as e destruindo-as, tanto menos será oprimido pelos espinhos dos pecados e terá a sua consciência menos angustiada, mas em paz (o quanto for possível nesta vida) e colherá o fruto da mente pura” (31219-31224). Similar à prática de mortificação que Antonio Maria requeria de seus penitentes, era, por outro lado, o cuidado que empregava em exercitá-los conforme a necessidade e a disposição de cada um. Sobre ele e seus dois primeiros companheiros Ferrari e Moriglia, a Angélica Sfondrati nos deixou escrito esse belo elogio: “Dentre todas as graças espirituais, resplandecia entre eles uma caridade, uma enorme sede das almas, uma paciência e uma diligência tão grandes em sua orientação que não havia vestígio de esgotamento ou de tédio. As confissões se realizavam com enorme frequência, mas nelas faziam um contínuo escrutínio da consciência de seus sujeitos, sem quaisquer exceções; das compleições; das inclinações naturais e sobrenaturais, nisso fundando a forma de orientá-los, sempre com grande discrição, mas em contínuas mortificações e negações deles próprios. Tampouco havia imperfeição, por menor que fosse, que se negligenciasse por tédio: tudo era visto, limpo e livre das manchas.” Assim ela disse.

CAPÍTULO X

Sobre as qualidades do Reformador dos bons costumes

Os ensinamentos de Antonio Maria, referidos nos dois capítulos

precedentes, assim como os que dizem respeito aos principais meios para adquirir a perfeição cristã, pertencem a todos, podendo ser proveitosos para todos os tipos de pessoas. Agora, não quero deixar de mencionar alguns documentos espirituais do Servo de Deus, apropriados para aqueles que, além de buscarem a própria virtude, devem também promovê-la nos outros, como os religiosos e os eclesiásticos, especialmente os prelados. Não tenho dúvida de que quem quer que considere atentamente tais documentos os encontrará plenos da prudência celestial, própria dos Santos, também devendo reconhecer que, ao descrever as qualidades do Reformador dos costumes, Antonio Maria fez, sem perceber, um bellissimo retrato de si mesmo. Assim ele escreve em suas constituições: *“Quando você perceber, que os bons costumes estão decaindo e a tibieza ganhando cada vez mais espaço, levante os seus olhos para enxergar a honra de Deus e o zelo pelo próximo e veja de que modo será possível reerguer os bons costumes. Mas, antes de mais nada, examine as condições que daqui a pouco serão descritas, para que você saiba como deve ser o reformador. E, se você se achar em condições de ser o reformador, coloque a cruz acima da tibieza com coragem, o quanto você puder, para favorecer a prática dos bons costumes. E o faça sem soberba e presunção (porque isso também pode acontecer). Mas, se você não se achar à altura do que vamos dizer aqui, saiba que estas condições não serão enunciadas para que você desanime, porque lhe falta alguma qualidade, mas para que se decida a tornar-se aquilo que você ainda não é. E não se esqueça de que seria inútil pretender reformar os costumes sem o socorro da graça divina, a qual, porém, foi garantida que permanecerá conosco até o fim dos séculos (Mt.28,20). Essa Graça está tão disposta a nos ajudar, que prefere acusar-nos e culpar-nos de falta de coragem e de infidelidade diante das coisas grandes, em vez de nós podermos culpá-la de nos ter faltado. PRIMEIRO - É preciso que você reflita sobre o que foi dito antes (no capítulo sobre o Mestre de Noviços) e, pela virtude da DISCRICÃO, você saiba escolher a oportunidade, o lugar, o tempo e as outras*

coisas que são exigidas quando se quer reformar; caso elas lhe faltem, você deve procurá-las novamente, arranjando companheiros aptos para essa reforma dos bons costumes, tendo em vista o resultado, ou seja, o êxito do empreendimento. É preciso que o reformador seja uma pessoa “cheia de olhos na frente e atrás” (Ap.4,6). Por isso, por causa dessa virtude da discricão, ele não seja nem por demais precipitado, nem demorado em decidir, mas saiba começar o empreendimento e levá-lo, com segurança, ao fim determinado. SEGUNDO - É preciso que você tenha um coração grande e ânimo generoso, porque costumam levantar-se tantas contrariedades e tantas dificuldades internas e externas contra tal empreendimento, que abatem e sufocam os que têm ânimo fraco. Opõem-se a tais obras os demônios invisíveis, isto é, os túbios, que são incontáveis. Com suas hipocrisias, eles subjugarão muitas autoridades temporais e espirituais; enquanto parecem bons por fora, interiormente estão cheios de ossos dos mortos semelhantes aos sepulcros caiados (Mt.28,27). Ajudados por tais autoridades, os túbios levantam batalhas cruéis contra os fervorosos. Mas isso é pura permissão de Deus para que a virtude seja colocada à prova pelas contrariedades e, assim, brilhe muito mais. Tenho a coragem de dizer que a virtude sem contrariedade tem pouca ou nenhuma consistência e, quanto maiores forem as contrariedades, mais preciosa se torna a virtude” (31801-31807). “TERCEIRO - Você precisa ser perseverante no seu empreendimento, porque muitos começam com grandeza de ânimo, mas depois desistem, vencidos pelas demoras. Quem se aborrece pelo cansaço trazido pelas contrariedades ou pelo arrastar-se do seu trabalho, saiba que já entregou a vitória ao seu inimigo, antes mesmo de começar. Que adianta começar bem e não acabar bem? Isso não passaria de um cansaço inútil. Hoje, você vê que tudo está prosperando bem: não se alegre. Amanhã, verá tudo voltar-se contra você: não fique triste, mas siga a sua viagem com constância, que você chegará ao fim. Os corações volúveis desagradam muito a Deus, porque foram gerados e nasceram da infidelidade. QUARTO - É preciso que você tenha uma

humildade muito profunda. *Quem não considera os insultos como um doce alimento, quem não gosta de beber escárnios, quem não deseja e não procura ardentemente a humildade não se meta a ser reformador de costumes. Não há humildade sem humilhações desejadas ardentemente, porque a humilhação está sempre ao lado da humildade. Por causa dessa humildade, o homem reconhece que suas atitudes o fazem inimigo de Deus, indigno de todo o bem e digno de ser desprezado por todos; por isso, o verdadeiro humilde é afável, agradável a todos e, portanto, perfeitamente apto para a reforma. O humilde é cheio de compaixão e de tolerância em relação aos defeitos alheios. Essas virtudes são sumamente necessárias para ajudar os imperfeitos, que realmente queiram progredir. QUINTO - É preciso que você ame muito a Meditação e a Oração. A Meditação e a Oração frequentes ensinam a empreender o trabalho de conduzir os outros pelo seu caminho. A oração impede de errar a quem quer andar e conduz com grande facilidade quem quer progredir. E como a Oração e a Meditação trazem a luz, ninguém assuma a responsabilidade de guiar os outros, se lhe faltarem essas luzes. A Oração e a Meditação mantêm o homem forte diante de Deus e, por isso, ele sabe o que convém fazer ou deixar de fazer. Ninguém pense que pode guiar os outros se for cego; dessa maneira, todos os dois cairão no buraco (Mt.15,14). SEXTO - É preciso que você seja homem de grande e reta intenção. Quem não tiver boa vontade e reta intenção, será incapaz de reformar os bons costumes. E quem tiver apenas bondade natural e reta intenção, não poderia reformar os costumes; nem que tivesse bondade gratuita e reta intenção, mas não tivesse intenção sumamente boa e perfeita. Antigamente houve muitos que pensavam poder reformar, mas, como lhes faltava esta última e grande bondade, trabalharam em vão. Você já viu, por acaso, um frade ou uma freira (não digo religiosos) feitos de ovos podres e de manteiga rançosa? Fique sabendo que a esses tais faltavam essas qualidades, porque alguns se uniam aos reformadores para não viverem simplesmente como irmãos e sim para serem superiores de si e dos outros; uns,*

para viverem na tranqüilidade com os companheiros, outros para se dedicarem ao estudo, outros para darem a impressão de estar fazendo obras grandiosas. E, assim, com outras intenções, muitos trabalham em vão” (31809-31817). “Por isso, que a sua intenção seja reta, para você trabalhar apenas para a honra de Deus: seja boa para a utilidade do próximo; seja consistente e firme, por causa do desprezo de si mesmo. Quem não tiver essas boas e retas intenções, procure adquiri-las antes de começar a reformar; a intenção sumamente boa e reta merece a ajuda de Deus” (31818). “SÉTIMO - É preciso que você se proponha avançar cada vez mais e em coisas mais perfeitas. Por acaso, você conhece apenas leis punitivas? Com essas, o homem não melhora, nem muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar. Ainda: você já viu leis que não visam a coisas sempre mais perfeitas? Estas também falham, porque “não progredir é falhar”. Portanto, se você se orientar de acordo com alguma dessas leis e desses modos de vida, imediatamente encontrará a tibieza diante da sua porta. Então, você quer mesmo reformar os bons costumes? Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros, porque o tamanho da perfeição é infinito. Assim, pois, evite pensar que é suficiente o que você fez no começo. Portanto, para você e para os outros: é muito pouco limitar-se a mudar os maus costumes; e ainda: é muito pouco reformar os bons costumes, se você não se esforçar para levá-los ao máximo, porque, fazendo isso, você será um bom reformador dos costumes”. (31820-31821).

Decida tornar-se o que você ainda não é

CAPÍTULO XI

Algumas diretrizes de Antonio Maria para o bem de sua congregação: inicialmente, sobre a escolha e o exame dos sujeitos nela admitidos

Permito-me, agora, adicionar alguns outros conselhos e diretrizes deixados por Antonio Maria em suas constituições. Embora dirigidos somente à utilização por sua Congregação, parece-me, no entanto, útil sua publicação, para que, senão por outros motivos, se conheça melhor o espírito do Servo de Deus e seu pensamento em relação a muitos pontos relevantes para uma Ordem religiosa.

Antes de tudo, é claro que o proveito de uma Religião depende muito da boa escolha e diligente cultivo dos sujeitos nela admitidos. Quanto à escolha, como a Congregação dos Clérigos Regulares, instituída por Zaccaria, deveria ter por objetivo atender à salvação do próximo, ele quis que os sujeitos a serem nela recebidos fossem bons não somente em si, mas também para os outros, sendo certo, porém, que mais bondade se exija daqueles mais inteligentes, tornando-se esses mais danosos para a Religião se à inteligência não corresponda a bondade na vida: *“Exigimos, - diz ele -, que vocês só recebam os que podem ser úteis para si mesmos e para os outros. Por causa disso, se aparecerem uns não muito inteligentes, mas de muito boa vontade e pedirem para ser acolhidos, admitam-nos e os aceitem, não diretamente na comunidade e nem mesmo nas reuniões e capítulos. Se forem inteligentes, não os recebam se não tiverem uma grande boa vontade, porque estes, se forem bons, farão um grande progresso espiritual. Ao contrário, se forem maus, se estragarão a si mesmos e aos outros. Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, a tibieza e os cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo do fervorosos. Por isso, observem a natureza de uns e de outros e procurem compreendê-la muito bem, ... observando, não só por um dia,*

mas por muito tempo” (31102-31105). Será melhor para vocês ter e receber poucos, mas com boa disposição, do que muitos, não aptos”. (31106)

A principal prova através da qual ele queria que se testasse a boa vontade daqueles que deveriam ser recebidos na Congregação era a das humilhações e mortificações. Sobre isso, acrescentava: *“Irmãos, sejam, portanto, prudentes. Mesmo aqueles que forem dotados de boas qualidades e quiserem ser recebidos, sejam experimentados e verifiquem que não sejam “fogo de palha” ou muito exigentes. Experimentem-nos com todo tipo de injúrias e grandes humilhações pondo-lhes, às vezes, esta condição: não serão recebidos! Experimentem-nos com estes e outros exercícios semelhantes, durante muito tempo, não de modo diferente do que faziam os filósofos ou mesmo os antigos Santos Padres. Portanto, se os encontrarem vivendo na murmuração ou na tibieza, ficando impacientes, ou fazendo coisas semelhantes, não os recebam” (31111-31112).*

Mas, a boa escolha dos sujeitos não basta, se esses não forem bem instruídos e informados sobre a vida religiosa por um mestre competente. Eis as sábias diretrizes que Antonio Maria estabelecia para esse propósito: *“Irmãos, vocês bem sabem que todo crescimento ou ruína espiritual das Congregações depende da boa ou má formação e instrução dos Noviços. Por isso, queremos e mandamos que vocês instruam os Noviços de todos os lugares, num só local e sob a direção de um único Mestre” (31201). “Vocês dirão: “Por que isso?” Respondo: Fazemos assim, porque, se os diferentes discípulos forem educados por Mestres diferentes, irão por diferentes e variados caminhos de Virtude; sendo assim, instruídos de modo diferente, não poderão conviver bem e, talvez um desprezasse o outro, porque segue seu caminho e, daí, facilmente nasceriam dissensões e divisões. Queremos que seja assim, também porque são pouquíssimos e raríssimos os dotados de tal perfeição, que possam conduzir outros à mais alta e total perfeição” (31202-31203). “Mas, para que tal Mestre possa formar bem os*

noviços, escolham um que tenha as seguintes condições: que ele seja de uma vida íntegra e irrepreensível, que esteja cheio de discrição prática, que seja bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas, que saiba investigar, de modo autêntico e sutil, as características dos vícios e das virtudes, que seja santo em tudo, que tenha grande capacidade natural. Certamente, tal Mestre fará discípulos semelhantes a ele. Não pensem que poderá instruir na paciência os seus discípulos, se ele for escravo da ira; nem induzirá os outros à humildade, se ele for, de algum modo, desejoso de glória; nem ensinará a sobriedade ou o valor do silêncio ou outras virtudes, se ele não as possui. De fato, como vocês podem admitir que alguém possa agir acima de suas forças? Portanto, se acontecer que vocês vejam um bom discípulo sair de um Mestre mau, digam a este Mestre que ele não tem razão para gloriar-se da perfeição discípulos, pois não foi a sua capacidade que cooperou para a devoção do discípulos, mas a força do Espírito Santo” (31205-31206).

Assim designado quem deva ser o mestre dos noviços, Antonio Maria passa a enumerar as principais coisas que esse deva ensinar a seus discípulos, o que não vem ao caso relatar aqui, especialmente já tendo sido referidas acima as mais notáveis para a devida compreensão.

CAPÍTULO XII

Sobre a correção e expulsão dos culpados

Quando os sujeitos recebidos em uma Religião estão bem testados e informados para a vida religiosa, resta buscar, com meios apropriados, conservar e aumentar neles o fervor espiritual inicialmente alcançado. Exatamente para esse fim, como já assinalado, Antonio Maria ordena e recomenda a todos a oração, sobretudo mental, a leitura dos livros piedosos, a frequência à confissão e à comunhão, o exercício contínuo da mortificação e negação de si mesmo, e ainda especial-

mente o uso das conferências espirituais. Tais meios, sem mencionar outros oportunamente adotados, certamente bastariam para fazer com que cada um não só mantivesse, mas, mais do que isso, avançasse no caminho da perfeição religiosa. Mas, como mesmo o homem dotado de boa vontade pode eventualmente cair em algum defeito e, por maiores que sejam os meios de perfeição em uma Ordem religiosa, sempre pode existir alguém que, por negligência ou malícia, se afaste do espírito de sua vocação, Antonio Maria, para impedir que o mal de um membro se agrave e se comunique a todo o corpo, propõe dois remédios diversos, conforme a dimensão das culpas e dos culpados.

O primeiro diz respeito aos que cometem faltas leves e têm uma vontade sincera de se emendar. Para esses, o remédio é que, reconhecendo sua culpa espontaneamente a acusem, ou, não a reconhecendo, sejam corrigidos pelos superiores, fazendo a devida penitência. A esse propósito, assim escreve o Servo de Deus: *“É coisa sabida, que há, realmente, duas espécies de culpas. Uma espécie de culpas diz respeito às que estão escondidas no coração, ou seja, nos lugares secretos; eu pergunto aos que cometem esta espécie de culpas: o que lhes adianta não serem vistos exteriormente, se o Supremo Superior, ao qual nada fica escondido, vê tudo o que se passa por dentro? Estas culpas se lavam com a confissão sacramental e com a contrição interna do coração. Mas, para arrancar a sua raiz, só manifestando as mesmas para os que sabem cuidar das feridas com ferro e óleo. Por isso, irmãos, saiba cada um de vocês, que aquele que deixar de manifestar a sua doença, por vergonha ou porque duvida muito de que os médicos sejam idôneos, ou porque espera confessar-se mais tarde, saiba que, certamente cairá naquela culpa, em outras mais graves e mais evidentes ainda. Outro tipo de culpas é o que se comete quando alguém a vê e a ouve. Tal espécie de culpa deve ser punida, ora mais, ora menos, de acordo com as diversas circunstâncias do pecado, do lugar, do escândalo e de outras ocorrências. Mas, de forma alguma, passe pela cabeça de vocês obrigar alguém a praticar a virtude sob a ameaça de*

prisão ou de torturas corporais, pois a prática da virtude exige o ato voluntário do homem, enquanto o que é só aparência de virtude faz o homem tornar-se hipócrita: e isso, nós condenamos. Logo, quem peca abertamente, acuse-se da mesma maneira e aceite a penitência; digo mais: ele mesmo a escolha para si, de tal modo que qualquer outra penitência dada pelos outros lhe pareça leve, diante daquela de que se julgou merecedor. Entretanto, se alguém de vocês não se acusar espontaneamente, mas esconder a culpa com fingimento, dissimulação ou de qualquer outro modo, admoestem o pecador com ameaças de expulsão” (31301-31305).

É esse o outro remédio que Antonio Maria propõe para as culpas mais graves, ou mesmo para as leves quando o culpado não se empenhe em se corrigir. Em relação a isso, para saúde da Congregação, ele prescreve uma severidade que talvez não tenha sido usada por nenhum outro santo fundador de Ordens religiosas. Antes de tudo, ele quer que a profissão religiosa se faça somente após os vinte e cinco anos de idade e com a expressa condição de que, quem a professe, possa ser a qualquer tempo expulso da Congregação. *“Em se tratando dos que forem considerados idôneos para a aceitação ou para Profissão, a Congregação não esteja obrigada a mantê-los, no caso que merecessem ser mandados embora. Irmãos, nenhum de vocês faça a Profissão antes do ano da provação, nem antes dos vinte e cinco anos de idade. E, se a Profissão for adiada, que ninguém se julgue facilmente professo, nem mesmo obrigado à vida religiosa, a não ser após a Profissão expressa e pública, que será feita com esta cláusula:- Na Profissão, cada uma faz juramento de renunciar aos nossos privilégios, no caso de vir, um dia, a ser expulso ou fugir da Congregação. E expressará sua vontade de que a Congregação não será responsável por isso e nem obrigada a coisa alguma. Antes, manifestará o desejo de que, simplesmente, seja entregue à jurisdição do Ordinário” (31113-31115)*

Falando mais especificamente das causas de expulsão da Congregação, Antonio Maria quer que não só por determinadas culpas gra-

ves por ele indicadas em outro lugar, mas também por culpas leves, seja expulso quem quer que, por negligência voluntária, após a terceira advertência, não se emende. Eis como ele se expressa: *“Irmãos, façam de tal modo que não haja prisões, nem qualquer outro tipo de torturas entre nós, porque julgamos supérfluo punir, dentre nós, os que não se deixam violentar pelo amor da virtude e de Deus e pelo temor do juiz divino ou humano; pois não pretendemos dar-lhes leis de temor, mas de puro amor. Quem, pois, não se corrigir depois da terceira admoestação, seja expulso da Congregação na quarta vez, para nunca mais voltar. Façam a admoestação nas três primeiras vezes já ameaçando de expulsão; e isso para qualquer defeito, mesmo que ele seja a negligência voluntária de quem não se preocupa em crescer. Ora, tudo isso deve ser entregue ao julgamento e ao parecer dos Discretos, porque quem tem culpa, é considerado como indiscreto e destruidor da vida religiosa diante de Deus e dos homens. Se este irmão deixar sujar com defeitos ou com grande negligência a beleza da vida religiosa, a sua expulsão não é feita por crueldade, mas por misericórdia, para que não estrague os outros com sua peste venenosa”* (31401-31403).

Para que os discretos não venham a se deixar vencer por uma falsa piedade ao não expulsarem os que o merecerem, Antonio Maria quer que os próprios discretos sejam punidos com a privação do ofício sempre que nisso sejam julgados culpados: *“Se vocês descobrirem depois, que os eleitos Discretos erraram nas coisas ditas acima, dizendo que é preciso ter piedade - o que, na verdade, é uma falta de piedade - castiguem-nos assim: daí pra frente, não os aceitem mais neste ofício e, se eles se queixarem, (do jeito que for esta queixa), expulsem-nos da Congregação, porque, como convém aos Superiores procurar a caridade em proveito dos irmãos, assim também é necessário que os irmãos ajudem os Superiores na correta observância”* (31406). Mas, para que por tal razão não se estabeleçam divisões nem advertências sem motivo legítimo, ordena que, após a eleição dos discretos, o Superior, juntamente com os outros professos que não tenham tal ofício, elejam

um dos mais zelosos da Religião, seja dentre eles, ou mesmo entre os discretos, o qual, quando julgar oportuno, possa, para esse único fim, reunir todos os professos para verificar se algum dos discretos, ou o Superior, foram negligentes ou maliciosos em não afastar os merecedores de expulsão. Sendo assim reconhecido, por maioria de votos, deveriam notificar quem fosse julgado merecedor de expulsão. “Porque (conclui Antonio Maria) *em tudo e por tudo, vocês não devem cuidar de pessoas sem boa disposição e que não sejam muito zelosos com a Congregação e com a honra de Deus. Ai de nós, se alguém puder afirmar como verdade: ‘Senhor, aumentaste o povo, mas não aumentaste a alegria’ (Is.9,3)*” (31408). Assim ele julgava necessário afastar os membros desgastados e nocivos, para manter são e vigoroso o corpo inteiro da Religião.

Com esse mesmo espírito em torno a tal questão se mostraram os Padres mais antigos, que sistematizaram as constituições de 1552, as primeiras publicadas por decreto do Capítulo. Dessa forma, embora moderando a vedação de professar antes dos vinte e cinco anos, de todo modo, estatuíram que quem se mostrasse incorrigível, mesmo em faltas não graves, após ser advertido três vezes, fosse expulso da Congregação, bem como quem caísse em determinadas faltas mais graves fosse imediatamente expulso sem outra advertência. Mas, nas constituições seguintes de 1579, foi julgado mais conveniente se ater somente às disposições do direito comum.

CAPÍTULO XIII

Sobre os sinais da ruína dos costumes

Ora, por mais que uma Ordem religiosa seja bem instituída e disponha de meios capazes de conservá-la em vigor, não cabe presumir que, com o passar do tempo, como acontece com todas as coisas huma-

nas, não venha, pouco a pouco, a decair e se afastar daquela perfeição inicial. Pensando nisso, Antonio Maria julgou por bem anotar alguns sinais principais da ruína ou relaxamento dos costumes, de modo que, se isso chegasse a acontecer em sua Congregação, rapidamente se pudesse reconhecê-lo e repará-lo. Podendo tais sinais se referir a cada indivíduo, como também a qualquer Comunidade religiosa, não me parece supérfluo descrevê-los aqui com as próprias palavras do Servo de Deus.

“Para que (escreve ele) ninguém desconheça o quanto e quando crescem o relaxamento e a tibieza, queremos demonstrar pelos sinais a seguir” (31701). “O primeiro sinal é, pois: a multiplicação dos preceitos e daquilo que obriga sob pena de pecado. Saibam que a observância regular não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor. Por esses preceitos, ou melhor, abismos, vocês conhecerão que a obediência foi relaxada, logo ela, que é o primeiro voto solene da vida religiosa. E mais: a instabilidade dos lugares e das ordens daqueles que fazem e desfazem, mais ainda quando precisarem constringir e obrigar os irmãos a cumprirem ofícios comuns: coisas como essas provam o mesmo. Quando vocês virem alguém fazer tudo o que quer, ou então dizer: “quero” e “não quero”; e quando virem os superiores se queixarem porque não têm a quem poder confiar ou comunicar algumas coisas; por causa desses sinais e de outros semelhantes, vocês compreenderão que a obediência está corrompida. O SEGUNDO SINAL PRINCIPAL é esse: Quando vocês virem a multiplicação das chaves, fechaduras pesadas, grades, caixas e portas fortes, concluam que o amor à pobreza acabou, pois essas coisas aparecem em consequência do aumento das posses; enquanto, pelo contrário, todos desprezam o possuir poucas coisas que não têm valor e se enfastiam por causa disso. Quando vocês ouvirem alguém queixar-se porque lhe falta alguma coisa e, por causa disso, aumentarem as murmurações. Quando virem que alguém exige a prestação de contas por causa de suspeitas e de sutilezas e também outros dizerem: “isto é meu, isto é teu”, digam que o segundo voto, isto é, o voto

de Pobreza, está em decadência. O TERCEIRO SINAL PRINCIPAL é: Quando vocês virem os mais jovens e os mais velhos se distraírem em conversas e recreios que não acabam mais, nem se cansarem desses recreios e ainda brigarem e tomarem certas atitudes e dizerem palavras desagradáveis um para o outro; quando os virem bisbilhotar com tagarelices e com impertinências, se intrometerem em jogos e coisas semelhantes, saindo do costume da Congregação, procurando roupas finas, alegrando-se com passarinhos e vasilhinhos de flores...podem afirmar que a primeira e imaculada Castidade já começou a ofuscar-se e a se enegrecer” (31706-31711). “O QUARTO SINAL PRINCIPAL é: Quando vocês virem alimentos serem preparados em quantidade maior do que a de costume, ou o apetite sendo satisfeito com quitutes ou guloseimas; quando vocês ouvirem murmurações por causa dos alimentos e dos vinhos. quando vocês virem alguns ficarem à toa só esperando a hora das refeições; quando os pobres e mendigos forem importunos para vocês. quando ouvirem os confrades esperando por tortas e se deleitando com vinhos saborosos e doces, resumindo, quando vocês virem esses sinais, saibam que o demônio está controlando os gulosos. O QUINTO SINAL PRINCIPAL é: quando vocês virem os superiores encontrarem desculpas para os seus defeitos e quiserem ser perdoados e, pelo contrário, usarem de grande rigidez contra os defeitos dos seus irmãos, não aceitando nenhuma justificação da parte deles; quando vocês virem os superiores sem coragem para punir os defeitos dos seus irmãos e até adulá-los; saibam que, nesses, já desapareceu a justiça e o temor de Deus. Quando vocês ouvirem muitos, especialmente os superiores, falarem assim: “Assim está bom, não fiquemos preocupados com uma perfeição maior”, ou ainda: “A nossa Congregação está relaxada”. Quando vocês virem os superiores mais preocupados com o cortar as consequências e os resultados dos defeitos do que arrancar suas raízes, que são o amor próprio e as outras paixões. Quando virem os superiores e todos os irmãos com receio de desagradar as pessoas de fora; até pelo contrário, procurando satisfazer-lhes as vontades,

como por exemplo: se, numa solenidade, eles quisessem uma Missa a seu gosto, mesmo contrária à Liturgia do dia, ou então se quisessem conversar com os irmãos a seu bel-prazer, passear com eles, comer e satisfazer a gula ou coisas semelhantes. Quando virem os superiores e todos os irmãos, ao invés de exortarem os outros para a prática dos sacramentos, se afastarem deles e afastarem os outros também; ou então frequentarem os sacramentos fora do nosso costume, só para agradecer ou até para lucrar alguma coisa. Quando virem que as exortações dos superiores e dos irmãos não dão resultado, que eles usam palavras solenes, pregam coisas estereis ou se detêm em curiosidades, que têm medo de ofender as pessoas de fora, falando sobre as virtudes e sobre os defeitos apenas em linhas gerais, nunca descendo aos pormenores (cf. capítulo 9). Quando vocês perceberem que o que se fala nas Reuniões é mais especulação e disputa do que coisas morais e práticas; que as eleições dos superiores e dos que têm outros cargos são controvertidas e se discute a respeito da diferença dos graus e da posição social de cada um; que aumenta o número dos irmãos que não têm vocação e que esses são mantidos na Congregação por medo que ela acabe. Quando, pois, vocês virem e ouvirem essas e muitas outras coisas, que seria cansativo enumerar, talvez vocês possam compreender que os bons costumes estão caindo, ou já caíram em decadência. Mas vocês, que são fervorosos, não participem da corrupção e da tibieza dos outros” (31713-31716). A esse propósito, poderíamos acrescentar algumas outras determinações e conselhos dados pelo Servo de Deus em suas constituições, mas basta ter referido seus ensinamentos.

Quando vocês virem esses sinais ...

CAPÍTULO XIV

Virtudes dos companheiros de Antonio Maria e avaliações que alguns Santos fizeram de sua Congregação

Vimos como Antonio Maria, pelo exemplo e pela doutrina, se fez guia de seus companheiros para a perfeição religiosa. Permito-me confirmar o que foi dito, acenando brevemente para o fato de que, sob tal mestre, seus discípulos também se mostraram excelentes na virtude. Como a partir dos frutos se conhece a qualidade da árvore, também pela virtude dos discípulos poder-se-á comprovar cada vez melhor a santidade do Fundador. Inicialmente, cabe ressaltar que eu teria demasiado a dizer se quisesse relatar minuciosamente tudo que foi escrito não só por historiadores da Congregação, mas também por estranhos, louvando a virtude de Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia, primeiros companheiros de Zaccaria. Para não me alongar, contentar-me-ei em referir dois breves testemunhos. O primeiro é da Angélica Paola Sfondrati, que os teve como pais espirituais no mosteiro de São Paulo, cuja história original escreveu com muita simplicidade e fidelidade. Falando de Ferrari, que sucedeu imediatamente Zaccaria na direção espiritual das Angélicas, disse, dentre outras coisas, que *era venerado por toda a cidade de Milão, sendo muito famoso e tido por todos como um anjo de rosto e costumes; que era modestíssimo, muito sereno por natureza, muito amoroso e de grande cortesia, empenhado em servir e beneficiar a todos, bastante instruído e de juízo prudente; que possuía o dom da oração e uma singular pureza de vida, enormes obediência e resignação; que, enfim, nele se descobriam uma humildade e retidão em Deus, desprendimento e abstração das coisas mundanas, a torná-lo admirável aos olhos de todos.* Sobre Morigia ela escreve que *era sacerdote muito honrado e de grande reputação em toda a cidade; que levava a vida mais despojada possível, satisfazendo-se em anular o nome e o valor de sua reputação em ações de grande humildade; que era um espelho de obediência, um homem dedicado à solidão e contí-*

nuas orações e sacrifícios. Falando dos dois juntos, como também de Zaccaria, disse que *todos os três foram companheiros por muitos anos, com um espírito tão concorde pela intenção estritamente voltada ao serviço divino que eram honrados na opinião de todos. E tendo diferentes e variados dons, compleições e inclinações, formavam um todo perfeito, extremamente agradável e edificante para todos.* Não menos honrosa para Ferrari e Morigia é o testemunho dado por Lorenzo Davídico, companheiro deles por muitos anos. Trata-se do padre Castellino, mencionado por Zaccaria em sua carta a Ferrari por mim antes referida, o qual esteve com os Clérigos de São Paulo durante cerca de dez anos. Licenciado por eles, levou sua vida, trabalhando ora em uma, ora em outra cidade da Itália, ocupando-se com grande zelo de vários ministérios eclesiásticos e dando à luz muitas obras espirituais. Tendo atuado com muitas pessoas de grande virtude, em sua obra intitulada Anatomia dos vícios, respondendo a uma afirmação de alguém de que aquele não era mais o tempo dos Santos Padres, disse ter conhecido, inclusive em seu tempo, grandes servos de Deus, mencionando alguns já mortos, dentre os quais, juntamente com Zaccaria, menciona exatamente *o todo olhar e luz interior Monsenhor Tiago Antonio Morigia, e o inflamado de amor divino Monsenhor Bartolomeu Ferrari.* Com efeito, tanta era a avaliação que se fazia em Milão e em outros lugares sobre a santidade desses dois Servos de Deus que, após sua morte, foram tidos como Santos, como surge do título de Beato posto em muitos retratos antigos que deles se fizeram, seja em tela, seja em cobre, bem como do fato de seus nomes terem sido incluídos em alguns catálogos de Santos e Beatos milaneses. É certo que um e outro já eram homens de grande piedade quando acompanharam Zaccaria, mas, por outro lado, não é menos verdade que esse, embora mais jovem, era visto por eles como seu Pai e mestre, tendo efetivamente, com seus conselhos e exemplos, os endereçado no exercício dos ministérios eclesiásticos, ajudando-os a progredir sempre mais no caminho da perfeição.

Tampouco foi comum a virtude dos outros companheiros de

Antonio Maria – João Tiago de'Caseis, Francisco Lecchi, Francisco Crippa, Camilo Negri, Dionisio Da Sesto, e Giovanni Battista Soresina – sobre cujas vidas, enquanto homens insignes pela virtude, mais tarde escreveu o padre Giovanni Battista Spinola, Bispo de Ventimiglia e, posteriormente, de Sarzana. Certamente, deviam ser homens de grande virtude, superando, como o fizeram, provas de tanta pobreza e austeridade de vida, de tantos esforços e humilhações privadas ou públicas, deles requeridas por Antonio Maria. Por isso, todos eram tidos em grande conceito por aqueles que os conheciam, como se pode ver nos elogios feitos a eles por diversos autores seus contemporâneos. Assim, Paolo Morigia chama-os de *Religiosos de grande fervor de espírito, desejando ser crucificados ao mundo e viver para Cristo*. Gaspar Bugatto, dominicano, diz serem *Padres religiosos e de vida apostólica*. Monsenhor Cacciaguerra qualifica-os *Religiosos perfeitos na orientação das almas, denominando-os com o título de Companhia Santa*. Lorenzo Davidico, na obra antes citada, falando em geral dos Padres de São Barnabé, diz: *Naquele sacro Colégio de São Paulo encontram-se espíritos tão nobres, tão zelosos da honra de Deus, tão experimentados no caminho das reais virtudes, fundando-se na verdadeira pedra da Cruz e fortes no Cristo crucificado, que chegam a causar espanto a quem conhece seu santo proceder e considera sua angélica conversação*.

Esse espírito de santidade não durou apenas ao tempo de Zaccaria e seus companheiros, mantendo-se sim mesmo depois e se difundindo, passo a passo, em sua Congregação. Não me alongarei falando de todos os que se destacaram pela virtude, pois, caso o fizesse, teria que me afastar de meu propósito de apenas mencionar rapidamente algo sobre os muitos que floresceram no primeiro século após a morte de Zaccaria. Foram eles: o Beato Alexandre Sauli, bispo de Aleria na Córsega e, posteriormente, de Pavia; o Venerável Carlo Bascapè, Bispo de Novara, chamado pelo Papa Inocência XI de um outro São Carlos Borromeu; Cosme Dossena, bispo de Tortona, muito ligado a São Fe-

lipe Neri e São Camilo de Lellis; Justo Guerini, muito próximo a São Francisco de Sales, a quem posteriormente sucedeu no episcopado de Genebra; Constantino Palamolla confidente íntimo de São José de Calasanz; Tiago Maria Berna; João Pedro Besozzi; João Melso; Jerônimo Marta; Paulo Maria Omodei; Timóteo Facciardi; Domingos Boerio; Agostinho Tornielli; todos muito benquistos de São Carlos Borromeu; e muitos outros. Prefiro falar do valor dado à Congregação dos Clérigos de São Paulo por alguns homens de grande santidade, que tiveram a oportunidade de conhecê-la mais de perto.

Inicialmente, menciono o santo Pontífice Pio V, que, na qualidade de Inquisidor do Santo Ofício, se encontrava em Milão, quando a Congregação se iniciava. Intervindo ocasionalmente nas conferências espirituais mantidas por Zaccaria, estabeleceu uma familiaridade com ele e seus companheiros, formando tal estima por seu Instituto que, posteriormente, estando em Roma, como Comissário do Santo Ofício, acolheu muito benignamente e ajudou os padres Besozzi e Melso, que lá foram defender a Congregação das acusações àquela novamente imputadas. Do exame que teve de fazer de tais acusações, confirmou mais fortemente o bom conceito que já tinha dos Padres de São Barnabé, assim passando a estimá-los mais ainda. Feito Papa, protegeu-os bastante. Em acordo com São Carlos Borromeu, concedeu-lhes as casas de Cremona, Monza e Vercelli. Desejou que se estabelecessem também em Portugal, de onde os procuraram por sugestão dele. Mas, sendo poucos, entenderam não poder aceitar o convite. Com essas e outras provas de benevolência dadas por aquele santo Pontífice, os Clérigos de São Paulo, em reconhecimento, o incluíram, mais tarde, entre os principais benfeitores do Colégio de São Barnabé, registrando seu nome em livro específico, com essas palavras: *Primis temporibus virtutes Patrum nostrorum Mediolani admiratus, summam in eos, Collegium que nostrum benevolentiam multis postea officiis testatam reliquit*. Outro Santo muito benévolo para a Congregação dos Clérigos de São Paulo foi Santo Inácio de Loiola. Escreve Orlandini, historiador da Com-

panhia de Jesus: *Optime Ignatius de virtute, ac sanctitate Patrum Ss. Pauli et Barnabae, et sane jure optimo, sentiebat, praecipuo que amore ac studio mediolanen sem familiam prosequabatur.* Não é improvável que o Santo tenha estabelecido uma amizade com o próprio Zaccaria em Vicenza, quando esse ali esteve em missão em 1537, como creem alguns, no mês de julho, ou mesmo em setembro, exatamente quando Santo Inácio se encontrava naquela cidade com Pietro Fabro e Diego Lainez. Também é possível que o tenha feito com outros companheiros dele. É certo que os Clérigos de São Paulo, em 1552, hospedaram em São Barnabé, assistindo-o em sua enfermidade, o pe. Emanuel Miona, confessor de Santo Inácio. No mesmo ano, o Santo hospedou em sua casa em Roma os padres Melso e Besozzi, sendo-lhes de grande ajuda na defesa da inocência de sua Congregação. Daí, quando passou para a eterna alegria, os padres de São Barnabé escreveram aos padres jesuítas em Roma uma carta de condolências, que pode ser lida na vida de Santo Inácio escrita por Bartoli. A carta estava plena de veneração e gratidão para com ele, lamentando sua perda como se fosse a de um de seus Padres. Aos padres de São Barnabé respondeu o pe. Lainez, que, dentre outras coisas a atestar o amor de Santo Inácio pelos Clérigos de São Paulo, disse: *“Não temos dívida de que ele, que, quando vivo, costumava amar vossa Congregação e por ela rezar a Deus, fará isso com mais ardor e mais eficácia na pátria celeste.”*

Outro muito amado pelos Clérigos de São Paulo foi São Felipe Neri, que, além da amizade mantida com o Beato Alexandre Sauli, foi bastante próximo dos padres Matias del Mayno, Paulo Maletta e Cosme Dossena, podendo-se dizer ainda que também o foi de todos os demais padres que estiveram em Roma, em sua época. Estimava, de modo particular, seu espírito de humildade e simplicidade, aliado a um grande zelo pela salvação das almas, elogiando-os com frequência a seus conhecidos. Isso serviu bastante para aumentar a reputação daqueles padres junto às pessoas mais respeitáveis da Cidade. Recomendava muito o Instituto deles, desejando que prosperasse sempre mais para

glória de Deus, daí se mostrando solícito para que adquirissem uma casa mais ampla e mais cômoda do que a de São Brás all'Anello. Previu mesmo o lugar do novo Colégio que, mais tarde, deveriam edificar em São Paulo alla Colonna. Enviava aos Clérigos de São Paulo muitos dos que lhe pediam conselho para se fazerem religiosos. Em 1577, tendo o Colégio de Roma requerido ao Preposto Geral Facciardi o direito de aceitar noviços, sem que fosse preciso recorrer ao Capítulo de São Barnabé em Milão, como era costume então, foi tal direito acordado com a condição, como estabelecia o decreto, de se consultar primeiro nosso tão caro amigo, Reverendo Monsenhor Felipe Neri. Com efeito, assim se praticou por cerca de dois anos até a publicação das novas constituições, que tornaram inútil tal decreto. De tão especial benevolência mostrada por S. Felipe em relação aos Clérigos de S. Paulo, seguiu-se a estima e a benevolência que seus alunos também manifestaram. Dentre esses não posso deixar de nomear dois dos mais ilustres. O primeiro é o Ven. Cardeal Cesare Baronio, muito próximo do padre Dossena, de Gavanto e do Ven. Bascapé, tanto que esse, tomando conhecimento de que Baronio começava a escrever os Anais da história eclesiástica, lhe enviou todos os escritos que já preparara sobre a mesma matéria. O outro é o Venerável Giovenale Ancina, que, posteriormente, foi Bispo de Saluzzo. São Francisco de Sales escreveu que ele estimulou o padre Guilherme Cramoyzi, parisiense, a entrar na Congregação dos Barnabitas, assegurando-lhe que ali se observava, de modo excelente, a perfeição religiosa, não sossegando enquanto não o viu nela recebido.

Mas, o Santo de quem a Congregação dos Clérigos de São Paulo recebeu, de modo especial, maiores provas de estima e benevolência foi São Carlos Borromeu. Ao assumir a direção da diocese, o santo Arcebispo encontrou em Milão os Clérigos de São Paulo, que, há trinta anos, ali se dedicavam a promover, com muito esforço, a reforma dos costumes que ele projetava cumprir no clero e no povo confiados a seus cuidados. Assim, teve a grande ventura de poder se servir da obra de tais ministros, que, conforme suas possibilidades, já haviam, de certa

forma, preparado o caminho, e, tendo com ele conformidade de espírito, estariam prontos a ajudá-lo em seus santos projetos. Começou, pois, a partir de suas obras e conselhos, desses continuando a se valer, sempre com especial condescendência, durante todo o tempo de seu governo pastoral. Valia-se deles em seus Conselhos, nas reuniões privadas, nas visitas pastorais. Adotava-os para a reforma dos religiosos e das monjas, para a orientação de seminários e colégios, para a pregação da palavra divina seja entre os católicos, seja entre hereges e, às vezes, por delegação, a Príncipes. Ainda com frequência se servia deles para direção espiritual da própria consciência, como se deu especialmente com o Beato Alexandre Sauli, sob cuja disciplina afirmava ter começado a se colocar no caminho da perfeição. Vendo com quanto amor aqueles Padres lhe disponibilizavam suas obras o quanto podiam, bem como comprovando sua bondade e eficiência, além de ter constatado o zelo com que espontaneamente se esforçavam pela salvação das almas (pelas quais chegaram a se expor voluntariamente, com risco de vida e com uma generosidade exemplar, ao tempo da peste), a estima e a benevolência toda especial que lhes demonstrava era indescritível. Em muitas de suas cartas podem-se ver as expressões de elogio e afeto com que falava deles. Veja-se um exemplo disso em carta que o Santo escreveu a Monsenhor Ormanetto, seu agente em Roma, para recomendar que obtivesse do papa Pio V a paróquia de São Barnabé para os Clérigos de São Paulo: “Vocês sabem (dizia) como é grande o serviço que o Senhor Deus recebe nessa Igreja dos Padres de São Barnabé e como os aprecio pela sua vida imaculada e suas santas práticas.” Após lhe recomendar a questão, concluía: “Certamente, não posso receber de sua Santidade nesse governo maior favor, nem ajuda mais desejada, nem mais relevante serviço”. Ia com frequência a São Barnabé, seja para officiar ali, seja para levantar o ânimo em santas conversações com aqueles religiosos, que se dignava a chamar de seus Padres. Teve mesmo um deles (como o padre D. Gregorio Asinari) continuamente consigo, durante certo tempo no Bispado, a fim de mais facilmente se aconselhar com

ele e tê-lo como companheiro em seus exercícios de piedade. Todos os anos retirava-se, por alguns dias, em São Barnabé, ou eventualmente no noviciado de Monza, para com eles realizar exercícios espirituais. Nesse período, gostava de partilhar a vida da comunidade religiosa, associando-se com eles na oração, nas conferências espirituais, no refeitório e até mesmo nas tarefas mais humildes da casa, as quais também queria realizar por amor à humildade. Ainda hoje se conservam, com muita veneração, tal qual eram na época, as dependências em que São Carlos ficava em São Barnabé, com as mobílias simples e mesmo a pedra sobre a qual, por humildade, lavava as louças. Como sinal de sua estima por aqueles Padres, o Santo deixou à igreja deles um insigne e precioso relicário que recebera do Pontífice Pio IV, seu tio. Mas, sua benevolência foi demonstrada sobretudo no solícito cuidado que teve, como Delegado Apostólico, em relação às novas constituições da Congregação, ajudando-os, favorecendo-os e protegendo-os em todas as suas necessidades, assim como promovendo, de todos os modos, medidas para a ampliação da Congregação, obtendo para eles as casas de Monza, Cremona e Vercelli. Em suma, tanta era sua solicitude para com eles, tanta a estima que lhes demonstrava, que alguns os chamaram de Padres de São Carlos. Aliás, houve mesmo quem escrevesse que São Carlos tinha sido seu primeiro fundador. Embora isso não seja verdade, é, no entanto, muito verdadeiro que São Carlos, pelo afeto e pelos benefícios prestados, foi, para os Barnabitas, como um outro Pai. Era, pois, um devido reconhecimento filial, serem os primeiros, como o foram, a promover sua canonização. Analogamente, a demonstração de confiança, ao elegê-lo, depois de São Paulo, seu especial Protetor no céu.

Igual testemunho de gratidão e confiança mereceu dos Clérigos de São Paulo o doce São Francisco de Sales, pela estima e afeição peculiares que, como São Carlos, ele também demonstrou por eles. Foram eles os primeiros a buscar sua beatificação, além de venerá-lo, com um culto especial, paralelamente a São Carlos, como Protetor de sua

Congregação. Ocasão venturosa para os Barnabitas de conhecerem de perto e estabelecerem contato com aquele santo Bispo foi a sua vinda a Turim e, assim, a Milão, em 1613, com a intenção, dentre outras, de chamá-los, caso o Duque de Savoia consentisse, para dirigirem as escolas do Colégio Chiapusiano de Annecy, que, àquela época, estava muito decadente. O Duque de Savoia, Carlos Emanuel I, não consentiu, mas Francisco, com grande entusiasmo e prometendo toda a sua ajuda, começou a negociar em Turim com o padre D. Justo Guerini, então Preposto dos Barnabitas em São Dalmazzo. Depois, para melhor se acordar e concluir mais rapidamente a questão com o Chefe da Congregação dos mesmos Barnabitas, decidiu ir a Milão, que queria visitar também por outras razões, especialmente para venerar os restos de São Carlos Borromeu, de quem era especialmente devoto. Lá chegando, embora convidado com grande insistência pelo Cardeal Frederico Borromeu e pelo Governador de Milão, Don Giovanni Mendoza, preferiu a oferta que lhe foi feita pelos Barnabitas de se alojar em seu Colégio, nos mesmos aposentos onde costumava ficar São Carlos, quando ali se retirava para se dedicar aos exercícios espirituais. Naquele pouco tempo em que São Francisco morou com os Barnabitas, ficou tão impressionado com as virtudes daqueles Padres que, após obter o quanto desejavam para seu Colégio, voltando a Annecy, conforme narra Augusto de Sales, seu sobrinho e sucessor no bispado, assim respondia aos Dirigentes da cidade e a outros que lhe perguntavam sobre as condições dos Barnabitas: “São religiosos merecedores de todos os elogios, dedicados a ensinar, pregar, confessar e prestar ajuda, onde quer que sejam chamados, aos Bispos e aos Párocos, cumprindo de maneira excelente ambos os ofícios de Maria e de Marta; dizia ainda que o agradavam em tudo e por tudo.” Quando, posteriormente, superados os obstáculos que alguns concorrentes tinham imposto, os Barnabitas foram para Annecy assumir a direção do Colégio, o Santo quis ele mesmo honrá-los na posse, fazendo uma solene oração, no grande salão das escolas, na presença das principais pessoas da cidade. Nessa oração, como referi-

do pelo acima mencionado escritor, “exaltou, com elogios magníficos, aqueles Padres e sua Ordem, recomendando-os de tal forma que, embora fossem muito criticados por alguns malvados, acabaram, no entanto, sendo acolhidos com aplausos.” A estima e a benevolência para com os Barnabitas cresceram no Santo após ele ter visto, na prática, sua bondade e seu zelo. Escrevendo a um cavalheiro, assim se expressou: “*Mas, digamos uma palavra sobre nossos Padres Barnabitas... São homens de piedade muito sólida, doces e incomparavelmente agradáveis, esforçando-se incessantemente pela salvação do próximo, no que se tornam admiráveis e infatigáveis*”. Com efeito, além do trabalho que prestavam no ensino das letras, da filosofia e da teologia à juventude estudantil, realizavam ainda outros exercícios do ministério eclesiástico. O Santo se valia de seus conselhos nas atividades de sua diocese, no ensino do catecismo, nas missões, na direção espiritual de mosteiros de outras Ordens, bem como no da Visitação por ele instituído. Aliás, há registros de ajuda prestada pelo padre Guerini às primeiras madres da Visitação, na compilação de suas regras particulares e no ajuste de seu formulário, tendo ido duas vezes a Roma para obter do Papa a aprovação e confirmação de seu Instituto. Por isso e pela grande intimidade mantida com São Francisco de Sales, tornou-se também muito caro a Santa Joana Francisca de Chantal, que o chamava com os doces títulos de *seu muito amado Padre* ou de *seu caríssimo e único Pai*. A estima que o santo Bispo tinha pelos Barnabitas e a familiaridade usada para com eles eram verdadeiramente o que se poderia desejar de um Pai, ou, como ele se dignava chamar, de um irmão. “O grande Bispo (escreve sobre ele seu já citado sobrinho) gostava especialmente de estar com eles; às vezes, comia com eles e muito frequentemente os chamava para perto dele. Ia celebrar a missa, pregar e ensinar o catecismo na igreja deles, candidamente se chamando ele próprio de Barnabita, isto é filho de consolação.” Isso porque fora filiado à Congregação pelo Pe. Geral Boerio, o que o agradou extremamente. Não contente de tê-los apenas em Annecy, empenhou-se com o Duque de Savoia para que

lhes fosse confiado também o Colégio das escolas de Tonone, buscando novos meios para ali estabelecer o noviciado de modo que, dessa forma, a Congregação pudesse se expandir mais facilmente para além dos montes, como de fato ocorreu não somente na Savoia, mas também na França. Para serem ali chamados foi muito útil a grande estima que São Francisco de Sales tinha por eles.

Essas poucas coisas, que apontei em relação às virtudes dos companheiros de Antonio Maria e à estima que tinham por sua Congregação os preclaros Santos que mencionei, bastariam para o leitor realizar quão grandes deveriam ser as virtudes de que era dotado o próprio Antonio Maria, que pôde formar tão virtuosos discípulos com seu exemplo e seus ensinamentos, assim estabelecendo tão profundamente em sua pequena Congregação a perfeição religiosa. Recordei tais coisas com muito prazer, na medida em que não só se voltam como elogios a Zaccaria, mas também porque servirão, como espero, a fazer crescer sempre mais, em meus confrades, a estima e o amor por sua Congregação, trazendo-lhes novos estímulos para se tornarem mais e mais dignos filhos de tão veneráveis Padres. Quase como um coroamento do tanto que falei sobre as virtudes de Antonio Maria, resta agora fazer um breve aceno quanto aos dons sobrenaturais com os quais ele foi privilegiado por Deus.

CAPÍTULO XV

Dons sobrenaturais de Antonio Maria

Embora os dons sobrenaturais não constituam em si mesmos nem a substância, nem a medida da santidade, da qual podem mesmo estar destacados, são eles, no entanto, um esplêndido ornamento do qual Deus às vezes se vale, um pouco mais ou um pouco menos, conforme sua vontade, para tornar mais aclamadas pelos outros as virtudes

e obras de seus Santos. Ora, quis Deus que desses dons, enumerados pelo Apóstolo São Paulo no capítulo doze de sua primeira carta aos coríntios, fosse seu Servo Antonio Maria distinguido de modo singular.

Primeiro, teve ele o dom chamado pelo Apóstolo de *linguagem da sabedoria e da ciência*: esse se demonstrou especialmente em sua capacidade de persuadir e mover os outros para o bem, com poucas e simples palavras, tanto que ninguém se chegava a ele sem que partisse melhorado e, mais do que isso, edificado e contrito. Tinha em sua fala tal graça e tal eficácia que não havia tentação que ele não aplacasse ou mesmo apagasse; nenhuma dificuldade que não aplainasse; nenhuma dúvida que não esclarecesse; nenhuma aflição espiritual que não aliviasse. Bastava uma simples exortação para que seus filhos espirituais logo se dispusessem a abraçar de bom grado e com ânimo generoso as coisas mais árduas e mais repugnantes às fraquezas humanas, como a pobreza, a austeridade de vida, os ministérios mais abjetos a serviço do próximo, as humilhações, perseguições e, se preciso fosse, até a morte, por amor a Jesus Cristo. A esse propósito, já foi referido o efeito admirável produzido em seus companheiros pela argumentação de Antonio Maria, quando seus ânimos estavam consternados pela perseguição levantada contra eles. Igualmente já vimos como, ao pregar a palavra divina, ele parecia ter em seu poder o coração de seus ouvintes, tanta era a comoção que neles suscitava e tantas as conversões de pecadores que se seguiam, inclusive dos mais empedernidos. Daí ter sido ele chamado, à semelhança de Moisés, potente na fala, sendo sua boca dita angélica e a graça de sua fala qualificada como celestial. Efetivamente, não é crível que ele tivesse tal graça por efeito da arte humana, na medida em que dessa se ocupava pouco ou nada. Vinha sim do céu por um dom especial de Deus, mediante a oração e a leitura dos livros sagrados, especialmente as epístolas de São Paulo, e sobretudo mediante o intenso amor por Jesus crucificado – livro principal de onde extraía sua sabedoria celestial. Por isso, são comumente aplicadas a ele as palavras, ditas pelo Apóstolo, ao escrever ao povo de Corinto: *Quando vim*

a vocês, irmãos, anunciar o testemunho de Cristo, não vim com uma sublime argumentação ou sabedoria: não creiam que eu saiba mais do que vocês, a não ser por Jesus Cristo e esse crucificado... Minha fala e minha pregação não vieram da persuasão da sabedoria humana, mas da manifestação do espírito e da virtude (1Cor 2,1-2.4). Com tais palavras, segundo Bento XIV, o Apóstolo descreve exatamente o *sermão da sabedoria e da ciência*, que o Senhor lhe dera. Sinal de semelhante dom em Antonio Maria pode ser visto naqueles poucos traços de seus escritos, que venho relatando. Redigidos a mão e sem nenhuma elaboração prévia, como bem notaram o Venerável Bascapè e Gabuzio, são plenos de eficácia e espírito apostólico. Mas, a maior prova do dom singular que Antonio Maria tinha do sermão da sabedoria e da ciência vê-se no espírito de santidade que ele transferiu para seus filhos espirituais, notadamente nas duas Congregações por ele instituídas – os Clérigos de São Paulo e as Angélicas.

Quanto ao dom de operar milagres, não consta efetivamente que Antonio Maria, em vida, tivesse realizado aquelas estupendas curas corporais obtidas, por sua intercessão, após sua morte. Mas, ele teve o dom, muito mais importante, de curar as almas de suas enfermidades, seja com a potência de suas palavras, como acabamos de ver, seja com a eficácia de suas orações. A Angélica Sfondrati atesta que cada penitente de Zaccaria testemunhava a ajuda que sentia. Nesse sentido, foi admirável a conversão, realizada por Antonio Maria em Vicenza, de um jovem mundano de nome Tito degli Alessi. Encontrando por acaso com o Servo de Deus, diante de um sinal da cruz que esse, por inspiração divina, fez em sua testa, sentiu como se descesse em seu coração uma chama celeste, iluminando-o de amor santo e efetivamente o transformando. Entregando-se a obras de piedade e colocando-se sob a direção do pe. Ferrari, afinal quis se consagrar integralmente ao serviço de Deus na Congregação dos Clérigos de São Paulo, onde se tornou homem de grande virtude, tendo sido o primeiro Preposto do Colégio de Roma e um dos Barnabitas mais próximos a São Filipe Neri.

Em matéria de milagres, gostaria ainda de referir o poder que Antonio Maria exercia sobre os demônios. Gabuzio narra ter ouvido várias vezes da boca do pe. Soresina o seguinte fato que a ele próprio acontecera: Uma das casas habitadas pelos Padres estava infestada pelo espírito maligno, que dia e noite, com todas as formas de maus-tratos e incômodos, perturbava a tranquilidade de todos. Nenhum remédio servira para expulsá-lo. Pe. Soresina então recorreu a Zaccaria, pedindo que rezasse a Deus para que aquele hóspede tão pertinaz e infausto fosse enxotado da casa. Zaccaria prontamente orou a Deus e disse a Soresina: Vai, confiante, meu filho, e diga ao demônio, de minha parte, que, em nome de Jesus Cristo, deve partir, não ousando mais molestar quem quer que seja. Seguindo Soresina tais palavras com boa fé, dali em diante ninguém mais, naquela casa, sofreu qualquer dano ou incômodo pelo espírito maligno.

Antonio Maria teve ainda o dom da profecia, como se viu no anúncio da morte próxima dado ao jovem que encontrou às margens do rio Pó em Guastalla, bem como na previsão da própria morte, que ocorreria dentro da oitava dos santos Apóstolos Pedro e Paulo. Tal dom também se manifestou ao preanunciar o que aconteceria à Congregação, que seria inicialmente difamada e, posteriormente, através da própria infâmia, adquiriria ainda maior crédito. Ao espírito de profecia também pertence o dom de Antonio Maria de penetrar no segredo dos corações alheios, de tal modo que às vezes conseguia dizer a seus discípulos os pensamentos que lhes iam pela mente e, se eventualmente pensavam em coisas não muito boas, corrigia-os e exortava-os a pensar em coisas melhores. Mas, não só isso. Acontecia ainda que ele descobria para os penitentes seus pecados, como o já mencionado pe. Soresina afirmava ter ocorrido com ele próprio, quando era noviço: tendo feito a confissão geral de seus pecados a Zaccaria, o Servo de Deus, antes de lhe dar a absolvição, advertiu-o a confessar também determinado pecado que omitira, não podendo Zaccaria conhecê-lo a não ser por revelação divina. Dizia ainda Soresina que o mesmo acontecera com um irmão con-

vertido, de nome Inocêncio. Analogamente, com as Angélicas, Antonio Maria às vezes apontava exatamente as faltas que cometiam em suas atividades comunitárias ou mesmo privadas, como se tivesse estado presente. Acontecia ainda que, em suas exortações privadas ou públicas, parecia que ele tinha diante de seus olhos pensamentos interiores e hábitos de cada um. Alguns homens importantes, que o escutaram em Cremona, costumavam dizer que, em seus discursos, ele demonstrava conhecer os segredos de ânimo de cada um, como se penetrasse nos corações alheios, dando, com sabedoria, os ensinamentos que mais se adaptavam a cada um.

A isso se seguia o dom do discernimento dos espíritos, em que Antonio Maria se mostrou igualmente admirável. Dele dizia Soresina que “parecia todo espírito, iluminado pelo céu para discernir os espíritos, assim advertindo os Padres, dizendo para atenderem a um e deixarem outro, descobrindo os que trariam proveito; e tudo o que dizia efetivamente acontecia.” Confirmando isso, conta Bascapè o caso singular ocorrido com o próprio Soresina que, empenhado em dirigir dois jovens para a piedade, certo dia, enquanto se ocupava disso, chegou Zaccaria que, após observar os jovens, o chamou à parte, dizendo: Preste atenção especialmente a Fabrício, pois de João Batista (eram esses seus nomes) há pouco a se esperar. E a realidade posteriormente demonstrou que o Servo de Deus estava certo.

o por muitos, de que na primeira vez em que ofereceu o sacrifício da missa os presentes viram multidões de anjos que o coroavam. Da mesma forma, quando estava morrendo, teve a aparição do Apóstolo São Paulo, convidando-o a ir para o céu e revelando-lhe muitas coisas que, após sua morte, aconteceriam com a Congregação.

CAPÍTULO XVI

A fama de santidade que Antonio Maria teve em vida e após a morte

Por todos esses dons sobrenaturais com que Antonio Maria foi distinguido por Deus e, muito mais, pelas exímias virtudes que nele resplandeciam, era grande a fama de santidade em que era tido por todos – ainda quando vivia e, da mesma forma, sendo venerado após a morte. Com efeito, sem falar do testemunho que, desde a infância e juventude, todos davam sobre a candura de seus costumes, de tal modo que, segundo o que disse Sfondrati, ainda no estado leigo era já reverenciado como religioso, já mencionamos como, logo que começou a pregar a palavra divina em sua cidade natal, Cremona, era por todos visto e ouvido como um Anjo de Deus. Vimos também como, por seu zelo e suas tantas obras de caridade, cresceu seu conceito junto a seus concidadãos, de tal modo que, de comum acordo, como escreve o cremonense Arisi, era chamado de Pai da pátria. Não apenas os cremonenses, mas muitas pessoas de cidades e lugares vizinhos, cientes da fama de suas virtudes, dirigiam-se a ele, procurando ajuda, conforto ou conselho, como a um pai comum e quase um oráculo. Exatamente por essa fama de santidade que corria sobre ele, a condessa de Guastalla desejou tanto tê-lo como seu Diretor espiritual, induzindo-o a deixar Cremona e ir com ela para Milão, onde, em pouco tempo, como atesta Soresina, foi considerado homem de grande valor e santidade. Nada mais do que o perfume de sua santidade foi o que o levou a se unir, em santa amizade bem como em comunhão de vida, com Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia. Embora os dois fossem homens de grandes virtudes, como antes assinalado, sendo também responsáveis pela instituição da Congregação dos Clérigos de São Paulo, ele sempre mereceu deles e dos outros companheiros uma especial veneração como pai e mestre de todos. As Angélicas lhe professavam tanta reverência e devoção que, como expressa uma antiga Angélica anônima, que escreveu um compêndio sobre a vida do Servo de Deus, a um aceno dele, elas chegariam mesmo

a se atirar no fogo. Em suma, para não falar de outros testemunhos que poderiam ser aduzidos, diz a Sfondrati que *Antonio Maria, por seu grande trabalho e exemplo de perfeição, era reputado por todos que o conheciam um homem santo.*

Por isso, apenas vinda a notícia de sua morte, toda a cidade de Cremona se comoveu dolorosamente, acorrendo a seu funeral, todos gritando a uma só voz Beato, dando-lhe sinais de veneração que só aos Santos se dão. Assim, as homenagens que lhe foram feitas pelos populares ao longo do caminho, quando seu corpo foi transportado para Milão, e as lamentações dos milaneses e de muitos outros por sua perda não foram mais do que uma demonstração solene da avaliação que universalmente se fazia sobre sua santidade. Tal avaliação não desapareceu com o passar do tempo; ao contrário, cresceu ainda mais, propagando-se, passo a passo, até nossos dias, vindo confirmá-la o próprio Deus, com frequentes graças e conhecidos milagres operados por intercessão de seu Servo.

Já me referi à devoção com que as primeiras Angélicas honravam o corpo de seu amado fundador, desde que lhes foi permitido tê-lo exposto junto ao coro de sua igreja. Posteriormente, quando, em obediência aos decretos da Santa Sé, após quase trinta anos, foram obrigadas a sepultá-lo, diz a Angélica Anônima, acima mencionada, que, com ele, foi sepultado o coração de suas filhinhas; que não era possível que dessem dele se afastar. Mas, nem por isso se esfriou a piedosa devoção que tinham a seu venerado Pai. Ao contrário, dada essa devoção, tentaram mesmo, alguns anos depois, fazer com que o corpo fosse desenterrado para ser recolocado em lugar mais decente, com a esperança de adquirirem posteriormente o necessário direito. Deixaram, por um tempo, a mal planejada empresa, assustadas com um terrível temporal acontecido exatamente quando começaram a pôr mãos à obra. O corpo de Zaccaria permaneceu assim sepultado até 1664, quando, obtida a devida licença, foram escavados os ossos e recolocados em um nicho do coro da referida igreja. Como disse a mesma Angélica, as filhinhas

sorveram das primeiras mães o conhecimento, a devoção e o amor para com seu tão querido Pai e fundador. Em suas necessidades privadas e comuns recorriam a ele com confiança filial, frequentemente conseguindo sua proteção, devida a graças espirituais e corporais obtidas por sua intercessão. Embora especialmente após os decretos de Urbano VIII tenham se absterido de dar demonstrações de culto público, sempre mantiveram com veneração a imagem exposta no coro interno da igreja, prosseguindo, todo ano, a honrar privadamente a memória de seu passamento, com orações, jejuns e outras obras de penitência.

Não menor foi a estima e veneração a Antonio Maria demonstrada, em todos os tempos, pelos Clérigos de São Paulo, junto aos quais sua memória sempre permaneceu como uma benção não só como Pai e principal fundador de sua Congregação, mas também como homem eminente em santidade e de grande mérito perante Deus. Assim, enquanto lhes foi permitido nos primeiros tempos, também iam venerar seu corpo junto às Angélicas, considerando sagrado o dia do aniversário de sua morte. Naquele dia, iam, por devoção, celebrar a missa na igreja de São Paulo. Procuraram ainda ter, por toda parte, imagens e relíquias suas, como de um homem santo. Além disso, logo começaram – e prosseguiram – a impor seu nome como o de um santo, ora a seus discípulos, ora às Angélicas, recordando a quem assumia tal nome as virtudes e os méritos de Antonio Maria. Assim fez, dentre outros, o padre Melso na investidura de Lavinia Sfondrati, irmã de Gregório XIV, mudando seu primeiro nome para Antonia Maria e lhe dizendo: “Peço que você se torne digna de tal nome, lembrando do Padre que teve esse nome, o qual chamo com o nome de honra e santidade, digno de estar eternamente em sua memória e na de todas as outras filhinhas.” Dado o conceito de grande santidade em que Antonio Maria era tido por seus religiosos, esses frequentemente invocavam, privadamente e em público, em suas argumentações, o nome, os ditos e os fatos, sempre com sinais especiais de homenagem. O Venerável Bascapè, em oração recitada no Capítulo geral de 1579, na presença de São Carlos Borromeu,

pretendendo estimular seus confrades para a perfeita observância religiosa, recordava-lhes Antonio Maria, juntamente com os outros dois fundadores, representando-os no céu, como se ali estivessem para cuidar que os filhos se tornassem dignos de seus Pais e que os inícios da Congregação por eles fundada, com tantos esforços e tantos trabalhos de verdadeira piedade, permitissem o progresso. Assim, desde os primeiros tempos da Congregação até os nossos dias, os Clérigos de São Paulo sempre conservaram para com Zaccaria, seu principal fundador, a veneração que se tem para com os Santos, recorrendo, com devota confiança, à sua proteção e honrando-o privadamente como um beato do céu, embora ainda não elevado à honra dos altares. No que se refere aos nossos tempos, aduzo apenas como exemplo o Venerável Francisco Xavier Maria Bianchi e os quatro ilustres Cardeais que, nesses últimos anos, honraram nossa Congregação, ou seja, Giacinto Sigismondo Gerdil, Francesco Luigi Fontana, Antonio Maria Cadolini, e Luigi Lambruschini, esse ainda vivo, nos quais, dentre outras insignes virtudes, é de se admirar sua especial devoção a Zaccaria.

Não foram apenas os Barnabitas e as Angélicas de São Paulo que conservaram tal constante devoção a Antonio Maria. A fama de sua santidade continuou entre seus pares e foi se difundindo sempre mais também entre estranhos. Prova disso são, inicialmente, os magníficos elogios que lhe fizeram muitos escritores de várias épocas, do que dá testemunho o erudito Caetano Bugatti, que, nos processos para beatificação do Servo de Deus, disse: “Eu teria que preencher um enorme volume se quisesse referir, em ordem cronológica, todos os elogios que lhe foram feitos sucessivamente até nossos dias. Basta dizer aqui que todos os escritores que falaram dele, teólogos, juriconsultos, historiadores, sejam compiladores de anais eclesiásticos, sejam historiadores de Ordens religiosas, sejam autores de histórias particulares, de todas as idades, de todos os países, de todas as classes, todos falaram dele com elogios à sua exímia santidade. ”Seria assim demasiado reportar aqui minuciosamente mesmo que fossem apenas alguns dos elo-

gios que se acham registrados nos autos dos processos. No entanto, não posso deixar de mencionar, enquanto monumento solene da fama de santidade de que gozava Antonio Maria, a honrosa inscrição que a cidade de Cremona, sua terra natal, fez esculpir sobre uma coluna, onde ficou por um bom tempo até ser cancelada por ordem de um Bispo qualquer, que a julgou vetada pelos decretos de Urbano VIII. Essa era a inscrição: ANTONIUM MARIAM ZACCARIAM, ANGELUM HUMANUM, HOMINEM ANGELICUM, CLERICORUM REGULARIUM S. PAULI, ANGELICARUM VIRGINUM, ET PIARUM SOCIETATUM FUNDATOREM, VIRUM VITIORUM VIRUS, PUDICITIAE CULTOREM, DIVINI CULTUS REPARATOREM, SALUTIS ANIMARUM FERVENTISSIMUM PROCURATOREM, VERBI DEI SATOREM, PAULI SUI FIDELISSIMUM SECTATOREM, OPERARIUM IN VINEA DOMINI DILIGENTISSIMUM, MUNDI, CARNISQUE HOSTIUM PERPETUUM OPPUGNATOREM, DEMONIS EXPUGNATOREM, AETERNI FLAMINIS IN CHARITATE FLAMMAM ARDENTISSIMAM, COELI OLIM INCOLAM, NUNC ACCOLAN, CIVITAS CREMONENSIS, SUIS FILIIS FAVENS. FILIOS FOVENS, CIVEM SUUM ANGELORUM CONCIVEM ADMIRATA, DE TANTIS AB EO GESTIS, LAETANTIS ANIMI ERGO, SIBI SEMPER IN FUTURUM LAETABUNDA GRATULATUR.

(A ANTONIO MARIA ZACCARIA, ANJO HUMANO, HOMEM ANGÉLICO, FUNDADOR DOS CLÉRIGOS REGULARES DE SÃO PAULO, DAS VIRGENS ANGÉLICAS E DE PIAS SOCIEDADES. HOMEM VENENO DOS VÍCIOS, DEFENSOR DA PUREZA, RESTAURADOR DO CULTO DIVINO, FERVENTÍSSIMO AGENTE DA SALVAÇÃO DAS ALMAS, SEMEADOR DA PALAVRA DE DEUS, FIDELÍSSIMO SEGUIDOR DO SEU PAULO, DILIGENTÍSSIMO OPERÁRIO NA VINHA DO SENHOR, PERPÉTUO INIMIGO DAS HOSTES DO MUNDO E DA CARNE, VENDEDOR DO DEMÔNIO, ARDENTÍSSIMA CHAMA DE AMOR DA ETERNA LUZ, JÁ MORADOR DO CÉU, AGORA MORADOR AQUI: A CIDADE

DE CREMONA QUE HONRA SEUS FILHOS E INCENTIVA SEUS FILHOS, EXALTANDO SEU CIDADÃO, CONCIDADÃO DOS ANJOS, POR TANTOS FEITOS SEUS, COM ESPÍRITO EXULTANTE. IN FUTURO E PARA SEMPRE AGRADECE).

Outra prova da veneração a Antonio Maria, devida à generalizada fama de sua santidade, são as imagens que o retrataram, algumas pintadas em tela e muitas outras gravadas em cobre e estampadas não apenas na Itália, mas também na Alemanha, na França e na Bélgica. A esse respeito, merece especial menção o quadro que há muito se conserva no museu da biblioteca Ambrosiana, onde Zaccaria foi pintado entre Ferrari e Morigia. Tal quadro, como escreveu o bibliotecário Pietro Paolo Bosca, foi ali colocado pela cidade de Milão, que, sendo mãe e nutriz da Congregação dos Barnabitas, certamente, deveria desejar ter naquele museu, dentre os outros santos fundadores de Ordens religiosas, os heróis dignos das honras celestiais. Ainda mais memorável, como sinal evidente do conceito de santidade de que gozava Antonio Maria, é seu retrato que, como atesta Bresciani, estava exposto à veneração pública na igreja de São Vicente em Cremona, desde o começo do século XVII, tendo embaixo uma inscrição na qual dele se dizia *miraculorum, virginitatis, prophetice dono, et doemonum expulsionem conspicuus* [ele atraía a atenção pelos milagres, pela virgindade pelo dom da profecia e por expulsar os demônios].

Note-se que não somente nos dois quadros mencionados, mas em todos os retratos de Zaccaria, seja em tela, seja em cobre, feitos antes dos decretos de Urbano VIII, ele é sempre distinguido com o título de Beato, sendo frequentemente representado com o rosto radiante e outros símbolos de sua glória celeste. De forma análoga, todos os escritores que o mencionaram antes daqueles decretos falam de um Beato. Assim, até 1634, quando Urbano VIII, com sua bula, vetou qualquer demonstração de culto público a quem não fosse objeto desse mesmo culto desde tempos imemoriais, ou não tivesse, conforme as regras estabelecidas, sido declarado digno dessa honra pela Santa Sé, pode-se

dizer que Antonio Maria foi, durante noventa e cinco anos, generalizada e constantemente venerado como Beato.

Após a bula de Urbano VIII, embora alguns opinassem que a proibição ali imposta não devesse se aplicar a Zaccaria, dado o pouco tempo que faltava para que se cumprisse um século desde que lhe fora atribuído o título de Beato, os Clérigos de São Paulo se conscientizaram de que, no que dependesse deles, não deveriam permitir mais nenhuma demonstração de culto público a seu Fundador. Mas, nem por isso se extinguiu ou diminuiu no povo a devoção em relação a ele. Muitos pediam sua imagem e algumas ainda foram estampadas com o título de Beato, com consentimento das autoridades eclesiásticas. Tal título lhe foi atribuído também em alguns livros publicados depois da referida bula. Em Milão, enquanto seus ossos permaneceram depositados no coro da igreja de São Paulo das Angélicas, sempre houve pessoas de todas as classes que para ali se dirigiam a fim de venerá-lo e se recomendar à sua intercessão por alguma graça. Da mesma forma, eclesiásticos, por devoção, para ali se dirigiam, no dia do aniversário de sua morte, de forma a celebrar a missa naquela igreja. Quando, em 1810, as Angélicas tiveram que abandonar seu mosteiro, o Capítulo metropolitano, como já mencionamos no livro primeiro, temendo que aquelas sagradas relíquias se perdessem, decidiu que fossem transportadas para a Catedral, colocadas honrosamente junto ao corpo de São Carlos. Analogamente, em Cremona, mesmo após os decretos de Urbano VIII, continuou a ser exposta na igreja de São Vicente a imagem de Antonio Maria (retirado, porém, da inscrição o título de Beato), ali permanecendo até o final do século passado, quando aquela igreja foi ocupada pela soldadesca. Sua memória permaneceu sempre viva em seus concidadãos, que, com frequência, falavam dele com sentimentos de especial devoção, requerendo aos Barnabitas que introduzissem perante a Santa Sé a causa da beatificação. Na casa paterna de Antonio Maria, onde ele nascera e santamente encerrara seus dias, Giuseppe Aurelio De Negri, que dela se tornou proprietário, fez colocar uma inscrição em 1707, para que

os pósteros dele se recordassem. Mas, especialmente devota a Antonio Maria, no século passado, se mostrou a cidade de Crema, onde parece que Deus teria querido ilustrar os méritos de seu Servo com graças e prodígios mais significativos. Era especialmente frequente a afluência de pessoas não só da cidade, mas também de aldeias vizinhas, que ali rezavam diante de uma imagem de Antonio Maria, exposta em uma sala do Colégio de São Marino dos Barnabitas. Esses continuamente eram chamados a benzer enfermos com alguma relíquia do Beato Antonio: assim se chamava comumente em Crema o Zaccaria. Tanta era a fama dele e de seus milagres que os Barnabitas eram ali vulgarmente chamados de Padres do Beato Antonio. Sabe-se que muitos, por devoção a ele, se preparavam com jejuns e novenas para o dia do aniversário de sua morte, celebrado com atos de especial religiosidade. Outros, em veneração a ele, davam seu nome aos próprios filhos no santo batismo. Mas, não vou me estender mais na demonstração da fama de santidade de que Antonio Maria sempre gozou, pois já vimos como essa se manteve viva até nossos dias, quando, no começo desse século, se tratou de promover a causa da beatificação do Servo de Deus. Não apenas as pessoas mais importantes de Milão, Cremona e Crema demonstraram grande contentamento e desejo de que a beatificação ocorresse, mas também muitas outras pessoas respeitáveis de várias cidades da Itália, como comprovam as diversas cartas suplicantes, para tal fim endereçadas ao Sumo Pontífice por Cardeais, Bispos, Capítulos, Prefeituras e Superiores de Ordens religiosas. Aqui, basta que eu diga algo sobre essa causa de beatificação, especialmente porque se demorou tanto tempo para promovê-la.

CAPÍTULO XVII

Introdução e progresso da causa de beatificação de Antonio Maria

Especialmente depois do que foi dito no capítulo anterior, decerto pode causar espanto a alguns que, estando Antonio Maria morto desde 1539 com tanta fama de santidade, tenha se levado até o começo desse século para promover a causa de beatificação perante a Santa Sé. Mas, o espanto cessará quando se conhecerem as muitas e variadas causas pelas quais os Clérigos de São Paulo jamais puderam, antes desse tempo, fazer tal homenagem a seu venerado Fundador. Assim dispôs Deus que, para seus justos fins, às vezes retarda a honra dos altares para alguns de seus Servos, mesmo os insignes, como já aconteceu em relação a determinados Santos ora canonizados. Todas essas razões já foram amplamente declaradas e discutidas perante a sacra Congregação dos Ritos, antes que o Sumo Pontífice Pio VII aprovasse a introdução da causa. Contentar-me-ei em acená-las brevemente, passando pelas diversas épocas, a começar pelo tempo transcorrido entre a morte de Zaccaria até os decretos de Urbano VIII – quase um século. Conforme visto acima, naquela época, Antonio Maria tinha o título de Beato e, como tal sendo venerado. Ainda que não existissem quaisquer outras razões, não seria de se espantar que os Clérigos de S. Paulo, satisfeitos com aquele culto público de que, de certa forma, já gozava Zaccaria, não se apressassem a promover a causa de beatificação perante a Santa Sé. Por razões semelhantes, tardaram-se a promover as causas de São Jerônimo Emiliani e outros Santos.

Mas, foram muitas outras as razões que dissuadiram os Barnabitas a promover a causa de seu venerável Fundador. Inicialmente, enquanto Ferrari e Morigia sobreviveram, a humildade desses dois homens de Deus não podia comportar que se instituíssem processos sobre as virtuosas ações de Zaccaria, na medida em que essas estavam demasiadamente vinculadas às suas próprias, que eles tanto se esforçavam por ocultar, não permitindo sequer que se escrevesse algum memorial

dos primeiros tempos da Congregação. Passados dessa vida Ferrari e Morigia, logo a pequena e ainda tenra Congregação dos Clérigos de São Paulo, durante muitos anos, teve que suportar tantas e tais tribulações, uma após a outra, que foi um milagre não ter se extinguido. A famosa Angélica Paola Antonia Negri, envaidecida pela grande fama de santidade em que era tida, começou a se deixar dominar pelo espírito de soberba. Assim, seja por sua arrogância, seja por determinadas suspeitas políticas vãs contra a condessa de Guastalla, ocorreu inicialmente a expulsão dos estados de Veneza que, em fevereiro de 1551, atingiu não apenas as Angélicas, mas, com essas, também os Clérigos de São Paulo. Em seguida, vieram as dissensões internas que a própria Negri suscitou entre os Padres de São Barnabé contra o pe. Besozzi e os outros que queriam chamá-la de volta a seus deveres. A tudo isso se seguiram as acusações movidas pelos malévolos contra os Clérigos de São Paulo perante o Tribunal supremo da Inquisição, tendo o Preposto, pe. Marta, que mandar a Roma os padres Melso e Besozzi para justificarem o quanto a Congregação havia feito. Tendo êxito, graças a Deus, como também mediante a boa influência de São Pio V (então Frei Miguel Ghisilieri) e Santo Inácio de Loiola, em desculpar plenamente a Congregação e, mais do que isso, colocá-la em maior crédito, ocorreu, em seguida, a visita apostólica de Monsenhor Marini, requerida pelo próprio pe. Marta para pôr fim aos escândalos semeados pela teimosia da Negri. Condenada e expulsa das Angélicas, por decreto do Visitador Apostólico, quinze religiosos dentre os Clérigos de São Paulo, por ela enganados, saíram da Congregação, que ficou reduzida à metade. Depois disso, surgiram novas calúnias por parte de alguns pregadores e malévolos contra os Padres de São Barnabé, acusando-os de serem seguidores de doutrinas heréticas. Malogradas tais calúnias pela autoridade de Monsenhor Marini, aconteceu que, em 1554, a condessa de Guastalla largou as Angélicas, suspendendo todos os subsídios que costumava dar a seu mosteiro e à casa de São Barnabé, de modo que um e outra se reduziram a grande penúria, além de ter que sustentar algumas

lides. Ora, como poderiam os padres de São Barnabé, em meio a tantas tribulações e dificuldades materiais, ter tranquilidade para promover a causa da beatificação de Antonio Maria? Tinham demasiado o que fazer para manter de pé sua pequena Congregação, que só começou a ter paz efetivamente lá para o final do século XVI, quando, conforme a previsão de Zaccaria, as calúnias passadas se transformaram em maiores exaltações. Então, alguns dos homens mais insignes dentre os Barnabitas, por doutrina e piedade, notadamente o Venerável Bascapè, Tornielli e Gabuzio, se dedicaram, com grande empenho, a recolher as antigas memórias da Congregação, em especial as que poderiam dizer respeito a Zaccaria, com a intenção de agilizar a causa de beatificação. Mas, e aí? Eis que, logo, o padre Mazenta, milanês, homem douto e respeitado na Congregação, movido, ao que parece, por um mal-intencionado amor patriótico, começou a impugnar, com muitos sofismas e falsidades, o primado de Zaccaria sobre os outros dois Fundadores, Ferrari e Morigia, para atribuir tal primado a esse último, depreciando de certo modo a santidade de Zaccaria, contra o que tinham escrito os outros e, aliás, contra o que ele próprio pensava anteriormente. A autoridade e a doutrina de Mazenta não poderiam deixar de suscitar algum apoio na Congregação. Assim, foi preciso que Tornielli e Gabuzio (Bascapè já tinha sido promovido ao bispado de Novara) assumissem a defesa de Zaccaria contra as artimanhas de Mazenta, o que fizeram com tão fortes razões que o Capítulo Geral de 1620 pôs fim à questão, declarando, com um decreto, que Zaccaria efetivamente tivera o primado sobre os outros dois Fundadores. A tal decreto Mazenta virtuosamente se submeteu, retratando-se de seus erros. Suas vãs oposições acabaram permitindo que ficasse mais claro para os outros não só o primado, mas também a santidade de Antonio Maria, surgindo mais vivamente nos Clérigos de São Paulo o desejo de promover sua causa de beatificação, tanto mais que, exatamente naquele meio tempo, Deus se dignara a autenticar a santidade de seu Servo com alguns novos milagres operados por sua intercessão, cada vez mais crescendo a veneração do povo para

com ele.

Mas, quando as coisas pareciam tão bem-dispostas para o início da causa, sobrevieram, em 1625, os primeiros decretos de Urbano VIII, a tornar mais difícil sua introdução. A isso se somou a peste de 1630, durante a qual os Barnabitas, imitando a caridade de seus primeiros padres na assistência aos enfermos, perderam cerca de vinte religiosos apenas em Milão e mais vinte e dois em outras cidades. A Congregação só pôde se recuperar dessa perda a duras penas e depois de muitos anos. Reabastecida de integrantes, a Congregação podia manter apenas as despesas necessárias à causa de beatificação do Beato Alexandre Saulo, que deveria ser promovida prioritariamente de modo que não desaparecessem as testemunhas oculares. Não se deixou, no entanto, por volta de 1660, de retomar a ideia de introduzir também a causa de Zaccaria. Mas, após cento e vinte anos da morte de Zaccaria, como produzir as provas testemunhais diretas exigidas pelos decretos de Urbano VIII? O bom êxito da causa parecia não só difícil, mas quase impossível de se obter. Convinha, assim, suspender temporariamente aquela ideia, esperando tempos melhores, se Deus se dignasse a abrir algum caminho mais fácil para a beatificação de seu Servo. Esse caminho foi finalmente aberto quando o imortal Pontífice Bento XIV, com seu decreto de 13 de abril de 1741, estatuiu que, nas causas de beatificação em que, devido ao longo tempo transcorrido, não seria mais possível obter provas diretas, bastariam as provas indiretas e auxiliares, desde que perfeitas em sua espécie.

Tão logo publicado o decreto, não tardaram mais os Barnabitas em reunir, com a máxima diligência, todas as provas auxiliares que pudessem encontrar, a fim de promover a causa de Zaccaria. A isso os animavam também os novos milagres que, àquela época, Deus vinha realizando por meio dele, especialmente em Crema. Sendo, em grande parte, recolhidas as referidas provas, o pe. Grazioli, confiante na particular benevolência com que lhe honrava o Pontífice, muito afeiçoado aos Barnabitas, apresentou-as a ele para seu juízo particular. Lamber-

tini, examinando-as por sua designação, respondeu que aquela não era causa a ser negligenciada, requerendo, porém, melhor corroboração com um maior número de documentos contemporâneos a Zaccaria e outros subsídios. Após tão respeitável juízo, os Barnabitas fizeram novas e mais precisas pesquisas de documentos, no que se empenharam especialmente os padres Angelo e Pedro Maria Cortenovis, assim como o pe. Francisco Luiz Fontana. Esse, valendo-se do que fora recolhido por ele e pelos outros, demonstrou, em escrito longo e bem argumentado, que as provas requeridas para introduzir a causa da beatificação de Zaccaria não eram deficientes, sendo ao contrário abundantes. Esse escrito, inicialmente submetido por Fontana ao minucioso juízo do cardeal Gerdil, por quem foi plenamente aprovado, foi então apresentado ao Capítulo Geral realizado em 1801. Visto como se poderia razoavelmente esperar um bom êxito na causa, ordenou o Capítulo, por decreto, que se promovesse sua introdução

Logo começaram os processos ordinários. Cumpridos e examinados pela Sacra Congregação dos Ritos, o Papa Pio VII, em 20 de setembro de 1806, autorizou que a causa de beatificação do Servo de Deus fosse introduzida. Definidas todas as questões preliminares, em 20 de junho de 1833, a Sacra Congregação dos Ritos, reunida em encontro geral perante o Papa Gregório XVI, deu seu voto sobre as virtudes, em grau heroico, de Antonio Maria. O Papa Gregório, por dignas razões que a nós não cabe investigar, não quis pronunciar seu juízo, deixando à Congregação dos Ritos um memorial lacrado a ser aberto somente por ordem de seu sucessor, no qual, dentre outras coisas, declarava pelo seu silêncio, não poder, nem dever ser juntado nenhum documento à causa, não havendo nos autos nada que a essa intrinsecamente se opusesse. Ascendendo ao trono pontifício o regente Pio IX, suplicou-se a Sua Santidade que se dignasse levar novamente a exame a causa de Zaccaria e pronunciar seu juízo definitivo. O Pontífice condescendeu benignamente e, após examinar pessoalmente os autos da causa, assim como os votos quase unânimes dos Cardeais e Consultores da Congregação

dos Ritos, dados anteriormente sob o Papa Gregório, feitas sobre isso especiais orações a Deus, quando ninguém ousava esperar, publicou o ansiado decreto. Assim, não obstante o Santo Padre se encontrasse então, pela iniquidade dos tempos, exilado em Gaeta, no dia solene da Purificação de Maria, em 1849, após celebrar a missa pontifícia na catedral, dirigiu-se à sacristia e, na presença do Rei e da Rainha de Nápoles, de alguns Cardeais e outras pessoas respeitáveis, fez ler o decreto com que declarava serem em grau heroico as virtudes de Antonio Maria. A santidade de Zaccaria está, agora, assim autenticada pela autoridade do Vigário de Cristo. Resta apenas que o Servo de Deus possa ser elevado à honra dos altares, que a Santa Sé reconheça e aprove que os milagres, a esse efeito apontados, tenham sido operados por sua intercessão. Embora muitos se refiram a milagres anteriormente operados por ele, esses ainda não foram aprovados pela soberana autoridade do Pontífice. Apesar de merecerem somente uma crença particular, não me parece inútil relatar alguns aqui nesse livro.

CAPÍTULO XVIII

Milagres operados por Deus, por intercessão de Antonio Maria, após sua morte: inicialmente, alguns mais antigos

Não parece que se possa colocar em dúvida o fato de que, desde os primeiros tempos após a morte de Antonio Maria, Deus tenha se dignado a ilustrar a santidade de seu Servo com muitos milagres operados por sua intercessão. Além dos que já referi, como o maravilhoso ato de modéstia que por duas vezes se observou no cadáver de Antonio Maria, que se cobria por si mesmo, ou o fato de ter se conservado intacto por muitos anos enquanto esteve sobre a terra, não foram poucos os outros milagres por ele operados antes da metade do século XVII, como atestado por respeitáveis escritores da época. Assim, o historia-

dor cremonense Guiseppe Bresciani, em seu *Corona di Santi cremonesi*, publicado em 1625: falando de Zaccaria, diz expressamente que após sua morte, por ele operou o Senhor, muitos milagres e graças. Analogamente, o célebre jurista Agostinho Barbosa, em sua obra de direito eclesiástico completada em 1628, escreve sobre Zaccaria, citando como prova os anais das Virgens Angélicas e dizendo que assim como foi santo em vida, da mesma forma, após sua morte, se tornou ilustre pela glória dos milagres. Não é diferente a fala sobre o Servo de Deus da Angélica Gonzaga, na vida da Angélica Visconti Borromea, escrita em torno de 1634. Confirmam, mais ou menos na mesma época, a Angélica anônima, que escreveu o compêndio da vida de Zaccaria, e o pe. Sechhi, em seu compêndio da História da Congregação. Tendo se perdido os anais das Angélicas, citados por Barbosa, não se podem ter notícias dos milagres de Antonio Maria, naqueles documentos referidos, exceto por alguns relatados, como acontecidos em sua época, pela mencionada Anônima e outros registrados em algum extrato dos referidos anais. Muito mais abundante é a classificação que se pode fazer das graças prodigiosas concedidas por Deus pelos méritos de Antonio Maria em tempos mais próximos de nós, embora nem mesmo desses se tenha uma relação completa. Portanto, seguindo simplesmente a ordem dos tempos, referirei inicialmente os milagres mais antigos de que ficou alguma memória, para em seguida fazer uma amostra dos mais recentes, especialmente os tantos acontecidos em Crema, sem excluir, porém, determinadas graças que, embora não sejam exatamente prodigiosas, podem, de todo modo, ser dignas de memória. Interpretando os fatos devo e quero deixar a todos o livre juízo, de modo que cada um possa melhor avaliar sua autenticidade. Assim, passo a passo, indicarei as fontes de onde os extraí.

No mosteiro das Angélicas de Milão, uma religiosa de muitas virtudes, de nome Anna Maria Pirovana, estava há muito tempo atormentada por uma espasmódica dor de dentes da qual, não obstante os remédios tomados, jamais conseguira se livrar. Nem o apelo feito a

vários Santos lhe servira. Finalmente recomendando-se às orações de Antonio Maria, foi imediata e totalmente curada. No mesmo mosteiro, estava uma convertida, de nome Veronica, que, por uma praga incurável que atacara sua perna, sentia muitas dores e não podia realizar nenhuma tarefa. Recorreu, com fé, a Zaccaria, para que intercedesse a Deus por algum alívio para seu mal. Logo, não só cessaram suas dores, como a praga foi curada, de modo que pôde imediatamente retomar seu trabalho na cozinha, no qual prosseguiu até a velhice, sem sofrer mais nenhum incômodo. Costumava dizer que obtivera de Antonio Maria mais do que lhe pedira: pedi ao Beato Padre que intercedesse ao Senhor, se assim fosse sua vontade, para que me aliviasse do mal e ele me deu a saúde e a força de poder perseverar em um trabalho tão pesado e cansativo, como é a cozinha, por tantos anos.

Por volta da metade do século XVII, vivia entre as Angélicas de São Paulo em Milão uma convertida muito piedosa, de nome Dorotea Antoniola, especialmente devota de Zaccaria. Em todas as suas tribulações espirituais e corporais (que foram muitas) recorria sempre, com confiança, à proteção de seu Beato Padre, como costumava chamá-lo, indo com frequência venerar seu corpo, que então estava sepultado junto à saída da capela, por baixo do coro. Experimentando sensíveis efeitos de consolo e conforto, mais crescia nela a devoção e a confiança em Antonio Maria. Tinha ela dois parentes, inimigos de morte. Não conseguindo pacificá-los, pensou em recorrer à intermediação de seu venerado Padre, visitando, para tal fim, o lugar onde seu corpo estava depositado por nove dias. Completada a novena, os dois parentes imediatamente se reconciliaram como se jamais tivesse havido qualquer inimizade entre eles. Sabendo-se no mosteiro da grande devoção que Dorotea tinha por Zaccaria e como através dele podia obter facilmente de Deus aquilo que pedia, as outras religiosas passaram a se dirigir especialmente a ela quando desejavam pedir alguma graça particular de Deus, por méritos de Antonio Maria. Tendo o exército francês invadido o estado de Milão em 1658, a Priora das Angélicas temia que as pro-

priedades do mosteiro fossem destruídas pelos soldados que estavam próximos. Assim, determinou que Dorotea recomendasse aquelas propriedades a seu Beato Padre, para que, as coisas de suas filhas, fossem protegidas e preservadas de qualquer dano. A devota convertida obedeceu e o resultado parece não poder ser atribuído a nada além de uma graça especial obtida de Antonio Maria: enquanto todas as propriedades vizinhas foram violadas, somente as do mosteiro ficaram a salvo, não obstante os soldados tenham chegado a entrar nelas.

Pitresco foi o prodígio com que Deus, para consolar a mencionada Dorotea, quis confirmar o título de Beato comumente dado a Antonio Maria. Na saída da capela subterrânea onde o corpo do Servo de Deus estava sepultado, ou, como dizem outros, sobre o nicho onde posteriormente foram colocados seus ossos, Dorotea colocara, para sua devoção, uma imagem dele, diante da qual frequentemente ia rezar. Uma Angélica, de nome Ippolita Maria, talvez por um desejo extravagante de perturbar a boa convertida, ou por qualquer outra razão, arrancou da imagem de papel a letra B, que estava na frente do nome de Antonio Maria, a indicar o título de Beato. Tomando conhecimento disso, Dorotea inicialmente ficou desgostosa, mas logo foi consolada, quando, para seu grande espanto, viu a imagem se recompor, reaparecendo prodigiosamente sobre ela o título de Beato. A Angélica Ippolita não querendo acreditar, imaginou que Dorotea tivesse trocado a imagem. Então, voltou a arrancar o título de Beato, prestando atenção para ver se a imagem mudava. Repetiu isso algumas vezes até, finalmente, ter que aceitar o prodígio como verdadeiro.

Em 14 de novembro de 1664, enquanto se escavavam de debaixo da terra os ossos de Antonio Maria, uma Angélica, frequentemente sujeita a dores de cabeça, estava tão fortemente atacada daquele mal que, já na hora do almoço, recolhera-se a seu quarto. As outras religiosas convidaram-na a ir ver os ossos de seu Beato Padre, já então desenterrados, antes que fossem fechados no novo nicho preparado para isso. A dita Angélica não se mostrou interessada, pois lhe incomodava dema-

siadamente o mal que sofria. Mas, instigada pelas outras, se dobrou e, enquanto se dirigia para o local, veio-lhe no coração certa confiança de que, se fosse desejo de seu Beato, ela se veria livre de seu mal. E assim aconteceu efetivamente. Aproximando-se das sagradas relíquias, logo se viu livre do mal, de modo que, após agradecer a Antonio Maria, foi toda alegre almoçar com as outras, dali em diante não sofrendo mais de dores de cabeça.

Naquele mesmo dia, chegou ao mosteiro a princesa Anna Colonna, duquesa do Sesto, muito aflita por não ter tido ainda nenhum filho homem. Já eram sete e só mulheres, a última das quais tinha dado à luz pouco tempo antes. Por isso se recomendou à madre Cecilia Maria Sfondrati, priora do mosteiro, pedindo que fizesse por ela alguma especial devoção, de modo que o Senhor se dignasse a lhe conceder a aspirada consolação de um filho homem. A priora exortou suas religiosas a rezarem por isso a seu Beato Padre. Fizeram-no de bom grado. As orações não foram em vão. Ao cabo de um ano, a duquesa deu à luz um filho homem, a quem além do nome de Felipe quis que fosse colocado também o de Antonio Maria, em sinal de gratidão a Zaccaria pela graça alcançada.

Desses milagres ou graças, como acontecidos a seu tempo e em seu próprio mosteiro, nos deixaram singelas narrativas a Angélica anônima, escrevendo o compêndio da vida de Zaccaria, e a Angélica Agata d'Este, nos Anais do mosteiro de São Paulo. Quanto aos que dizem respeito à Angélica Dorotea, encontram-se registros também em determinadas memórias escritas a seu tempo e conservadas no referido mosteiro. No que se refere às imagens, há também o testemunho do padre Rasario, homem de grande piedade, que, em carta, atesta ter ouvido da priora das Angélicas a narrativa do fato, como acontecido à época. Agora, passemos aos milagres mais recentes.

CAPÍTULO XIX

Alguns milagres operados em Crema no século XVIII

Catarina Visgiola de Montodine perto de Crema, devido a uma queda acontecida em 1736, rompeu o osso da coxa esquerda, de modo que, não podendo mais recolocá-lo no lugar e reunir suas partes, após pouco mais de dois meses de tratamento, levantou-se da cama com a perna encolhida em quatro dedos e com o pé voltado para dentro, daí em diante precisando usar muletas para poder caminhar. Há oito anos arrastava-se dessa forma, quando, em 25 de junho de 1744, exortada pelo padre Faustino Giuseppe Premoli, seu confessor, a fazer uma novena devota em honra de Zaccaria, cujo aniversário de morte estava próximo, desenvolveu grande confiança de, por intercessão do Servo de Deus, readquirir o uso perfeito da perna. Com efeito, cumprida a novena, sustentando-se nas muletas, dirigiu-se à igreja de São Marino, na manhã de 5 de julho, para fazer a comunhão. Tendo comungado, enquanto rezava ao Senhor, pedindo que, pelos méritos de Antonio Maria, ficasse curada, sentiu, subitamente, mover-se o osso da coxa, relaxando-se e alongando-se a perna de modo que, terminado o agradecimento pela santa comunhão, levou as muletas para o Padre Premoli como prova da cura obtida, voltando livre e expeditamente para sua casa.

Guisepe Occhione, natural de Monza e morador de Crema, sofria há quatorze anos de retenção da urina, sendo acometido de fortes tormentos duas ou três vezes ao ano, chegando a correr perigo de vida numa das vezes. Mas, o mal se agravou em maio de 1745, quando ele já tinha setenta e cinco anos. Há oito dias sentia fortes dores, só conseguindo urinar algumas gotas e com enorme sofrimento. Estando assim atormentado por esse mal, sem encontrar remédio que o aliviasse, no dia da Ascensão de Nosso Senhor, recebeu a visita de um seu amigo de nome Giovanni Pisotti, que lhe disse que, como seu mal não encontrava nenhum outro remédio, se fizesse benzer com uma relíquia do Beato Antonio Maria Zaccaria, pois assim obteria a cura. Para animá-lo, con-

tou que ele também sofrera da mesma enfermidade por sete anos e se curara daquela forma. Confortado com tal notícia, Occhione, do jeito que pôde, se dirigiu ao Colégio de São Marino dos Barnabitas, pedindo a graça de ser abençoado com alguma relíquia do Beato Antonio, a ele se recomendando com muita fé. Recebida a benção, mal teve tempo de sair do Colégio: sem um mínimo de dor, veio-lhe uma copiosa descarga de urina. Inteiramente aliviado e certo de ter obtido a graça, voltou para agradecer ao Servo de Deus, ficando daí em diante totalmente livre daquele mal.

Ainda mais admirável foi o prodígio seguinte, ocorrido em 25 de setembro daquele ano de 1745, na mesma cidade de Crema. Catarina Ferrari, mulher de Paolo Barlasconi, já tinha tido quatro partos e todos muito infelizes. Na primeira vez, teve que recorrer a meios extraordinários para que pudesse dar à luz e, nas três vezes seguintes, as crianças morreram no parto. Engravidando novamente, deu-se conta de que essa gravidez não era menos perigosa do que as outras. Temendo nova desventura, a conselho do marido, se voltou para Zaccaria, de todo coração e com viva fé, recomendando-se a ele para que obtivesse de Deus a graça de levar a bom termo o seu fruto. Confessando e comungando, fez-se benzer com uma relíquia de Antonio Maria, após o que a gravidez prosseguiu prosperamente. Chegando o parto, que resultou bastante difícil, embora sem perigo para a mulher, surgiu o feto todo negro, sem movimento e com um rosto monstruoso. A parteira, dando o feto como morto, o colocou à parte, sem se ocupar mais dele. Passadas duas horas em que o feto fora deixado assim abandonado, sem dar nenhum sinal de vida, a mãe pediu notícias, dizendo que queria ver a criança. Ouvindo da parteira que o feto estava morto, voltou-se com grande fé para Antonio Maria e começou a rezar, pedindo que não permitisse que aquela pobre criatura fosse assim excluída da felicidade do céu, fazendo com que vivesse, como ele perfeitamente poderia fazê-lo. A essas palavras, imediatamente a menina começou a chorar, sendo logo acolhida e levada para a mãe. Mas, essa, vendo-a com o rosto estranhamente disforme,

mal fazendo lembrar uma figura humana, voltou a rezar fervorosamente para Zaccaria, pedindo-lhe a graça de lhe dar a criança não apenas viva, mas na conveniente forma humana. E isso subitamente aconteceu: no rosto da menina apareceu a cor natural e sua forma se reduziu a belas proporções, que conservou mesmo depois. Como agradecida memória do prodígio assinalado, obtido por intercessão de Antonio Maria, seu nome foi dado à menina no batismo.

No condado de Crema, em um lugar denominado São Miguel, vivia um menino de nome Paolo Maccabelli. Quando tinha entre oito e nove anos, sua garganta começou a inchar e endurecer, com sinais manifestos de que lhe cresceria o papo. A mãe do menino, para evitar que o filho tivesse aquela deformidade, passou a dar-lhe pós e outros remédios semelhantes sugeridos contra aquele mal, assim o fazendo por cinco anos. Mas, era tudo em vão, pois o papo, ao invés de diminuir, crescia cada vez mais. Vendo que todos os remédios se tornavam inúteis, abandonou qualquer tratamento, nada mais fazendo nos três anos seguintes. Nesse interim, aquele estorvo tinha crescido de tal forma que o pobre jovem só conseguia falar e respirar a duras penas. Tendo se espalhado em São Miguel a fama dos frequentes prodígios que Deus operava em Crema, por intercessão de Antonio Maria, o jovem Paolo foi ao Colégio dos Barnabitas para que algum dos Padres o benzesse com alguma relíquia de Zaccaria, de modo que pudesse se livrar daquela incômoda deformidade que trazia há oito anos. Foi aconselhado a fazer uma novena devota em honra de Antonio Maria, além de um jejum e da confissão e comunhão. Ele tudo cumpriu de bom grado e com fé em obter a graça. Ao final da novena, efetivamente se viu livre do papo, como se jamais o tivesse tido, para deslumbramento de todos que o conheciam.

Mas, bellissimo foi o prodígio que apareceu na imagem do Servo de Deus, exposta na sala do referido Colégio dos Barnabitas em Crema. Lamentava o padre Faustino Giuseppe Premoli, reitor do Colégio e muito devoto de Zaccaria, que ele ainda não tivesse sido elevado à hon-

ra dos altares, não obstante a fama de santidade de que gozava desde tempos imemoriais e as frequentes graças maravilhosas que Deus operava por meio dele, especialmente em Crema, das quais o próprio Pe. Premoli era testemunha já há três anos. Na noite de 15 de julho de 1747, prostrado em oração diante da imagem de Antonio Maria, começou a rezar fervorosamente para o Senhor, pedindo que se dignasse a ilustrar seu Servo com algum novo e mais estupendo milagre que servisse para que se pudesse obter mais facilmente do Sumo Pontífice a desejada beatificação. O Senhor não tardou a consolá-lo. Na manhã seguinte, enquanto o referido Padre benzia uma relíquia de Zaccaria, algumas pessoas que estavam ajoelhadas diante da imagem, subitamente viram que essa se iluminava com esplendor celestial. A mão esquerda, que carregava um lírio, se moveu de sua posição quase vertical, apoiada ao ombro esquerdo, abaixando-se até posar no meio do braço. Abaixando-se o lírio (que, naquele instante, se tornou mais cândido do que a neve), a mão direita, entre cujos dedos estava inserido seu caule, se destacou do peito, onde estava apoiada, levantou-se estendida e benzeu os presentes, como fazem os sacerdotes, após o que voltou a se apoiar, como antes, sobre o peito, desaparecendo o esplendor do quadro. Enquanto tudo isso acontecia, padre Premoli, que estava de costas para o quadro, viu nas pessoas um certo tremor e assombro, com uma insólita batida de pálpebras. Perguntou o que acontecera, se sucedera alguma nova graça por intercessão do Beato Antonio. Mas, ninguém se mexia; todos olhavam fixamente para o quadro. Terminada a aparição, começaram a exclamar: Oh Senhor! Que milagre! Que belo milagre vimos hoje na imagem do Beato Antonio! E contaram toda a visão. Dessa restou uma prova permanente na própria imagem, pois nem a mão esquerda de Antonio Maria, nem o lírio por essa sustentado retornaram mais ao lugar inicial, mantendo milagrosamente a posição em que se ajustaram no momento da aparição, como verificado não só pelo padre Premoli, mas também por muitos outras pessoas que bem lembravam como estava pintada a imagem anteriormente, dentre essas o pintor Tommaso

Picenardi, que dela fizera algumas cópias.

Angela Teresa Bottoni, de Crema, quatro ou cinco anos após ter vestido o hábito das Ursulinas em Monza, começou a sofrer de frequentes e fortes hemorragias no nariz. Não encontrando remédio apto a freá-las, de florescente e robusta que sempre fora reduziu-se a uma extrema fraqueza, ficando em pele e osso. Sabendo disso, seus pais a levaram para Crema, esperando que talvez o ar nativo pudesse ser de alguma valia. Mas, não cessando nem diminuindo as hemorragias, uma sua tia decidiu levá-la ao Colégio de São Marino para que o padre Premoli a benzesse com uma relíquia de Zaccaria. Ele a exortou a se recomendar de coração às orações do Servo de Deus e confiar que ele a curaria. Ela fez o melhor que pôde e, benta com a relíquia, foi curada de modo que logo readquiriu sua anterior robustez, podendo inclusive caminhar longamente sob o sol, sem que lhe viesse qualquer hemorragia. Mas, o prodígio mais singular aconteceu depois. Voltando ao mosteiro, depois de algum tempo em que continuava a gozar de saúde perfeita, veio-lhe a dúvida sobre se sua cura devesse ser reputada efetivamente à graça obtida de Zaccaria, como ela acreditara até então, disso falando para todos, ou se fora resultado do benefício do ar nativo ou de alguma outra causa natural. Mal admitira tal dúvida, a hemorragia recomeçou. Reconhecendo seu erro, recomendou-se a Antonio Maria e o sangue estancou. Mas, isso não bastou. Ela voltou a ter a mesma dúvida outras vezes, sempre acontecendo de renovar-se a hemorragia, apenas admitida a dúvida e cessando logo que, arrependida, recorria ao Servo de Deus. Finalmente, mais uma vez admitindo a dúvida, foi tomada por uma hemorragia tão forte que a deixou efetivamente mal, ao mesmo tempo em que sentia uma voz interna a censurar sua hesitação. Cheia de medo, logo se voltou para Antonio Maria, pedindo-lhe perdão por sua obstinação e ingratidão, arguindo que efetivamente acreditava e que não mais duvidaria de que fora curada das outras vezes somente por sua intercessão. Dignando-se socorrê-la mais uma vez no momento, em reconhecimento dessa nova graça, iria a Milão venerar seu sepulcro,

celebrando todo ano o dia do aniversário da morte do Beato, jejuando na véspera e mantendo, durante todo aquele dia, uma luz acesa diante de sua imagem, que ficava atrás do coro. Dito isso, a hemorragia cessou e não mais voltou durante o resto de sua vida.

Sobre todos esses milagres acontecidos em Crema têm-se, de forma autêntica, os depoimentos prestados pelas próprias pessoas que obtiveram as curas, ou foram testemunhas oculares dos fatos. Mas, são demasiados os prodígios que Deus se dignou a operar em Crema, por intercessão de seu servo Antonio Maria, depois de 1740. Mencionarei apenas alguns selecionados dentre esses, dos quais restou alguma memória (pois de muitos outros essa se perdeu), sem, no entanto, poder assinalar a data precisa de cada um.

CAPÍTULO XX

Outros milagres operados em Crema

Camillo Cattoglio de Modignano estava sem forças devido a uma febre contínua. Não mais conseguindo receber a necessária nutrição, estava reduzido a extremos. Em tal estado, algumas pessoas sugeriram que se recomendasse ao Beato Antonio Maria visando sua cura. Fê-lo com muita fé e, na mesma noite, viu se aproximar da cama o Zaccaria, vindo conferir sua saúde. Imediatamente, ele pediu para comer e, após dormir placidamente o resto da noite, na manhã seguinte se levantou totalmente são.

Tiago Antonio Fazolo, natural de Cremona, há dezoito anos sofria de epilepsia, que, ao invés de diminuir, tornava-se cada vez mais frequente. Foi, enfim, benzido com uma relíquia de Zaccaria e, daí em diante, não sofreu mais nenhum ataque daquele mal. Assim também Lucia Palivera de Crema, que, há dez meses, era frequentemente atormentada por uma estranha contração dos nervos, ficando monstruosa-

mente contorcida nas mãos, nos pés e no rosto, sobretudo nos olhos, de modo a suscitar piedade. Benzida com uma relíquia de Antonio Maria, não se viu mais sujeita a tal enfermidade.

Certo Pietro Leva de Crema estava desesperançado da vida por causa de várias feridas que recebera em golpes de um instrumento ponteadado, duas das quais especialmente, uma na garganta e outra no ventre, eram consideradas mortais. Após receber os santos sacramentos, perdera a voz, quando alguém pensou em benzê-lo com uma relíquia do Beato Antonio. Milagre! Apenas benzido, no mesmo instante readquiriu a fala e se sentiu curado, levantando-se e jantando alegremente. Alguns dias depois, tendo bebido vinho sem considerar o estado de fraqueza em que talvez ainda se encontrasse, foi surpreendido por fortíssima febre. Perdendo de novo a fala, tornou a temer por sua vida. Mas, benzido mais uma vez com a relíquia de Zaccaria, imediatamente se viu livre da febre, recuperou a fala e levantou-se da cama são e vigoroso, andando como se jamais tivesse sofrido de algum mal, para espanto de todos os que assistiram tal prodígio.

Um tal Paolo Pezzotti há três anos tinha um quisto carnososobre um joelho, o que lhe causava não poucas dores. Benzido com uma relíquia de Antonio Maria, sem que tomasse qualquer remédio, o quisto em poucas horas desapareceu prodigiosamente, sem que dele restasse qualquer vestígio. Semelhante graça, por méritos de Zaccaria, foi obtida por certa Madalena Bandovalde de Ombiano, que também suportava o mesmo incômodo de um quisto no joelho há quase quarenta anos. Para se curar, fez uma novena com algumas orações em honra de Antonio Maria, se confessou e comungou. Nada mais foi preciso para que aquele inveterado mal subitamente desaparecesse.

Nas vizinhanças de Crema, ocorreu uma epidemia mortal nos animais bovinos, contra a qual não se encontrava qualquer remédio. Bartolomeu Franceschini, da localidade São Miguel, que tinha um bom número desses animais, resolveu se recomendar a Zaccaria, para que ele o ajudasse. Não foi em vão. Um dia, quando se arrastavam na frente

dele nada menos do que quatorze animais, todos infectados e mais mortos do que vivos, os quais seriam jogados em uma fossa já preparada, mal pôs no pescoço de cada um deles um cordãozinho benzido com uma relíquia de Antonio Maria, invocando sobre eles o nome do Servo de Deus, viu todos se levantarem sãos e vigorosos, para espanto dos circunstantes que chegaram às lágrimas. Espalhada a fama de tal prodígio por aquelas terras, muitos outros, que tinham seus animais infectados por aquela doença epidêmica, seguiram o exemplo de Bartolommeu, com igual sucesso, vendo-os curados por intercessão de Zaccaria.

Em um mosteiro de Crema, vivia uma religiosa de nome irmã Maria Felice Remiteli que, já há oito anos, sofria de um persistente fluxo de sangue, tornando-a inapta para qualquer trabalho. No final, ela estava tão enfraquecida que os médicos a davam por perdida. Ela recorreu, com grande confiança, a Antonio Maria, pedindo que, se fosse vontade de Deus, ele obtivesse sua cura. Logo foi atendida. Levantando-se da cama, retomou, sem qualquer incômodo, todos os seus afazeres, inclusive os mais pesados, que há tantos anos tivera que abandonar.

Um menino de nome Giovanni Bacchetti, embora já passasse dos três anos de idade, ainda não conseguira proferir uma só palavra. Lamentando tal situação, seus pais o fizeram benzer com uma relíquia de Antonio Maria, pedindo a Deus, por intercessão de seu Servo, que se dignasse soltar a língua de seu filhinho. Com efeito, apenas benzido com a relíquia, o menino começou a falar expeditamente, para admiração de seus pais que fizeram uma enorme festa.

No mosteiro de Santa Clara em Crema, vivia uma religiosa de nome irmã Angela Teodora Arrigoni, que, há sete anos, sofria de frequentes e fortes convulsões, que lhe tiravam os sentidos, tanto que, certa vez, chegou a ficar mais de dez dias seguidos sem poder articular uma palavra. A isso se somou um corrimento nos olhos devido à qual, há quinze meses, estava cega do olho esquerdo, ameaçada de perder a vista também no outro. No fim, devido a outros males que lhe sobrevieram, estava reduzida a tal situação que, há quatro dias, não conseguia

mais comer, nem repousar, o médico já a tendo desenganado. Mas, em 17 de maio de 1745, ouvindo dizer que o pe. Faustino Premoli fora ao mosteiro para benzer, com uma relíquia de Zaccaria, algumas religiosas que assim o tinham pedido, resolveu aproveitar aquela oportunidade para obter de Deus a cura, se a isso Ele se dignasse, mediante a intercessão de Antonio Maria. Não obstante a extrema fraqueza em que se encontrava e o fato de que, pouco mais de uma hora antes, lhe tivessem tirado sangue de um pé, juntou forças e se levantou animadamente da cama, indo, com grande confiança, pedir que o referido Padre também a benzesse com a relíquia do Beato Antonio. Apenas recebida a bênção, não só recuperou perfeitamente a vista em ambos os olhos, como também se viu completamente curada de todos os outros males, de tal modo que, a partir daí, pôde realizar suas tarefas como se jamais tivesse sofrido de algum mal.

No mesmo mosteiro, vivia uma outra monja de nome irmã Teresa Francesca Albergoni, que, há mais de um ano, sofria de frequentes delírios, de tal modo que foi preciso dispensá-la de qualquer tarefa e mantê-la à parte, para que não perturbasse as demais. Todos os remédios humanos adotados para recolocar seu cérebro em ordem tornaram-se inúteis. Finalmente, recorreram ao remédio sobrenatural – benzê-la com alguma relíquia de Antonio Maria. E tanto bastou, pois, logo, aquela religiosa retomou totalmente a razão, com indizível alívio das outras monjas, todas atribuindo tal súbita mudança à graça singular por elas pedida a Zaccaria.

Um menino de nome Pietro Antonio Sabbia, há um mês e meio, sofria miseravelmente de uma febre contínua e agudas dores de cabeça, por causa de um abscesso formado em seu corpo. O cirurgião que o tratava, vendo que toda a sua arte se tornava inútil para curá-lo, finalmente teve que dizer aos pais que se dispusessem a fazer um sacrifício ao Senhor, pois a cura dependia disso. Ouvindo isso, os pais levaram o menino ao Colégio dos Barnabitas para que fosse benzido com alguma relíquia de Zaccaria. Sem qualquer outro remédio, tiveram o alívio de

ver seu filho imediatamente curado.

Não foi menor o alívio da mãe de um bebê de nome Francesco Necco. Uma menina desavisadamente lhe deu uma cereja e o caroço escorregou pela garganta, sem que ele conseguisse engoli-lo nem o expelir, por mais que o médico tentasse. A mãe, então, aconselhada a recomendá-lo ao Beato Antonio, correu com o filhinho no colo para o Colégio de São Marino. Diante da imagem do Servo de Deus, se pôs a pedir, do fundo da alma, que ele salvasse aquele querido tesouro. Tão logo terminada a oração, abaixando o olhar em direção ao bebê, viu-o todo alegre, já recuperado da agonia que há cinco horas sofria, com a garganta efetivamente livre.

Igualmente grave foi o perigo de vida em que se colocou, por sua obstinação, um menino de oito anos chamado João Antonio Mauro. Sofrendo de febre contínua, que já parecia se tornar maligna, durante dezessete dias nem os médicos, nem os pais, conseguiam convencê-lo a tomar qualquer remédio, muito menos a deixar que lhe tirassem sangue. Cabeça dura, respondia que se lhe dessem algum remédio, certamente morreria. Os pais, sem esperança de dobrá-lo ou curá-lo por meios humanos, pensaram de fazer com que fosse benzido com alguma relíquia de Zaccaria. O menino ficou todo alegre pela confiança de que, assim, sem qualquer outro remédio, seria curado. Com efeito, apenas recebida a benção, ficou totalmente curado e forte, tanto que, na mesma manhã, pôde descer as escadas e almoçar com os outros da casa, deixando todos admirados, especialmente os médicos que afirmavam não ser possível uma cura assim tão rápida e perfeita sem que houvesse um milagre.

Como estou narrando graças prodigiosas realizadas por Antonio Maria na cura de crianças, adicionarei o súbito restabelecimento de Vincenzo Baccinoni, de quatro anos. Doente de febre aguda e maligna, tanto que ficara surdo e sem voz, há mais de seis dias sem poder se alimentar, apenas benzido com uma relíquia de Zaccaria, recuperou a audição e a fala, comeu os alimentos necessários, levantando-se no

mesmo dia como se jamais tivesse sofrido de qualquer mal.

Angela Bregonzio, tomada pelas dores do parto, estava já há três dias tentando parir sem conseguir, sofrendo dores indizíveis e fazendo com que se temesse mesmo por sua vida. Em tal estado, recomendou-se de todo coração à intercessão de Zaccaria, e foi benzida com uma relíquia. Após duas horas, ela deu à luz, feliz, com muito menos sofrimento do que das outras vezes, logo se achando bem de saúde, praticamente se levantando da cama no mesmo dia.

Uma pobre mulher da aldeia de São Bernardino, de nome Catarina Bonetta, já há doze anos sofria de epilepsia, de tempos em tempos sentindo-se como se suas vísceras se dilacerassem, caindo ao chão como se fosse morta. Finalmente, indo a Crema, recomendou-se a Zaccaria, fazendo-se benzer com sua relíquia. Tanto bastou para que, dali em diante, ficasse totalmente livre de seu mal. Achando-se devedora do Servo de Deus e, por sua pobreza, não tendo o que doar, foi para sua terra buscar algumas esmolas. Levou o que pôde recolher como oferta a Antonio Maria, em sinal de gratidão pela graça recebida.

Ana Maria Gervasoni, jovem de vinte e dois anos, há três meses tinha uma febre lenta e contínua, sofrendo com dores de cabeça e de estômago, estando reduzida a tal fraqueza e consumação do corpo que seus pais e muitos outros já a tinham como um caso perdido. Vendo como nenhum remédio lhe servia e tendo ouvido falar dos muitos prodígios que Deus operava por intercessão de Zaccaria, desejou ser benzida com alguma relíquia dele. Assim, foi a ela o pe. Premoli, que, lhe narrando algumas curas prodigiosas operadas por Deus em Crema, por intercessão de Antonio Maria, a benzeu, perguntando em seguida se acreditava que o Beato Antonio tivesse tantos méritos junto a Deus de modo a imediatamente obter sua saúde. Ela respondeu que certamente assim acreditava. O Padre então sugeriu: se é assim, durma tranquila essa noite e esteja certa de que amanhã você acordará curada. Ela replicou: eu vou me levantar da cama amanhã curada? Sem dúvida, respondeu o padre; recomendando-se de coração ao Beato Antonio e

acreditando no que eu disse sobre ele, amanhã você estará curada. E assim de fato aconteceu. Na mesma noite, já se sentiu curada e, na manhã seguinte, se levantou cheia de vigor, para admiração de todos, especialmente do médico.

Pitoresca foi a surpresa feita a um padre do Colégio de São Marino (provavelmente o supramencionado padre Premoli) por um tal mestre Antonio Scarpa, gravemente enfermo de febre maligna, tanto que já se confessara para receber o Sagrado Viático e o teria de fato recebido se não tivesse sido impedido pelos frequentes vômitos de que sofria. O referido padre foi benzê-lo com uma relíquia de Zaccaria e poucos instantes após de lá retornar, viu o enfermo correndo atrás dele pelas escadas, levando a notícia da saúde já readquirida. Não só ele, mas também uma filha dele de nome Lucia, há um mês sofrendo de febre contínua. Como também fora benzida com a relíquia de Zaccaria, no mesmo instante recobrou a saúde.

Ainda mais significativa foi a graça obtida do Servo de Deus por Ana Bernardi. Pediu para ser benzida com alguma relíquia de Antonio Maria, se de alguma forma, graças a ele, pudesse se curar de uma febre persistente da qual sofria há três meses. De fato, conseguiu seu intento no mesmo dia em que recebeu a requerida benção. Mas, obteve ainda uma outra graça, na qual sequer pensava. Aleijada, de tal forma que não conseguia andar com desenvoltura, de repente se sentiu revigorada e endireitada nas pernas, de forma a imediatamente se tornar capaz de caminhar sozinha, para espanto de todos que conheciam seu defeito.

Pediram ao referido padre que fosse ao hospital de Crema para benzer, com alguma relíquia de Antonio Maria, uma jovem que quebrara uma perna, cujo osso estava praticamente esfacelado. Ele foi e deu a benção não só a ela, mas também a outras dez mulheres que também a pediram. No dia seguinte, voltou ao hospital para ver se a benção que tinha dado produzira algum bom resultado naquelas pobres enfermas. A jovem da perna quebrada afirmou que, embora o cirurgião tivesse retirado pedacinhos do osso fraturado, ela não sentira, em tal operação,

qualquer dor. Das outras dez, seis já tinham deixado o hospital, perfeitamente curadas, no mesmo dia. Encontrou outras três sentadas na cama, tendo elas lhe garantido que ali permaneciam apenas por ainda sentirem uma certa fraqueza, mas que, de resto, graças à intercessão de Antonio Maria, se sentiam bem. Somente uma demonstrava não ter melhorado. O padre então perguntou às assistentes de que mal ela sofria. Informado de que fora atingida por um acidente apoplético, pelo que, além do uso da fala, perdera o movimento de toda a parte direita do corpo, da cabeça aos pés, ele marcou sua testa com a relíquia de Antonio Maria, recomendando que ela pedisse sua ajuda com viva fé. A coitada bem se esforçava, mas não conseguia articular uma palavra, até que, na terceira vez em que foi exortada, proferiu essas duas palavras: Beato Antonio. Benzida novamente na parte afetada, logo começou a mover os dedos, depois o braço e, no mesmo dia, o pé. Dois dias depois, saiu do hospital inteiramente curada.

Aos prodígios até aqui referidos, que Deus se dignou operar em Crema, por intercessão de Antonio Maria, adicionarei ainda mais um. O palheiro de um sítio dos irmãos Bottoni, situado em frente ao Colégio dos Barnabitas, pegou fogo. O religioso supramencionado, disso avisado, chegou rápido à janela de seu quarto, que dava para aquele lado. Tendo uma relíquia de Antonio Maria em suas mãos, ordenou ao fogo que não se expandisse. Milagre! Aquele furioso elemento, que ameaçava produzir grande ruína, estando a apenas três palmos de grande quantidade de feno ali amontoada, já ardendo há uma hora, repentinamente, como se obedecesse ao comando recebido, se manteve somente na palha, não produzindo nenhum outro dano. Isso foi atribuído por todos a um milagre operado por Deus, por intercessão de seu Servo.

Recolhi todos os fatos prodigiosos referidos nesse capítulo em três memoriais e uma carta conservados no arquivo do Pe. Geral em Roma, escritos por Barnabitas que moravam em Crema ao tempo em que aconteceram os fatos narrados. Foram eles testemunhas oculares de tais fatos, ou pelo menos ouviram-nos de testemunhas oculares, como

especialmente o tantas vezes mencionado padre Faustino Premoli, a quem, em regra, recorriam os enfermos para serem benzidos com uma relíquia de Antonio Maria. Agora, falarei de alguns milagres ou graças singulares, operados em outros lugares e em tempos mais próximos de nós.

CAPÍTULO XXI

Várias graças milagrosas ou notáveis feitas em diversos lugares

Inicialmente, embora não se possa considerar uma coisa prodigiosa, não quero deixar de mencionar o que o cardeal Francesco Luigi Fontana atestou pessoalmente sobre o Servo de Deus nos processos de beatificação: sendo ele, no final do século passado, Provincial dos Barnabitas na Província lombarda, em todas as necessidades da Congregação, que, decerto, eram seríssimas, sempre recorreu à intercessão do Venerável Fundador, obtendo os mais benéficos efeitos, dentre os quais não é de se desprezar o fato de os Barnabitas terem conseguido permanecer naquela província após todas as outras Ordens religiosas terem sido abolidas. Não só esse Cardeal, mas também seus confrades atribuíam às preces de Zaccaria as graças marcantes que Deus fizera naqueles tempos à Congregação. O mesmo Cardeal atestava ainda que as Angélicas de Cremona também reconheciam que a conservação de seu mosteiro se devia à proteção especial que tiveram do Venerável Antonio Maria, a quem, em orações privadas e públicas, sempre se recomendaram.

Igualmente digno de ser referido é o testemunho pessoal dado nos processos pelo doutor Gaetano Bugatti: “Creio”, disse, “que faltaria ao devido reconhecimento para com o Servo de Deus se não manifestasse, nesse exame, as diferentes graças que dele recebi para meus assuntos temporais, ao tempo em que, dedicado ao estudo de sua causa

de beatificação, não cuidava nem um pouco daqueles, deixando que Deus, a quem me recomendava, os providenciasse, se fosse para sua glória, de modo que eu pudesse me empregar na exaltação da causa de seu Servo.” E acrescentou que tal favor foi especialmente demonstrado de forma significativa na inesperada renúncia de alguns de seus adversários a uma lide intentada contra ele em juízo por uma quantia relevante, em que aqueles adversários se prevaleciam de acontecimentos passados e sem deixar de contar com poderosas proteções. Mas, vejamos outras graças de maior importância.

Pe. Paolo Castelli, Barnabita, encontrando-se em Nápoles no final do século passado, foi acometido de uma perigosa enfermidade pestilenta, de modo que, já desenganado pelos médicos, esperava a morte a qualquer momento, quando um irmão converso que o servia sugeriu que recorresse à intercessão do Venerável Fundador. Fê-lo de coração e apenas invocou o Servo de Deus, logo pôde se alimentar um pouco, o que antes não conseguia fazer. A febre imediatamente cessou e, assim, ele recuperou perfeitamente a saúde, acreditando dever tal recuperação integralmente à graça de Zaccaria.

De outro gênero foi a graça que ao final da vida obteve de Zaccaria, de quem era muito devoto e digno imitador, o cardeal Jacinto Sigmundo Gerdil. Atingido por forte acidente apoplético, perdera, com a fala, também o funcionamento da mente. Todos os Padres do Colégio de Roma lamentavam que um homem tão grande, tanto por piedade como por doutrina, devesse morrer sem o conforto dos Santos Sacramentos. Então, o padre Scati, confessor do cardeal e Vigário do Geral, que estava ausente, ordenou que se fizessem orações especiais ao Venerável Fundador, de modo que desse ao enfermo a graça de recuperar o uso dos sentidos. Indo até ele, benzeu-o com uma relíquia de Zaccaria. Eis que, passados apenas cinco ou seis minutos, o Cardeal subitamente recuperou a fala e a clareza da mente. Tendo o padre Scati dito com que meios obtivera tal favor, o Cardeal, com um sorriso doce, demonstrou o quanto se regozijava com isso. Assim, logo pediu e recebeu os San-

tos Sacramentos e os demais confortos da Religião, conservando sua mente íntegra até o último suspiro, que devotamente exalou no beijo do Crucifixo.

Não menos significativa, se não prodigiosa, foi a graça que, por intercessão de Antonio Maria, reconheceu ter recebido, no início do século atual, o padre Felice Caronni, Barnabita. Transitando de Palermo a Nápoles, o navio que o transportava foi assaltado por bárbaros corsários. Assim que se deu conta do perigo, sentiu-se inspirado para invocar a ajuda do Venerável Antonio Maria, a ele se recomendando de todo o coração, para que o socorresse nessa grande necessidade e sobretudo para que lhe concedesse a graça de não fraquejar na dura prova a que poderia ser posta sua fé, especialmente por ser sacerdote. O fato é que, conforme o que ele disse, logo experimentou os benéficos efeitos de tal recurso. Sentindo-se satisfatoriamente pleno de coragem santa e viva fé no Senhor, animou seus dezessete companheiros, evitando que um se jogasse no mar, como estava inclinado a fazer por desespero. Tomado o navio pelos corsários e conduzido com toda a tripulação para a Tunísia, nos três meses em que permaneceu em poder dos bárbaros, passou por muitas e duras provas, especialmente a de renegar nossa santa religião, para gravíssimo escândalo dos cristãos que ali viviam. Mas, com a especialíssima ajuda do Senhor, como ele dizia, pôde reportar vitória sobre seus inimigos espirituais e sobre as terríveis tentações a que sua honestidade foi exposta, reconhecendo que esses e outros benefícios especiais que recebeu de Deus, em tão dura e perigosa situação, se deviam integralmente ao Venerável Zaccaria e à fé que ele havia colocado em sua poderosa intercessão.

No mosteiro das Capuchinhas de Milão, conhecido como Santa Maria de Loreto, vivia uma jovem muito pura e virtuosa que Deus, especialmente para purificá-la, permitiu que, durante mais de quarenta anos, fosse importunada, do modo mais terrível, pelo espírito imundo. Começara a ser tentada desde os quatorze anos de idade. Resistia sempre galhardamente, com ajuda da graça divina, apesar de ter, todos os

dias, a mente plena de imaginações sujas e sentir, a toda hora, a carne rebelde ao espírito. Isso representava para ela um esforço contínuo, pelo temor de ofender a Deus e manchar a pureza virginal de que era extremamente zelosa. Aflita e angustiada, não se sentindo jamais segura de suas confissões, a pobre começou a ter tantos escrúpulos que quase enlouqueceu. Em meio a tais angústias, sentiu-se chamada por Deus para o estado religioso e, com dezessete anos, entrou para as Capuchinhas no referido mosteiro de Milão. A ilibada jovem esperava, então, que, com muitas orações, trabalhos e austeridade de vida, cessassem ou ao menos diminuíssem as contínuas batalhas que travava com os sentidos. Mas, isso não aconteceu. Ao contrário, quanto mais se dedicava a mortificar sua carne com sérios esforços e ásperas penitências, mais parecia que o demônio se reforçasse na batalha. A virgem religiosa continuou tal cansativo combate, sem trégua nem alívio, sempre invicta contra os ataques do demônio. Tanto é verdade que, com ajuda da graça divina, a fraqueza humana tudo pode! Aconteceu então que seu mosteiro foi dissolvido pelo Governo e as religiosas dispersadas, não faltando quem, a pretexto de compaixão, tentasse enganá-la com grandes promessas. Mas, repudiando com desdém o insidioso, ela passou a professar a vida religiosa no mosteiro das Beneditinas de São Vicente. Fechado também esse mosteiro, ela ainda se abrigou em outro, no qual, mesmo após a abolição geral das Ordens religiosas, prosseguiu vivendo retirada com algumas outras boas religiosas. Nesse interim, com o passar dos anos, sempre esperançosa, refutava o estímulo da carne que, no entanto, cada vez mais, se reforçava, tanto que a infeliz, sempre temendo ofender a Deus, acreditava-se à beira do inferno. Além das tribulações da carne, começou a ser assaltada, além de tudo, pelas mais terríveis tentações contra Deus, por quem lhe parecia ter sido abandonada. Várias devoções lhe foram sugeridas por seus confessores, à Virgem Maria, a São Luís Gonzaga e a outros Santos do céu, para ser libertada desse doloroso estado. Mas, todas foram em vão. Deus, enquanto queria fazer crescer nela a coroa dos méritos, reservava a Antonio Maria a honra

de obter, com suas orações, a ansiada libertação. Com efeito, certo dia, em 1807, já com sessenta anos, desolada pelas tribulações por que passava, pediu algum remédio ou conforto a seu confessor, que, então, era o padre Henrique Barelli, Barnabita. Movido por extrema piedade daquela alma, não sabendo mais qual remédio lhe aconselhar (já vira tantos resultarem inúteis!), sentiu-se inspirado para sugerir-lhe recitar, a cada dia, três Glória ao Pai em honra do venerável Antonio Maria Zaccaria, de quem se encaminhava a causa da beatificação. Ela obedeceu com humildade e confiança. Na mesma manhã, após a comunhão, começou a recitar os três Glória ao Pai em honra de Zaccaria. Milagre! Exatamente a partir daí cessaram quaisquer estímulos carnis e fantasias diabólicas, das quais era, às vezes, atormentada no próprio ato de se aproximar da sagrada mesa. Como se a carne lhe tivesse sido morta e o demônio tivesse perdido seu atrevimento, não teve mais nenhuma tentação nem perturbação contra a pureza virginal.

Uma virtuosa moça de nome Angela Polli, de Milão, por causa de um susto, aos quatorze anos, foi atingida por uma forte epilepsia que continuou a molestá-la por oito anos, com frequentes quedas e desmaios. Em consequência, manifestou-se um aneurisma no precórdio que, com maior ou menor intensidade, prosseguiu perturbando-a até a idade de trinta e cinco anos. A esse mal, quando tinha vinte e quatro anos, somou-se outro, isto é, dada uma forte contusão sofrida na mama esquerda, ali e no braço contíguo, se formaram vários tumores que doíam continuamente. Após suportar aquela pena, por alguns meses, sem encontrar alívio, foi consultar os cirurgiões no Hospital maior de Milão. Esses logo reconheceram que, além do aneurisma, ela tinha um câncer na mama, curável somente com uma operação. Mas, a jovem, então, não quis se submeter à operação, inclusive pelo risco devido ao aneurisma, preferindo seguir adiante como podia, usando outros remédios sugeridos pelos mesmos cirurgiões. Assim, seguiu carregando seus males por alguns anos, até que, no início de 1806, esteve duas vezes perto da morte por uma tuberculose que lhe apareceu nos pul-

mões. Então, um piedoso sacerdote milanês, de nome D. Inácio Brambilla, a benzeu com a imagem do Venerável Antonio Maria, tendo ela logo ficado perfeitamente curada de tal enfermidade. Reconhecendo tal graça aos méritos de Zaccaria e transcorrido mais de um ano em que estava totalmente curada dos pulmões, seu confessor, Monsenhor Antonio Mussi, Oblato de São Carlos, pensou que, mediante a intercessão de Zaccaria, ela poderia ser libertada também dos outros males, especialmente do aneurisma. Sugeriu, assim, que ela fizesse, para tal fim, algumas devoções especiais em honra do Servo de Deus, durante três meses. Ela obedeceu, mas não de todo o coração, pois, há tanto tempo acostumada a ter paciência, não lhe parecia que o melhor para sua alma fosse pretender ser libertada dos males do corpo. A virtuosa jovem se manteve com tal opinião, quando, completadas as devoções prescritas pelo confessor, não sentiu nenhuma melhora em seus males. Mas, após algum tempo, o confessor voltou a lhe impor que, por mais um trimestre, renovasse suas orações ao Venerável Antonio Maria, para obter a cura. Ela novamente obedeceu. Há mais de um mês prosseguia sua devoções quando, na noite de 16 de janeiro de 1808, estando especialmente aflita por não poder obter a conversão de algumas pessoas a quem estimava muito, antes de se deitar, fez a Deus essa afetuosa oração: “Meu querido Senhor, meu confessor me manda e insiste sempre que eu reze pela saúde de meu corpo. Seria muito melhor que o Senhor me concedesse a saúde dessas almas e me liberasse de tanta dor. Mas, como assim me foi ordenado, peço ainda que, para maior glória de seu servo Antonio Maria Zaccaria, me mude toda de alma e corpo. E você, Servo de meu Senhor, que foi tão zeloso das almas e viu nEle minhas preocupações, por que não me concede a paz para elas e para mim? Bem sabe que eu não teria problemas em continuar doente do corpo se elas se curassem no espírito. Mas, obedeço a meu diretor espiritual e suplico, de coração, que o senhor interceda também pela cura de meu corpo, para colocá-lo a melhor serviço de Deus.” Dito isso, deitando-se na cama, logo pôde se acomodar sobre o lado esquerdo, o que até então

jamais conseguira, sequer por um instante. Adormeceu e, na manhã seguinte, se viu perfeitamente curada de todos os seus males.

O milagre acima referido deu ocasião a outro operado no mesmo ano de 1808 em Milão, em prol de Maria Ignazia Gonzales, religiosa professa no mosteiro das Agostinianas de Santa Catarina alla Chiusa. Essa exímia religiosa, poucos meses após sua profissão, estando com vinte e dois anos, devido a um esforço feito ao servir a uma irmã enferma, contraiu uma hérnia na coxa direita. Embora, conhecido o mal, se tentasse repará-lo, ela continuou a sofrer os costumeiros efeitos de dores frequentes no baixo ventre, vômitos e desmaios. Passados seis anos em tal estado, surgiu uma segunda hérnia semelhante, embora um pouco menor, no lado esquerdo. Com isso, aumentaram os incômodos que chegavam a eventualmente levá-la ao delírio. Ela já tinha alguma devoção a Zaccaria, do qual dizia ter recebida graças espirituais. Mas, jamais lhe viera à mente recomendar-se a ele para obter um prodígio, como o que precisava para se curar da penosa enfermidade a que estava sujeita. Nos primeiros dias de julho de 1808, ouvindo falar da prodigiosa cura, ocorrida alguns meses antes, com Angela Polli, confiou que também poderia obter, por intercessão de Antonio Maria, a cura de seu mal. Assim, na manhã de cinco de julho, sabendo ser aquele o dia do aniversário da passagem de Antonio Maria, dirigiu-se à igreja das Angélicas de São Paulo, para se recomendar a Zaccaria e para ver Polli, que deveria ir lá fazer a santa Comunhão em agradecimento pela graça recebida. Fez o mesmo no dia seguinte, apesar de ter sofrido bastante à noite com os seus costumeiros incômodos. Finalmente, na noite do dia 14 do mesmo mês, com muita dificuldade para suportar as dores que se renovaram mais fortes do que nunca, voltou-se, com grande confiança, para Antonio Maria, dizendo-lhe que não aguentava mais, que se entregava totalmente a ele, esperando que ele pudesse lhe dar algum alívio. Recitou alguns Glória ao Pai em sua honra com tanta fé que, estando certa de ter obtido a graça, se levantou e incontinentemente soltou o cinto que a atormentava, jogando-o fora. Com efeito, estava inteiramente curada

de ambas as hérnias, de modo que pôde novamente, e sem nenhuma restrição, empreender qualquer tipo de atividade. De todas essas graças ou milagres referidos no presente capítulo têm-se testemunhos juramentados nos processos para beatificação do Servo de Deus.

CAPÍTULO XXII

Outras graças prodigiosas mais recentes

em Roma, na paróquia de São Carlos em Catinari, em agosto de 1826, vivia uma jovem de nome Teresa Hamarani, gravemente enferma e totalmente desenganada pelos médicos, por alguma afecção morbosa que, já há dois anos, atingia seu coração. Em 26 de agosto, foi-lhe ministrada a extrema unção, temendo-se que naquela mesma noite a vida lhe faltasse, tanto que o médico recomendara ao pároco de não a abandonar. Todavia, a enferma, embora passando toda a noite na ânsia da morte, ao amanhecer, ainda vivia, parecendo, ao contrário, de certa forma se aquietar, tendo o pároco confiado em poder se afastar para repousar um pouco. Mas, não teve tempo: logo, foi chamado novamente para assistir a enferma, que dava sinais de morte iminente. Em tal estado de agonia, a jovem, porém, conservava sempre íntegros seus sentimentos. Como em São Carlos se iniciara um tríduo para pedir a Deus sua cura, mediante a intercessão do venerável Antonio Maria, o pároco a estimulou a mais uma vez confiar nas orações do Servo de Deus. Mas, vendo que a enferma tomava o aspecto da morte, exortou-a a entregar o sacrifício de sua vida ao Senhor. Então, ela acenou com a mão ao pároco, pedindo a relíquia do Zaccaria que ele trazia ao pescoço. Recebendo-a, beijou-a várias vezes com devoção, acenando ao pároco para que com ela a benzesse na parte do coração, onde estava a sede do mal. Assim que o pároco a benzeu, a jovem se ergueu, dizendo: estou curada, estou curada; o Venerável obteve a graça para mim. E,

com efeito, ela logo pôde comer um pouco, embora há quatro dias não pudesse mais engolir nem mesmo uma gota d'água. Em seguida, se levantou da cama e, pouco depois, foi almoçar com as outras pessoas da casa, que ficaram fora de si pelo alívio e pelo espanto. E as orações que seriam feitas na igreja para obter de Deus a cura se transformaram em ação de graças pela saúde tão admiravelmente restabelecida. Tal é o relato que deu, por escrito, sobre esse prodigioso restabelecimento o padre Armillei, Barnabita, então pároco de São Carlos e testemunha ocular do fato.

Mas, muito mais memorável é a cura espiritual com que, por méritos de Zaccaria, foi libertada da morte eterna uma enferma da mesma paróquia de São Carlos em Catinari em Roma, no mês de dezembro de 1832. O vice pároco D. Benedetto Brinciotti foi chamado a levar os confortos da religião a uma jovem senhora gravemente enferma. Logo lhe ministrou os santos sacramentos e, como o perigo era grave, não se afastou mais dela, a não ser por alguns breves intervalos. Nesse ínterim, levava-lhe duas imagens, uma de N. Sra. das Dores e outra do Venerável Zaccaria, exortando a enferma a confiar na intercessão desse Servo de Deus, do qual, daí a não muito tempo, deveria se realizar a última Congregação perante o Papa para aprovação de suas virtudes em grau heroico. Já transcorriam três dias desde que a enferma, após receber os sacramentos, jazia em um contínuo letargo, só falando uma ou outra palavra com dificuldade. Eis que, na terceira noite, por volta das quatro horas italianas, de repente, ela se sentou na cama e, aterrorizada, se voltou para o vice pároco, pondo-se a gritar: Oh! O que vi e ouvi! Tenho grandes coisas para dizer! O Santo, cuja imagem você me trouxe, veio me visitar. Estava em sua companhia. Me disse tantas coisas! Vai! Reze, reze por mim. Oh Deus!... Diante dessas palavras, o vice pároco se pôs a rezar por ela, pedindo que os presentes também rezassem. Aproximando-se da enferma, que estava sentada na cama agitada e pensativa, perguntou o que ela vira e ouvira. Mas, ela, com ar ameaçador, respondeu: não quero, não posso dizer. E caiu de novo, adormecida, na cama.

O vice pároco, acreditando que a enferma estava delirando, não fez mais caso do ocorrido e, como já estava há três noites sem dormir, se ajeitou em uma cadeira para repousar de alguma forma. E então? Apenas se sentou, sentiu uma agitação interior, como se fosse uma voz de reprovação por não cuidar da enferma, procurando saber melhor o que a perturbara. Por mais que tentasse acalmar aquela sua agitação interna, desejoso como estava de dormir um pouco, tão forte e contínuo era seu remorso que, afinal, teve que se levantar. Aproximando-se da cama da enferma, acordou-a de seu estupor e voltou a pedir que lhe dissesse o que tinha visto e ouvido, como prometera revelar. Mas, ela tornou a repetir várias vezes: não posso, não posso, sugerindo que, de novo, rezassem por ela. O vice pároco o fez e, voltando a ela, exortava-a a se manifestar sobre o ocorrido. Mas, em vão, pois ela insistia em se calar. Então, vendo sobre o leito a imagem do Crucificado, a tomou nas mãos e, apresentando-a à enferma, disse: Você negaria falar e revelar a verdade diante desse Cristo que logo será seu juiz? Diante dessas palavras, a enferma gritou: oh Deus! Essas são as palavras que me disse o Santo que veio me visitar com você. Então, replicou o bom sacerdote, esse Jesus Crucificado, que derramou todo seu sangue para salvar as nossas almas, através de mim, pede que você não cale mais a verdade. Você está à beira do inferno. Já está para cair ali: quer se precipitar lá dentro? E a enferma, de novo, repetia que o Santo lhe dissera exatamente isso. Então, replicou o vice pároco, se um Santo, como você diz, embora seja apenas Venerável, utilizou com você uma linguagem conforme a minha, você pode ver que Deus quer que você me revele o que o próprio Venerável lhe disse. Mas, a enferma permanecia obstinada, dando a entender que o vice pároco estivesse com o Venerável, quando esse veio a ela, por isso tendo ouvido o que ele dissera. O vice pároco, vendo que não conseguiria obter nada, derramou-se em lágrimas. A mulher, olhando-o fixamente, começou a exclamar: Ai de mim! Você chora? E eu, que sou uma grande pecadora, não me sinto comovida? Só eu serei tão dura? Diante dessas palavras, o vice pároco suspeitou que ela

tivesse escondido algum pecado na confissão. Perguntando sobre isso, ela acenou com a cabeça, confirmando. Confortando-a e com oportunas perguntas fez com que ela se decidisse a dizer tudo. E, então, tomando coragem, ela começou a dizer, entre lágrimas: Saiba, padre, que, desde meus primeiros anos, comecei a cometer determinados pecados e, vencida pela vergonha, jamais tive coragem de confessá-los. Cheguei o tempo de minha primeira comunhão e essa augusta ação que, para tantas almas, é tão venturosa e desejável, foi, para mim, argumento de morte, porque, mesmo então, me calei por vergonha daqueles pecados e recebi, em sacrilégio, meu Deus sacramentado. Assim, somando sacrilégio a sacrilégio, passei todos os anos de minha juventude, sempre oprimida e atormentada pelos remorsos da consciência. Bem que gostaria de ter posto minha alma em paz, quando me uni em matrimônio. Mas, ainda então, me veio a vergonha e me calei. Assim, me entreguei ao delito, embora não sem certa aversão. Continuei, sempre pecando e sempre omitindo meus pecados ao confessor, até agora, quando enganei você também em minha última confissão, quando você, com toda a caridade, me perguntou sobre os pecados e eu respondi que disso não me doía a consciência. Foi isso que o Santo que você me trouxe veio me reprovar, dizendo-me, subitamente e sem subterfúgios, que eu devia confessar tudo, pois, de outra forma, seria precipitada no inferno. Disse-me que não poderia me obter a graça da saúde corporal e que eu aceitasse a que ele me daria para a salvação da alma. Depois disso, o Santo desapareceu e eu, aterrorizada, me vi sentada na cama, gritando e dizendo aquelas palavras que você ouviu. Nesse momento, voltou a chorar dolorosamente. O confessor a consolou e ajudou-a a refazer todas as suas passadas confissões. Ela o fez, lamentando-se tanto pelas ofensas a Deus que, após receber a absolvição, preocupava-se por morrer sem mais tempo para fazer uma penitência condigna de seus pecados. Desgraçada! dizia: sofri dezoito meses de uma enfermidade, de misérias e angústias pelo diabo. Hoje, sã ou enferma, quero sofrer pelo meu Deus, quero fazer penitência. O confessor não pôde acalmá-

-la, a não ser assegurando que ela poderia suprir a brevidade do tempo com a boa vontade de sofrer todas as penas pelo amor de Deus, que, se Deus quisesse, poderia purificá-la naqueles últimos momentos de vida, que talvez não fossem poucos nem leves. Com efeito, foram muito agudas as dores que ela teve que suportar nos três dias em que ainda sobreviveu. Mas, ela as suportou com admirável paciência. Pediu que mais uma vez lhe fosse trazido o santo Viático, para que, ao menos uma vez antes de morrer, tivesse o consolo de receber Jesus sacramentado, para a salvação de sua alma. Isso lhe foi facilmente concedido, encontrando-se um modo de fazê-lo sem escândalo. Finalmente, cheia de confiança e amor para com Deus, elevou seus olhos ao céu e, quase sorrindo, expirou. Antes de morrer, quis que se chamasse um tabelião para que dela colhesse, em forma autêntica, o testemunho da graça que recebera. Mas, o vice pároco, aconselhando-se com outras pessoas não o consentiu, como também não consentiu que ela revelasse às pessoas da casa o que lhe sucedera, como era seu desejo. Então, ela pediu que ao menos ele mesmo revelasse o fato a todos que pudesse, com todas as circunstâncias, inclusive o nome da pessoa a quem tal sucedera. Dizia ela: essa bela graça que me fez o seu Santo deverá ficar escondida, na obscuridade? O vice pároco lhe prometeu que cumpriria seu desejo, conforme a prudência o permitisse. E assim o fez: não só contou de viva voz o fato ocorrido, omitindo, porém, o nome da pessoa, de quem ouviu de sua própria boca, como sei, mas também deixou memória por escrito, de onde fielmente extraí essa narrativa.

Agora, vou falar de uma cura corporal certamente admirável, ocorrida em Bolonha em 1833, a qual, não sem razão, foi atribuída a uma graça especial, se não também prodigiosa, obtida mercê da intercessão de Antonio Maria. O professor Adriano Lorenzoni, já há dezoito anos, sofria de frequentes incômodos com repentinas intermitências do pulso, fortes palpitações no coração e dificuldade de respirar, provavelmente por um problema orgânico no coração ou no precórdio, não tendo os médicos jamais conseguido definir exatamente. Tais incômo-

dos geralmente não duravam mais de dois ou três dias e, estando a isso habituado, não lhes dava grande importância. Mas, no início de 1833, começaram a se tornar mais fortes e quase contínuos. Embora tentados vários remédios e obtidos diversos pareceres médicos, não se via nenhuma melhora. Ao contrário, em meados de maio, o mal se agravou de modo a fazer temer pela vida do enfermo. O médico o aconselhou que, para maior segurança, cuidasse dos fatos da alma. Era indizível seu sofrimento pelas incessantes e fortes palpitações do coração e pela grande dificuldade de respirar, constringido a permanecer continuamente sentado, durante o dia em uma cadeira e, à noite, na cama, sem conseguir dormir, nem se acomodar do lado esquerdo. Mas, ainda assim, sua vida se prolongava. Em tão penoso estado, o professor Lorenzoni recebia frequentes visitas do padre Alessandro Ramenghi, Barnabita, que o estimulou a recomendar sua cura ao Venerável Zaccaria, benzendo-o com uma relíquia. No entanto, ao invés de diminuir, o mal crescia cada vez mais, tanto que, destemperado o estômago e formado um entupimento no fígado, o enfermo não tolerava mais nenhum remédio, tinha dificuldade para urinar e suas pernas começaram a inchar rapidamente. No final da noite de 24 de junho, a inchação já se estendia às coxas e ao baixo ventre. O enfermo estava reduzido a tal estado que ninguém acreditava que ultrapassasse aquela noite. Após já ter se despedido dos amigos, convencido de que não mais os veria, recebeu a visita do referido padre Ramenghi, que pedira fosse chamado para assisti-lo em sua passagem. Esse novamente o exortou a confiar sua cura aos méritos do Venerável Antonio Maria. Após recitarem juntos algumas orações, deu-lhe a benção com a relíquia do Zaccaria, dizendo que a dava com toda a confiança de que o Servo de Deus lhe concederia a graça. O Professor respondeu que recebia a benção com igual confiança. O fato é que, recebida a benção, ele sentiu uma insólita tranquilidade de espírito. Em seguida, sendo colocado na cama, estendeu-se, acomodando-se sem problemas do lado esquerdo. Dormiu placidamente por sete horas e, na manhã seguinte, estava efetivamente fora de perigo: a respiração mais

fácil, o pulso menos intermitente e a inchação bastante reduzida. Vindo o médico a visitá-lo e encontrando-o assim tão melhor, parecendo que de novo poderia tolerar algum remédio, fez com que tomasse nada além de um grão de cila (planta medicinal do Mediterrâneo), remédio que tomado em muito maior quantidade, quando ainda podia suportá-lo, não lhe havia trazido nenhuma melhora. Contudo, no dia seguinte, urinou em tão grande quantidade que, na manhã do dia 27, a inchação tinha efetivamente desaparecido, todos os outros incômodos tinham cessado e ele pôde se levantar e caminhar facilmente sozinho pelo quarto. Desse modo, no espaço de quarenta e oito horas, ele readquiriu mais forças do que tinha antes de ser recolhido ao leito pela doença. O próprio professor Lorenzoni fez posteriormente um relatório por escrito de todo o ocorrido, relatório esse conservado no arquivo do padre Geral em Roma.

Fecho a narrativa dos milagres operados por Deus, por intercessão de Antonio Maria, relatando uma súbita cura ocorrida em Turim em 1850, da qual eu mesmo tive ocasião de ter notícia por parte de quem a obteve e de quem foi sua testemunha ocular. Teresa Bordino, pobre e virtuosa moça, moradora da paróquia de São Dalmazzo, começou a sofrer, em 1837, de vários e frequentes incômodos, inflamação no ventrículo, dores de cabeça, febre, vômitos, soluços, sobressaltos e tremores, causando-lhe excessivos esforços, graves desgostos, bem como fortes e súbitos medos. Sua pobreza e as demais condições familiares não lhe permitiam se tratar como seria necessário. Assim, as causas de seus males iam se renovando e, em agosto daquele ano, foi surpreendida por uma doença violenta, com abundantes escarros de sangue e notável aumento de seus incômodos habituais. Não sendo a doença tratada como convinha, em setembro, se agravou bastante, tanto que a enferma, atacada por incidentes de paralisia, se encontrou em grave perigo de vida. Mas, como foi da vontade de Deus, de certa forma, se restabeleceu dessa doença, embora não completamente, pois os primeiros incômodos permaneceram e, além deles, uma fraqueza contínua e

inércia nas pernas, que, em parte, se assemelhava a uma paralisia. O certo é que, daí em diante, durante doze anos, permaneceu com a saúde comprometida, sujeita aos mesmos incômodos iniciais e constrangida a ficar quase todo o tempo na cama, sem poder se mover, exceto por alguns momentos no quarto e com ajuda de muletas, de tal modo que, do verão de 1838 até 1850, não podia, nem com apoio, descer as escadas. Estava em tal estado no início de 1850, quando foi atacada por uma violenta inflamação no ventrículo, com náuseas, vômitos muito frequentes, dores de cabeça e fortes contrações nervosas. No espaço de um mês, lhe foram feitas sete sangrias e ministrados vários outros remédios. Mas, tudo sem que houvesse qualquer melhora. A essa altura, disposta a morrer, ela já determinara que se chamasse o confessor para receber os confortos da religião. Foi, então, visitá-la o padre D. Paolo Ravelli, Barnabita e seu pároco, que lhe sugeriu que se recomendasse ao Venerável Antonio Maria Zaccaria para obter a cura, prometendo mandar-lhe uma imagem. Recebida a imagem na manhã de 24 de fevereiro, a enferma sentiu nascer em seu coração uma viva confiança de que o Servo de Deus obteria sua cura. Mas, ao mesmo tempo, lhe veio certa dúvida de que isso poderia não ser o melhor para sua alma. Assim, para se assegurar, voltando-se para Zaccaria não disse nada além de lhe recomendar seu corpo e sua alma. Apenas ditas essas palavras, incontinenti sentiu se mexer por dentro e se encher de um insólito vigor, tanto que, achando que estava curada – como de fato estava – pediu suas roupas, levantou-se sozinha da cama, andou pelo quarto desenvolta sem as muletas, almoçou com bom apetite, mantendo-se de pé o dia inteiro, chegando mesmo a ajudar a irmã a arrumar a cama. Poucos dias depois, desceu as escadas de mais de cento e vinte degraus para ir à igreja fazer a santa comunhão, agradecendo ao Senhor a graça recebida. Dali em diante, conseguiu sair de casa todos os dias, sem necessidade de muletas ou outro apoio, tampouco sentindo nenhum daqueles males dos quais, há doze anos, sofrera continuamente. Atualmente, já se passaram três anos em que ela se encontra no mesmo estado de saúde, para espan-

to de todos que a conhecem.

A esse milagre, porém, como a todos os outros aqui referidos, não pretendo que se dê outra fé além daquela que, humanamente falando, possam merecer. Não somente nessa parte, mas também em relação a todo o resto desse meu escrito, pretendo me conformar plenamente aos decretos de Urbano VIII, protestando por me submeter, em tudo e por tudo, sem qualquer reserva, ao juízo infalível da Igreja católica romana, à qual venero como mãe e mestra da verdade, esposa imaculada de Jesus Cristo, a quem se deve toda honra e glória por todos os séculos.



*Vista do Real Collegio Carlo Alberto em Moncalieri (Turim)
O livro original "Vita del Venerabile Antonio Maria Zaccaria"
foi impresso em 1855 na Tipografia do Colégio.*

Com aprovação eclesiástica

D. FRANCISCUS MARIA CACCIA

CONGREGATIONIS
CLERICORUM REGULARIUM S. PAULII APOSTOLI
PRAEPOSITUS GENERALIS.

Cum librum , cui titulus: VITA DEL VENERABILE ANTONIO MARIA ZACCARIA etc. , a R. P. D. Alexandro M. Teppa, Congregationis nostræ presbytero professo, et Præposito Provinciali Pedemontano, compositum, duo eiusdem Congregationis nostræ eruditi viri recognoverint, et posse in lucem edi probaverint, Nos ut typis mandetur, quantum in nobis est, facultatem facimus. In quorum fidem has fieri, sigilloque nostro muniri iussimus.

Datum Romæ ex Collegio SS. Blasii et Caroli Kalendis januarii a. MDCC-
CLIII.

D. FRANCISCUS MARIA CACCIA
Præpositus Generalis

D. Eugenius M. Baretta Cancellarius

Índice

- 5 CARTA DEDICATÓRIA
- 7 AO LEITOR

LIVRO PRIMEIRO

- 12 Capítulo I
Nascimento de Antonio Maria; vida inocente e santa na infância
- 16 Capítulo II
Estudo de letras em Cremona e, em seguida, medicina em Pádua
- 18 CAPÍTULO III
Antonio Maria abandona a medicina e se propõe ao status eclesiástico
- 21 CAPÍTULO IV
Veste os hábitos clericais e é promovido às ordens sacras; prodígio ocorrido em sua primeira missa
- 23 CAPÍTULO V
Entrega-se a uma vida mais perfeita e exercita-se em diversas obras de caridade para com o próximo
- 25 CAPÍTULO VI
Seu zelo na pregação e os frutos produzidos na cidade de Cremona
- 28 CAPÍTULO VII
Planeja instituir uma Congregação de sacerdotes
- 32 CAPÍTULO VIII
Convocado como diretor espiritual pela Condessa Ludovica Torelli de Gaustalla, vai com ela para Milão e ali estabelece amizade com Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia
- 36 CAPÍTULO IX
Breve resumo das vidas de Bartolomeu Ferrari e Tiago Antonio Morigia
- 42 CAPÍTULO X
Como Ferrari e Morigia se irmanaram com Antonio Maria no desígnio de instituir uma Congregação de Clérigos Regulares
- 44 CAPÍTULO XI
Antonio Maria vai por algum tempo a Guastalla e logo transfere sua residência para Milão

48 CAPÍTULO XII

Dedica-se à saúde das almas em Milão; adquire novos companheiros e obtém do papa Clemente VII o direito de instituir uma Congregação de Clérigos Regulares

52 CAPÍTULO XIII

Dá início à Congregação dos Clérigos RegulPaulo. Sua Constituição

56 CAPÍTULO XIV

Qual perfeição de vida Antonio Maria introduziu entre seus companheiros

59 CAPÍTULO XV

Conferências espirituais para os eclesiásticos; Congregação dos casados; pregações de Antonio Maria e seus companheiros

63 CAPÍTULO XVI

Obras de caridade para e com os enfermos nos hospitais: atos de mortificação pública para chamar os homens à penitência

66 CAPÍTULO XVII

Violenta perseguição em Milão contra os Clérigos de S. Paulo. Exortação de Antonio Maria a seus companheiros.

73 CAPÍTULO XVIII

Antonio Maria obtém de Paulo III a confirmação de sua Ordem

76 CAPÍTULO XIX

Com a condessa de Guastalla institui as Angélicas de São Paulo

81 CAPÍTULO XX

Meios adotados por Antonio Maria para promover a perfeição religiosa dentre as Angélicas, bem como suas santas vidas. Sobre Giulia Sfondrati Pincenardi e Paola Antonia Negri. Grande estima de S. Carlos Borromeu pelas Angélicas.

88 CAPÍTULO XXI

Eleição do primeiro Preposto dos Clérigos de S. Paulo. Novas calúnias contra esses e contra as Angélicas

92 CAPÍTULO XXII

Antonio Maria empreende missão em Vicenza: os frutos que se seguiram

97 CAPÍTULO XXIII

Voltando a Milão, dedica-se a promover as obras antes iniciadas e trata de adquirir o prédio de S. Barnaba. Seu desejo de professar os votos solenes

102 CAPÍTULO XXIV

A instâncias da condessa, vai pacificar os habitantes de Guastalla: seus esforços em prol daquele povo. Cartas a seus filhos espirituais de Milão

107 CAPÍTULO XXV

Caindo enfermo, é levado de Guastalla para Cremona, onde morre santamente

110 CAPÍTULO XXVI

Funeral de Antonio Maria celebrado em Cremona. Traslado do corpo para Milão e sua não deterioração até à sepultura, realizada quase trinta anos depois

115 LIVRO SEGUNDO

116 Capítulo I

Como Antonio Maria se distanciava das coisas do mundo. Inicialmente, sua humildade

121 CAPÍTULO II

Sobre sua pobreza de espírito

125 CAPÍTULO III

Sobre sua castidade

128 CAPÍTULO IV

Sobre sua mortificação exterior

131 CAPÍTULO V

Como Antonio Maria se entregava integralmente a Deus, cuidando da negação de si mesmo e dedicando-se à prática da oração

135 CAPÍTULO VI

Sobre seu amor a Jesus Cristo e sua devoção a Maria e ao Apóstolo S. Paulo

142 CAPÍTULO VII

Como Antonio Maria era inflamado de zelo na busca da salvação das almas

150 CAPÍTULO VIII

Alguns ensinamentos de Antonio Maria em torno da vida espiritual: pri-

meiramente, sobre a tibieza e o desejo da perfeição

157 CAPÍTULO IX

Sobre a oração e a mortificação

167 CAPÍTULO X

Sobre as qualidades do Reformador dos bons costumes

172 CAPÍTULO XI

Algumas diretrizes de Antonio Maria para o bem de sua congregação: inicialmente, sobre a escolha e o exame dos sujeitos nela admitidos

174 CAPÍTULO XII

Sobre a correção e expulsão dos culpados

178 CAPÍTULO XIII

Sobre os sinais da ruína dos costumes

182 CAPÍTULO XIV

Virtudes dos companheiros de Antonio Maria e avaliações que alguns Santos fizeram de sua Congregação

192 CAPÍTULO XV

Dons sobrenaturais de Antonio Maria

197 CAPÍTULO XVI

A fama de santidade que Antonio Maria teve em vida e após a morte

205 CAPÍTULO XVII

Introdução e progresso da causa de beatificação de Antonio Maria

210 CAPÍTULO XVIII

Milagres operados por Deus, por intercessão de Antonio Maria, após sua morte: inicialmente, alguns mais antigos

215 CAPÍTULO XIX

Alguns milagres operados em Crema no século XVIII

220 CAPÍTULO XX

Outros milagres operados em Crema

228 CAPÍTULO XXI

Várias graças milagrosas ou notáveis feitas em diversos lugares

235 CAPÍTULO XXII

Outras graças prodigiosas mais recentes

Algo mais sobre o autor do livro

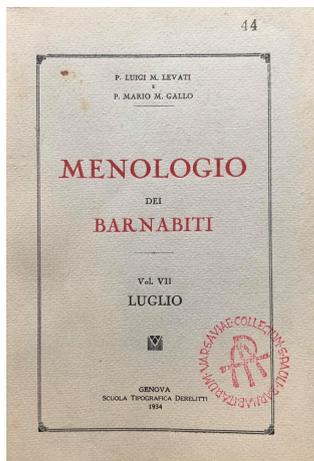


Foto de P. Robert Kosek
Barnabita
Menologio dei Barnabiti
vol. VII - luglio
Genova 1934

As informações sobre o Pe. Alessandro M. Teppa, que publicamos neste livro têm como fonte o Menologio dei Barnabiti cuja capa está ao lado. Menológico é o livro que trata da biografia de membros de uma instituição, caso dos Barnabitas falecidos no mês de julho até 1934, ano de publicação desse volume.

Como consegui essas informações, visto que não temos esse livro na nossa biblioteca de Jacarepaguá? Gentileza do Pe. Robert Kosek, número 2 no governo geral da nossa Congregação. Perguntei a ele como obter detalhes da vida e da obra do Pe. Teppa e ele me enviou boas informações menos de uma hora após o meu pedido. A ele nosso muito obrigado!

O padre Alessandro Teppa, desde o início de seu ministério sacerdotal, se dedicou à área da Educação, seguindo a tradição dos Barnabitas de zelarem pela formação integral da juventude. De fato, o padre Teppa lecionou em dois colégios da Congregação, o S. Luigi de Bolonha e o Real Collegio Carlo Alberto de Moncalieri, perto de Turim. Desse último ele foi também Reitor. Não se limitou apenas à sala de aula, se bem que é o setor mais importante de qualquer instituição escolar, mas acompanhou também os alunos pessoalmente, sendo seu diretor (orientador) espiritual.

Alessandro Teppa ficou conhecido também como grande escritor. Seu estilo é simples e direto, sem exageros sentimentais. O que mais marca seus livros é a escolha das melhores doutrinas a respeito da santidade e da perfeição evangélica. Suas obras são: Vita di S. Antonio Maria Zaccaria (que é este livro), Vita della Beata Maria degli Angeli

(monja carmelita natural do Piemonte, mesma região do padre Teppa), três comemorações de jovens alunos do Internato, Maria Madre del bello Amore (obra de Mariologia), Gesù al cuore del devoto di Maria (a Jesus por Maria), Avvertimenti per educatori ecclesiastici (Manual de Pedagogia Barnabita, que temos em Português. Este livrinho foi a fonte inspiradora de D. Bosco para montar o seu projeto pedagógico de assistência à juventude), Sulla lettura dei libri proibiti (Sobre a leitura dos livros proibidos), La salutatione angelica (o Anúncio so Anjo Gabriel a Maria), Il pensiero dell'eternità (Sobre a vida eterna) e Meditazioni di San Bonaventura. Alguns desses livros foram reeditados várias vezes. Seus escritos ajudaram muita gente, especialmente jovens, a se orientar na vida.

O Pe. Teppa foi muito respeitado e benquisto por seus amigos e principalmente pelos jovens, por causa de seu jeito de ser muito educado e respeitoso para com todos, pela sua incomparável simplicidade, por uma piedade iluminada e ativa e pela sabedoria no seu conversar.

Foi muito estimado e respeitado na nossa Congregação. Não foi à toa que exerceu o cargo de Provincial de Província piemontesa (sede em Turim) por duas vezes (1847-1853 e 1859-1867) No Capítulo Geral (Assembléia de toda a Congregação) do ano de 1867 foi eleito Superior Geral. Morreu em Roma no dia 28 de julho de 1871, sem terminar seu mandato de Superior Geral.

Fonte: Menologio dei Barnabiti, vol. VII, luglio, Genova 1934, pp 162-165.

Livro interessante do nosso confrade do século 19, Padre Alessandro M. Teppa.

Digo livro interessante porque traz para nós de Língua Portuguesa muitos detalhes que não conhecíamos.

Alguns anos atrás tivemos o primeiro contato com uma obra do Pe. Teppa, que apresenta, em poucos e pequenos capítulos, a Pedagogia Barnabita. Por isso que, com satisfação, apresentamos esta segunda obra, cujo original digitalizado foi descoberto por um feliz acaso no Google livros. Agradecemos a Deus por ter inspirado o descobridor desse livro na Internet e ao próprio descobridor por ter seguido a inspiração divina. Acredito que ele não se importará por não ter seu nome revelado aqui.

Que Santo Antônio Maria Zaccaria se torne mais conhecido por causa desse livro.

Pe. Luiz Antônio do N. Pereira CRSP